

AS RELIGIÕES ANTIGAS

Conselho Editorial da JUERP

que aprovou este livro

Darci Dusilek, Fausto Aguiar de Vasconcelos, Joaquim de Paula Rosa, Joelcio Rodrigues Barreto, Jean Young, Uirassú Tupinambá Mendes Câmara, Josemar de Souza Pinto, Marcílio de Oliveira Filho, Margarida Lemos Gonçalves, Merval de Souza Rosa, Myrtes Mathias, Napolião José Vieira, Niander Winter, Orivaldo Pimentel Lopes, Oswaldo Ferreira Bomfim, Roberto Alves de Souza, Zaqueu Moreira de Oliveira

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

VOLUME 2

AS RELIGIÕES ANTIGAS



TÁCITO DA GAMA LEITE FILHO

Todos os direitos reservados. Copyright (c) 1993 da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

Leite Filho, Tácito da Gama

L533r

As religiões antigas/Tácito da Gama Leite Filho.
— Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

184p.; 20,5cm (História das Religiões, 2)

Inclui bibliografias

1. História das Religiões 2. Religião — história
3. Religião antiga — mitos 4. Religião antiga — rituais
I. Título II. Série

CDD — 291.09

Capa: Nilcéa Pinheiro

Código para pedidos: 245018

Junta de Educação Religiosa e Publicações da

Convenção Batista Brasileira

Caixa Postal 320 — CEP 20001-970

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP 21370-360

Rio de Janeiro, RJ — Brasil

3.000/1994

Impresso em gráficas próprias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I — ANTIGA E INFLUENTE (BABILÔNIOS) ...	11
1. Deuses e mitos	12
2. Cultos e ritos	18
3. Sacerdócio	24
CAPÍTULO II — MITOLÓGICA E SIMBÓLICA (EGÍPCIOS)	29
1. Deuses, mitos e crenças	30
2. Cultos e ritos	40
3. Construções simbólicas	45
CAPÍTULO III — NATURALISTA E DIVERSIFICADA (FENÍCIOS)	51
1. Deuses e mitos	52
2. Ritos e sacerdócio	58
3. Hititas	61
CAPÍTULO IV — POLITEÍSTA E MISTERIOSA (GREGOS)	65
1. Deuses e mitos	66
2. Mistérios gregos	73
3. Cultos gregos	78
4. Grandes celebrações	85
CAPÍTULO V — FORMALISTA E SINCRÉTICA (ROMANOS)	91
1. Origens e lendas	91
2. Influência estrangeira	97
3. Religião do Estado	103
4. Religião Imperial	109

CAPÍTULO VI — SISTEMÁTICA E IDÉALISTA	
(PERSAS)	119
1. Literatura religiosa	120
2. Zaratustra ou Zoroastro	122
3. Doutrinas	122
4. Culto e sacerdócio	129

CAPÍTULO VII — MATERIALISTA E DIFUSA	
(GERMANOS)	137
1. Deuses e mitos	139
2. Ritos e costumes	147

CAPÍTULO VIII — RITUALÍSTICA E COMPLEXA	
(ASTECAS, INCAS E MAIAS)	153
1. Aspectos históricos	154
2. Deuses, mitos e crenças	157
3. Ritos e festas	165
4. Sacerdócio e construções culturais	171

CONCLUSÃO	179
------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	183
---------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Quando tratamos da história das religiões, estamos tratando da história inteira de um povo e da história de cada ser humano em particular, pois a religião está intimamente relacionada a todos os aspectos da vida: espirituais, sociais e até mesmo políticos. A religião de cada povo fala de suas necessidades mais profundas e de suas aspirações mais sagradas, que procuram ser satisfeitas através das crenças, práticas e instituições religiosas.

Como vimos no volume anterior, *Origem e desenvolvimento da religião*, não podemos estudar as religiões com uma atitude de superioridade, como se a nossa religião fosse a única verdadeira. Em cada religião, vamos encontrar algumas verdades e alguns princípios válidos. Existe certa unidade entre as religiões, quando analisadas sob o ponto de vista de seus valores intrínsecos.

A experiência religiosa de toda a humanidade é caracterizada pela reverência e amor ao sagrado. “Mesmo quando a concepção de um Deus único e pessoal é obscura ou inexistente, como em alguns dos grandes sistemas religiosos do Oriente, a visão da ordem superior do Universo igualmente inspira medo, respeito e fervorosa piedade.”¹

Em cada religião percebe-se a interdependência entre dois mundos — o sagrado e o profano —, mesclando-se ou ficando um em maior evidência que o outro, sobretudo nos dois grandes acontecimentos da vida: nascimento e morte.

A experiência religiosa geralmente está associada ao relacionamento com entidades ou forças sobrenaturais; neste sentido, as formas religiosas podem ser politeístas ou monoteístas, isto é, crença e relacionamento com várias entidades ou com um único Deus. As religiões antigas, em sua maioria, consagraram inúmeros deuses e deusas, protetores ou inimigos das cidades e das pessoas. O masdeísmo foi quase estritamente monoteísta. Algumas religiões antigas rastrearam o Deus vivo e verdadeiro.

Vinculadas a diferentes civilizações, as religiões assumiram formas variadas de expressão e conteúdos específicos. Entretanto, apresentam um aspecto comum: a preocupação com a origem da existência, com

a angústia da vida e com o mistério da morte. A fragilidade da existência levou cada religião a tentar proporcionar aos homens um fundamento e um sentido para a vida.

As formas de expressão religiosa estiveram ligadas ao meio e à cultura de cada povo; algumas tão intimamente, que as formulações religiosas eram a própria história do povo, como já foi mencionado no início. Outras formas de expressão religiosa acompanharam a expansão comercial e militar das civilizações. "Foram tão ricas, que souberam conquistar os deuses das nações invasoras ou permaneceram fiéis a seu deus, no exílio e na adversidade."² Os mesmos deuses e mitos são encontrados em várias religiões antigas, como nas dos babilônios, gregos, romanos e fenícios, embora com algumas modificações.

Se cada religião esteve ligada à cultura do povo, ela se manifestou nas doutrinas, nos rituais, na organização eclesiástica, na influência moral e na experiência espiritual. "As formas concretas pelas quais se manifestam esses cinco aspectos, bem como o grau de importância a eles atribuído no desenvolvimento de cada religião, variam de modo considerável."³

As crenças que formam a doutrina podem limitar-se a simples histórias ou mitos, com a finalidade de explicar o mundo sobrenatural, a natureza dos deuses e espíritos, e seu relacionamento com o cotidiano. Se a religiosidade primitiva se caracterizou pela crença num único Deus, e se degenerou progressivamente, chegando ao animismo e ao politeísmo, as religiões antigas se caracterizaram pela prática politeísta. À medida que o povo foi se organizando socialmente e os nômades foram se fixando em determinados locais, através do cultivo da terra, da criação de gado e da construção de cabanas para abrigar as suas famílias, a religiosidade acompanhou esse processo social. Os conceitos de fertilidade e de produção centralizaram-se nas colheitas, nas estações do ano e na criação de gado, mais do que nas atividades primárias de caça e pesca. As estruturas sociais e religiosas acompanharam a nova atividade econômica.⁴

Em todas as religiões antigas, encontramos um ciclo de festas destinadas a governar o ano, a promover e regulamentar o ciclo da natureza, o curso das estações e da agricultura. Nos ritos agrários, presentes nas religiões mais antigas, verificamos a tendência de se manipular os espíritos da vegetação, para fazê-los viver ou morrer oportunamente. Os velhos ritos persistem no politeísmo, com o objetivo de agradar os deuses. Nas religiões de salvação eterna, esses ritos antigos vão transformar-se em sacramentos de imortalidade (ver volume 3).⁵

Com a dissolução da comunidade primitiva, mudaram-se as idéias, as representações religiosas, os sentimentos e as ações. Paulatinamente, apareceu a casta sacerdotal, detentora do poder sagrado, assim como o

chefe político detém os tesouros da comunidade. A liderança política e religiosa surge a partir de determinada base econômica; as representações e ações religiosas que a acompanham são sua justificação e causa ao mesmo tempo. Conciliando-se o poder político com o poder sagrado, vamos encontrar os reis-deuses, situação em que o chefe político é sacralizado, como nas religiões babilônica, egípcia e inca.

Com a união dos clãs em tribos, das tribos em povoações, e com a posse de territórios cada vez maiores, desenvolveu-se mais o culto à natureza. A sociedade começou a dividir-se em classes: mestres e escravos, exploradores e explorados; surgiu a escravidão. Nesse contexto social, apareceram os panteões dos deuses, os juizes celestiais supremos. Surgiram também novos conceitos sobre o além-túmulo, e a religião começou a legitimar a exploração do fato.

Assim, a organização eclesiástica das religiões estendeu-se desde a mais simples (com a presença do pajé, na primitiva) até a mais complexa, incluindo uma hierarquia sacerdotal (como nas religiões grega, romana, fenícia e outras).

Os padrões morais dos povos antigos também foram influenciados pela religião; mesmo não declarados expressamente, existiam sanções sociais e jurídicas, e padrões de comportamento inspirados na religião. A religião de maior exigência moral foi o masdeísmo (persa).

A experiência espiritual também estava presente nos diversos sistemas religiosos do passado. "A vida de oração pessoal ou comunitária, as restrições ritualísticas, o ascetismo moral e as experiências místicas constituem aspectos internos da religião. A importância dada a cada caso concreto varia de acordo com a natureza e os traços distintivos das diversas culturas."⁶ Observa-se, em algumas religiões antigas, uma atitude de reverência e prece, ainda que não seja em relação a um único Deus e não tenha o mesmo sentido encontrado no cristianismo. O certo é que, do misticismo às experiências religiosas mais profundas, que chegam a transformar aspectos físicos e psíquicos, cada religião proporciona fenômenos na vida das pessoas, com maior ou menor intensidade.

Apesar da evolução social e das mudanças religiosas que a acompanharam, diversos vestígios da religiosidade primitiva permaneceram nas grandes religiões da Antiguidade e da atualidade. Esses vestígios permaneceram vivos pela força das tradições, dos costumes populares, dos hábitos locais. Por isso, o estudo das religiões é complexo; não se pode determinar exatamente de que época seja esse ou aquele rito ou mito religioso, pois os elementos de diferentes épocas históricas se confundem, se amalgamam, sincretizam-se, formando um todo orgânico.⁷

Compreendido o intercâmbio entre cultura e religião, bem como a evolução social acompanhada pela religiosidade, podemos iniciar o processo de conhecimento das diversas religiões antigas, denominadas mortas por não serem mais praticadas hoje, tais como: a dos babilônios, egípcios, gregos, romanos, fenícios, persas, germanos, incas, maias e astecas.

Conhecer as religiões antigas relacionadas com o povo israelita é importante para a compreensão de diversos aspectos mencionados na Bíblia, e de atitudes e práticas religiosas ainda presentes em nossos dias. Há semelhanças entre alguns mitos e narrativas bíblicas e entre algumas crenças antigas e modernas. Alguns princípios das religiões antigas ainda são válidos e verdadeiros.

Entretanto, reiteramos mais uma vez a importância e o valor do cristianismo; afirmamos e reafirmamos a Verdade que é Jesus Cristo, o Filho de Deus revelado aos homens; mesmo porque diversos preceitos antigos deram abertura à compreensão maior da salvação que há em Jesus Cristo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*, 1973, v. I, p. II.
2. *Ibid.*, p. VI
3. *Ibid.*, p. IX.
4. JAMES, E. O. *Historia de las religiones*, 1975, p. 42.
5. HAINCHELIN, Charles. *As origens da religião*, 1971, p. 109, 110.
6. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. XIV.
7. HAINCHELIN, Charles, *op. cit.*, p. 114.

CAPÍTULO I

ANTIGA E INFLUENTE

(BABILÔNIOS)

Somente há cerca de um século pudemos obter abundantes informações sobre a civilização babilônica, graças às escavações arqueológicas. Antes disso, os pesquisadores se contentavam com os pálidos reflexos deixados pela tradição greco-latina e pela Bíblia. Mesmo diante do desaparecimento de papiros e pergaminhos, as tabuinhas de argila subsistiram. Entretanto, muitos documentos encontrados não traduzem com clareza absoluta todos os detalhes daquela civilização, uma vez que as idéias apresentadas são gerais; abundam os exemplos onde faltam os métodos e códigos.¹

A grande dificuldade quanto à documentação religiosa está no fato de existirem apenas cópias de textos mais antigos, e de não estarem datadas. Outros textos contendo datas não são estritamente religiosos, mas trazem referências à religião. As inscrições, em geral, são dedicatórias aos deuses. Nos contratos, os deuses são invocados; nas cartas, os deuses são saudados; os nomes, em sua maioria, são divinos (Asarhaddón — deus Assur; Senaqueribe — deus Sin; Nabucodonozor — deus Nabu). Textos que em outras civilizações não são religiosos encontraram em Babilônia os seus paralelos, contendo referências religiosas.

Por causa da multiplicidade de cultos realizados dentro de seus próprios contextos sociais, regionais e culturais, há a tendência de se concluir que não existiu uma religião da Mesopotâmia, única e unificada, mas diversas manifestações religiosas regionais. Tais conclusões carecem de estudos mais profundos.²

A complexidade da religião babilônica está ligada a documentos de diferentes épocas utilizados para diversos fins, e que parecem contraditórios. Certas manifestações religiosas locais não podem ser atribuídas a toda a região mesopotâmica.

Os sacerdotes especializados dirigiam-se com maior freqüência a certos deuses; entretanto, nas grandes cerimônias, eles participavam em conjunto.

A religião babilônica pode ser classificada como politeísta, mas adversa a deuses estrangeiros, o que não acontecia com a hitita, da mesma época. Ainda que muitos deuses babilônicos sejam considerados similares, ou contenham aspectos locais ou especiais de divindades maiores, eles podem subsistir independentemente. Todos os epítetos são adequados a todos os deuses. Além disso, alguns deuses expansionistas monopolizam outros.³

Nem os mitos, nem o culto, nem os templos, com exceção da “torre em degraus”, caracterizam a religião da Mesopotâmia. Ela será caracterizada mais pelo conceito do macrocosmo e do microcosmo, pois o mundo terrestre se encaixa no celeste, e isso proporciona um certo significado ao antropomorfismo divino. Entre o divino e o humano, todavia, existe um elemento intermediário: o rei. Ele projeta o céu sobre os homens e reflete a terra aos olhos dos deuses. O rei é representante dos deuses e ao mesmo tempo encarna todos os seus súditos, o que o impede de ser divinizado. Um refrão expressa essa idéia muito bem: “A imagem do deus é o homem, a imagem do homem são os homens. O homem, ou seja, o rei, espelho do deus.”⁴

A civilização babilônica desapareceu no 4.^o século a.C., quando os cuneiformes especiais dos reis persas se tornaram a língua nacional. Os últimos escritos babilônicos religiosos encontrados não passavam de cópias dos mais antigos; continham relatos mitológicos, hinos, lamentações; nesses, a língua litúrgica — a sumeriana — vinha acompanhada de uma tradução tradicional. Entre os escritos rituais, encontram-se recompilações de presságios. Os textos sobre Filologia, Medicina e Matemática nada trazem de novo, além do que já existe em textos antigos. A única exceção está na Astronomia, cujos textos trazem leve inspiração grega.

Os mesmos deuses da Antiguidade eram venerados no período final da história babilônica, entre eles: Anu, Enlil, Ea, Sin, Shamash, Marduque, Adad, Istar (Astartéia) e outros.

Da religião babilônica, que foi antiqüíssima e influenciou outras religiões, ficaram conhecidos seus deuses e mitos, ritos e sacerdócio, como apresentados a seguir.

1. DEUSES E MITOS

Ao contrário do Egito, cuja unidade política dependia do Estado centralizado, os países mesopotâmicos dependiam da unificação das

cidades-estados. A autoridade política precisava levar em conta os múltiplos centros de poder, e isso causava instabilidade social, pois nem sempre o rei possuía a habilidade necessária para controlar as cidades-estados. Progressivamente, a função real se tornou mais independente e adquiriu maior importância.

A inexistência do direito de propriedade individual da terra fazia com que ela pertencesse aos templos (em Babilônia) e ao soberano (no Egito), que delegavam sua posse às comunas de camponeses.⁵ O próprio clima da Mesopotâmia (secas no Verão e chuvas torrenciais no Inverno) causava instabilidade financeira e comercial constante. Por outro lado, cada cidade-estado era governada por um príncipe secular e por um sumo sacerdote do deus local.

Os reis não foram divinizados na Mesopotâmia como o foram no Egito, pois não eram considerados filhos de deuses. Um princípio defendido no Código de Hamurábi (século 18 a.C.) foi a separação entre o poder religioso e o poder público; assim, o soberano não controlava o poder religioso dos templos locais que, por sua vez, influenciavam o poder político. “Essa ausência de uma autoridade sem contrastes, nos planos político e religioso, configurou entre os babilônios uma ordem social caracterizada por uma constante tensão.”⁶

Essa secularização trouxe insegurança psicológica e religiosa à Mesopotâmia. Os deuses formavam um grande panteão, sendo bons e terríveis; as relações entre os deuses e os homens eram complexas, incluindo cultos, exorcismos e magia. Havia mais de 2.500 entidades divinas. Embora não haja a lista original desses deuses, eles foram reelaborados a partir de compêndios paralelos. Formavam oito grupos, nesta ordem: as divindades de Anu, Enlil, Ninlil — a deusa-mãe —, Enki-Ea, Nana-Sein, Inana-Istar, Ninurta e os deuses infernais.

Esse grande panteão de deuses foi herdado dos sumérios, sendo eles todos tradicionais. Havia resistência à inovação; tanto que não foi permitido que Assur entrasse na lista dos deuses em pleno apogeu assírio e na própria Biblioteca de Nínive.⁷

Anu e Enlil não são incriados, mas gerados por forças divinizadas, sem representação humana. Apesar de serem numerosos, os deuses não entram em choque entre si, porque cada qual possui um domínio particular. Podem ser delegadas diversas missões aos deuses, e por vezes a um somente: organizar, dirigir ou salvar o mundo. Anu é supremo no cosmo; Enlil, na terra e nos ares; Ea, nas águas profundas; Nergal, no inferno. No sistema político do céu, Anu reina, Enlil governa e Ea aconselha e executa.⁸

Com a reforma política e religiosa de Hamurábi (século 18 a.C.), Marduque, deus de Babilônia, é elevado a deus principal. Ele é filho de Ea e tem o poder da sabedoria, de curar e de dar vida superior. A religião de Marduque foi sincrética; sua figura tinha dois rostos (dupla personalidade) que caracterizavam-no como filho do Sol e deus da magia.

Marduque pode governar no lugar de Enlil; não consulta a Ea, seu pai, a não ser por deferência; eclipsa a Ninurta com suas façanhas: é senhor de Babilônia e dos países dominados por ela. O céu e os ventos estão sob seus pés. A partir de determinada época, resume em si todos os deuses. A alguns parece que, em Marduque, a religiosidade volta ao monoteísmo; entretanto, transparece mais uma espécie de impaciência do politeísmo. Encobre-se os deuses com um deus principal.

Cada deus é cercado de um grande séquito, como Anu, que está rodeado de sete clãs que o escoltam, e cujos ministros o ajudam e aconselham. Marduque possuía cinquenta nomes diferentes, e vinha seguido de seu filho Nabu, de seus conselheiros, cozinheiros, porteiros e cervejeiros, ocupando apenas o lugar que lhe era devido na corte de Enki. Cada deus ocupava seu próprio espaço, havendo exceção para Ninurta, nascido de Enlil, que aparece no círculo de seu pai e reaparece em outro lugar, por sua própria conta.⁹ Anu e Enlil não aparecem isolados, mas rodeados de seus pais e mães: 19 para Anu e 42 para Enlil.

Os deuses babilônicos eram classificados em duas grandes categorias: os *igigi*, deuses do céu, e os *anunnaki*, deuses habitantes da terra, das águas e do mundo infernal. Este grande número de deuses não significa mais do que muitas variações da mesma divindade. O panteão de deuses corresponde à multidão de cidades. Além disso, deve-se notar a dispersão do divino, ocorrida no decorrer dos séculos, tanto aqui como no Egito.¹⁰

A organização hierárquica dos deuses e ao grande número de espíritos inferiores estavam vinculados o terror diante do destino mortal e a esperança de aplacar a divindade. A hora da morte era decidida pelos deuses; o mundo dos mortos era cheio de sombras.

Os soberanos da Mesopotâmia Antiga diziam que sua autoridade em castigar os súditos vinha de Enlil. A explicação do mundo, a vida no campo e o trabalho dos artesãos tinham seu sentido religioso também.

Os problemas pessoais eram atendidos por um modelo religioso e mágico. "Cada religião sustenta não apenas a ordem social, econômica e política, mas, a seu modo, compensa a fragilidade individual."¹¹

Os símbolos dos deuses aparecem nos *kudurru*, cartas características de Babilônia, datadas de 1500 a.C., que apresentam armas próprias a cada deus, identificando-os tanto quanto os seus próprios nomes. Os

símbolos eram como selos que demonstravam, até mesmo aos iletrados, a autoridade e a garantia divina do ato que ilustravam.

Com o passar dos anos, alguns dos grandes deuses mudaram de nome, mas conservaram suas características, principalmente a de iluminarem os homens, como o brilho do Sol, a claridade da Lua e o resplendor de Vênus.

Alguns deuses podiam ser representados em forma de animais ou em forma de seres humanos alados, ou ainda como semi-animais. Os grandes deuses foram imaginados em forma humana, com vida semelhante à nossa, cheios de força e vitalidade sem limites. Possuíam as qualidades e os defeitos dos seres humanos.

O poderio dos deuses era simbolizado por uma tiara rodeada de cornos de touro. Sua representação vinha acompanhada de objetos ou animais, cada qual qualificando o caráter dos deuses da fertilidade.¹²

Parece que as qualidades e o poderio não são intrínsecos aos deuses, mas relacionam-se às suas “vestes de divindade”; é como se houvesse um poder mágico no aparato e nos objetos próprios de cada deus. O seu poder parece ser exercido através de encantamento. Os deuses babilônicos não possuíam a imortalidade; havia aqueles que morriam, e outros que entravam em sono hibernar.¹³

Os mitos babilônicos — A grande lista de deuses revela que eles estavam em descanso, como numa fotografia familiar. É através dos mitos que podemos conhecer sua ação. Na literatura acádica aparecem dois temas principais: o primeiro mostra a elevação de Marduque, o deus supremo, e a chegada de Nergal ao inferno; o segundo vem ilustrado com as desventuras de Gilgamesh, Adapa e Etana, e relaciona-se com o homem.

Na literatura babilônica, o poema de Gilgamesh é organizado de forma a que a criação do homem esteja relacionada à organização do mundo, onde se percebe, ao fundo, a desordem primitiva submetida à vontade divina.¹⁴

Gilgamesh, o semidivino fundador de Erech, partiu em busca da imortalidade; atravessou as águas da morte e encontrou Utnapishtin em Irkalla. Enlil, o pai dos deuses, não o destinara à imortalidade, e a tentativa de Gilgamesh resultou infrutífera. No regresso à terra, foi defraudado por uma serpente da planta mágica do rejuvenescimento; só podia esperar a realeza, notoriedade e heroísmo no combate desta vida, até passar à Terra do Não-Regresso.¹⁵

Essa lenda foi produto de um longo processo literário, reunindo vários elementos de diversas fontes. Combina o tema de Tâmuz, o mito do dilúvio, as aventuras de Utnapishtin e a busca da imortalidade com mitos da natureza, necromancia e culto dos mortos. Ficou evidente, ao

longo da História, a frustração e a desilusão do herói que não encontrou a imortalidade.¹⁶

Esse poema é intitulado “Quando se Sobe” ou “Quando no Alto”. Quando se sobe, não se distingue o céu, nem abaixo a terra; somente existia um oceano diferente de tudo. As quatro primeiras tabuinhas descrevem a luta das águas. Aí são mencionados os deuses Anu, Ea, e posteriormente Marduque, que possuiu importante função na organização do cosmo.

A origem das coisas também é descrita a partir de uma espécie de evolução mecânica da matéria, oriunda de um primeiro elemento, do qual tudo foi nascendo sucessivamente. “O poema da criação tinha a vantagem de associar estreitamente cosmogonia e teogonia, de absorver essa física ingênua no pensamento religioso.”¹⁷

O poema “A Cosmogonia Caldaica” expõe a questão das origens. A totalidade dos países era o mar; dele emergiram as cidades santas, como Eridu e Babilônia, junto com seu templo, e o deus Marduque; este cria a terra, os homens, as florestas, os animais domésticos. Esse poema foi feito pelos sacerdotes de Eridu e Babilônia; por isso, dão proeminência a estas cidades. Outra narração afirma que Anu criou o céu; deste veio a terra; da terra, os rios; destes, os canais formadores do barro; do barro, o verme. Na primeira dinastia houve a formação definitiva da tradição babilônica, que durou até o fim de sua civilização.¹⁸

O poema clássico da criação é o já citado “Enuma Elish” — “Quando no Alto”. Algumas idéias que ali aparecem são: no princípio não havia coisa alguma; tudo se confundia: Apsu, a água doce, e Tiamat, o mar. Dos deuses nasceu Anu, cujo filho Ea matou Apsu. Tiamat quis se vingar. Ea e Anu não queriam lutar; Marduque, filho de Ea, se oferece para o combate, contanto que receba o poder para fixar os destinos; o sinal para esse poder é uma veste que aparece e desaparece quando Marduque desejar. Marduque luta com o dragão Tiamat e o vence. No poema, há a inserção de cinquenta nomes dados a Marduque, feita pelo clero de Babilônia para mostrar a preeminência do seu deus.¹⁹

A criação do homem é feita por Ea, através de Marduque, modelando uma figura de barro e soprando-lhe a vida; mistura-lhe sangue de Kingu, deus rebelde, o que explica a rebeldia do homem. O poema e outras tradições explicam o objetivo da criação do homem: render um culto aos deuses, a fim de que estes não precisassem se ocupar de nada.

O deus, encolerizado por sucessivas desobediências do homem, castiga-o. O castigo será aplicado por um dos demônios, que habita os desertos. Os demônios são representados por seres híbridos — metade animal, metade homem. O homem pode sentir-se justo,

bom para o seu próximo e fiel ao seu deus. O poema “O Justo Que Sofre” expressa essa idéia. Nem sempre o que parece bom ao homem é bom para o deus. O fiel é ferido em sua saúde, privado de seus bens, abandonado por seus amigos. Marduque se compadece dos sofrimentos do justo, devolve-lhe os amigos, a saúde e os bens. Glória a Marduque!

Esse poema, sem dúvida, lembra a história de Jó.

Os demônios são representados por figuras disformes e ameaçadoras; os fiéis carregam seus amuletos no peito para se protegerem deles. Os demônios eram esconjurados em nome do céu, da terra ou de um deus particular.

O mito ou poema do dilúvio demonstra que o castigo poderia ser aplicado pelos deuses. Ea, benevolente, avisou o homem a quem queria salvar. O fiel entrou com sua família e animais num barco que, após o dilúvio, parou em cima de um monte. O poema assemelha-se à narrativa bíblica em seus detalhes quanto às aves, ao sacrifício etc.²⁰

O mito de Nergal e Ereshkigal uniu o céu e o inferno, submetendo a morte à vida e os demônios às forças do mal. Ereshkigal, filha de Anu, estabeleceu seu reino no inferno e não participava dos banquetes celestes; um mensageiro buscava sua parte. Um dia, Nergal despreza esse mensageiro e a deusa se irrita. Para apresentar suas desculpas, Nergal seduz a deusa e a abandona. Ereshkigal envia seu embaixador ante Anu, com terrível ameaça: “Farei subir aos mortos, e devorarão os vivos. Farei que os mortos (sobre a terra) sejam mais numerosos do que os vivos.”

Nergal volta ao inferno, sem esperança de retorno, com intenção de reinar ali como senhor. Toma a deusa por mulher. Esse mito pode ilustrar nossa situação quando nos afastamos do Deus Vivo, pois não nos alimentamos mais do banquete celeste, do Pão da Vida, do alimento divino.

Nergal e Ereshkigal passaram a reinar no inferno. De vez em quando, Nergal voltava à terra para fazer súditos, através da peste, fome ou outro flagelo. No mundo das sombras não há comida; na falta de oferendas funerárias, os mortos precisam contentar-se com os restos atirados às ruas pelos vivos. Há raras exceções, que são os mortos ajudados e alimentados pelos parentes.

A unidade de forma e de desenho, que faltava aos poemas da época sumeriana, e que lhes foi dada na literatura babilônica, representou uma autêntica reorganização — mais do que uma adaptação.²¹

Mediante o estado atual dos textos babilônicos pertencentes aos séculos 15 e 16 a.C. e suas traduções, conclui-se que a mitologia neles contida é incerta, mas revela o tema central da luta entre a vida e a morte na natureza, que se apresenta em forma de drama da vegetação, e do qual participam numerosos deuses e deusas.²²

2. CULTOS E RITOS

Para expressar suas crenças, os babilônios ofereciam seus cultos e praticavam seus ritos. A primeira forma de culto era a oração e a liturgia para atender os deuses, que comiam, bebiam, dormiam e amavam. As divindades eram representadas por estátuas, que eram servidas com grandes banquetes sobre o altar, a "mesa dos deuses", diariamente. Serviam-se carnes de carneiro, vaca e porco; peixes e legumes; e bebidas como hidromel, vinho e cerveja. Esses banquetes eram consumidos depois pelos sacerdotes.

A oração, às vezes cantada em coro, expressava admiração, exaltava o poder dos deuses e suplicava sua intervenção. Cada dia possuía o seu ritual, seguido pelos fiéis segundo as prescrições que constituíam um modelo ancestral dos horóscopos. Essas prescrições falavam das abstinências, das obrigações e das oportunidades das pessoas. Esse tipo de calendário fornecia certa segurança diante das incertezas do destino e da sorte. "(...) a ordem dos astros e o rigor matemático dos números, expressão do poder das divindades, compensavam a fragilidade e a insegurança dos homens."²³

Segundo a visão assírio-babilônica, existia um mundo assombrado, o qual era temido e por isso mesmo amenizado pelos rituais que serviam de apoio aos indivíduos, conscientes da insegurança de sua própria existência.

Sob certas perspectivas, todas as orações babilônicas são literárias, isto é, obedecem a certas fórmulas consagradas pelo uso; entretanto, elas podiam ser ultrapassadas em sentido pelos textos: a invocação podia transformar-se em hino; o salmo podia converter-se em um longo monólogo ou diálogo.

A oração individual encontrou seu lugar no culto. Suas formas eram prefixadas e seu valor, reconhecido. Entretanto, não tinha um tom pessoal e era diferente da nossa oração de hoje. Além das fórmulas escritas, existia a tradição oral, reconhecida em certos relatos populares ou provérbios e refrões. Os escribas, que registravam a literatura, embora possuísem prestígio na Mesopotâmia, poucas vezes ocupavam os mais altos postos. Seus escritos podiam deformar as idéias

ou crenças da corte. Entretanto, é verdade que as orações com as quais se terminavam as inscrições reais, principalmente a partir de certa época, eram submetidas aos príncipes, que eram seus autores.²⁴ Nessas dedicatórias ou bênçãos é que se percebe a piedade do povo babilônico, mais do que nas orações escritas. Resta saber se, para receber os dons solicitados aos deuses, bastavam as petições ou era necessária a oferenda de entrada, além das outras comuns.

A súplica, segundo se encontrou em cerca de duzentos textos, era pronunciada em caso de desgraça ou temor de alguma desgraça, mas também incluía uma petição. Geralmente se dedicava uma parte à invocação do deus escolhido e outra parte à própria queixa e à petição que dela resulta, terminando com uma breve promessa: "Que possa eu publicar tua grandeza e cantar o teu louvor!"²⁵

A súplica destaca o interesse do deus pelos homens e sua compaixão, voltando-se com preferência a alguns deuses, como Marduque, Istar, Shamash, e esquecendo Anu, Enlil, Ninurta e Nergal. Por causa dos rituais que acompanhavam a súplica, ela é situada entre a magia e a religião.

Salmos de penitência — Eram menos frequentes; seu objetivo era apaziguar a ira divina com o lamento e a confissão de culpabilidade do fiel, muitas vezes bastante longos, e não simples e rápidas alusões. É possível que esses salmos fossem recitados a duas vozes, pelo sacerdote e pelo penitente; isso não é certo, pois o penitente poderia recitá-lo na terceira pessoa. Nos salmos de penitência havia duas partes distintas: uma ampla petição a certos grupos de deuses para que intercedessem junto ao deus invocado, e uma fórmula típica para apaziguar o coração do deus.²⁶

A literatura babilônica possuía seus gêneros bem delimitados, mas também apresentava seus híbridos. Uma súplica, por exemplo, utilizava um grito de *graças*, característica do salmo de penitência; ou um salmo podia terminar com uma promessa de louvor.

Além da oração e dos salmos de penitência, outras práticas babilônicas eram a magia e a adivinhação.

Adivinhação e magia — A prática da adivinhação adquiriu formas variadas e foi sistematizada pelos acádios. Aparece na literatura do ano 2000 a.C., já com os princípios de interpretação, os métodos de análise e o vocabulário técnico, que foram conservados até a nossa era.²⁷

A adivinhação tinha por objetivo conhecer as intenções dos deuses e ajudar nas decisões cotidianas. Através dela os deuses e os homens mantinham contato. Um princípio estabelecido era que a um fato correspondia um sinal e um presságio. A análise desses sinais e dos fatos que

lhês sucediam levava a um método de interpretação que suplantava a experiência adquirida.

Alguns presságios babilônicos eram condicionais, e outros podiam ser desviados mediante determinados ritos. A maioria não prefixava o tempo de seu cumprimento, que era indefinido. Podiam aplicar o mesmo sinal a diversas situações, e as pessoas podiam modificar seu destino tomando certas atitudes.

Um dos órgãos por excelência observado na adivinhação era o fígado, dentro da aruspicação (arte de adivinhar pelas entranhas dos animais), utilizando-se também o pulmão, o baço, os rins etc. Os adivinhos utilizavam os sacrifícios de dois modos: adotavam as anomalias que determinavam as intenções dos deuses; ou preparavam um sacrifício especial, em função de uma pergunta, analisando desde o comportamento do animal vivo até os mínimos detalhes de seus órgãos internos.²⁸

Há um grande número de documentos babilônicos que registram suas práticas adivinhatórias. Além da aruspicação, utilizavam-se da teratomancia, baseada em nascimentos anormais; a oniromancia, baseada em sonhos; e a fisiognomonía, baseada nos traços fisionômicos da pessoa. Cada arte possuía seus tratados especiais; algumas se misturavam com a Medicina, resultando na atividade médico-mágica.

A Medicina aplicava os princípios da adivinhação e da magia. O médico era como um sacerdote. Procurava-se a razão da doença nos pecados e nos atormentadores. Nomeado o pecado, o doente era liberto. Em seguida, o doente era conservado sã através de ações de graças no templo e do uso de talismãs. O médico também obrigava o doente a tomar drogas bem repugnantes para expulsar o demônio. Mais tarde, diminuiu o exorcismo e o emprego dessas drogas; aos poucos, foram descobertas fórmulas de remédios; os diagnósticos passaram a ser efetuados mediante a observação e não mais mediante os presságios. Começaram, então, a dar nomes às doenças.

Ainda quanto à adivinhação, utilizavam-se de diversos objetos e de diversos animais (pássaros e serpentes), ou ainda da farinha, do azeite, da água etc.

Os oráculos e as profecias eram mais escassos. Todos os sinais para os babilônios possuíam algum significado, e eram interpretados pela prática da adivinhação.

Conhecidos os presságios através dos sinais, acreditava-se que esses podiam ser alterados através das *práticas mágicas*, principalmente dos ritos de defesa e substituição. A magia e a adivinhação ocuparam importante lugar na biblioteca babilônica, principalmente a de proteção, pois a magia ofensiva raramente aparece documentada. A magia pura, que

não busca as forças divinas, era excepcional. As prescrições são apresentadas como se os deuses as tivessem ditado.

Ligada à adivinhação estava a magia, manipulação dos poderes sobrenaturais, e o exorcismo, expulsão dos maus espíritos. O *exorcismo* visava a “acalmar o coração” dos deuses, de modo a afastar as forças maléficas e abolir as causas do mal, porque os próprios deuses eram causadores dos males. Faziam-se orações, penitências, ritos especiais orientados pelos sacerdotes exorcistas — os *asipus* — como parte das cerimônias importantes para a vida dos mesopotâmios.²⁹

As forças do mal contra as quais se executava a magia eram os demônios e os feiticeiros. Se a aparência dos deuses era humana, a dos demônios era composta de animais e seres fantásticos, embora semelhantes a homens em sua posição ereta e em suas atitudes.³⁰

A magia procurava exorcizar os demônios que possuíam as pessoas castigadas pelos deuses. Os sacerdotes exorcistas vestiam-se de vermelho, cor antidemoníaca, e recebiam poderes de Marduque. A lista dos erros a serem cometidos pelas pessoas era longa. Para o exorcismo, o sacerdote recitava fórmulas próprias e esconjurava o demônio em nome dos grandes deuses. Tudo era acompanhado de libações e defumação com incenso.³¹

As casas e palácios eram protegidos do mal mediante figuras, grandes ou pequenas, cuja finalidade era expulsar hóspedes indesejáveis, velar o sono e preservar a fecundidade da família e dos rebanhos. A figura mais representativa era a do touro alado assírio. Usavam também selos e jóias com a mesma finalidade. Alguns amuletos traziam fórmulas mágicas, inspiradas ou extraídas de grandes textos.

A adivinhação e a magia dependiam do *baru*, aquele que inspeciona. Os seus processos eram inumeráveis. O sonho também era uma das maneiras de os deuses se comunicarem com os homens, e deveria ser explicado. Cada ato da vida era cercado de algum significado.

Na literatura babilônica aparecem muitos textos macabros, relacionados a demônios, mais para impressionar as pessoas do que para ajudá-las. Refletem a angústia em que vivia aquele povo, por causa da incerteza da vitória final, uma vez que eram constantemente ameaçados pelos inimigos que os rodeavam.

Ritual do Ano-Novo — Esse ritual é comum nas religiões antigas. Em seu significado, há diferença entre o ritual do Egito e de Babilônia. A diferença fundamental entre ambas as atitudes relaciona-se à crença na morte e na ressurreição, demonstrada claramente na celebração da passagem do ano. É importante compreender o seu significado.

Esse ritual relaciona-se às estações do ano e ao clima da região. No Egito, o ano se iniciava em junho ou julho, época das enchentes do

Nilo. Quatro meses mais tarde surgia a estação das plantações e colheitas, quando o nível do rio baixava. Em seguida, vinha a estação da deficiência, quando desapareciam as águas por completo, os grãos eram armazenados e a terra ficava vazia, aguardando a nova estação. Oficialmente, o dia do Ano-Novo no Egito coincidia com a enchente do Nilo. Com a descida do rio, eram celebrados diversos ritos complicados em honra à morte e ressurreição de Osíris. As inscrições egípcias dão detalhes dessas cerimônias. As oficiais culminavam com a elevação da coluna chamada *djed*, com quatro ou cinco travessões, às vezes em forma humana ou enfeitada com a *crux ansata*, e dois braços sustentando o disco solar. Essa coluna representava o renascimento de Osíris no céu. Se Osíris proporcionava o crescimento do trigo e a subida das águas, personificava o aparecimento da vida a partir da morte.³²

No início da Primavera também era celebrada a renovação real, em que o faraó egípcio demonstrava o seu domínio sobre o Egito e as boas relações entre o céu e a terra. Não visava este tipo de cerimônia a estabelecer a sucessão, o que ocorria na cerimônia da coroação.

Na Mesopotâmia, as cerimônias do Ano-Novo eram diferentes das do Egito, uma vez que o controle divino das forças naturais era interpretado de modo distinto. O poder supremo correspondia à deusa, como fonte de vida, e seu casamento sagrado com o rei era um meio para assegurar a renovação anual dos processos de vegetação e fertilidade. Com o ritual do Ano-Novo culminavam as festas da Primavera. A subida e descida dos rios de Babilônia eram precárias, e contava-se com a periodicidade da natureza.

Em Babilônia, durante a festa do Ano-Novo, representava-se dramaticamente a vitória de Marduque sobre as potências do caos, como narrado no mito da criação. Descreve-se como ordenou o universo e criou o homem; como o destino dos homens ficou complicado pela ação dos demônios, liberados para atingi-los em nome da justiça ou em consequência da ira dos grandes senhores divinos.

Nesta cerimônia, ficava evidente a falta de identidade entre o humano e o divino; os ritos de passagem de ano restabeleciam a solidariedade das forças divinas com o rei, do que dependia a prosperidade do reino. Se no Egito o faraó mantinha a relação entre a ordem divina e a humana, na Mesopotâmia o monarca dirigia essa relação, buscando a aproximação das duas ordens. Se no Egito, para gerar um herdeiro, o rei se unia à sua esposa na qualidade e com a majestade de um deus, em Babilônia a união do rei se dava com uma sacerdotisa, que personificava a deusa-mãe; nesta união, era ela quem possuía a função mais ativa. As cerimônias do Ano-Novo terminavam com a união nupcial

do rei e da sacerdotisa, numa relação Tamuz—Istar, para despertar de novo as forças criadoras da Primavera.³³

“Enquanto no Egito o faraó exercia sua função vivificadora, enquanto filho vivo de seu pai divino, na Mesopotâmia o rei era o instrumento passivo e obediente da deusa, e era ela a autora e dispensadora da vida.”³⁴

A cerimônia do Ano-Novo em Babilônia representava a morte e ressurreição do deus que encarnava a fertilidade, se bem que Marduque não era uma potência cósmica única — como Ra no Egito —, nem a monarquia era o centro dinâmico da estrutura social. Não existe em Babilônia um princípio unificador transcendental, como existia entre Hórus e os faraós, no Egito.³⁵

Em Babilônia, o rei não podia estar ausente da cerimônia. Nessa ocasião recitava-se o poema da criação. Esse poema determinava o significado e o programa da festa: dentro ou fora dos muros da cidade repetia-se o conflito entre Marduque e Tiamat. Celebrava-se a morte e ressurreição de Marduque e a derrota de Tiamat, deusa aquática do caos, como narra o mito Enuma Elish, relato da criação e lenda cultural. Essa lenda era repetida duas vezes, além de ser representada.

Na representação, o rei se humilhava, perdia suas insígnias e não retomava seus poderes antes de clamar por sua inocência. Depois disso, o país teria garantido mais um ano feliz. O rei *morria* a cada ano e a deusa-mãe o buscava do mundo dos mortos; sua ressurreição era celebrada pelo regozijo geral. Entretanto, essa idéia da renovação da natureza não se relacionava à idéia da existência futura do homem (vida eterna) como havia no Egito.

Durante o ritual do Ano-Novo, todos os deuses desfilavam, tendo à frente Marduque e o rei; por vezes, o rei podia personificar Marduque. Havia orações, hinos, sacrifícios, juramentos e purificações. O celebrante, grande sacerdote de Marduque, preparava e conduzia as cerimônias, sendo auxiliado pelos magos, músicos e artesãos. A população, ao que parece, participava das celebrações.

O ritual do Ano-Novo é semelhante ao culto a Istar, mormente nos ritos preparatórios, na reunião das divindades, nas purificações sucessivas, nos cantos e danças, na ênfase ao rei e na participação das confrarias: carpinteiros, sapateiros, tintureiros e outros.³⁶

Esse cerimonial durava vários dias, nos quais os deuses das províncias chegavam à capital. O deus Marduque, junto ao rei, em procissão, atravessava a porta Istar, ia até o rio, embarcava, andava nos campos. De volta ao templo, lia-se o Enuma Elish. O rei e a deusa entravam na

câmara nupcial para o casamento sagrado, que garantiria a fertilidade em Babilônia. “Esta festa é um exemplo perfeito da fusão do que trouxeram os semitas: combate de Marduque, criação do mundo, preeminência de Babilônia e da religião naturista dos sumerianos, representada pela hierogamia final.”³⁷

Era um drama de culto agrícola, para assegurar a abundância e a prosperidade para o ano seguinte. Dada a instabilidade quanto à administração, pois nem reis nem comunidade possuíam uma posição garantida, o festival do Ano-Novo deu estabilidade à comunidade babilônica, uma vez que era celebrado com os mesmos ritos e objetivos, em numerosos lugares, qualquer que fosse o deus associado ao festival.³⁸

A Festa da Páscoa dos hebreus, bem como a Festa dos Tabernáculos e o Dia da Expição estavam relacionados aos festivais de estação da Antiguidade, embora com a marcante diferença de serem efetuados em honra e memória do Deus único e verdadeiro. Como os babilônios, Israel conservava uma observância dupla do Ano-Novo, uma na “saída do ano” (*Rosh hashshannah*), no Outono, com a colheita dos produtos, e outra na Primavera, no início da ceifa da cevada.³⁹

Além do ritual do Ano-Novo e de cerimônias fixas, havia em Babilônia outros cerimoniais relacionados a acontecimentos importantes, como a fundação ou restauração de um edifício sagrado, a consagração de estátuas ou instrumentos de cultos, retiros penitenciais do rei, eclipses etc.

Para a celebração dos cultos e ritos, havia necessidade de uma classe de sacerdotes. Já mencionamos os *barus*, aqueles que inspecionavam, e os *asipus*, os sacerdotes exorcistas.

3. SACERDÓCIO

A civilização egípcia se distinguiu porque possuía um clero profissional numeroso, exercendo muitos papéis religiosos, políticos e econômicos. A casta sacerdotal possuía a terceira parte das terras do Egito, um enorme número de escravos e rebanhos.

Em Babilônia, o clero também era numeroso, liderado pelo sumo pontífice, que sempre era o rei. Este não era o deus, como no Egito, mas seu representante. Ele era nomeado pelos deuses, esposado por uma deusa e alimentado com leite divino na infância. As oferendas à estátua do rei seriam transmitidas pelo soberano aos deuses.

Os sacerdotes eram divididos entre as funções de administradores, celebrantes, sacrificadores, adivinhos e exorcistas, cantores e músicos. No templo também havia as sacerdotisas, dentre as quais estavam as hieródulas, prostitutas sagradas que, em vista da crença na interdepen-

dência entre céu e terra, provocavam no céu o casamento sagrado dos deuses, fonte de fertilidade para a terra. Os sacerdotes recebiam parte das oferendas. No templo também havia porteiros, cozinheiros e barbeiros. Os escribas eram os depositários de todo o saber sagrado e profano, e sua escola, não raro, era ligada ao templo. Nos cultos havia oferendas alimentares às estátuas. Algumas possuíam a intenção de obter a benevolência dos deuses, como: chuva, cheia e outras fontes de riqueza.⁴⁰

Nas ruínas dos templos encontrados pelos arqueólogos destacam-se algumas dependências: o recinto sagrado, a grande praça com poço e altar ao ar livre, e uma grande sala rodeada de banquinhos para oferendas — sala que conduzia ao umbral do “santo dos santos”, onde aparecia o deus, sobre uma coluna mais ou menos alta.

Quanto aos zigurates e seu simbolismo, serão observados quando tratarmos da religião egípcia e suas pirâmides.

Concluindo, observamos que, como civilização, Babilônia deixou o seu legado para a posteridade e chegou até os nossos dias: o ano de doze meses; uma parte da nomenclatura das constelações; o sistema sexagesimal; a medida de ângulos e arcos; termos como jaspe, mirra, nafta, sésamo e outros; o carro de quatro rodas e outras influências.

Na religião, alguns relatos bíblicos mantêm certa semelhança com textos babilônicos, como o dilúvio, o conflito entre Caim e Abel (cultivadores e pastores), o paraíso terrestre, ainda que explicados sob diferentes perspectivas.

Os Salmos do Antigo Testamento lembram os salmos de penitência babilônicos, bem como outras orações; não possuíam os mesmos objetivos, mas há semelhança na forma. Assemelha-se também a teologia do verbo-criador e do deus filho; entretanto, a semelhança não significa parentesco.

A influência da magia babilônica alcançou os nossos dias, na leitura das mãos, na promessa à estrela cadente, no horóscopo e em outras superstições.

Os presságios babilônicos atravessaram os séculos. Os processos mágicos foram conservados: varinhas mágicas, círculos, figurinhas de enfeitiçamento. A adivinhação e a magia ainda existem hoje.

A religião babilônica é a mais antiga da Ásia Ocidental, e nos permite voltar a 50 séculos no passado. Foi influenciada pelos semitas, mas não ao ponto de se modificar. Durante os últimos 3 mil anos de sua existência, a religião babilônica progrediu, mais pelo esforço dos sacerdotes em unificar as crenças. Apesar de muito antiga, a religião babilônica não deixou de ser politeísta e de ser sombria, pois não abriu espaço algum

para a esperança de uma vida além-túmulo feliz, o que fez dela uma das mais sombrias existentes até hoje.⁴¹

É interessante observar que a religião babilônica, embora tão antiga, já possuía um clero organizado, templos dedicados aos seus deuses e preceitos para os rituais. Mesmo assim, ainda depositava suas crenças em mitos e confiava nas práticas mágicas. Sendo uma comunidade agrícola, seus rituais estavam vinculados à plantação e à colheita, como ocorreu com outras religiões antigas. Acima de tudo, porém, foi uma religião politeísta, venerando inúmeros deuses e representando-os através de ídolos.

A religião egípcia esteve bastante ligada à babilônica, quer através dos contrastes, quer através das semelhanças, como veremos a seguir.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PUECH, Henri-Charles, dir. *Historia de las religiones*, v. I, 1977, p. 309.
2. *Ibid.*, p. 311.
3. *Ibid.*, p. 313.
4. *Ibid.*, p. 314.
5. CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*, v. I, 1973, p. 16.
6. *Ibid.*, p. 12.
7. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 278.
8. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 13.
9. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 279.
10. CONTENAU, Georges, In: *As religiões do Antigo Oriente*, 1959, p. 90.
11. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 16.
12. CONTENAU, Georges, *op. cit.*, p. 92.
13. *Ibid.*, p. 93, 94.
14. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 287.
15. JAMES, E. O. *Os deuses antigos*, 1966, p. 199.
16. *Ibid.*
17. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 288.
18. CONTENAU, Georges, *op. cit.*, p. 96.
19. *Ibid.*, p. 96, 97.
20. *Ibid.*, p. 100.
21. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 290.
22. JAMES, E. O. *Historia de las religiones*, 1975, p. 60.
23. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 14.
24. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 295.
25. *Ibid.*, p. 291.
26. *Ibid.*, p. 293.
27. *Ibid.*, p. 296.
28. *Ibid.*, p. 300.
29. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 14.

30. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 303.
31. CONTENAU, Georges, *op. cit.*, p. 106.
32. JAMES, E. O., *op. cit.*, p. 54, 55.
33. *Ibid.*, p. 50.
34. *Ibid.*, p. 51.
35. *Ibid.*, p. 59.
36. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 307.
37. CONTENAU, Georges, *op. cit.*, p. 108.
38. JAMES, E. O. *Os deuses antigos*, p. 159.
39. *Ibid.*, p. 167.
40. CONTENAU, Georges, *op. cit.*, p. 104.
41. *Ibid.*, p. 110.

SYNOPSIS

1. The first part of the paper is devoted to a general discussion of the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β .
2. In the second part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
3. In the third part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
4. In the fourth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
5. In the fifth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
6. In the sixth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
7. In the seventh part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
8. In the eighth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
9. In the ninth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.
10. In the tenth part the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved.

CAPÍTULO II

MITOLÓGICA E SIMBÓLICA

(EGÍPCIOS)

Os egípcios são considerados o povo mais religioso da Antiguidade, ainda que as mesmas características religiosas verificadas entre eles possam ser encontradas em outros lugares. Para compreender os fatos religiosos egípcios e penetrar naquela mentalidade antiga, são necessárias certas regras de conduta intelectual.

A religião egípcia é, antes de mais nada, um fenômeno social: “é o instrumento mediante o qual os egípcios demonstraram sua vontade coletiva de não sucumbir à natureza e deram o testemunho de sua integração a ela”.¹

Escavações arqueológicas atestaram a existência de civilizações 5.000 anos a.C. nas terras que vão desde o Vale do Nilo até a Mesopotâmia; essas civilizações, além da caça e da pesca, dedicavam-se também à agropecuária. Davam grande importância aos cultos dos mortos.

A religião do Egito, tanto quanto a de Babilônia, originou-se de cultos primitivos praticados pelos grupos que se instalaram no Vale do Nilo e na bacia dos rios Tigre e Eufrates. Esses cultos primitivos evoluíram e se transformaram em verdadeiros sistemas religiosos nacionais, cuja elaboração acompanhou o surgimento das primeiras grandes civilizações da humanidade. As civilizações egípcia e assírio-babilônica foram as primeiras a organizar um sistema religioso coerente e abstrato, juntamente com a invenção da escrita e a formação de artistas. Fixando-se em terras muito férteis, construíram grandes obras arquitetônicas (pirâmides e zigurates), cada qual com seu significado específico.

A religião egípcia interpretou o universo e estabeleceu as bases para a estrutura da sociedade e as categorias sociais. A religião passou a servir de fundamento para a estabilidade social, a disciplina e a submissão da população em relação ao poder estabelecido.² Organizada ao redor do

chefe divinizado, a religião acabou unificando os diversos departamentos egípcios ou as cidades-estados babilônicas, assim como as empresas econômicas e militares dirigidas pelo Estado.

A exploração do Egito proporcionou aos estudiosos um considerável material de pesquisa. São textos e documentos escritos, pintados ou gravados, com o objetivo de comunicar ou conservar mitos e rituais. Os documentos religiosos referem-se, em geral, a uma representação do universo bastante detalhada. A religião egípcia era uma verdadeira física teórica, incorporando todos os elementos de uma cosmologia que tinha a tendência de se converter numa cosmogonia, dada a concepção cíclica do universo.³

Tão relacionada ao social e ao científico estava a religião egípcia, que se pode falar em caráter científico da religião.

Foi uma religião politeísta, que também expressava suas crenças através de seus mitos e que atribuía um rico simbolismo aos rituais e às construções religiosas. Para compreendê-la, observaremos seus deuses e mitos, seus cultos e ritos e suas construções simbólicas.

1. DEUSES, MITOS E CRENÇAS

Quando falamos em deuses egípcios, não podemos concebê-los como hoje conceituamos Deus. O conceito do divino, na civilização egípcia, possuía características próprias. Aplicava-se a forma e o comportamento humanos aos deuses (antropomorfismo).

Uma das características dos deuses é que eles não se revelavam. Ademais, eles não existiam sem um suporte material (estátua, árvore, animal sagrado). O sacerdote é quem deveria "dar sua alma ao deus" através de um abraço. Alguns animais eram considerados as almas dos deuses. Estes, para deixarem o céu, sua residência, deveriam ser atraídos. Além de tudo isso, a aparência de um deus nem sempre era a mesma: às vezes aparecia como homem, outras vezes como homem e animal ou como um astro.

Os deuses cósmicos, com aparência de astros, não foram criação egípcia. Parece que uma elite sacerdotal os elaborou para explicar a ordem universal. Tal ordem seria sustentada através da mediação dos faraós, considerados representantes divinos que interferiam nos processos agrícolas.

A cosmogonia (ciência que trata da origem e evolução do universo) foi a forma mais apreciada de sentimento religioso. Identificava-se um deus primordial, primitivo, primeiro. Junto a esse deus primordial, havia

entidades cósmicas locais. A filiação divina dos reis se associava aos principais deuses solares: Ra, Amon-Ra e Aton.

Como mediador imortal, o faraó também mediava os homens perante as divindades; para tanto, construía templos, dirigia cultos, organizava ritos funerários, sob a orientação da deusa Maat, símbolo da verdade, equilíbrio e justiça. Os templos, as pirâmides e os obeliscos atestam estas funções do faraó.⁴

A monarquia egípcia integrava o divino ao humano e ao natural. Os deuses não interferiam nos assuntos humanos; estes eram tratados pelos faraós, cuja filiação era divina. Eles eram os representantes dos deuses aqui na terra.

Deus fora o primeiro monarca primitivo e agora deixara os faraós, seus filhos, para governarem. Portanto, o faraó praticava ritos a cada manhã, para renovar sua natureza e vitalidade divinas. Para manter a estirpe divina, casava-se com suas irmãs; para deixar herdeiros, tomava a forma de divindade, isto é, transformava-se num deus; seu prestígio divino o acompanhava em vida e após a morte.⁵

Para que se compreenda o significado do faraó e seu papel, é necessário que se tenha uma noção correta de Maat. Ela não se encontra definida em parte alguma; apenas recentemente houve uma interpretação que abrange todos os seus aspectos, pois descreve sua função cósmica e seu significado moral e social.

Maat é filha do demiurgo (figura mítica do deus que ordenou o cosmo, formando-o a partir da matéria preexistente), e os deuses a amam e vivem dela. Opõe-se à desordem. Não é apenas um princípio teórico, mas também a aplicação desse princípio. Aqui se cruzam os dois aspectos do faraó: ligado aos ritos do templo e às tarefas políticas. Para que Maat reine é necessária a interferência de todos, e não só do rei. A participação do homem é ativa, cumprindo os deveres humanos e sociais, certos tabus e o culto aos deuses. Maat está ligada à vida, considerada a força fundamental do universo; ambas, Maat e a vida, são elementos conservadores para todo o resto do universo.

Numerosos textos nos templos falam do caráter divino do faraó; se isso não ficava claro em vida, era certo após a morte do faraó. Seu caráter divino é sua força; é a força do pensamento que organizou o mundo segundo seus mitos e sua razão. O conceito de "homem responsável" demonstra a consciência humanista dos egípcios. No universo representativo dos ritos, aquele que executava as cerimônias sagradas deveria simbolizar o homem responsável, chamado faraó.⁶

As inscrições podiam ser feitas em nome do faraó, fosse esse quem fosse, mesmo que já tivesse perdido sua realidade no Egito. Personaliza-se

o faraó com respeito ao calendário, que até o final da história do Egito contava o tempo pelos anos de reinado.

Observava-se assim que o papel religioso dos faraós era mais simbólico do que funcional. Seus nomes aparecem nas inscrições dos templos, mas isso não significa que estivessem diretamente ligados aos rituais religiosos, onde eram substituídos pelos sacerdotes.

Teoricamente, o faraó era o sacerdote de cada templo e de cada deus, mas na prática ele delegava essa função aos membros do clero local, que oficiavam em seu nome e personificavam os deuses nas cerimônias.⁷

Uma crença religiosa ligada ao faraó é a *idéia do ka*. Os textos das pirâmides são dedicados principalmente a procurar a vida eterna para o faraó, no reino celestial. Descreve-se sua ascensão ao céu por uma escada (como a de Jacó, em Betel), pela montanha, voando como uma ave. A finalidade era a união com o seu *ka*, com sua parte espiritual ou *eu*, sua personalidade, alma ou individualidade, como diríamos hoje. A *idéia do ka* também tinha algo de divino, de poder criador. Mais desenvolvida com o culto a Osíris, aparece a *idéia* da união do *ba* (alma) com o *ka* (divino) num corpo espiritualizado, no céu. A imortalidade, inicialmente associada apenas ao rei, universalizou-se, isto é, foi atribuída a toda a humanidade, no momento em que todo homem fosse justificado no juízo e feito semelhante a Osíris.

No mundo dos mortos, o faraó seria o representante e salvador do povo, passando a pertencer totalmente a esse mundo. Essa sobrevivência lhe era assegurada por um corpo de doutrinas e mágicas. Aos poucos, porém, os direitos e privilégios do faraó foram se estendendo ao povo, a começar pela família do faraó. Esta possuía uma tumba real, uma estela, a pedra do sarcófago, tecidos adequados para o embalsamamento. Depois, até as fórmulas mágicas se tornaram patrimônio de todos.⁸

No decorrer dos tempos, as doutrinas relacionadas à sobrevivência da pessoa evoluíram e se enriqueceram. Entretanto, não parece que o povo egípcio concebesse uma *idéia* da sobrevivência independente do corpo mumificado.

Cria-se que o morto pudesse transformar-se em estrela ou pássaro, mas a crença mais comum era a de que a múmia viveria uma vida análoga à da terra. Certas práticas mágicas nos funerais objetivavam devolver ao cadáver o uso dos membros e dos sentidos.

Os sistemas religiosos de maior prestígio (também chamados de mitologias) eram: o heliopolitano, o hermopolitano, a doutrina menfita e a de Osíris.

No sistema heliopolitano, criou-se o mito de que no início de tudo havia o caos; o Sol (Aton ou Ra) emergiu do oceano (Nuu ou caos) e

se levantou sobre uma colina de Heliópolis. Aton era uma entidade ineriada, que de si mesmo extraiu o primeiro casal, divino: Shu e Tefnut (o ar e a umidade). Eles geraram Ket (o deus terra) e Nut (a deusa céu) que, por sua vez, deram origem a Osíris (um deus de crença popular, elevado à cosmogonia), Ísis, Set e Neftis, heróis da lenda de Osíris. Ra, o deus Sol, era cultuado como supremo criador do homem. Muitos monumentos foram-lhe dedicados, e seu principal centro religioso era Heliópolis, havendo um sacerdócio ligado a ele.

O conjunto desses nove deuses mencionados constituía a grande Enéada. A pequena Enéada, da qual o chefe era Hórus, agrupava deuses de importância secundária.

A mitologia solar contém lendas cheias de poesia, frescor e até humor, estando o mito da criação do primeiro casal nos textos dos sarcófagos.

O sistema hermopolitano, doutrina desenvolvida em Hermópolis, opunha-se às doutrinas heliopolitanas. A origem do universo é aceita a partir de oito divindades (a Ogdoada), representantes das forças cósmicas. Os principais cultos eram dedicados ao deus local Tot (Lua, Íbis ou Bugio) e a Amon. Tot presidia às ciências exatas, sendo o patrono dos escribas e inventor do sistema de hieróglifos. Amon era responsável pela ordem física e moral, e é associado aos templos e túmulos faraônicos.⁹

No sistema hermopolitano, a criação dependia da diferenciação do caos, iniciando-se a partir de quatro casais (os varões com cabeça de rã, e as fêmeas com cabeça de serpente), denominados: Abismo, Trevas, Mistério e Eternidade. Eles representavam o caos, tomando consciência de seus componentes. A Ogdoada instalara-se num outeiro que emergiu do Abismo, em Hermópolis; ali elaborara o ovo do qual sairia o Sol. Este, depois de triunfar sobre as forças inimigas, criara e organizara o mundo.¹⁰

A doutrina menfita se desenvolveu na capital, Mênfis. Ali era cultuado o deus do trabalho industrial e das artes, Ptah. Ele era considerado o criador, e ao seu lado coexistiam oito deuses primordiais; Aton era o mais importante, representando a inteligência e a vontade. Em Mênfis misturaram-se elementos da mitologia de Heliópolis e de Hermópolis. Ptah recebeu o nome de Ta-tenen (terra emergida), personificando o outeiro de Hermópolis. Depois de se ter criado, criou oito outros Ptahs, como partes constitutivas de si mesmo, que formavam uma Enéada com ele: Aton, o pensamento; Hórus, o coração; e Tot, a língua.¹¹

Osíris era o deus que simbolizava um faraó assassinado pelo irmão enciumado, Set. Nesse mito conta-se acerca da dor de Ísis, esposa de Osíris; do amor de seu filho Hórus, que vingou a morte do pai, e da ressurreição

de Osiris. O culto a Osiris se tornou bastante popular no Egito. O seu mito passou a associar-se à sucessão real: Osiris era o rei morto, e Hórus, o rei vivo.

Osiris era um deus rico em mitos, manifestações, implicações astronômicas, agrárias e sociais. Era definido como o grão que renasce após haver sido enterrado, como o Nilo que se enche depois da estiagem, como a Lua que resplandece após um período de invisibilidade, ou como o Sol que reaparece após a noite. Era o protótipo do príncipe que se perpetua em seu filho que, depois de sua morte, descobre a sobrevivência espiritual. Observa-se que o deus é associado à periodicidade dos fatos naturais. Existe um intercâmbio constante entre o deus e as forças da natureza; pode-se atuar sobre a natureza atuando-se sobre o deus, mediante os ritos.¹²

A lenda de Osiris pode ser encontrada no opúsculo grego de Plutarco, *Sobre Ísis e Osiris*, composto no final do primeiro século de nossa era, segundo antigas tradições. A narração grega difere um pouco da egípcia. Segundo as fontes antigas, não retoma seu reino terrestre. Isso acontece com Hórus, seu filho, que mata Set, vingando a morte do pai. Osiris, embora revivificado, reinaria em outro mundo.¹³

Os nomes dos deuses dizem respeito às suas características. Em função de seu nome, o deus adquire predomínio sobre determinada coisa. Sekhmet significa “a poderosa”; Nebtu, “a senhora da terra”; Mut, “a mãe”. Em alguns ritos, havia a obrigação de invocar o deus com todos os seus nomes; outros, principalmente Osiris, eram aqueles cujo nome permanecia em segredo.

Quanto aos atributos fundamentais dos deuses, o primeiro é a vida e a duração, podendo alguns deles morrer nos mitos. Os deuses dispõem de poder e de força, mas não ilimitados; eles não desejam alterar os fenômenos naturais, pois querem manter a ordem com a ajuda dos homens. Os deuses não são oniscientes. Somente Amon, o demiurgo, parece possuir o conhecimento total; é o criador do mundo e será seu destruidor.

Com a teologia cósmica, os egípcios passaram a considerar um deus primordial, criador dos homens e de todas as coisas, ao lado de um grande número de outras divindades. Não se sabe se esta era uma concepção monoteísta; entretanto, várias inscrições atestam a veneração a um único deus. Ademais, durante um longo tempo, houve o culto solar, associado a Amon, qualificado de eterno, onisciente e onipresente. Os demais deuses deveriam reconhecê-lo como seu senhor.

Revolucionário foi o culto desenvolvido por Amenófis IV (1375 a.C.) a Aton (Ra-Horakht), deus representado pelo disco solar e os raios solares (Ra) no horizonte (Hórus). Esse faraó abandonou o culto a Amon.

e mudou seu próprio nome de Amenófis ("Amon está satisfeito") para Iknaton ("Aton se apraz"). A divindade agora não é mais o Sol, mas seu calor e sua luz, fonte de energia, potência vital. Aton podia ser adorado por todos os povos do Império Egípcio e era benevolente com todos, independentemente de sua condição social. O *Hino Solar de Amenófis IV*, inscrito nos templos de Tell al-Amarna, expressa as tendências monoteístas do culto a Aton.

Amenófis ou Amenhotep construiu nova capital no deserto, Cuniatonu, e proclamou-se sumo sacerdote do deus Aton. Oferecia-lhe frutos e flores. Mandou destruir o templo de Amon e reduziu seus sacerdotes a escravos. Seu genro, porém, voltou a Tebas e abraçou novamente o culto a Amon-Ra. Seu nome Tutancaton tornou a ser Tutancamon.

O monoteísmo egípcio ocupa as preocupações dos estudiosos, que desejam encontrar nele os restos do monoteísmo primitivo. Os sacerdócios locais dão idéia de monoteísmos secundários, atribuindo-se ao deus local a maior quantidade de aspectos possíveis. A unidade dos deuses testemunha a unidade do mundo. Entretanto, a tendência à unicidade podia significar o caos, pois o ensino da mitologia egípcia mostrava que a ordem do mundo era resultado da diferenciação dos seres imaginários, isto é, da multiplicação de deuses.¹⁴

Os mitos eram indispensáveis para os ritos, proporcionando seu significado. Muitos são os mitos egípcios, apesar das fontes serem reduzidas. Eles são reconstruídos a partir de alusões nos rituais. A maior parte dos mitos refere-se a breves declarações.

Um mito relacionado a Osíris conta assim:

Assim veio tranqüilamente Ra a Heracleópolis, para ver seu filho Osíris. Encontrou-o sentado em sua casa, com a cabeça inchada pelo calor da coroa, que sustentava. Então Ra amaldiçoou esse inchaço, tirou o sangue, o pus e a corrupção, que se derramaram num pântano. Ra disse então a Osíris: "Olha, provocaste um pântano com o sangue e o pus da tua cabeça." Esta é a origem do lago sagrado de Heracleópolis.¹⁵

Não se fez até o presente uma organização dos mitos egípcios, mas apenas uma investigação filosófica prévia dos mesmos. Os mitos egípcios representam fenômenos naturais e sociais como, por exemplo, o retorno da Lua ou o estabelecimento da sucessão do reinado.

Os mitos possuíam a aparência de cosmogonias, isto é, estavam ligados à origem e evolução do universo, uma vez que o egípcio não demonstra uma clara compreensão do tempo: o que aconteceu antigamente é o mesmo que acontece hoje e no futuro. Assim, para se compreender o que acontece no cotidiano, é preciso compreender o que

aconteceu na primeira vez. A criação aparecia como a tomada de consciência do demiurgo, que é oposta à desorganização e ao caos inicial.¹⁶

Na Estela de Chabaka, do final do 8.^o século a.C., onde aparece transcrito um papiro muito antigo, está registrado que o demiurgo Aton se transforma no artesão Ptah pelo seu próprio pensamento. Em seguida, Ptah pensou os outros seres, pronunciou-os e eles vieram a existir. Ptah se faz presente, desta forma, em todos os seres, através do pensamento (coração) e da palavra (língua). Se aplicássemos a idéia egípcia da divindade em cada ser, poderíamos afirmar que nosso Deus deve estar em cada um de nós, no pensamento e na palavra. Deus nasce em nós, cristãos, no pensamento, e emana de nós pela palavra. De todo o coração devemos aceitá-lo e deixar que domine todo o nosso pensamento; com nossa língua, isto é, com as palavras, devemos proclamar suas verdades aos outros.

Ao demiurgo egípcio, entretanto, não está reservado todo o poder criador, mas também aos outros seres que participam da criação.

Outra preocupação, expressa nos mitos e explorada pela teologia, é a da continuidade e da renovação das gerações. "Em princípio, o pai renasce em seu filho e o filho se converte em seu próprio pai, tal como o sintetiza uma das formas de Amon, o 'touro de sua mãe', de maneira que a continuidade não se interrompe jamais."¹⁷ Dessa idéia se origina a formação de tríades em diversos santuários: deus pai, deusa mãe e deus filho, todos unidos numa personalidade, como que emanando do pai. Esse tema é encontrado no mito de Osiris.

Encontramos também os mitos escatológicos, particularmente no Livro dos Mortos, muito conhecido em todo o Egito depois do Império Médio. De um diálogo de Osiris e Aton, deduzimos que é prometida a vida eterna a Osiris; seria uma sobrevivência em idéias, pois tudo que foi criado (a matéria) voltaria ao incriado, à desordem; o próprio demiurgo voltaria a ser o incriado.

Outras tradições mitológicas referiam-se ao curso do Sol e da Lua, dos astros, da enchente do Nilo, do crescimento da vegetação ou da elevação do céu acima da terra. Cada santuário possuía suas lendas para explicar os usos locais ou o nome do santuário. Existiam lendas relacionadas a cada objeto sagrado, cada árvore, cada animal, cujo significado compreendemos ao ler o papiro *Jumilhac*.

Não existia no Egito uma *teologia* no sentido da teologia cristã, mas existia uma reflexão sobre a divindade; essa teologia não pode ser desvinculada da mitologia. Segundo o mito, no combate entre Set e Hórus, este perdeu um olho, que depois lhe foi restituído. Por assimilações, o olho de Hórus pode simbolizar tudo que é precioso. A teologia egípcia caracterizou-se pela assimilação de conceitos vagamente parecidos.¹⁸

Essa assimilação ou síntese levou a teologia egípcia a agrupar os deuses em colégios, e a fórmula mais aceita foi a Enéada, embora o agrupamento às vezes contivesse mais do que nove deuses. A síntese mais brilhante foi a de Osíris e Ra. Ra, fonte de todas as energias, proporcionava força a todos os deuses. Assim, existia um Amon-Ra, um Sebek-Ra e um Khnum-Ra. Osíris, um deus morto, residia nos subterrâneos. Com a síntese de Amon e Osíris, o pensamento egípcio concebeu um deus somente, cuja perfeita unidade está definida na Estela de Abidos, de Ramsés IV. A união dos dois deuses é concebida como a "alma completa". Essa síntese data do Novo Império, e sua figura é uma múmia (Osíris) com a cabeça de carneiro (Ra).

Na época final do Império Egípcio, apareceram os deuses com aspecto de animais: associação de pessoa e animal. Essa associação simbolizava a oposição entre o deus e o mundo, ou entre o deus e o inferno. Esses deuses foram os que mais penetraram no mundo helenístico e romano.

Da mitologia egípcia, enfim, deduzimos que desenvolveu-se em torno de combinações binárias. "(...) Em um grande número de templos é evidente que o enunciado simultâneo dos termos opostos tem servido para expressar a noção de uma totalidade, tanto a do ciclo solar, expressada pelo par Osíris e Ra, como a do universo, sugerida pela expressão 'aquele que é e aquele que não é'".¹⁹

O relacionamento entre os deuses e os homens, na religião egípcia, postula duas implicações: a piedade pessoal e a moral.

Os testemunhos de piedade pessoal que chegaram aos nossos dias são poucos. Podem ser encontrados na religião popular, nos oráculos, nos sonhos, na astrologia e no antropomorfismo. A religiosidade popular revelou um sentimento de humildade diante da divindade, diferente de humanismo orgulhoso. Os oráculos acabaram fazendo parte da prática jurídica e administrativa; segundo essa prática, dos oráculos do deus o escriba buscava orientação com ele e respondia às questões de justiça e direito.

Os sonhos proféticos eram privilégio apenas dos reis e personalidades muito importantes. O povo, em geral, tinha visões cotidianas que eram interpretadas pelos intérpretes dos sonhos, em casas próximas aos grandes templos. A astrologia somente começou a ser utilizada no Egito sob influência estrangeira, na época do Império Grego, e não era de origem egípcia.²⁰

Os deuses, objetos da devoção popular, não eram os grandes deuses inacessíveis, mas figuras mais familiares, esculpidas às vezes em pequenos santuários campestres em forma de árvores ou animais (tours, carneiros,

crocodilos, gatos, peixes e serpentes). A teologia egípcia ligava esses deuses menores aos grandes, denominando-os de *ba* deles. *Ba* é a faculdade de relação entre o real e o imaginário, a faculdade de manifestação. O carneiro de Mendes, por exemplo, era o *ba* de Chu, Ra, Geb e Osiris.

O antropomorfismo influenciou o culto dos animais, tanto que fizeram de cada representante da espécie um morto digno de ser mumificado.

Finalmente, havia a concepção do deus que mora no homem, mais como tentativa para explicar as diferenças de caráter. Por exemplo, no homem violento morava Set, não no sentido de possessão, mas apenas de referência.

A outra implicação do relacionamento dos deuses com os homens, além da piedade pessoal, é a moralidade. Quando a pessoa morria e era mumificada, retiravam-se todos os seus órgãos internos; no lugar do coração era colocada uma pedra com uma inscrição, cuja finalidade era aplacar a ira dos deuses e não revelar todo o comportamento da pessoa em vida. Um desenlace feliz dependia do respeito a alguns tabus e da observação de preceitos de interesse social.²¹

Para Amenemope, o homem era argila e palha, e Deus, seu arquiteto, que o destrói e reconstrói a cada dia; Deus abate a mil segundo sua vontade e eleva a outros mil quando é sua hora na vida, e o coração do homem era o nariz de Deus. Essas idéias deixam claro a transcendência de Deus, não comum ao sistema egípcio. Depois de Amenemope, a moral egípcia seguiu uma corrente leiga e outra acentuando seu caráter religioso; alguns achavam que o destino estava nas mãos do deus e que a moral era o guia dos homens; outros buscavam a felicidade nos caminhos do deus.

Encontram-se alusões à preocupação dos deuses com os homens. Ra, por exemplo, decidiu destruir os homens, mas arrependeu-se depois e veio salvá-los. A benevolência é característica dos deuses. Um texto, encontrado em vários sarcófagos do final do Antigo Império, descreve quatro boas ações do criador em favor do homem: criou os quatro ventos; criou a grande inundação; criou cada homem parecido com seu irmão e não ordenou que cometesse transgressões; não fez seus corações ignorantes quanto à vida futura, para que ofertassem aos deuses.²²

Além dessas características, observa-se que os deuses egípcios dependiam de ajuda dos homens para vencer os poderes do caos que ameaçavam a ordem estabelecida; enquanto isso, o povo, menos consciente, menos intelectual e menos orgulhoso, esperava socorro dos deuses contra esse mal.

Os cultos aos grandes deuses admitiam, em ocasiões especiais, a participação de todo o povo, como nas grandes festas. Além disso, o povo

cultuava seus deuses nos santuários campestres, oferecendo-lhes flores, frutos ou sacrifícios, segundo suas possibilidades.

A sobrevivência após a morte era a grande preocupação dos egípcios. A vida após a morte era o reino da felicidade, uma extensão da vida terrena sem suas vicissitudes. Por isso, em vida, a pessoa construía a sua morada eterna, zelava pela conservação do corpo que, após a morte, era mumificado.

Inúmeras preces e ritos funerários eram inscritos nos túmulos, contendo fórmulas para acompanhar o morto até que encontrasse “as belas sendas do Ocidente”. A imortalidade inicialmente era privilégio dos faraós; mas estendeu-se aos nobres e até mesmo se popularizou. A vida eterna era considerada um prêmio para as boas ações e para a obediência rigorosa aos ritos.

Inúmeros papiros que compõem o conjunto do Livro dos Mortos contêm as idéias religiosas dos egípcios. São um verdadeiro código de moral prática, que orienta para a vida e para a morte.

Criam os egípcios num julgamento após a morte. O morto seria recebido por Anúbis, à porta do inferno, e conduzido até Osíris, que pesaria o coração na balança. Osíris era o protetor dos mortos. Ressuscitado, ele encarnava os problemas humanos da morte e da sobrevivência. Aos mortos, emprestava-lhes seu próprio nome quando eles se apresentassem perante o tribunal divino. Um homem chamado Neferhetep, após a morte chamar-se-ia Osíris Neferhetep. Não se tratava de uma absorção da personalidade do morto pela de Osíris, mas uma identificação jurídica, através da qual o morto era protegido pelo deus contra os espíritos perniciosos. O julgamento dos mortos seguia alguns rituais; entre eles há a declaração da inocência do morto. O homem justo e que agiu conforme os preceitos estabelecidos alcança a vida eterna. O que não tem Maat (filha de Ra) no coração é iníquo e rebelde.²³

O morto levava oferendas aos deuses, após ter sido purificado e ungido com óleo de oliva; trajava vestimentas e sandálias brancas e apresentava aos deuses sua “declaração de inocência” (a inscrição na pedra, no lugar do coração).

Ra, o “mestre universal”, e Maat, sua filha, eram os juízes supremos dos mortos. Ra conhecia tudo e podia julgar as ações humanas. Maat, representando a ordem cósmica, o equilíbrio, a justiça e a moral, tinha a decisão final. A balança fazia justiça aos mortos. Desde o Império Antigo, ética e magia apareciam juntas em Maat. Através de sortilégios, a balança da justiça se equilibrava e favorecia o coração do morto; este era levado por Osíris para o Ocidente, lugar de repouso do justo.²⁴

Os deuses, os mitos e as crenças determinaram os cultos e ritos praticados pelos egípcios.

2. CULTOS E RITOS

Segundo as crenças dos egípcios, o mundo estava na iminência de ser destruído; daí a importância dada às preces e aos ritos, visando sustentar e revigorar as leis da natureza e a ordem da sociedade. Os deuses garantiriam o equilíbrio do universo. A estrutura da sociedade era legitimada pela religião. Os ritos tinham o objetivo de manter a felicidade na vida e a sobrevivência após a morte. A ação divina do faraó determinava a disposição dos canais de irrigação, a fertilidade do solo e outros fatores naturais.²⁵

As leis naturais e a própria história egípcia, cujo esplendor durou 3.500 anos, acham-se vinculadas a um sistema religioso bem elaborado. Os *nomos* eram as divisões territoriais do Egito de então, e em cada um eram celebrados cultos locais específicos. Em certo *nomos*, o céu era representado pelo ventre de uma vaca com as estrelas afixadas; noutro, o céu era representado por um rio sem limites, onde o Sol, a Lua e as estrelas vagavam como barcos. Unindo-se esses *nomos* e suas representações, o céu tornou-se semelhante a uma vaca, em cujo ventre navegavam barcos transportando os astros. Os deuses também podiam ser combinados numa única entidade. Essa singularidade tinha repercussões políticas.²⁶

Essa unificação de *nomos*, a partir do quarto milênio a.C., passou a resultar na assimilação de um pelo outro. Um deus mais poderoso acabava dominando vários territórios. A religião justifica então o poder e a dominação. Foi sob o reinado de Menes que o Egito foi unificado; a religião se tornou cósmica e a divindade foi além de uma figura humana, identificando-se com a ordem do universo. O controle e aproveitamento das próprias enchentes possuía vinculação religiosa.

“Uma vez que a religião constituía a forma básica de controle da organização social, cada mudança de dinastia acarretava alterações no culto, conforme o estilo flexível do sistema religioso” (vejam-se os sistemas existentes já abordados). “Ao poder central correspondiam os deuses cósmicos; ao poder local de certos *nomos* correspondiam certos deuses locais.”²⁷

A religião permeava todo o sistema social egípcio. O faraó nomeava o sumo sacerdote, e este, junto à hierarquia eclesiástica, exercia as tarefas de preservação dos locais sagrados e do ministério do culto divino.

Se o templo era a representação do mundo, os *ritos* eram sua dinâmica. As oferendas ou os dramas sagrados possuíam o objetivo de representar o futuro e de atuar no presente, isto é, influenciar o mundo exterior. Os ritos eram inumeráveis, variando as oferendas, as danças e os sacrifícios.

Os ritos adquiriam sentido litúrgico por causa dos mitos ou porque eram celebrados em terreno sagrado. No ritual diário, antes das oferendas, havia a preparação da estátua, hinos, gestos rituais — como acender lâmpadas, abrir selos, abrir portas etc.

Os deuses eram movidos pelos ritos. No templo eram liberadas as forças dos deuses.

O rito é a prova visível de que a ordem do universo é racional, e esta prova é necessária para assegurar o bom funcionamento da realidade conforme esta razão. A religião egípcia dos grandes templos havia chegado a um grau tal de intelectualismo que, quanto mais se refinava essa reação, mais aumentavam os ritos em número e variedade para corresponder à crescente quantidade de funções representadas e, simultaneamente, mais se diversificavam as representações de uma mesma função e mais ritos eram necessários para assegurá-la.²⁸

Havia os ritos de funcionamento e os ritos específicos de determinado santuário; estes possuíam um valor distinto. Eram mais representativos, uma vez que reproduziam, num grande templo, na presença do deus principal, a realidade das diferentes províncias com suas características.

Um outro tipo de rito era o chamado apotropaico. Em princípio, em todo sacrifício havia uma fusão do rito alimentício (sacrificava-se para dar alimento ao deus) com o rito apotropaico (assimilação da vítima a um inimigo).²⁹

Muitos outros ritos existiam no Egito, e deles temos conhecimento através dos papiros. Fabricavam estatuetas de cera com a efígie daquele que desejavam conjurar; escreviam seus nomes em folhas de papiro e depois golpeavam as estatuetas, pronunciando maldições.

O acesso ao templo era aberto aos familiares do deus e o serviço era muito discreto. Teoricamente, o rei era o único pontífice, como aparecia nas representações; as cerimônias sagradas, porém, eram realizadas pelos sacerdotes. Os ritos começavam bem cedo, quando o sacerdote acendia as lâmpadas, rompia o selo do ferrolho das portas, abraçava o ídolo para despertá-lo, lavava o deus e o vestia. Oferecia-lhe a refeição matinal; molava os alimentos simbolicamente e misticamente; em seguida, esses alimentos eram retirados do altar e servidos aos ministros do templo e aos privilegiados do rei, que possuíam pensão alimentar. Fechavam-se as portas. Essa cerimônia era repetida várias vezes por dia.³⁰

Alguns ritos objetivavam a pessoa do rei ou a realeza. Eram os ritos que purificavam e vestiam o rei quando ele entrava no templo. Por outro lado, a presença do rei no templo, em cada situação, é uma obsessão. Era ele quem apresentava e consagrava as oferendas, além de executar

os diferentes ritos. Segundo os rituais conhecidos através dos papiros ou das inscrições, não se pode determinar exatamente a função do rei nos rituais, pois em alguns lugares ele assumia maior importância do que em outros. A decoração dos templos, fonte essencial de informação sobre a liturgia egípcia, na verdade proporciona uma imagem que exalta a função real além da realidade. O rei podia ser substituído por um sacerdote, no drama de transmissão do poder real.

Parece possível determinar que a verdadeira função do rei era executar todos os ritos de funcionamento do universo, excluindo-se os dramas sagrados ou míticos que se desenrolavam entre deuses.

Os dramas sagrados faziam parte dos ritos. Os oficiantes não passavam de atores e não havia necessidade de espectadores. Algumas cenas dos dramas eram celebradas em segredo, no interior dos santuários inacessíveis; outras cenas requeriam a participação do povo, nos pátios exteriores ou no átrio do templo.

Os dramas sagrados diferiam dos ritos, pois deles os deuses participavam ativamente. Eles tomavam a iniciativa. Representava-se um mito, pois o drama também possuía a intenção do rito, de produzir na realidade os efeitos descritos pelo mito. O mais célebre dos dramas sagrados foi o chamado "Os Mistérios de Osíris", representado em muitos templos, onde havia um local especial para eles. Osíris era o deus da eterna renovação por excelência e, como tal, os dramas anunciavam essa renovação.

Um outro drama era o que celebrava o retorno da deusa Hathor-Tefnut. À sua chegada, que coincidia com o retorno da Lua, organizavam-se danças e cânticos executados por certos deuses especiais, acompanhados de representantes humanos.

A partir dos dramas sagrados, os *gestos* tinham lugar fundamental no culto e foram se complicando e multiplicando à medida que o culto ou ritual se aperfeiçoou. Sob a influência dos mitos, a liturgia foi enriquecida com novas cerimônias, através dos séculos; por outro lado, o conteúdo da liturgia foi incorporado aos próprios mitos.

Ritos funerários — Na pré-história egípcia, enterravam seus mortos como os outros povos, em postura embrionária, rodeados de oferendas. Do Egito histórico, têm-se registro de como os faraós eram rodeados de pompa por ocasião de sua morte; um tratamento que, aos poucos, passou a ser dado a um maior número de egípcios.

Junto ao cadáver, eram colocadas oferendas de alimentos e uma fórmula escrita, caso o serviço real desaparecesse. As tumbas-pirâmides visavam a acentuar a divindade do faraó.

Além dos alimentos depositados no túmulo, os vivos tomavam refeições fúnebres; havia ainda o culto diário, com oferendas colocadas

junto à tumba para alimentar os defuntos. A monarquia supria as oblações dos reis e de seus privilegiados. Quando a monarquia ficou empobrecida, os possuidores dos túmulos solicitavam a caridade pública, prometendo-se o benefício da intercessão, junto aos deuses, pelos que fizessem libação de água fresca e provisões. Não se obtendo resultado com essa medida, começaram a interferir as práticas mágicas, para tirar o defunto do embaraço e salvaguardar o seu amor-próprio, como afirma Etienne Drioton.³¹

Essas práticas mágicas começavam com uma fórmula, inscrita ou proferida: "Favor concedido pelo rei", enunciando-se a seguir tudo o que era necessário aos mortos. Essa prática tornou-se comum para corrigir a insuficiência de oferendas materiais aos mortos. A magia, então, estava mais relacionada aos ritos funerários. Os amuletos e as fórmulas recitadas estavam espalhados por todas as classes sociais.³²

A partir do Império Médio, os faraós começaram a conceder, aos que queriam recompensas, o privilégio de colocarem sua própria estátua num templo, consagrando diante dela uma mesa de oferendas e garantindo assim provisões para a eternidade.

Anualmente eram realizadas festas nas necrópoles. Com o tempo, foram instituídos os sacerdotes funerários, para tanto remunerados. Chegaram eles a traficar sepulturas, como outros faziam com outras propriedades.

Relacionada aos ritos funerários estava a muito conhecida prática da *mumificação*. A prática da conservação do corpo do morto é muito antiga (3200 a.C.). A primeira tentativa de embalsamar o corpo foi realizada com sal e várias resinas. Aos poucos, começaram a extrair as vísceras dos corpos (colocando-as em vasos próprios chamados canopos, depositados junto ao sarcófago) e a desenvolver a complexa técnica da mumificação. Aos sacerdotes cabia a tarefa de vivificar espiritualmente o morto, isto é, reconstituir suas faculdades mentais. O rito se chamava a "abertura da boca", e através dele o morto se tornava capaz de enfrentar seus inimigos além-túmulo. A múmia era reanimada com água do Nilo, com incenso e com o toque nos olhos, no nariz e nos ouvidos com um elizel de cobre. Junto ao corpo era colocada uma estátua da pessoa e uma máscara mortuária, cujo objetivo era substituir o morto, caso se decompusse.³³

A prática da mumificação foi aperfeiçoada por causa da entrada no Egito dos aromas asiáticos. Sob os Ptolomeus, a mumificação se dava mergulhando-se o cadáver em betume (petróleo) fervente, único método na época romana. O caixão ou sarcófago era coberto de fórmulas mágicas e imagens protetoras.³⁴

Outro costume comum era enterrar junto à múmia estatuetas de mulheres desnudas, sem pés e mãos, para não fugirem ou molestarem o morto. Como na outra vida havia necessidade de trabalho, tomavam uma das duas medidas: ou colocavam um decreto de imunidade elaborado por Aton, ou enterravam estatuetas de trabalhadores, ajudantes do morto, para o trabalho. Deste modo, seria garantida a paz ao morto.

Para assegurar a proteção do cadáver contra ladrões e serpentes, proferiam-se e gravavam-se maldições contra eles.

Além dos ritos funerários, bastante destacados na religião egípcia, havia as *festas* e os *festivais*. Nessas ocasiões, o faraó saía com grande aparato pela cidade, e a estátua do deus era carregada em procissão para fora do templo. Isso acontecia na comemoração do nascimento do deus ou de sua vitória sobre os inimigos. Além de participar da festa do Ano-Novo, a estátua também viajava para outras cidades e tomava parte das festividades de outros.³⁵

Nas procissões, a estátua proferia oráculos, para as decisões importantes. Conforme o ritmo daqueles que a levavam, deduzia-se a resposta afirmativa ou negativa. Apresentavam-se à estátua duas folhas de papiro, com decisões contraditórias; era escolhida aquela na direção da qual a estátua se encaminhava. Esse apego aos oráculos popularizou os animais sagrados que, movendo-se numa determinada direção, respondiam aos seus consulentes.

As procissões, muito comuns nas religiões antigas, fazem-nos lembrar das procissões realizadas dentro da religiosidade popular católica do Brasil, levando à frente seus santos de devoção.

O *Festival de Khoiak*, ou festival de Outono, era celebrado no primeiro mês de Inverno, quando o Nilo atingia sua altura máxima. Em relação a esse festival, era realizado o *Sed*, que celebrava o rejuvenescimento do faraó e a renovação do seu reinado. A festa era iniciada com uma cerimônia de sementeira.

A estátua de Osíris morto, moldada em ouro, em forma de múmia, era cheia de uma mistura de cevada e areia, envolta em esteiras de junco, colocada num recipiente pouco profundo e regada diariamente. Depois de alguns dias, era exposta ao Sol e enviada em misteriosa viagem com outras imagens. Depois era metida num caixão de amoreira e colocada numa sepultura, tendo-se removido a efígie do ano precedente. No 13.º dia da festa, início da sementeira do grão, realizava-se o funeral de Osíris para uma câmara subterrânea, onde a efígie, dentro de seu caixão, era colocada sobre um leito de areia. O festival chegava ao seu ponto mais alto no último dia, quando o deus erguia-se do esquife, assistido por Nefer-

de, Ísis e Hórus, e com a *crux ansata*, símbolo de vida. Esse festival foi representado nas paredes do templo de Denderah, ao norte de Tebas.³⁶

A coluna de *Djed* era um antiqüíssimo símbolo de Osíris. Sua elevação cerimonial indicava sua libertação da sepultura, como auge do festival de Outono. A festa de Khoiak era a ocasião oportuna para o faraó subir ao trono. A associação de Osíris com o grão que germina e os ritos de Outono demonstra que sua ressurreição estava ligada ao renovo anual da natureza e à subida e descida do Nilo. Os festivais osirianos eram numerosos ao longo das estações do ano agrícola, na maior parte dos lugares.³⁷

Festival das colheitas — Era consagrado a Min, deus local de Koptos, da fertilidade e do céu. A principal festa era celebrada no início das colheitas. A estátua era conduzida nos ombros dos sacerdotes, precedidos por um touro branco consagrado a Min. Atrás do touro vinham molhos de alface, a planta do deus; à frente da estátua ia o rei. Depois da estátua instalada e feitas as oferendas, o faraó cortava um feixe de espelta (espécie de trigo de qualidade inferior) e o ofertava ao touro para reforçar sua virilidade e evitar a esterilidade. O soberano era comparado a Min, que personificava a fertilidade dos campos de novo semeados, e sua função no ritual era garantir a abundância dos produtos.³⁸

No final do rito, quando o sacerdote proclamava: “Ave, Min, que fecundas a tua mãe. Quão misterioso é o que lhe fizeste nas trevas”, é provável que houvesse o casamento sagrado entre o rei e a rainha. Esse festival também tinha ligação com a cerimônia da coroação, pois saltavam-se quatro pássaros, que levavam a proclamação aos quatro cantos da terra: “Hórus, filho de Min e Osíris, tomou posse da grande coroa do Alto e Baixo Egito.” Significava o anúncio da eleição do novo faraó.³⁹

Ligados aos ritos funerários e aos festivais estavam os templos e as pirâmides, bem como os zigurates (em Babilônia).

3. CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS

As dimensões gigantescas e a imponentia das pirâmides e do zigurate demonstram a grande capacidade dessas civilizações em utilizar os recursos humanos e técnicos, a fim de alcançar os propósitos dos chefes.

O sentido religioso das pirâmides e dos zigurates é diferente. As primeiras são túmulos que demonstram a inconformidade com a morte e o desejo da imortalidade. Os monumentos babilônicos são templos que simbolizam as moradas dos deuses, visando ligar a vida dos mortais ao sobrenatural.

A inquietação humana, que levou os antigos a construírem tais monumentos, permanece até os nossos dias. Zigurate e pirâmides indicam,

“de modo simbólico, tanto o poder político como a fórmula intelectual capaz de explicar a ordem universal e justificar as diferentes atribuições individuais, de acordo com as classes em que se dividia a sociedade”.⁴⁰

Os zigurates babilônicos eram construções compostas de patamares superpostos, cujo número simbolizava a quantidade de planetas conhecidos. Para subir, havia escadas externas. Acreditavam que os deuses desciam sobre esses “montes” sagrados e retiravam-se após os rituais. Segundo as crenças populares, os zigurates ligavam a terra ao céu, e parece que a narrativa bíblica da Torre de Babel referia-se a um desses zigurates. No topo dos zigurates havia templos onde se realizavam cerimônias religiosas e mágicas; na parte mais secreta eram colocados os emblemas dos deuses e as estátuas.

Havia dois tipos de zigurate: um, composto de terraços sobrepostos, com rampas interligando-os; no alto havia um pequeno templo para o deus; o outro tipo era composto de terraços menos regulares, e a subida era feita por meio de escadas. O tipo de construção do zigurate e da pirâmide é o mesmo, mas o significado é outro, uma vez que o zigurate não possuía o túmulo real em sua base.⁴¹

O zigurate simbolizava a ligação entre o céu e a terra, e alguns de seus nomes demonstram isso. Uma tradição popular via nos zigurates um monumento fúnebre da divindade, símbolo da fertilidade e sujeita a eclipses anuais. Essas construções também serviam de observatório para os sacerdotes estudarem os presságios segundo os astros.

Todo zigurate e o seu templo recebiam determinado nome, afirmando o que realmente era. As estátuas vinham marcadas com o nome do fiel, que afirma uma qualidade e fala da benevolência do deus.

As pirâmides foram as construções-túmulos a partir da terceira dinastia. Antes delas, os mortos eram sepultados em túmulos conhecidos por *mastabas*. Se a sobrevivência da alma estava ligada à conservação do corpo, este era muito bem guardado. A parte principal dos túmulos era a câmara sepulcral, construída bem no interior da terra, longe dos depredadores. Dentro dela era colocado o sarcófago, rodeado de alimentos. Havia comunicação com o exterior através do nicho de oblação, semelhante a uma porta, por onde a alma saía e por onde recebia as oferendas.

Por cima da câmara sepulcral era construída uma superestrutura, cercada por muros de tijolos crus, com aspecto de palácio pré-histórico. Esses muros de tijolos foram substituídos pelos de pedra, com paredes lisas, e receberam o nome de *mastabas* pelos arqueólogos.⁴²

Várias salas foram sendo construídas para o culto fúnebre. As capelas começaram a ser decoradas com baixos-relevos e pinturas, retra-

tando o morto como um herói. Demonstrava-se a crença de que o morto podia ser alimentado e que podia sair para este mundo. Outras representações podem ser entendidas como imagens mágicas.

A partir da terceira dinastia, os túmulos dos reis começaram a se diferenciar dos túmulos comuns. Foi Zoser o primeiro que sobrepôs seis *mastabas* para seu monumento funerário, abrindo caminho para a construção das pirâmides. A escada formada pela pirâmide de Zoser simbolizava a ascensão do rei ao céu. Os arquitetos da quarta dinastia deram-lhe a forma lisa, mais adequada à estética e às tendências geométricas da época; o seu esplendor pode ser visto nos monumentos de Quéops, Quéfren e Miquerinos, em Gizé, e no de Snefru em Dahchur, dentre as 75 pirâmides do Egito. A pirâmide lisa perpetuou o mesmo simbolismo da ascensão do rei ao céu; sua forma era a mesma da pedra sagrada de Heliópolis, o *benben*, na qual a Fênix teria pousado, segundo a lenda. “Seu triângulo foi interpretado como uma gota de luz, os últimos raios do sol em contato com a terra, pelos quais o espírito do rei podia elevar-se até o astro.”⁴³

A pirâmide também era um lugar de culto, cujo santuário mais profundo era uma transposição da porta falsa (o nicho de oblação) dos túmulos antigos. Havia um longo corredor coberto que levava ao local das cerimônias fúnebres e do culto cotidiano do rei defunto.

Como nas planícies vizinhas de Tebas não podiam ser construídas pirâmides semelhantes às de Mênfis, utilizaram uma montanha, o Santo Cimo, como túmulo dos reis. O Vale dos Reis era estreito e somente construíram túneis profundos; pela primeira vez, os locais dos cultos funerários separaram-se dos túmulos, sendo alinhados ao longo do deserto, perto do Rio Nilo.⁴⁴

A *Esfinge* é uma enorme estátua construída no Vale dos Reis. É um leão deitado, com cabeça humana (às vezes criocéfalo). Simbolizava a união da força majestosa ao rosto real, e representava o faraó e o Sol no horizonte. Havia a Grande Esfinge na necrópole de Gizá ou Gizé, e outras esfinges, como acesso aos templos divinos (as estátuas de dromos). Podia trazer também a cabeça de carneiro ou de ave de rapina, representando sempre uma divindade.

Os templos — Locais importantes para a realização das cerimônias religiosas, no Novo Império (século 16 a.C.), os templos eram grandes palácios cercados por um muro. As cerimônias eram realizadas pelos sacerdotes, autorizados pelo faraó, salvo em épocas de festas especiais, quando todo o povo participava. Os templos egípcios não eram locais de sacrifícios, onde o povo participava, como os dos semitas; também não eram locais para reuniões e pregação como as sinagogas e os templos cristãos.

Os templos eram construções onde os egípcios guardavam seus deuses e seus animais sagrados; constituíam-se em mansões ou domínios dos deuses. Há referências a dois tipos de residências divinas, dependendo do fato de o deus ser proprietário ou hóspede. O primeiro era o deus local; o segundo era aquele que precisava cumprir uma função em relação ao primeiro, e permanecia próximo a ele.

Nem todos os templos se caracterizavam pela suntuosidade. Os lavradores e caçadores do Vale do Nilo construía simples choças, conhecidas por nós através dos hieroglifos. Os templos que perduraram foram os de pedra, os do final do império egípcio; uma vez que a tradição era grande, estes templos nos dão uma idéia dos mais antigos.⁴⁵

O templo se constituía na morada do deus e, como tal, deveria oferecer-lhe todas as condições de existência: alimentos, bebidas, vestidos e perfumes. Em seu santuário, cada deus era a força suprema do mundo; por isso, o edifício ao redor de sua estátua era a imagem do mundo. No templo solar de Neuserrê, da quinta dinastia, foram descobertas representações de cenas da vida tão precisas que se pode falar numa habitação das três estações ou de uma câmara do mundo, representando o conjunto de sua criação, sob os raios do deus Sol. O templo de Carnaque, mais próximo de nós, também é um símbolo cósmico.

O chão dos templos costumava ser de prata, cuja oxidação lembrava o barro negro, ou de granito negro; as colunas possuíam a forma de ramos que florescem, representando a vegetação do Egito. Pintura azul ao pé de alguma coluna simbolizava a inundação. A base dos muros possuía pinturas lembrando a natureza. A planta mais comum a ser pintada era o papiro.⁴⁶

Para se construir um templo sagrado, o primeiro passo era considerar o território sagrado, rodeando-o de tabus e barreiras, descritos nas inscrições. Desde a demarcação do terreno sagrado até a consideração do templo, o egípcio fazia a diferença entre o sagrado e o profano. A criação significava um oásis no caos; o templo representava a criação; logo, o que estava fora do templo significava o caos.

Para delimitar o local sagrado do templo, era construído um muro ao seu redor, como uma fortaleza, e inscrições garantiam sua imunidade jurídica. Essas inscrições podiam significar proteção contra inimigos políticos, quando narravam proezas guerreiras ou registravam os povos vencidos. Sob a porta, gravavam-se as cenas em que o faraó vencia os animais maléficos; eram sacrificados o hipopótamo, a tartaruga, o crocodilo e o antílope. O templo e seu portal simbolizavam verdadeiras fortalezas mágicas.⁴⁷

Para garantir a sobrevivência dos deuses, além de todas as condições naturais, com o tempo foi acrescentada uma espécie de abertura no teto para que os raios solares pudessem iluminar e aquecer a estátua divina.

Na decoração dos templos percebe-se uma interligação entre mitos e ritos. As inscrições referem-se aos ritos; os textos que se referem a cenas de oferendas aludem aos mitos. Não eram prontuários para ajudar os sacerdotes, uma vez que ficavam a dez metros do solo; as inscrições e cenas gravadas nos templos são os próprios mitos e ritos, essenciais na representação do mundo que é o templo.

Além do templo propriamente dito, havia no espaço sagrado jardins com o lago sagrado, oficinas, entrepostos e alojamentos para os sacerdotes e para os operários. O templo era construído de pedra, material eterno, enquanto as demais construções sagradas eram feitas de tijolo cru.

Concluindo, observamos que a religião egípcia era de fato mitológica e simbólica. Suas crenças, baseadas em mitos, contavam as façanhas dos deuses desde a origem do universo, e cada rito e construção possuía o seu simbolismo. A religiosidade do povo egípcio estava intimamente ligada à sua organização social, uma vez que o próprio faraó era considerado deus, com poder sobre a natureza e sobre o povo. Os ritos fúnebres obtiveram bastante destaque, uma vez que havia a preocupação em perpetuar a vida terrena para o além-túmulo; dessa preocupação também resultou a construção das grandes pirâmides, cujo objetivo foi preservar e perpetuar a memória e a vida do faraó.

Foi uma religião politeísta, ligada aos fenômenos naturais; por isso, representava seus deuses através de alguns animais, e utilizava grãos e plantas nas oferendas. Também estava permeada de práticas mágicas para coagir os deuses.

Quando Deus feriu a natureza do Egito, na época de Moisés, com as dez pragas, humilhou todos os seus deuses, inclusive faraó, e demonstrou sua majestade e poder como Deus único e verdadeiro.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PUECH, Henri-Charles. *Historia de las religiones*, v. I, 1977, p. 103.
2. CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*, v. I, 1973, p. 2.
3. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 107.
4. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 5.
5. JAMES, E. O. *Historia de las religiones*, 1975, p. 46.
6. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 154.
7. JAMES, E. O., *op. cit.*, p. 47.
8. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 178.

9. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 6.
10. DRIOTON, E. In: *As religiões do Antigo Oriente*, 1958, p. 26.
11. *Ibid.*, p. 26.
12. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 126.
13. DRIOTON, E., *op. cit.*, p. 26.
14. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 130.
15. *Ibid.*, p. 156.
16. *Ibid.*, p. 158.
17. *Ibid.*, p. 161.
18. *Ibid.*, p. 164.
19. *Ibid.*, p. 169.
20. *Ibid.*, p. 172.
21. *Ibid.*, p. 174.
22. *Ibid.*, p. 176.
23. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 10.
24. *Ibid.*, p. 10.
25. *Ibid.*, p. 2.
26. *Ibid.*, p. 4.
27. *Ibid.*, p. 6.
28. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 143.
29. *Ibid.*, p. 145.
30. DRIOTON, E., *op. cit.*, p. 40, 41.
31. *Ibid.*, p. 56.
32. *Ibid.*
33. JAMES, E. O., *op. cit.*, p. 44, 45.
34. DRIOTON, E., *op. cit.*, p. 54.
35. *Ibid.*, p. 41.
36. JAMES, E. O. *Os deuses antigos*, 1966, p. 147.
37. *Ibid.*, p. 151.
38. *Ibid.*, p. 152.
39. *Ibid.*
40. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 2.
41. CONTENAU, Georges. In: *As religiões do Antigo Oriente*, 1958, p. 102.
42. DRIOTON, E., *op. cit.*, p. 50.
43. *Ibid.*, p. 51.
44. *Ibid.*, p. 52.
45. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 131.
46. *Ibid.*, p. 133.
47. *Ibid.*, p. 137.

CAPÍTULO III

NATURALISTA E DIVERSIFICADA

(FENÍCIOS)

Antigamente, a Palestina tinha o nome de Canaã (1800 a 1200 a.C.) e abrigava diversos povos, originários da mistura de algumas raças semíticas. Quando Israel ocupou aquela faixa de terra, os cananeus formavam Estados separados ao Norte, na região denominada Fenícia pelos gregos (atual Líbano), e continuaram influenciando as regiões vizinhas.

Os fenícios ocuparam uma estreita faixa de terra entre a Cordilheira do Líbano e o Mar Mediterrâneo, o promontório do Carmelo ao Sul e a Ilha de Arado ao Norte. Isso aconteceu no terceiro milênio a.C.

A Fenícia compreendia as cidades marítimas de Tiro, Sidon, Bérto (hoje Beirute), Biblos e Arvade; cada um desses portos era o centro de uma nacionalidade distinta; cada cidade era livre e autônoma, exercendo preponderância, ora uma, ora outra, de acordo com a época, até que Tiro se tornou, por muito tempo, uma potência dominante (cerca de 1000 a.C.).

O poderio marítimo e comercial da Fenícia foi muito importante na Antiguidade. Através de seus portos, fazia-se o comércio do Egito e viajava-se para a Arábia e Mesopotâmia. Suas cidades também sofreram com as guerras do Egito e da Assíria-Babilônia. Em contato com os gregos, os fenícios receberam o nome de sidônios; sendo hostis aos povos da Grécia, de Chipre e da Ásia Menor, voltaram-se para o Norte da África e Espanha. Fundaram o grande império de Cartago, destruído mais tarde pelos romanos, sírios e cananeus.

Não se notam diferenças entre as crenças e os deuses dos fenícios e dos cananeus. Os aspectos particulares ocorreram através de certas influências estrangeiras posteriores.

Antes da helenização, apesar do contato constante com os estrangeiros e da independência de cada cidade, os fenícios preservaram sua

religião de infiltrações exóticas. A língua fenícia, por sua vez, era diretamente aparentada com a hebraica. Sua religião naturalista associava-se à dos cananeus.

Os fenícios sofreram a influência egípcia, bem como a conquista de alguns faraós; suportaram a invasão dos hicsos, a ocupação assíria e, mais tarde, a dos persas; viram-se afetados por movimentos de diversos povos estrangeiros.¹

Os fenícios eram práticos, vivendo do comércio e possuindo a melhor frota da época. A arte, a cultura e a religião fenícias eram uma mescla, um sincretismo de numerosas culturas limítrofes e superpostas, com uma base semítica.

Com a helenização veio a transformação dos antigos ritos agrários em cerimônias misteriosas destinadas à salvação da pessoa. A adoção do calendário solar introduziu uma *solarização* do grande deus e a astralização de seu retorno, enquanto que a reflexão teológica organizava os deuses em tríades, como a que se encontrava em Baalbek, reunindo Zeus, Afrodite e Hermes.²

Os arqueólogos descobriram templos, objetos e inscrições que nos informam sobre os cananeus e os fenícios. Outras informações procedem dos hebreus, gregos e latinos. As indicações bíblicas são as mais importantes das fontes estrangeiras, pois são anteriores às indígenas e ultrapassam as referências dos escritores gregos e romanos. As informações transmitidas por Filon de Biblos não são fidedignas, por diversas razões.

As inscrições fenícias não são numerosas nem amplas, mas as escavações de Ras Shamra (1929), a antiga Ugarit, levaram à descoberta de numerosos textos cuneiformes em fenício e seus dialetos que, embora incompletos, dão uma idéia das crenças e das lendas desse povo.³ Esse achado se compõe de tabuinhas de argila, escritas em 1300 a.C., que contêm relatos sobre os deuses e instruções sobre o culto.

É através dessas informações que tomamos conhecimento dos deuses, mitos, cultos e sacerdócio dos fenícios.

1. DEUSES E MITOS

O panteão fenício era muito parecido com o cananeu, o mesopotâmico e o semítico em geral. Os deuses eram uma personificação das forças da natureza ou de objetos e seres, onde se manifestassem. Organizavam-se em hierarquias quase políticas e freqüentemente familiares; as relações entre os deuses e os adoradores são semelhantes às dos súditos e seus reis ou dos familiares entre si.⁴

No campo persistiu uma adoração às árvores, fontes e montes, mas nas cidades criaram-se deuses pessoais e cultos superiores. Havia repugnância em pronunciar os nomes dos deuses; estes coincidiam com os nomes das pessoas.

Cada cidade possuía seu próprio deus, seu Baal particular, deus nacional e protetor. Logo que se fundava uma colônia, o primeiro cuidado era estabelecer um santuário, dedicado ao deus da metrópole. Baal não significava uma divindade única, mas uma abreviatura seguida do nome do local.

A noção do Senhor do céu era comum a toda a raça fenícia; ele era o poderoso autor de todas as calamidades e de toda felicidade. Os documentos de Ugarit deixam claro a passagem de certa ideologia religiosa para outra. El era o chefe do panteão antigo. Chamavam-no de Poderoso, Touro, Pai dos Deuses e dos Homens, Rei, Pai dos Anos. Ele era santo, misericordioso e sábio. Uma estela do século 14 a.C. o apresenta sobre um trono, majestoso, barbudo, vestido com longa túnica e tiara coroada por chifres. O texto 52 descreve El fecundando suas duas mulheres, Asherat e Anat, que lhe deram a Estrela d'Alva e a Estrela Vésper (Crepúsculo). Asherat era denominada Mãe dos Deuses, e dera à luz 70 filhos divinos. Com exceção de Baal, todos os deuses descendiam do casal primordial, El—Asherat.⁵

O mito de El prova que em época antiga ele era o autor da fertilidade terrestre, prestígio que passará a ser de Baal. Mesmo sendo apresentado como o “Senhor da Terra”, deus poderoso, El aparece nos mitos como alguém fisicamente fraco, indeciso, senil, resignado. Suas esposas lhe foram tomadas por Baal. A substituição de um deus criador por outro mais dinâmico é fenômeno freqüente. A promoção de Baal foi obtida por força e por astúcia.⁶ Os textos de Ugarit contam como Baal lutou e conquistou Yam, o mar, com a ajuda de Anat, que também o ajudou na luta contra Mot, deus da morte.

O fenômeno da substituição de um deus criador — bom e justo, autor da “idade do ouro”, que envelhece com o tempo e perde sua energia original — por um mais jovem, é muito comum nas religiões primitivas. Há duas explicações: o ser supremo, depois de ter criado o mundo, retira-se, torna-se ocioso e não mais intervém nas coisas deste mundo. Os povos de cultura agrária entendiam o fenômeno de forma diferente: o deus criador representava a ordem cósmica que permanece para sempre; os ritmos da natureza se alternam, por isso são atribuídos a um deus mais jovem e vigoroso.⁷

Tanto Baal como El significavam o princípio divino primordial. O mesmo pode dizer-se de outros deuses como Moloque (rei) e Adon

(senhor); este se converteu numa autêntica divindade, com uma história peculiar concreta. Esses deuses eram de origem natural, mas apresentavam um caráter antropomórfico. O controle de Baal sobre as chuvas se tornou popular. Daí o relato de 1Reis 18, onde seus sacerdotes clamam por chuva sem conseguí-la, apesar dos gritos e mutilações.

Como já foi mencionado, a cada localidade atribuíam-se um Baal. Em Tiro, o melhor documento traz os nomes das deusas Anat e Astarte, além de três formas do nome Baal, como Baal do céu (Baal-shamen) e Baal do Safon, invocados para desencadear a tempestade contra os navios do perjuro. Havia também o Baal do Monte Peor e o Baal do Líbano. Baal-Hamon, cartaginês, pode designar Baal de uma localidade ou Baal com a qualificação Hamanim — cipos solares —, que Isaías menciona ao lado dos *asera*. Era um deus solar representado com um resplendor sobre a cabeça e com frutos por símbolos. Nos monumentos aparece o carneiro, com o mesmo significado do touro. O nome Baal-Hamon alternava-se com El-Hamon, assim como Baal-Berit com El-Berit, no Livro de Juízes.⁸

Baal também vem acrescentado com seus qualificativos, de acordo com sua atividade: Baalmarfe, deus curador; Baalmarcod, Baal da dança; Baalçafon, Baal do vento norte. De todos os baalins (plural de Baal), Melcart de Tiro é mencionado com mais freqüência; o seu culto foi levado para longe pelas colônias saídas de Tiro. Ele é conhecido como Baal de Tiro ou Melcart, rei da cidade. Ele foi associado ao deus grego Heracles. O culto de Heracles em Tiro existia desde o tempo do rei Hiram, contemporâneo do rei Salomão. Hiram estabelecera o “despertar de Heracles”, cujo significado é desconhecido. Melcart era senhor da cidade de Tiro. No início, era apenas um deus solar, mas depois se converteu num deus marítimo e num verdadeiro herói da cidade, forte e corajoso.

Moloque só aparece em composição com outros deuses ou em nomes próprios de pessoas; as Cartas de Tell al-Amarna citam nomes como Abimilqui, Ilmilcu e Milquili; Milcu, nestes nomes, pode significar o rei, porque Moloque é um simples epíteto. Os cananeus viam em Moloque um deus solar, a quem ofereciam inúmeros sacrifícios de crianças. A Bíblia o considera o mais infame de todos os deuses.

Ao lado de Baal adorava-se uma divindade feminina, Baalat, a “Senhora”; é a deusa das forças produtoras da natureza, conhecida como a sensual Astartéia (grega). Primeiro Baalat aparecia como deusa local, de importância restrita; a concepção se alargou quando a Baalat de uma cidade passava a receber culto de fora. Melcat, a Rainha, correspondia a Moloque, como Baalat a Baal. Baalat e Melcat são duas formas

de Astartéia. As divindades, masculina e feminina, eram representadas por símbolos animais que exprimiam a energia criadora ou a força destrutiva: o touro e a vaca, o leão e as aves de presa.⁹

Baalat era a deusa do amor, da geração e da fecundidade (Istar, Astartéia, Atargátis), que caracterizavam as práticas de um culto obscuro. Na Fenícia, ela foi adorada como deusa guerreira temível, mas quase sempre como deusa do amor sensual em Tiro. As moedas a mostram de pé sobre um leão. Como divindade protetora das cidades, usava um penteado em forma de torre. Era adorada em colinas verdejantes ou em bosques sagrados. Os cultos mais célebres eram os da Astarte de Sidon e da Baalat de Biblos.

Da Fenícia, o culto de Astarte passou para Chipre e para a Sicília, onde se misturou ao culto grego de Afrodite.

Como a cidade de Biblos estava ligada ao Egito, Baalat foi identificada com a Hathor egípcia. A ela se invocava para prolongar os dias do rei. Em Sidon, Astarte tinha por sacerdotes os reis, mas o deus masculino era mais importante do que a deusa. Tratava-se de Esmun.

Yam era apresentado como “deus” ou “demônio”. Era o filho amado de El e recebia sacrifícios, como os demais deuses. Era também um monstro aquático, um dragão de sete cabeças, princípio e epifania das águas subterrâneas. O significado da luta de Baal com Yam, de um lado, é o triunfo da chuva sobre o mar e as águas subterrâneas; a vitória de Baal estabelece a ordem e a estabilidade das estações. Por outro lado, uma luta contra o dragão aquático demonstra o valor do jovem deus e o estabelece como soberano no panteão.¹⁰

Os deuses Yam, Baal e Mot desfrutavam de uma “existência circular”, isto é, reapareciam depois de mortos.

Mot era o deus da Morte, que reina sobre o mundo subterrâneo; era o único exemplo, no Oriente Próximo, de uma personificação (e divinização) da morte. Baal foi às profundezas com a intenção de vencer Mot. Antes de descer, Baal teve um filho para assegurar um sucessor, caso não voltasse à superfície. Baal morreu, não se sabe como — se vencido em combate ou se arrasado pela presença aterradora de Mot. Baal pereceu como Tamuz e outros deuses da vegetação. Nenhum outro Baal-Hadad tem destino semelhante.

Os nomes próprios fenícios possuíam caráter religioso e traduziam o poder, a sublimidade, o caráter celeste dos deuses, o seu poder libertador e protetor. Os deuses aparecem como dispensadores da existência e da felicidade, como senhores do destino e guardiões do direito. O homem é servo dos deuses; muitos nomes começam com *abd* — “o escravo”, *amat* — “a serva”, ou ainda *quelb* — “o cão”.

Adon (Adônís em grego) também era um título genérico, significando senhor, dono, amo. Vem associado a Astarte. Chegou a converter-se em divindade especial, pessoal, a mais importante da Fenícia, como Adônís de Biblos. Não conhecemos seu verdadeiro nome. Era um deus jovem, da Primavera, identificando-se com o egípcio Osiris; os dois mitos se influenciaram mutuamente.¹¹

No mito de Osiris, Biblos tem um papel bem importante. No mito fenício, Adônís era um belo rapaz amado por Astarte que, para não perdê-lo, encerrou-o numa caixa, colocando-o sob os cuidados de Proserpina, deusa infernal. Esta se enamorou dele e não quis devolvê-lo. O deus supremo (Zeus grego) resolveu o problema, estabelecendo que Adônís viveria seis meses sob a terra com Proserpina e seis meses sobre a terra com Astarte. Adônís caçava no Líbano e foi morto por um javali; o rio que levava o seu nome ficou vermelho por causa do seu sangue (segundo a lenda). Todos os anos celebravam-se as Adonias, festas em honra ao deus que ressuscitava na Primavera, com ritos de sepultamento e funerais. As mulheres plantavam os "jardins de Adônís" que simbolizavam os órgãos sexuais, que secavam e eram jogados na água, no dia de sua morte. Simbolizavam também o breve esplendor da Primavera que depressa murcha.

O mito de Adônís foi um dos mais célebres e poéticos de toda a história das religiões, e teve enorme influência; talvez tenha chegado à Escandinávia na forma do deus Balder (veja-se a religião dos germanos), e repercutiu na literatura de muitos países até os nossos dias.

As principais sedes do culto a Adônís eram o templo de Biblos e a Ilha de Chipre. Sua festa era caracterizada pela orgia.

Outros deuses fenícios eram: Tsaphon, Senhor do Norte, identificado com o cananeu Hadad; era o deus do céu e da atmosfera, da tempestade e do raio, e era representado por uma lança que o deus cravava no solo. Esmun, Senhor de Sidon, era a divindade da saúde e da vida, chamado pelos gregos de Asclépios ou Esculápio; sua versão feminina, Ashima, era adorada em Hamat, ao norte da Síria. Esmun era um deus terapeuta, particularmente próximo dos homens. Havia uma legião de deuses menores, nem sempre bem conhecidos, reduzidos, muitas vezes, a nomes sem significado hoje: Mazzol era a lua nova; Tanit equivalia à Artemis ou à Hera gregas; Gad e Meni eram a sorte; Misor, a justiça; Harosh, o carpinteiro etc. Pume-Elyum aparece freqüentemente como título divino, mas não conhecemos seu real significado; os gregos o traduziam por Pigmalião, herói de uma de suas lendas mitológicas.

Além desses inúmeros deuses, os fenícios também adoravam divindades estrangeiras, como: Alat (babilônico), Resef (deus solar e guerreiro

do Egito) e Atargátis (sírio). Havia uma grande variedade de cultos na faixa fenícia, atestada por numerosos documentos epigráficos oriundos de suas colônias. Cada colônia distinguia-se da metrópole pela eleição de seu próprio culto.¹²

Com a decadência da civilização fenícia, e dado o seu contato com outros povos, tornou-se comum o sincretismo. Um povo, cujas tribos contavam cada uma com os seus deuses, tinha facilidade em reconhecer deuses de outras nações. Por isso, observam-se nomes compostos de deuses, como Moloque-Osir, ou duas divindades reunidas numa só, como: Moloque-Baal, Esmun-Melcart, Moloque-Astarte, Esmun-Astarte. Isso podia significar que os dois deuses recebiam culto no mesmo santuário, e assim se estabelecia a relação entre ambos.¹³

O mito de Baal, Alian e Mot — Os textos disponíveis narram uma história complicada e incompleta. Baal teria reclamado que somente ele não possuía santuário. El autorizou a construção de seu templo. Os deuses fizeram sacrifícios e prepararam material e instrumentos de culto. Alian, irmão de Baal, encarregou-se da construção. Terminado o templo, Baal nele se instalou em meio a grandes festas e banquetes dos deuses. Baal, entretanto, sentia-se temeroso, pois seu trono se assentava sobre a tumba de Mot; este se queixava da escuridão, da falta de víveres e de espaço; Mot é convidado a participar de um banquete para contentar-se. Chegou o dia em que Baal e Alian morreram, e seu funeral foi celebrado. A deusa Anat e El pediram a Asherat um filho para reinar, e ela designou para isso Astaráris.

Anat, irmã e amante de Alian, pediu a Mot que lhe devolvesse Alian; como ele se negou, Anat o maltratou, esquitejou e dispersou os seus membros; Alian ressuscitou. Iniciou-se uma nova luta entre Baal e Mot, agora abandonado por El. Mot morreu outra vez e Baal reinou feliz. Com a ressurreição de Alian, a vegetação e a felicidade voltaram à terra. Esse mito explica a evolução vegetal durante o ano.¹⁴ Alguns, entretanto, o interpretam como uma parábola sobre a morte ou como um relato da escassez de víveres.

A lenda de Keret — Keret foi o primeiro rei de Sidon, considerado filho de El. Seu pai havia ordenado a ele uma luta contra a esposa de Terah, mas Keret não queria lutar, por medo do resultado. El lhe fez conhecer seu futuro, em sonhos. Keret devia subir a uma torre e fazer oferendas a El e Baal; travar uma batalha no Negebe, que perderia; empreender uma longa peregrinação por Edon e outros lugares, onde encontraria a donzela Meshet-Heri, a quem pediria “o favor de uma descendência”. Keret executou todos os mandados, bem como outras coisas. Terah fez sair a Lua nova e a incandesceu (tornou-a vermelha).

O relato se interrompe aqui, mas supõe-se que seu final fosse favorável a Keret.

A lenda de Danel — Rei de Tiro e filho de El. Era pai de dois filhos: Aqhat (Verão) e Pagat (fêmea). O texto é fragmentário e conta que Danel se queixava por não ter filhos; ofereceu muitos sacrifícios aos deuses, conseguindo o favor de El. Viveu em paz enquanto os filhos administravam seus bens e templos dos deuses. Para evitar uma chuva catastrófica, Danel aprisionou Baal. Não choveu durante sete anos, e as terras foram preparadas e semeadas. Depois, choveu por sete anos, e seu filho recolheu a colheita; mas foi considerado sacrílego e foi morto por ordem de Anat. Danel lhe fez um suntuoso funeral e, junto com a enfurecida Pagat, pediu a Anat para castigar o assassino de seu filho. Este ofereceu um copo de vinho a Danel e tudo acabou em paz. É outro mito agrícola.¹⁵

Para expressar as crenças e os mitos, existiam os ritos e o sacerdócio organizado.

2. RITOS E SACERDÓCIO

Os ritos e as festas religiosas dos cananeus eram semelhantes às dos demais semitas, inclusive os hebreus. Os cultos eram prestados em templos ou em áreas abertas, como os bosques sagrados. Os sacrifícios eram de três tipos: de adoração, de expiação e de comunhão.

Os cultos eram a expressão de suas crenças em deuses como senhores do universo, que se manifestavam nas forças da natureza (do Sol, da Lua, da chuva) e da vida vegetal, nas fontes e nos cumes.

As oferendas eram feitas em cumprimento a um voto, para livrar-se de alguma calamidade, ou para pedir alguma coisa. Ofereciam-se alimentos ou ornamentos para o templo ou para os sacerdotes. Acreditava-se que, junto aos deuses principais, havia uma infinidade de espíritos e demônios que deviam ser aplacados ou de quem era necessário se proteger. Cria-se também que parentes mortos exigiam uma comemoração regular para impedir que seus espíritos voltassem para castigar os vivos.

Comum entre os semitas era o sacrifício de uma parte dos prisioneiros de guerra (*herem*), em honra ao deus que havia facilitado a vitória ao seu povo. Diodoro fala de um sacrifício celebrado depois de uma vitória, durante o qual os mais belos prisioneiros foram sacrificados, em sinal de reconhecimento, perante a tenda sagrada. Isso demonstrava a fraqueza diante do poder dos deuses. Quando uma desgraça afligia uma nação ou cidade, era atribuída ao castigo de um deus por um pecado coletivo. Nessas ocasiões eram oferecidos sacrifícios humanos, principalmente

de crianças — prática horrível, efetuada particularmente em Cartago. Essa prática estava baseada na crença de que tudo pertencia aos deuses e que a pessoa devia desprender-se do mais querido.¹⁶ Quanto a esse sacrifício de crianças, Israel recebera ordem expressa de Deus para não passar seus filhos pelo fogo a Moloque (Lv 18.21).

Num pequeno santuário próximo a Aman, na Jordânia, foram sepultados ossos humanos, queimados em grande quantidade; a maior parte dos ossos pertencia a crianças. Os arqueólogos não podem certificar se eram restos de crianças sacrificadas ou que morreram de morte natural, sendo cremados depois.

No 4.^o século a.C., em Cartago, apesar dos progressos do helenismo, persistiam diversas categorias de sacrifícios, segundo o tipo de carne e segundo a porção entregue aos sacerdotes. O sacrifício ocupava um lugar importante na vida religiosa cartaginesa, e era dirigido por um clero numeroso e hierarquizado. O sacrifício humano continuava chocando os historiadores. Diodoro narrou a vitória dos gregos sobre os cartagineses em 310 a.C. Estes atribuíram sua derrota à cólera dos deuses, e sacrificaram a Cronos (Baal-Hamon) 500 crianças de famílias nobres. Apesar de aterrorizar os historiadores clássicos, tal episódio era um ritual conjuratório excepcional, semelhante àquele em que o rei de Moabe sacrificara seu próprio filho (2Rs 27).

Outra prática comum era a oferenda dos primeiros frutos da colheita ou dos primogênitos dos animais, costume antiqüíssimo e comum aos semitas, que parece ter sido anterior a estes povos.

Os sacrifícios eram realizados nas montanhas, nas colinas, nos vales, junto aos rios, fontes e lagos. Segundo o Livro de Deuteronômio, no local do sacrifício havia um altar, cipos, *asera* e uma imagem ou o nome do deus homenageado.

Parece que se esperava uma vida após a morte, mais elevada. Era importante a preparação das câmaras e dos fornos funerários, dos sarcófagos e dos esquifes. Ao lado do cadáver colocava-se toda espécie de utensílios e a imagem de divindades protetoras. As inscrições demonstram a ameaça dos deuses para quem perturbasse o repouso dos mortos. As *Refaim* (sombras) desejavam repousar em paz. Não havia sentimento de recompensa quanto à vida ulterior. Uma inscrição funerária assim registrou: “A vida foi-me arrancada prematuramente; toda a minha grandeza se desfez; lastimavelmente estou morto.”¹⁷

Ritos agrários — Em Biblos eram celebrados os ritos agrários, proclamando-se a morte e ressurreição de Adônis, o deus jovem da fertilidade. Nesta ocasião, uma procissão partia de Biblos para a Gruta de Aphaca, onde a efígie do herói morto era colocada, ao tempo da colheita,

em junho. As sacerdotisas de Baalat de Biblos traziam de volta à cidade o cadáver do deus, entre danças e lamentações fúnebres, ao som de flautas. Aguardava-se a ressurreição do deus na Primavera. As mulheres sacrificavam-lhe os cabelos ou prostituíam-se com estrangeiros, em benefício do templo. A natureza dava sinais da morte sangrenta: o Rio Adônis ficava vermelho (terras vermelhas do Líbano, arrastadas pelas chuvas primaveris). O sangue também corria os campos: as anêmonas eram as primeiras a florescerem. Na manhã seguinte à procissão proclamava-se a ressurreição de Adônis.¹⁸

Outro rito falava do renascimento dos grãos e das águas: os jardins de Adônis. Plantavam-se grãos, em potes de barro, que levavam poucos dias para germinar e logo murchavam; eram então jogados ao mar ou no rio com estatuetas de Adônis; simbolizavam as lamentações que deviam ressuscitar os deuses dos grãos e das águas.

As festas de Adônis também eram famosas em Antioquia e Alexandria do Egito. No 2.º século, suas festas compreendiam um mistério dividido em três partes. No primeiro dia, colocavam-se as imagens de Afrodite e Adônis em dois leitos; seu casamento fecundara a terra: flores, frutos e oferendas de todo tipo eram apresentadas ao par e consumidas num banquete. No segundo dia, mulheres descabeladas e despidas comemoravam os funerais do jovem deus, cuja estátua atiravam ao mar. No terceiro dia, o deus ressuscitava: após a dor universal vinha a certeza da renovação da natureza.¹⁹

Nas festas de Adônis costumava-se praticar a circuncisão e o sacrifício da virgindade, inspirados também na necessidade de resgatar, por um sacrifício parcial, o sacrifício completo da vida; é a idéia da substituição.

A classe sacerdotal era numerosa, variada e respeitada. Os sacerdotes (*kohen*) e as sacerdotisas possuíam um chefe (*rab kohanim* — grande sacerdote). *Gallab elim* (barbeiro do templo) e *amath elim* (servo do templo) indicam membros inferiores do sacerdócio. Havia também videntes e profetas (*sophe*), sendo famosos os de Melcart de Tiro. A deusa Astarte possuía oficiantes especiais (*qedeshim*) e oficiantes que viviam no templo (*qedeshot*) entregues à prostituição sagrada em honra à deusa do amor e da fecundidade.

Os colegas dos sacerdotes principais atendiam os pequenos santuários que ficavam no alto das colinas, os “lugares altos” mencionados na Bíblia, além dos santuários nas cidades menores e nas aldeias. Esses auxiliares de sacerdotes prediziam o futuro. A adivinhação foi aprendida nos manuais babilônicos e era aplicada em todas as formas possíveis.²⁰

Os sacerdotes possuíam a função de celebrar os sacrifícios. Em certas cidades, o sacerdócio da família real era hereditário. Nos escritos, um rei de Sidon é apresentado como sacerdote de Astarte; a mãe do rei Esmunazar de Sidon é sacerdotisa da deusa, demonstrando que as mulheres tinham um papel no culto.

Nos santuários havia objetos materiais, como os *asera* e os betilos, que não eram simplesmente feitiços.

As representações dos deuses fenícios em figuras mostram seres disformes, horríveis. A eles eram atribuídas as epidemias, as secas, os enxames. Os deuses eram vingativos. A ereção de estelas votivas, simples pedras onde estava escrito o nome da divindade, uma pequena dedicatória ou um símbolo, parecia ser agradável aos deuses. Eram levantadas em sinal de gratidão ou esperança de que o deus reconhecesse o ofertante.

As oferendas da paz (*shelem*) eram de comida (*minhah*), que podia se transformar em holocausto (*kalil*) ou imolação (*zebah*). Havia tarifas fixas nos templos; as ofertas eram derramadas, queimadas, ou parte era consumida pelo oficiante ou por este e pelo ofertante.²¹

O ofertante podia comer da carne ofertada junto com o sacerdote, num banquete, pois o sacrifício era sinal de devoção.

Ofereciam azeite, leite, banha e bolos, bem como uma variedade de animais: cabras, bodes, cabritos, aves domésticas e selvagens. O emprego do sangue de animais ou humano significava que a vida residia no sangue. A oferenda da cabeleira trazia a intenção de resgate, pois a força vital residia na cabeleira, assim como a alma no sangue. Daí a função dos barbeiros no templo.

Relacionados a esse povo estavam os hititas.

3. HITITAS

Na região da moderna Turquia, desde o ano 2000 a 1200 a.C., viveram os hititas; eles se misturaram com os hurritas, que influenciaram sua cultura e religião desde o ano 1200 a.C. Mesmo extinto o império hitita, sua língua e idéias religiosas continuaram vigentes em partes da Turquia até a conquista dos romanos.

Aquela região é montanhosa, o que diferenciava entre si a vida nas cidades. Cada uma tinha seu deus ou deusa, como os fenícios, e eram a divinização do Sol ou da tempestade. A eles prestava-se culto no templo principal. Um mito hitita demonstrava a dependência dos deuses em relação aos sacrifícios dos homens, pois, em tempo de catástrofes, o deus morria de fome por falta de sacrifício. Recebiam atenção também os espíritos da terra, do grão, do fogo, da vista, do ouvido, recitando-se

fórmulas mágicas para conseguir sua ajuda ou afugentar seus influxos maléficos.²²

Na capital Hattusas — a moderna Bogasköy —, o rei presidia o culto do deus-tempestade e da deusa-Sol, divindades nacionais. O rei era o sumo sacerdote desses e de outros deuses; por isso participava das festas aos deuses das diferentes cidades. Se o rei não participasse, poderia acontecer uma catástrofe no país. Daí encontrar-se uma série de orações proferidas por um rei para descobrir erros passados e confessá-los, para livrar o país.

Concluindo, observamos que a religião fenícia foi semelhante às outras manifestações religiosas cananéias de regiões vizinhas. Por causa de seus portos, que integravam a Fenícia com outros países — como o Egito e Mesopotâmia, e mais tarde com a Grécia —, a religião, a cultura e a arte foram afetadas, e acabaram num sincretismo, com base semítica. Sendo muito antiga, esta religião também estava baseada em mitos e era politeísta. Cada cidade possuía um deus protetor, com seu culto peculiar.

Caracterizou-a um sacerdócio organizado e hierarquizado, isto é, havia sacerdotes divididos em diversas classes, cada qual desempenhando determinada função nos cultos. Nos cultos havia oferendas e sacrifícios, até mesmo de pessoas (de crianças até prisioneiros de guerra, incluindo filhos de pessoas importantes). Estes foram condenados por Deus, que proibiu Israel de imitar tais sacrifícios. Além disso, havia os ritos agrários, relacionados às lendas ou mitos e, particularmente, à agricultura e às estações do ano.

A religião dos fenícios tinha um caráter naturalista, porque estava relacionada à natureza, e foi diversificada porque possuía diversos deuses, diversos mitos, acrescentando outros de povos vizinhos.

Mais uma vez destacamos que o estudo das religiões antigas, assim como a dos fenícios, nos auxilia a compreender as Escrituras Sagradas, bem como alguns costumes do povo de Israel.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CID, Carlos. *Historia de las religiones*, 1975, p. 244.
2. PUECH, Henri-Charles. *História de las religiones*, 1988, v. II, p. 31.
3. CID, Carlos, *op. cit.*, p. 245.
4. *Ibid.*, p. 245.
5. ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*, tomo I, v. I, 1978, p. 182.
6. *Ibid.*, p. 182.
7. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*, 1991, 2. ed., p. 174.
8. DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*, 1940, p. 224.

9. *Ibid.*, p. 223.
10. ELIADE, Mircea, *op. cit.*, p. 185.
11. CID, Carlos, *op. cit.*, p. 247.
12. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 34.
13. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 228.
14. CID, Carlos, *op. cit.*, p. 248.
15. *Ibid.*, p. 253.
16. *Ibid.*, p. 255.
17. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 232.
18. Citado por PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 175.
19. *Ibid.*, p. 175.
20. *El mundo de las religiones*, 1985, p. 71.
21. CID, Carlos, *op. cit.*, p. 254.
22. *El mundo de las religiones*, *op. cit.*, p. 72, 73.

CAPÍTULO IV

POLITEÍSTA E MISTERIOSA

(GREGOS)

Existe uma importância histórica nas religiões. Quando consideramos o papel das cidades gregas, o império helenístico e o império romano, observamos que desempenharam um papel muito importante na História da humanidade, principalmente sobre o mundo ocidental. O que aqueles homens pensaram sobre política, religião e filosofia, de certa maneira, formou nosso desenvolvimento cultural. Seus mitos, crenças e práticas religiosas, embora pareçam estranhos hoje, de alguma forma estão presentes em qualquer lugar do mundo atual.

Por volta do ano 1200 a.C., os povos arianos estabeleceram as bases étnicas sobre as quais se desenvolveu a cultura grega propriamente dita. Essa civilização durou até o quinto século antes de Cristo, quando foram conquistados pelos romanos.

Durante muitos séculos formou-se a religião grega, reunindo elementos heterogêneos da religião dos povos invasores e dos povos dominados, ou adquiridos na expansão pela Ásia e África, elementos esses que encontraram certa unidade dentro da religião grega.

As descobertas arqueológicas são importantes fontes que trazem até nós as informações sobre os gregos. As esculturas, os monumentos, as pedras gravadas, as moedas, os vasos pintados, os restos dos templos, são testemunhas das crenças e práticas daquele povo. Desses, as inscrições são as mais eloqüentes e estão guardadas no *Corpus Inscriptionum Graecarum*; são epitáfios, tábuas votivas, dedicatórias de estátua, oráculos, fórmulas, programas de festas, listas de rendimentos sacerdotais etc.¹

Consideramos a religião grega como sendo politeísta e misteriosa; ela foi mais uma das religiões antigas cuja crença num Ser Supremo degenerou-se na crença em vários deuses; essa crença foi acompanhada de diversos oráculos, adivinhações e mistérios, cujo objetivo era desvendar o futuro, explicar os mitos e compreender a atuação dos deuses.

Para compreender a religião grega, vamos abordar seus deuses e mitos, os mistérios gregos, os seus cultos e as grandes celebrações.

1. DEUSES E MITOS

A religião oficial grega possuía quatro características: politeísta, antropomórfica, monárquica e naturalista. Como naturalista, atribuía a cada divindade uma força da natureza; uma divindade superior regia as demais, e diversas receberam forma humana. Os deuses amavam, interferiam em favor dos mortais favoritos, encolerizavam-se, sentiam ciúmes, tinham rivalidade entre si. Apesar de haver certa identificação entre deuses e homens, havia um abismo entre ambos: a mortalidade humana. Os deuses não conheciam a morte. Quanto à vida no outro mundo, havia pessimismo, na maneira de pensar de Homero; o corpo era a fonte de toda a alegria presente, e a velhice e a morte eram um mal doloroso; no além-túmulo, as almas viveriam como fantasmas.²

Havia várias categorias de deuses: os olímpicos, que eram os mais elevados; os urânicos, que habitavam o céu; os da atmosfera, que habitavam entre o céu e a terra; os terrestres, os marítimos e os do mundo inferior, que correspondia ao inferno. Mais tarde, os filósofos iriam classificar essa hierarquia como prenunciadora do monoteísmo; para nós, entretanto, primitivamente havia um monoteísmo que foi degenerado em politeísmo.

Os deuses olímpicos, que habitavam no monte mais alto, o Olimpo, eram doze: Zeus, Hera, Atenas, Apolo, Artemis, Hermes, Hefesto, Héstia, Latona, Deméter, Ares e Afrodite. Junto a esses, havia mais três não propriamente olímpicos — Poseidon, Hades e Dionísio.

Zeus era o pai e rei dos deuses. Segundo o conceito popular, Zeus possuía uma forma antropomórfica, com pais, irmãos e filhos. Os poetas possuíam um conceito mais depurado dele, assemelhando-se ao monoteísta; para eles, Zeus era o alimentador, protetor das colheitas, patrocinador dos navegantes e dispensador do destino. Era representado num trono com um cetro de raios na mão. Seus santuários mais famosos estavam em Dodona (Epiro) e em Olímpia (Elida, Peloponeso).

Zeus era o deus do céu, da chuva, dos raios e da tempestade; possuía traços de pai e rei. Diante dele, o homem era inferior, mortal e fraco. Para relacionar-se com Zeus, o homem deveria apresentar-lhe oferendas e admiração. Zeus possuía uma esposa e inúmeras concubinas; parece que isso simbolizava a paternidade e a realeza, duas forças unificadoras e reguladoras da sociedade.³

Zeus estava associado a inúmeras atividades e, de acordo com cada uma, recebia um epíteto. Zeus *erkeios* recebia o altar nas propriedades; Zeus *zenios* protegia os estrangeiros; Zeus *soter* era salvador. Cedo se dividiu em Zeus *octionio* e Zeus *celeste*, e muitos mitos locais se ligavam ao seu nome. O Zeus cretense era representado como deus das plantas, jovem, sentado num tronco de árvore, em meio às plantas: era o Zeus *felkanós*. O seu oráculo [veja-se oráculos] era uma autoridade respeitada desde a Antigüidade; defendia o território, protegia o lar e velava pelo direito.⁴

Hera, irmã e esposa de Zeus, era vaidosa, insolente, orgulhosa e implacável com seus inimigos. Protetora do matrimônio, era cultuada em Argos, Olímpia e Esparta. Possuía santuários também em Corinto e em Samos.

Hera tornou-se esposa de Zeus em virtude da associação de cultos. Era a deusa de Argos e repeliu as esposas mais antigas, Dione e Gaia. É uma das raras divindades que foram respeitadas pela corrupção da civilização em decadência e pelos cultos estrangeiros. Consagravam-lhe a vaca, como deusa dos campos que era. Hera transformou sua sacerdotisa em vaca, assim como Artemis transformou a sua em corça. A romã que a estátua em Argos segura na mão é o símbolo da fecundidade, assim como o cetro com o cuco na outra mão. Hera dava fecundidade às mulheres e as assistia no parto.⁵

Atenas nasceu da cabeça de Zeus, com casco, escudo e lança. Era a patrona da sabedoria e da guerra. Era venerada especialmente em Atenas. A inteligência era seu traço mais marcante. Interferiu sobremaneira nas narrativas dos poemas *Iliada* e *Odisséia*, talvez porque sua redação definitiva fora elaborada em Atenas.

De deusa da natureza, Atenas ou Atenéia se transformou numa divindade ética e política. Em tempos antigos era a ninfa silvestre associada à oliveira. Assim como acontecia com outros deuses, Atenéia se associou às divindades políades; era deusa da Acrópole, tanto em Esparta como em Atenas e em outras cidades. Numa moeda macedônica é representada lançando raios; as serpentes em sua imagem indicam suas relações com Eretu; no escudo usava a cabeça da Medusa, a qual matou ou que mandou matar por Perseu.⁶

Apolo era filho de Zeus e Latona, e considerado o deus da luz (solar), da poesia, da música e do canto. Dirigia as musas, divindades menores (dentre os deuses urânicos), em número de nove.

Apolo era um dos mais poderosos deuses da Grécia. Apresentava inúmeros aspectos diferentes, e não há como explicar a unificação de tantas divindades numa só. A forma mais antiga de Apolo é a do deus

dos pastores, associado a muitos deuses do campo. Aparece ainda Apolo Delfínios, deus do mar; o mito do Apolo Pítio foi mesclado com o do matador de dragões, o que significava a vitória de um culto sobre o outro, também comum na religião grega; Apolo Délío era o deus da adivinhação; Apolo como deus do Sol é formação recente, bem como sua associação ao deus mérido.⁷

Artemis era irmã gêmea de Apolo e deusa da caça, sempre armada de arco e flecha, virgem como Atenas e deusa da castidade. Sua ligação com Apolo (deus solar) a transformou em deusa lunar.

Artemis ou Artemisia era representada em ídolos feitos de troncos de árvore, e por isso considerada deusa das árvores e da fecundidade dos animais; era também deusa do urso e do leão. Em Brauron havia as danças do urso em sua honra. Tornou-se deusa da caça por causa de sua relação com os bosques. Os jovens espartanos se deixavam chicotear na presença de Artemis Orthia, talvez para substituir o sacrifício humano. Ao lado da deusa da caça e da fecundidade, havia a Artemisia Ctônia, adorada junto com Deméter e Perséfone. Artemisia como deusa da Lua aparece tardiamente, depois de Homero, pela influência atribuída à Lua sobre o orvalho, a fecundidade e a psicologia das mulheres. O seu arco servia para lançar sobre a Terra os raios da Lua, como Apolo fazia em relação ao Sol. Artemisia também era a guardiã da castidade das mulheres.⁸

Hermes era filho de Zeus e Maia e possuía sagacidade, astúcia e rapidez. Por isso era deus dos ladrões, viajantes e comerciantes. Uma de suas funções era ser o mensageiro de Zeus.

O hino homérico que conta o roubo dos bois por Hermes apresentava-o como divindade dos rebanhos e da fecundidade animal; por isso sua insígnia é a cabeça do carneiro. Vários mitos o apresentam como sagaz em sua relação com outros deuses. As estátuas de Hermes junto às sepulturas indicam que ele acompanhava as almas à mansão dos mortos. Hermes *enódios* protegia as estradas; Hermes também era o arauto dos sacrifícios e o mensageiro dos deuses (*diáctores*); dessa forma a arte posterior o representou (Hermes *loquios*). Hermes *dólios* era o deus dos ladrões. O emblema característico de Hermes era a vara que recebera de Apolo.⁹

Hefesto ou Hefaístos era o deus do fogo e da indústria dele derivada. Era filho de Zeus e Hera, e representado como feio, velho e coxo. Sua principal ocupação era forjar armas maravilhosas e tronos resplandecentes. Aquiles foi provido de armamento feito por Hefesto e, por isso, invencível.

Hefesto era apresentado como hábil e astuto, como o ferreiro do mito. Prometeu corresponde a Hefesto, mas é figura mais nobre. A festa de Prometeu, a *Prometheia*, compreendia uma corrida de archotes:

o pai passava o archote ao filho; este era um rito comum no culto de Hefesto.

Héstia era irmã de Zeus e dirigia os lares dos gregos. Rendia-se-lhe o culto doméstico.

Latona, mãe de Apolo e Artemis, era filha de um par de titãs. Seu santuário mais importante ficava em Delos, onde dera à luz.

Deméter, filha de Cronos e Rea, e irmã de Zeus, personificava a reprodutividade da terra e era deusa da agricultura. De sua união com Zeus nascera Perséfone, sempre unida à sua mãe. Seu culto era realizado em Elêusis, o mais importante centro religioso da época clássica. Na Arcádia, Deméter se encontrava unida a Poseidon.

Ares representava as guerras; era filho de Zeus e Hera. Sua cor era vermelha e inspirava temor por sua brutalidade. Representava tudo que era cruel e desumano.

Afrodite era a deusa da fecundidade, da beleza e do amor. Tivera numerosos amores, mas era considerada esposa legítima do feio Hefesto. Afrodite era uma deusa de origem semítica, isto é, sofreu influência estrangeira; tal fato pode ser identificado em seus mitos e ídolos. As estatuetas femininas nuas encontradas em Chipre eram diferentes das imagens da África antiga; os gregos provavelmente utilizaram imagens semíticas para representar a forma feminina nua em sua arte; também gostavam do mito semítico que cantava o amor da deusa por um belo adolescente que morreu cedo. O rito da prostituição, associado ao culto de Astartéia (Afrodite fenícia), foi introduzido também na Grécia. A Afrodite *areia*, a guerreira, é uma variante de Astartéia. A Afrodite das alturas, adorada em Corinto, Argos e no Monte Érix, é grega. Na *Ilíada* é conhecida como filha de Zeus e Dione. O mito de Adônis expressa, de maneira clara, a idéia sobre Afrodite. Essa deusa mesclou-se com Pandemos, antiga divindade política, e tornou-se “naquela que une o povo”.

Poseidon, irmão de Zeus, habitava o mar, num carro que corria impetuosamente sobre as ondas embravecidas, armado de um tridente. Provocava as tempestades. Famosa foi sua luta contra Ulisses, narrada por Homero em sua *Odisséia*. No mito de Deméter, Poseidon aparece como deus da fecundidade. No período antigo, Poseidon era um deus cavalo, isto é, dos campos que alimentam os cavalos.

Hades, junto com Zeus e Poseidon, era o terceiro dos filhos varões de Cronos e Rea. Hades recebeu o mundo das trevas, onde reinava num palácio de mármore com portas de bronze. Era o deus da morte, devorador de cadáveres. Não possuía um culto difundido, mas apenas ao lado de Deméter e Coré. Para ter uma esposa, teve que recorrer ao rapto de Perséfone (ou Coré ou Despoina). Era tímido e não se lhe rendia culto.

Perséfone enviava todos os anos à terra as plantas que a cobrem; como Coré, era deusa da fecundidade. Em Homero, Perséfone é apenas deusa da morte.

Dionísio era o mais jovial dos grandes deuses gregos. Era deus do vinho. Era impetuoso, intuitivo, oposto à razão e ao sistema. Representava a divinização do instinto. Quando nos referimos aos adjetivos apolíneo e dionisiaco, estamos falando de características opostas. Dionísio acabou se tornando a imagem das forças misteriosas, responsáveis pela fertilidade da terra e dos homens. Ele agia pela força interior dos seres, impulsivamente, e não como Apolo, que era sereno.

Seu símbolo era a árvore. Aparecia sob a forma de *anodos* em alguns vasos coríntios e áticos; *anodos* era uma epifania terrestre, própria das divindades da vegetação. Em sua representação, aparecia rodeado de demônios masculinos e femininos; eram os “dançarinos rellenos”, esculpidos nos vasos de Corinto.

Além dos deuses olímpicos, havia os *urânicos*, habitantes das regiões celestes: *Íris*, identificada com o arco-íris, sem culto próprio, mensageira da vontade de Zeus; as *musas*, cujo número variava entre três e nove, eram virgens que alegravam Zeus com seu canto e dança; as *cárites* correspondiam às *graças* dos latinos, e no templo clássico passaram a representar a harmonia estética abstrata; *Eros*, o mais jovem, representava a força da fecundidade e, no período clássico, assumiu a força mítica e poética.¹⁰

Os deuses da *atmosfera*, que habitavam o espaço intermediário entre o céu e a terra, eram: o Norte, Eos (a Aurora), Hélios (o Sol), a Lua e Eólio.

Os deuses *terrestres* relacionavam-se à fecundidade da terra e eram cultuados principalmente pelos camponeses: Pan, as ninfas e os sátiros.

As divindades *marítimas*, chefiadas por Poseidon, eram chamadas de “os velhos do mar”: Proteu, pastor das focas; Nereu, Glauco e Tritão, filho de Poseidon.

Dentre os deuses do *mundo inferior*, dominados por Hades, destacam-se Hécate, da raça dos titãs, e várias representações — às vezes, apenas símbolos literários; outras vezes, verdadeiras personificações (Aqueronte, rio infernal; Cocito, rio dos gemidos; Stige, rio das águas miraculosas; Cérbero, cão de várias cabeças; Keres, entidades tétricas; e outros).¹¹

Mitos gregos — Relacionados aos deuses estavam os mitos. Aos grandes poetas épicos, Homero (9º século a.C.) e Hesíodo (8º—7º séculos a.C.), devemos as informações mais positivas sobre as crenças primitivas dos gregos. Homero, com a *Iliada* e a *Odisséia*, e Hesíodo, com sua *Teogonia*, fixaram os mitos de forma poética, e lhes deram popularidade — tanto que eles duraram até o Império Romano.

Os deuses que Homero e Hesíodo descreveram foram um pouco diferentes, pois o primeiro se referiu à origem do processo, e Hesíodo, à sua conclusão. Homero explicou os deuses a partir dos mitos, segundo a imaginação dos poetas cantores, os *aedos*; já Hesíodo esclareceu as hierarquias dos deuses do Olimpo; para isso utilizou o critério da estrutura social da época, predominantemente agreste.¹²

Os mitos gregos eram importantes porque estavam ligados aos cultos. Ilustravam lugares do culto e explicavam certos ritos. O rapto de Coré, o *Ieros Gamos* e a apodemia de Apolo correspondiam a cerimônias.

O mito era a representação imaginária de um conhecimento abstrato em forma de uma narração concreta. As idéias abstratas eram expressas em forma de mitos: as forças da natureza e os princípios do bem e do mal eram concebidos como pessoas concretas e participavam de uma história. Essas histórias possuíam caráter dramático, com antagonismos, lutas, tensões, amores e alianças entre os personagens. No mito, por vezes apareciam contradições, e os deuses se interpunham em vários mitos; isto porque não havia a preocupação de expressar claramente uma idéia religiosa, mas expressar concretamente um sentimento ou idéia.¹³

Os mitos podiam refletir o processo da natureza, ou seja, nascimento, florescimento, maturação e colheita da vegetação, bem como o nascimento, juventude, maturidade e morte de um ser divino que logo ressuscitava. O mito também podia ser trágico ou etiológico, quando tentava explicar determinados fatos ocorridos. Algumas vezes os mitos eram grandiosos, ricos em sentimento poético; outras vezes, rebaixavam os deuses a condições humanas.

Os mitos gregos foram conservados pelas artes plásticas e pela poesia. A arte retomou as velhas figuras e as velhas histórias, embelezando-as e rejuvenescendo-as.

Mais tarde, na história da religião grega, quando surgiu um conflito entre as novas convicções e as novas necessidades do pensamento com as velhas formas da mitologia, estas foram interpretadas ou combatidas.

Teogonia de Hesíodo — No princípio era o caos. Dele surgiram Gaia (a Terra), Tártaro (o mundo subterrâneo), Eros (a força primordial que tudo une) e Érebo (a obscuridade e a treva). Da união de Érebo e de Nyx nasceram Etnér e Hemera (o dia); Gaia deu à luz Ouranós (o céu estrelado), às montanhas e a Pontos (o mar). Diz ainda Hesíodo que Gaia se uniu a Ouranós, e desta união nasceram os doze titãs, dos quais Cronos, o mais jovem, destronou Ouranós com o auxílio de sua

mãe, e tomou-lhe o lugar. Dele e de sua irmã Réia nasceram: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Mas Cronos, tendo sabido que seria por sua vez destronado por um de seus filhos, devorava a todos os que nasciam. Réia, atemorizada, retirou-se para Creta para dar à luz Zeus; depois confiou o menino à guarda da ninfa Amaltéia, dando a Cronos uma pedra embrulhada em panos, que ele devorou. Quando Zeus chegou à idade adulta, combateu o pai, conseguindo vencê-lo com a ajuda dos ciclopes, gigantes de um só olho, e dos gigantes de cem braços (hecatonquiros), também gerados por Gaia. Com a morte de Cronos, os titãs revoltaram-se contra Zeus, mas este os vence com o auxílio de outros três titãs, que ele libertara do jugo de Cronos. Desde então os titãs estão encadeados nas profundezas do Hades.¹⁴

Segundo esse mito, houve uma grande luta cósmica entre as forças telúricas (da terra) e as forças astrais; as primeiras representadas pelos ciclopes e os hecatonquiros, e as outras, pelos deuses olímpicos. O mito revela o contraste entre as forças terrestres (terremotos) e o mundo celeste (serenidade).

Na *teogonia de Zeus*, descobre-se a sua visão cíclica da História, em que a idade de ouro foi a de Cronos, quando os homens eram bons e havia abundância; seguiu-se a idade de prata, quando começaram a cometer injustiças e causar sofrimentos; logo veio a idade do bronze, com as guerras e discórdias, destacando-se os grandes heróis; estavam agora na idade do ferro, inaugurada por Zeus, que trouxe a infelicidade à terra.

O mito de Coré — Hades, deus do mundo ctônico (interior da terra), rapta Coré, filha de Deméter (notemos que Coré quer dizer *moça* e Deméter, *a mãe terra*). Irritada com Zeus, que não lhe queria dizer quem foi o raptor, Deméter deixa sua morada no Olimpo e vagueia pela terra, disfarçada de velha, à procura de sua filha. Chega a Elêusis, onde é recebida na casa do rei Céleos, e toma a seus cuidados o pequeno Triptolemo, a quem ensina a grande arte de cultivar a terra. Entretanto, como Deméter deixara de cuidar da agricultura, uma grande carestia sobreviu, e os homens chamaram Zeus. Este viu-se obrigado a revelar a Deméter quem raptara sua filha, mas como Coré tinha cometido a imprudência de aceitar de Hades uma semente de melagrama — outro elemento mítico da fecundidade —, foi obrigada daí em diante a viver com seu marido uma parte do ano, e outra com sua mãe, quando então volta a estação das flores e dos frutos.¹⁵

O mito de Adônis — Adônis morre em plena juventude sob as garras de um urso, o que simbolizava a morte repentina da vegetação primaveril sob os ardores do Sol; a deusa das forças naturais o procura, dá a

ele o seu amor e lamenta-se pelo seu desaparecimento. Notem-se outras observações na religião dos fenícios.

2. MISTÉRIOS GREGOS

Parece inconcebível que um povo tão afeito à cultura como o grego permanecesse nas formas arcaicas das crenças primitivas. Ao mesmo tempo em que surgiu Tales de Mileto (século 7.º a.C.), apareceu uma espécie de misticismo. Homero e Hesíodo não se referem à imortalidade, pois os banquetes fúnebres que descrevem nada têm a ver com a garantia da vida além-túmulo.

Aos poucos foram surgindo certos ritos misteriosos, que se espalharam por diversas cidades gregas. Seu objetivo era perpetuar a pessoa além da morte.

Havia os mistérios de Apolo, de Dionísio, de Elêusis e de Orfeu. Os mistérios se distinguiam dos cultos públicos. Eram freqüentados por livre escolha, e seu acesso era por iniciação.

Mistérios de Apolo — Relacionavam-se a um episódio do mito de Apolo. Este havia matado a serpente Pitón para libertar as musas ameaçadas e abrir caminho às artes. Apesar da boa ação, Apolo sentia-se manchado por causa do contato com o representante do mal e precisava purificar-se. O santuário de Apolo, em Delfos, possuía a finalidade da purificação para todos quantos tivessem sentimento de culpa.

Este culto de purificação logo se confundia com os oráculos de Delfos. Pitia, a sacerdotisa, sentada em seu banco, respondia às perguntas dos consulentes através de enigmas. Um corpo especial de sacerdotes colocava-os em forma de versos para satisfazer os consulentes. Apesar de aparência ambígua, as respostas da sacerdotisa possuíam profundo sentimento moral. Esta ambigüidade foi apresentada no julgamento de Sócrates, que se defendeu afirmando ter dito o oráculo de si mesmo: "Era o mais sábio de todos porque sabia que nada sabia." Esta sutil interpretação não foi compreendida, e Sócrates foi condenado.¹⁶

Apolo queria um culto humilde e simples; não gostava do espetacular e teatral. A este respeito está a inscrição no santuário de Delfos: "Aproxime-se puro de coração, estrangeiro, do santuário do deus da pureza. Lave-se na fonte das Ninfas. Algumas gotas são suficientes para os bons; mas o oceano não possui água bastante para purificar o malvado."

Mistérios de Dionísio — Apolo era considerado o deus da ponderação, do equilíbrio moral; era o deus do classicismo, das leis preestabelecidas, da moderação. Já Dionísio era o deus dos instintos, da paixão, e seu culto era o oposto do de Apolo. Dionísio fora incluído tardia-

mente entre os deuses olímpicos, tanto que não aparece na *Iliada* nem na *Odisséia*, apesar de seu espírito dionisiaco ser mencionado. É de influência estrangeira.

O culto a Dionísio era realizado mediante práticas turbulentas, nas quais o vinho desempenhava um papel primordial. Caracterizava-se pelas orgias, das quais participavam as bacantes (adoradoras de Baco), dançando freneticamente. A explicação para esse tipo de cerimônia era a evasão da pessoa, uma espécie de “catarse emocional”, para compensar os tormentos da vida cotidiana. As bacantes visavam chegar ao êxtase, em que perdiam a noção de si mesmas e se tornavam uma partícula do deus que estavam cultuando; como o deus era imortal, adquiriam uma partícula da imortalidade.

O culto a Dionísio era semelhante ao de Deméter, pois também estava ligado aos ciclos da vida vegetativa, em que havia aparições e desaparecimentos cíclicos (com a sementeira e colheita das plantas), associadas à idéia de morte e ressurreição. Essa mistura dos rituais dionisiacos com os de Apolo (Delfos) e de Deméter (Elêusis) deve-se ao fato de que Dionísio não possuía grandes santuários com sacerdotes, que atraíam peregrinos a uma festa fixa, como acontecia com Zeus, Hera, Apolo, Poseidon, Artemis e Atenas.¹⁷

Em certo sentido, esse culto significou uma busca de salvação, apesar dos meios utilizados não serem os melhores. Na atualidade ainda encontramos pessoas que se refugiam no álcool, nas drogas, nas danças, na música frenética, diante das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia.

Tanto os mistérios como as festas (tratadas adiante) estavam ligados à lenda de Dionísio: ao chegar à Ática como um forasteiro, Dionísio fora recebido por um agricultor, Icários. Em agradecimento, ensinou-lhe o cultivo da vinha. Icários difundiu o conhecimento pela Ática. Os pastores áticos, tendo bebido demais, acharam que haviam sido envenenados, e mataram Icários. Sua filha Erigone, ao descobrir o cadáver do pai, ficou desesperada. Iniciou-se uma onda de suicídio entre os jovens atenienses, que se enforcaram também. O feitiço somente é quebrado com a instituição da festividade de *aíora*.¹⁸

Mistérios de Elêusis — Eram os mais importantes. A cidade de Elêusis ficava a 15 quilômetros de Atenas, e no período clássico tornou-se famosa e muito visitada, dado o culto prestado nesta localidade. A popularidade do lugar devia-se ao fato dos iniciados de Elêusis se considerarem como possuidores da salvação.

Esses mistérios eram baseados nos ciclos do mundo vegetal; a vida sofrida dos escravos e metecos (duas classes sociais da Grécia) era recompensada pela esperança na comunhão com o divino após a morte; para

tanto servia o culto a Deméter, numa região campesina, sujeita às constantes variações atmosféricas. A representação do ritual do mito de Deméter desenvolvia o tema da morte e da bem-aventurança em outra vida.¹⁹ O belo poema intitulado “Hino homérico a Deméter” era a base dos rituais eleusinos. Ele cantava o rapto de Coré, filha de Deméter, por Aidoneus, senhor dos mortos (veja-se o mito de Coré). O mito de Coré era paralelo ao ciclo primaveril e pode ser associado ao ciclo do trigo.²⁰

Apesar de haver outros deuses em Elêusis, Deméter era o principal, o que se percebe na iconografia dos vasos e dos relevos encontrados nas ruínas da cidade.

Os mistérios de Deméter assemelhavam-se aos de Dionísio, com muito vinho e dança frenética. Esses cultos agrários queriam quebrar as barreiras estabelecidas pela pólis entre as ordens do humano e do divino, pois estabelecia uma religiosidade de inspiração política, ética e social.

Não transparece a idéia de imortalidade nesses mistérios, no sentido de ressurreição da alma após o aniquilamento do corpo. Um texto considerado inteiramente eleusino diz apenas que, no império dos mortos, haveria uma diferença entre iniciados e os não-iniciados.²¹ As iniciações que prometiam a vida bem-aventurada no Hades só em certas condições asseguram a felicidade: é preciso jejuar, purificar-se, não se manchar com sangue; são condições puramente exteriores.

Primitivamente, os rituais desses mistérios eram coletivos, tornando-se individuais mais tarde. Deles podiam participar todas as pessoas: homens, mulheres, escravos e estrangeiros, exceto os assassinos e bárbaros (que não falavam o grego). Em outros cultos secretos somente participavam certas famílias nobres ou sacerdotais. O hierofante, chefe do culto, e a sacerdotisa deveriam, entretanto, ser da família do fundador dos mistérios. Membros das famílias sacerdotais é que presidiam a cerimônia de iniciação.

A purificação dos candidatos era feita através da imersão no mar e da realização de sacrifícios. Os ritos de iniciação incluíam o jejum e a ingestão do *kykeon* (à base de cevada). Os purificados iam, em procissão, de Atenas a Elêusis, segurando archotes. Detinham-se nos santuários aos deuses e heróis que ladeavam a estrada. No templo em Elêusis, entravam na sala da assembléia, o *telestérion*, com capacidade para 3 mil pessoas. Pouco se sabe sobre as cerimônias, a não ser que os sacerdotes procuravam despertar a emoção dos participantes.

A essência dos rituais é desconhecida pelo fato de ser expressamente proibido aos seus participantes revelarem os segredos. Havia penas severas para os infratores.²² A pintura nos vasos, entretanto, nos dá uma idéia da cerimônia. Diante do sacerdote, coberto com uma pele de leão

e descalço, o candidato à iniciação segura o leitão a ser imolado na mão direita e o bolo do sacrifício, na esquerda. Senta-se envolvido num longo manto; pega com a mão esquerda num archote, enquanto o hierofante feminino segura a peneira por cima da cabeça, como símbolo de purificação. Uma terceira imagem pintada nos vasos mostra a deusa Deméter sentada, com um archote na mão esquerda e cercada por uma serpente, cuja cabeça o iniciante acaricia. Os mistérios de Elêusis podem ser divididos em quatro atos: dois preparatórios (a purificação, os ritos e os sacrifícios preliminares — não secretos) e dois secretos, só para os iniciados: a *teleté* ou *mensis* e a *epopteia*.²³

O hierofante (aquele que mostra as coisas sagradas) revelava os mistérios. Chegando a noite ao santuário, no clímax da cerimônia, acendia-se forte luz, simbolizando o deslumbramento diante do divino. Os iniciados venciam o medo da morte e tinham a paz assegurada para a outra vida, que seria vivida nos Campos Elíseos.²⁴ Distinguem-se, nas cerimônias noturnas, os atos realizados, os objetos mostrados e as palavras pronunciadas. A primeira parte podia ser uma representação da paixão de Deméter, com canto e dança. A terceira parte provavelmente eram fórmulas rituais repetidas pelos iniciantes.

Na segunda parte, o hierofante mostrava determinados objetos a cada iniciante, por sua vez, apelando para seus sentidos. Esses objetos provocavam um trauma psíquico, revelando que o iniciante passara das trevas para a luz. Finalmente, os iniciantes enchiam certos vasos de um líquido especial, e com ele faziam libações sobre a terra. Saíam do templo dotados de uma partícula da divindade e voltavam para suas cidades. Sendo um culto elevado, seu objetivo era buscar a salvação. Sófocles dizia: “Três vezes felizes aqueles mortais que morrem depois de haver contemplado esses mistérios; para os demais, tudo será sofrimento.”²⁵

O mistério de Elêusis foi progredindo paralelamente à democracia ateniense, o que explica a sua individualização. O Estado institucionalizou os antigos rituais de vegetação, e por isso o culto a Deméter foi introduzido na pólis e estabelecido em Elêusis.

Na época de Alexandre, novas idéias penetraram nos mistérios eleusinos: eram as idéias do orfismo, pois a aliança do orfismo com o culto de Dionísio aparece nos mistérios. Os mistérios de Dionísio, por sua vez, assemelhavam-se aos de Deméter.

Mistério Órfico — Assim como Dionísio fora ao inferno buscar sua mãe Sêmele, Orfeu fez o mesmo para libertar sua esposa Euridice. Orfeu também seria ressuscitado como Dionísio, e seria celebrado como deus da música. Tendo saído do inferno, o mistério órfico presumia uma

forma de imortalidade. O corpo despedaçado de Orfeu foi recolhido pelas musas, o que simboliza a imortalidade. Por outro lado, as habilidades artísticas atribuídas a Orfeu podiam conduzir ao êxtase, para se conseguir a salvação das misérias terrestres. O encanto de sua música obrigava o terrível Cerberos a lambê-lo os pés e a decretar aos senhores do inferno que seu lugar eram os Campos Elíseos, onde alimentaria, com sua deliciosa música, a vida sobrenatural dos bem-aventurados.²⁶

O mito de Orfeu descreve o assassinato de Dionísio pelos titãs, que o devoraram. Zeus reduz os titãs a cinzas; dessas, são formados os homens. Daí a crença do orfismo numa dupla natureza no homem: a divina e a humana. A eliminação do elemento terrestre, por sua vez, prometia a posse total da divindade e da imortalidade. A única esperança para a humanidade seria a revelação do caminho da salvação.

O orfismo influenciou no pensamento de diversos filósofos; pregava o misticismo individual, em lugar do coletivo. O orfismo sempre permaneceu “estranho à pólis”, como uma seita, sem vínculos de nacionalidade e cidadania.²⁷ Alguns mitólogos atribuem pequenas lâminas de ouro, encontradas em túmulos de Creta, de Roma e da Itália Meridional, com inscrições em forma de conselhos para os defuntos conseguirem a imortalidade, como pertencentes ao mistério órfico. Elas aludem ao renascimento de Dionísio e ao castigo dos titãs, dentro da liturgia consagrada a Orfeu.

As sociedades religiosas do orfismo eram livres, mas não chegavam à libertinagem do culto a Dionísio. Eram orientadas para uma religião mais íntima, uma doutrina mais profunda e uma vida mais pura. A doutrina distinguia o orfismo dos mistérios, pois considerava a vida e elaborou uma teologia completa, com seus mitos, hinos e preceitos, formando uma vasta literatura, que influenciou a filosofia e a poesia posteriores. Não se pode negar que haja semelhanças entre os princípios cosmogônicos dos órficos e as cosmogonias semíticas; isto demonstra que as idéias do orfismo eram bem antigas, ainda que registradas mais tarde.²⁸

Algumas idéias que podem ser extraídas do orfismo são: a vida e o universo são divinos; há impureza e culpabilidade inatas no ser humano; existe a transmigração das almas; o homem se une aos deuses através dos rituais e das prescrições éticas. Enfim, o orfismo exerceu forte influência sobre a vida intelectual da Grécia, tanto quanto sobre as obras de arte.

Idéias como o mundo entregue à maldade, o corpo aniquilado para salvar a alma, o auxílio divino e sua revelação para a salvação do homem, serão encontradas entre os gregos pelo cristianismo.

Mistério de Hermes Trismegisto — Com as conquistas de Alexandre e a extensão do Império Helenístico até o Egito (século 4.^o a.C.), as crenças desse país foram assimiladas e sincretizadas pelos gregos. Ísis e Osíris, relacionados com a morte, deixaram de ser deuses nacionais e fizeram novos adeptos.

O deus Tót, regulador do tempo e do universo e revelador das verdades, ficou conhecido pelos horóscopos — visão da hora — que concedia através de seus sacerdotes. Os documentos com seus presságios foram traduzidos para a língua grega e divulgados pelo mundo helenístico. Tót foi identificado com Hermes, mensageiro de Zeus, ou seja, portador de sua palavra. No 3.^o século a.C., uma grande compilação foi atribuída a Hermes Trismegisto (“três vezes grande”), mas o mistério de Hermes já era popular desde o 6.^o século a.C.

O hermetismo possuía certo caráter filosófico, não como preocupação com a metafísica, como nos tempos de Aristóteles e Platão, mas com a moral. O pensamento grego agora se satisfazia com o estoicismo e o epicurismo, filosofias preocupadas em estabelecer normas de vida. Ao povo em geral interessavam as soluções para os problemas cotidianos, e não a sucessão das estações. O hermetismo enfatizou o indivíduo como pessoa e a necessidade do amor. Para os hermetistas havia um deus que amava a cada ser humano que podia relacionar-se com ele. Essa idéia era complicada e poucos a ela aderiram. Entretanto, preparou o caminho para o cristianismo, que divulgou esses mesmos conceitos.²⁹

Junto a esse hermetismo erudito, desenvolveu-se um hermetismo popular, com os prognósticos, a alquimia e astrologia satisfazendo a ansiedade das pessoas. Junto às superstições, apareceu a explicação racional, com Tales de Mileto, cujas idéias pertencem mais à filosofia do que à religião.

3. CULTOS GREGOS

O sentido dos cultos gregos aos deuses não era o mesmo dos cultos cristãos. Existia um espírito de servidão aos deuses, e não de louvor e gratidão. Os deuses se deixavam vencer pelos sacrifícios e oferendas, pelas orações e promessas solenes dos homens. Havia a preocupação de cumprir todos os rituais corretamente, tanto que não se pedia perdão pelos erros éticos ou morais, mas apenas pelas faltas rituais. Não se pensava em retribuição na vida além, mas nos benefícios para esta vida.

Nos cultos de mistérios, havia certa preocupação com o além, mas não no sentido ético, como no cristianismo; apenas no sentido de libertação do sofrimento deste mundo, através de ritos apropriados, como

já foi observado. O culto aos deuses era essencialmente “funcional”, com o objetivo de obter saúde, riqueza, boas colheitas, rebanhos abundantes, sucesso nos negócios, nas guerras, no amor etc. Os cultos, pois, serviam para obter o favor dos deuses e afastar a desgraça.³⁰

Os homens demonstravam temor ante o poder dos deuses, e não esperavam muitos favores deles; a confiança verdadeira era rara. Quanto à vida do além-túmulo, não encontramos idéias coerentes em Homero. Ele menciona o Tártaro, onde residiam Cronos e os titãs; o reino do Hades, mundo subterrâneo; e os Campos Elíseos, ou Ilhas Afortunadas, para os bem-aventurados.

Como já vimos, havia os cultos misteriosos, secretos, e os cultos públicos. O Estado arcava com as despesas do culto público e estabelecia suas bases. Os deuses haviam concedido as instituições; o dever cívico possuía um caráter religioso, e o dever religioso era uma lei do Estado. O Estado não se baseava em convicções religiosas, mas em rituais. Além disso, o Estado não policiava as práticas individuais, que eram livres. A maioria dos cultos misteriosos foi institucionalizada.

Foi dentro da religião oficial do Estado que se estabeleceram os templos e os sacerdotes.

Templos e sacerdotes — Remontam à época histórica muitos bosques e clareiras sagrados com seus altares ao ar livre. Geralmente os templos eram isolados por um cerrado ou se encontravam em elevações, pelo respeito devido a eles. Ali não entravam criminosos e não se praticavam relações sexuais. O acesso aos santuários não era permitido a todos, e estes eram, ao mesmo tempo, refúgio para fugitivos, devedores e escravos. Numa das salas costumava-se guardar os tesouros do Estado e dinheiro de particulares.

Geralmente, os templos estavam voltados para o Oriente, com a estátua do deus colocada na entrada ocidental do edifício. Existiam templos para os cultos, onde havia a estátua e os utensílios consagrados aos deuses, e o templo dos iniciados (*telesteria*), como o de Elêusis.

Os sacerdotes não formavam uma casta fechada, mas havia algumas famílias sacerdotais. A atividade religiosa não era exclusiva dos sacerdotes, pois o chefe do clã, o general e os magistrados também ofereciam sacrifícios e cuidavam das coisas religiosas. As funções dos sacerdotes estavam ligadas aos santuários a que pertenciam, e sua importância crescia com a do santuário. As divindades protegiam seus próprios sacerdotes, segundo as crenças. Nas assembléias e teatros, os sacerdotes possuíam a primazia.

As funções, os deveres e os direitos dos sacerdotes variavam um pouco de santuário para santuário, mas em geral realizavam as cerimô-

nias tradicionais e eram funcionários do Estado. Havia sacerdócios hereditários; outros eram eleitos ou nomeados por um período; outros ainda eram comprados. Em geral, os deuses possuíam sacerdotes, e as deusas, sacerdotisas.

Sacrifício — Na religião antiga havia os sacrifícios cruentos ou sangrentos, com derramamento de sangue, e também os não cruentos. Estes podiam ser libações de alimentos, bolos cozidos em forma de animais, pessoas e objetos, ou ainda frutas, legumes, sementes, principalmente na festa das primícias. Os animais consagrados deveriam ser sem mácula e oferecidos por sacerdotes vestidos de branco com uma coroa de louros na cabeça, recitando-se uma fórmula dedicatória. As vísceras do animal eram queimadas em parte, e a outra parte era dividida entre os presentes. As partes nobres, pertencentes ao deus, eram totalmente queimadas. O restante era levado para casa pelo ofertante (sacrifício particular) ou distribuído entre os presentes (sacrifício público). Os sacrifícios sangrentos eram realizados fora do templo e os não sangrentos numa mesa de oferendas.

Os ritos variavam com os santuários, bem como o objeto do sacrifício. Notáveis são as diferenças entre os sacrifícios oferecidos aos deuses superiores, aos ctônios, aos mortos e aos heróis. Aos primeiros, sacrificavam-se pela manhã animais brancos; aos segundos, pela tarde, animais negros. Aos sacrifícios seguia-se uma refeição feita aos deuses do céu.³¹

Os sacrifícios eram comuns após uma vitória, antes da assembléia do povo, ao se fazer um juramento ou se estabelecer um tratado, para se expiar uma falta, no momento do casamento, antes de uma viagem, ao receber boas notícias e em muitas outras circunstâncias.

Preces — A prece era feita com o interesse de receber benefícios dos deuses, no decorrer dos rituais e sacrifícios. A súplica era mais comum, havendo também a adoração e a ação de graças, observadas nos famosos hinos em honra às divindades. Dependendo do deus ao qual se suplicava, o orante apresentava determinada atitude: voltado para o mar, ou tocando a terra, ou erguendo as mãos para o céu. Faziam também peregrinações a determinados santuários, esperando receber maiores favores de outros deuses.

A oração era uma fórmula que acompanhava a oferta e apresentava o voto do sacrificador. O sacerdote recitava a fórmula, que era repetida pelos fiéis. Faziam-se preces às refeições, antes da assembléia do povo ou pela manhã. Para os gregos, a oração não era apenas um rito, mas havia um sentimento religioso nela. Poucos povos nos deixaram tantas manifestações de devoção na prece como os gregos. O juramento e a

maldição podem ser considerados orações, porque eram feitos invocando-se os deuses.

Cultos aos deuses — O templo era considerado a moradia dos deuses e ali eram realizados os cultos, no seu interior, ou no bosque ao seu redor. No início os deuses eram representados por ídolos bastante rudimentares, que evoluíram, mais tarde, para estátuas grandiosas, que eram lavadas, vestidas e honradas como pessoas.

O culto a Zeus era celebrado em todas as cidades e consagravam-lhe os cumes das montanhas. Entretanto, não se podia comparar o Zeus olímpico ao Zeus de Dodona, quanto ao poder, ou ao de Creta, quanto à riqueza dos mitos. Havia uma multiplicidade de mitos, ritos e cultos a Zeus.

Em Argos, celebrava-se, todos os anos, o casamento de Hera com Zeus, com flores e coroas; construía-se para ela um leito nupcial de vime e celebrava-se a cerimônia como um casamento entre mortais, sendo símbolo e modelo desses mesmos enlaces.

No culto a Atenas ou Atenéia, utilizava-se o azeite com abundância. Aparece ligada a diversos outros deuses, como era comum na religião grega.

O culto de Hermes não fincou raízes profundas na Lacônia e no Peloponeso, e não era importante como o de Apolo e o de Artemis.

A Apolo, em Ceos, eram consagrados trezentos touros. A Artemis consagravam queijos feitos com leite de leoa. Em Éfeso, o culto a Artemis foi mesclado de ritos gregos, competições de atletas e de músicos, corridas de cavalos etc.

O culto a Dionísio celebrava-se nos cumes das montanhas, na noite escura, com iluminação de tochas e ao som de música ruidosa, selvagem, em que os fiéis dançavam e gritavam até um frenesi extremo. Precipitavam-se então sobre os animais para o sacrifício, rasgando-lhes a carne com os dentes e devorando-a crua. Esse culto orgiástico era estranho ao helenismo antigo; tanto que Homero não o mencionou.³²

O culto de Héstia era uma cerimônia familiar, dada a importância da vida doméstica na Grécia antiga. Logo à entrada da casa, saudava-se o fogo dedicado à deusa do lar. Héstia era a principal deusa doméstica, mas havia outros altares e estátuas dedicados a outros deuses. Em volta das estátuas eram realizadas as cerimônias. A religião doméstica consistia em ofertas não sangrentas e invocações. O nascimento, o casamento e a morte eram santificados por atos religiosos.

Culto a heróis — Junto ao culto aos deuses havia o culto aos heróis. Estes eram seres humanos mortos, que em vida se haviam destacado por seus atos: como sacerdotes de um deus, como fundadores de cidades,

como guerreiros ou realizando façanhas. Era o seu poder sobre-humano que os destacava como heróis.³³

O culto aos heróis era diferente do culto aos deuses. Havia sacrifícios e banquetes no local onde o herói estava sepultado. Os heróis estavam mais próximos do povo do que os deuses. Nos tempos históricos, os oráculos determinavam quem deveria ser considerado um herói. Entre os heróis, havia aqueles cuja ação tinha sido benéfica, e outros que causaram prejuízo. A mitologia grega era abundante em heróis, como Hércules e Orfeu.

Culto dos mortos — Os gregos consideravam a morte como impura. Era uma obrigação cremar o cadáver e inumá-lo depois; isso era uma oferenda aos deuses subterrâneos. O sepultamento era feito antes do erguer do Sol, para não ofender esse astro. Em Atenas, havia uma cerimônia particular. Lavava-se e ungia-se o cadáver, colocando-o no esquife, vestido de branco, com uma coroa, tendo na boca o óbolo destinado a Caronte. Havia lamentações. No dia seguinte, dava-se a *ekforá*, o banquete funerário, que encerrava as cerimônias e do qual as mulheres tomavam parte.

Havia a festa anual dos jogos plataenses — em honra dos heróis de 479 a.C. —, a solenidade na qual Péricles pronunciou a famosa oração fúnebre. Muitas vezes elevavam cenotáfios aos que morriam no mar ou em terra estrangeira. Os parentes faziam oferendas aos seus mortos — geralmente três, nove e trinta dias depois do funeral, e também no dia do aniversário do nascimento ou da morte.

Em fevereiro havia o ritual de todos os mortos, chamado o dia das libações (*kóes*). Diziam que todos os mortos abandonavam as regiões subterrâneas e perambulavam pela terra. Por isso, os gregos se protegiam, cobrindo as portas de breu e folhas de espinheiro amassadas, e faziam oferendas e libações. Homero refere-se a sacrifícios sangrentos e até humanos, mais tarde abolidos por Sólon. Tratava-se de uma invocação aos mortos, cuidados a eles dispensados, e medidas de proteção por causa da crença nas almas do outro mundo.³⁴

Cultos oraculares — Na Grécia havia os adivinhos profissionais, que observavam o vôo das aves — principalmente a águia (de Zeus) —, decifravam os sonhos (oniromancia) e examinavam as vísceras dos animais (aruspicação). Além disso, havia determinados lugares onde os deuses atendiam, através de pessoas consagradas, a seus devotos, respondendo ou emitindo mensagens. Os oráculos mais famosos eram os de Dodona e os de Delfos.

No *oráculo de Dodona* atendia Zeus, através de uma família a ele dedicada com práticas ascéticas e rituais. Mais tarde, apareceram as sacerdotisas. Parece que os vaticínios eram tirados do ranger dos carvalhos sa-

grados, dos movimentos das pombas sagradas, do murmúrio de uma fonte sagrada, das palavras das sacerdotisas (as plêiades) e do rito da incubação.

Os cultos oraculares relacionavam-se estreitamente com a adivinhação e as formas mânticas. Zeus enviava os sinais e Apolo conferia o espírito de clarividência. Os oráculos de Zeus e Dione em Dodona eram muito antigos; Apolo tinha oráculos em Mileto, Claros, Abai e finalmente em Delfos; Hércules possuía os seus em Bura. Há quem diga que os oráculos possuíam até mesmo influência política; mesmo que essa não existisse, era grande sua importância religiosa e moral.

O santuário oracular de Dodona parece ser o mais antigo da Grécia, segundo nos informa a *Ilíada* (XVI, 236), e reúne as mais estranhas formas de consulta. Heródoto (II, 55) dá o nome das três sacerdotisas de Dodona: Promenéia, Temareté e Nicandra, a mais jovem.

Sabe-se de algumas práticas oraculares em Dodona, através da *Ilíada* e da *Odisséia*, bem como através de achados arqueológicos, como: fragmentos de vasos de bronze, cubas (tinas) e trípodes (bancos). Assim, sabe-se que o carvalho sagrado era utilizado, sem intermediário, para dar bons conselhos.

Segundo o texto de Demón de Atenas, o santuário de Zeus não estava rodeado de muros, mas sim de caldeiras de bronze sobre alguns trípodes; suas vibrações, que passavam de um para outro, permitiam aos sacerdotes estabelecer as respostas aos peregrinos. A presença dos sacerdotes era mais antiga do que a das profetisas e das pombas. Uma moeda de bronze de 300 a.C. traz a águia de Zeus cunhada de um lado e uma árvore com duas pombas do outro, testemunhando a forma de oráculos.

O oráculo da árvore sagrada de Dodona, associado ao culto de Zeus e servido pelos profetas — os *sellois* — e o oráculo das pombas associadas às três profetisas, mencionadas por Heródoto, e ao culto a Zeus e Dione, podem ser compreendidos pela evolução através dos tempos: antigamente era utilizado o primeiro e, posteriormente, o segundo.³⁵

Ao contrário de outros santuários oraculares, não se encontraram vestígios de alguma fonte em Dodona que confirmassem a tradição do oráculo através do murmúrio da fonte.

Em geral, os cultos oraculares evoluíram de uma forma mais natural para uma interpretação humana dos elementos. No caso de Dodona, em princípio havia a árvore sagrada, cujo balanço das folhagens estabelecia o oráculo, bem como a vibração das caldeiras de bronze sob a árvore. Apareceram os sacerdotes para dar a interpretação. Mais tarde surgiu uma capela bem primitiva no local, assim como as profetisas. Passou-se o tempo e, aos poucos, o local foi cercado por muros e construiu-se um templo ou casa sagrada, no dizer de Políbio.

No *oráculo de Delfos* atendia Apolo, por meio de uma pitonisa consagrada a ele e que atendia sentada sobre um *trípode* (banco) colocado sobre uma fenda da rocha, de onde saíam vapores que a embriagavam e a faziam dizer coisas sem nexos. Os sacerdotes a interpretavam e escreviam versos, os famosos oráculos de Delfos. Esses sacerdotes começaram a perder o crédito quando se envolveram em questões políticas.³⁶

Se em Dodona o elemento natural foi a árvore, em Delfos foi a falha do terreno, um *chasma* ou *stomion*, e o manancial sagrado. Diodoro narra a descoberta dessa fenda milagrosa. Algumas cabras, aproximando-se do local, começaram a se comportar estranhamente, soltando balidos diferentes; o pastor, indo averiguar, também parecia ficar em transe e profetizava. Muitos outros começaram a fazer o mesmo; consideraram o lugar como um oráculo da terra e comunicavam entre si os oráculos. Por causa do transe, muitos caíam na fenda e desapareciam. Então, resolveram colocar uma profetisa no local.³⁷

Essa narrativa tradicional foi acrescentada de outras interpretações posteriores. Luciano, por exemplo, indicava que a profetisa bebia a água do manancial sagrado. A documentação arqueológica confirma a importância da água no oráculo de Delfos. Outro costume mencionado foram as consultas noturnas. Associa-se ainda o oráculo de Delfos ao culto à terra (deusa Gaia).

Três elementos são associados, de maneira clara, segundo as fontes literárias, ao oráculo de Delfos: a fenda, o manancial e a árvore. A árvore era importante nos cultos apolíneos, principalmente nos ritos de purificação e de adivinhação. No 4.^o século a.C. já não se observava a necessidade da árvore em si, mas apenas seus ramos, de que se serve a pitonisa; a árvore vira símbolo de bronze.

Delfos não impôs idéias ou doutrinas novas, mas, pela constante consulta ao seu oráculo, exerceu uma influência unificadora e moderadora na religião grega. Influenciou na moralidade. O oráculo de Delfos ainda dava consultas e indicava os meios legais de expiação dos assassinos, mediante seu arrependimento.

Delfos ainda era o centro da confederação que reunia doze povos; era a principal sede das anfictionias (conselho de representantes dos antigos Estados gregos, que se reuniam para deliberar sobre negócios de interesse geral). A confederação reunia povos vizinhos e formava sociedades religiosas, onde se realizavam festas com jogos, danças e cantos. Das regras dessas anfictionias, somente conhecemos os seus *nomois* e os seus *arkois*. Esta confederação contribuiu para a evolução da sociedade grega, favorecendo o comércio, e para a política, regulando os conflitos dos povos

aliados, por meio de arbitragem. A principal influência religiosa da confederação foi a do santuário e dos oráculos de Delfos.³⁸

Cultos dinásticos — No 4.^o século a.C., Alexandre ampliou e unificou o Império Grego. O provincianismo se transformou em cosmopolitismo e isso influenciou a religiosidade grega. As antigas cidades-estados desapareceram; seus cultos também não subsistiram por muito tempo. O ceticismo nos deuses tradicionais estendeu-se pelo mundo helênico, e os cultos dos outros países começaram a se introduzir ali.

Pela influência das conquistas de Alexandre, tiraram-se duas conclusões: os antigos deuses eram homens de grande poder para realizar aquelas façanhas, e a única deusa era Tiké, a Fortuna, que concedia graça a seus favorecidos. Dessa influência surgiu, aos poucos, o culto ao conquistador, ao herói, que os romanos também adotaram.

Alexandre tinha dado o seu nome a muitas cidades; com sua morte, logo se divulgou o culto em sua homenagem. Seu chanceler, Eumenes, construiu um altar para depositar as insígnias de Alexandre. O culto dinástico surgiu primeiro no Egito, pois ali já existia o culto aos faraós e, em Alexandria, Ptolomeu I construiu um monumento em honra a Alexandre, onde colocara seus restos mortais. Os sucessores de Alexandre se valeram desse prestígio para assegurar seus reinados. Logo, os reis vivos foram divinizados, pois se mostravam benevolentes e salvadores, fundavam ou reconstruíam cidades. A esperança da salvação depositada num homem divinizado cada vez mais se divulgou por todo o mundo helênico. Esse fato explica, de certo modo, a rápida divulgação da doutrina de Jesus pelo mundo greco-romano.

4. GRANDES CELEBRAÇÕES

As festas não eram as mesmas em todo lugar, mesmo porque os gregos não concordavam com os nomes dos meses. O início do ano, para os atenienses, dava-se no Verão; para os dórios, no Outono; segundo os eólios, era no Inverno. O calendário mais conhecido é o dos atenienses; as *festas de Atenas* eram as mais brilhantes.

As festas gregas não eram somente locais, mas diferiam quanto ao caráter do deus e do objeto da solenidade. Algumas vezes eram cerimônias normais de culto, com grandes sacrifícios e procissões; outras vezes, eram cerimônias expiatórias; havia concursos e jogos, consagrações místicas e solenidades orgiásticas; podiam ser também dias de alegria, em que o povo não trabalhava. Platão observou que a finalidade das festas era justamente a permissão dos deuses ao povo para descansar e se alegrar.³⁹

As festas eram numerosíssimas, havendo até mesmo várias num só dia. Correspondiam à mudança das estações, à vegetação, à lavoura, à cultura da vinha. Uma parte do ritual correspondia aos mitos. Comemoravam ainda aniversários históricos, como o da batalha de Maratona, em Atenas.

Pan-Ateneas — Eram celebradas em honra de Atenas, oferecendo-se-lhe um novo *peplo* (friso do Partenon). O *peplo* era um pano tecido por damas atenienses, da cor de açafrão e, ao centro, tinha bordado um dos episódios do mito de Atenéia, talvez a sua vitória sobre os gigantes. Havia competições esportivas e musicais e uma grande procissão no final. À noite, havia uma corrida de archotes. Uma multidão de estrangeiros invadia a cidade por ocasião destas festas e das dionísias. As grandes pan-ateneas eram celebradas de quatro em quatro anos, com lutas, ginástica, concursos musicais, corridas de carro etc.

A procissão de *peplos* era formada pelos principais cidadãos, por moças que carregavam cestos, por metecos com vasos, por animais destinados aos sacrifícios e bem-vestidos, por velhos, entre os mais belos, que levavam na mão ramos de oliveira, e finalmente pelo próprio *peplo*, conduzido num carro em forma de navio e com velas.

A deusa principal de Atenas era Atenéia ou Atheneia, que possuía dois templos: Erecteion e Partenon, além da coluna *Atenéia prómakos*.

Festas de Apolo — Eram numerosas em quase toda a Grécia. Eram freqüentes as procissões de condutores de loureiros apolíneos — as *dafneforia*. As festas de Apolo eram celebradas em Delfos, em Atenas. Numa dessas festas, as *pyampsia*, levavam-se as primícias, legumes cozidos, um ramo de oliveira ornado de figos, bolos, frascos de azeite, mel e vinho. Estes eram conduzidos em procissão ao templo, por um jovem.

Festas de Dionísio — Também eram numerosas. As *oschoforia* eram celebradas por ocasião da colheita das uvas, levadas ao templo de Atenas, ao deus Dionísio. Embriagavam-se, faziam cortejos, libações de vinho e sacrificavam um bode. A tragédia e a comédia faziam parte dos coros das festas. Havia representações e jogo. Em janeiro, era celebrada a festa do lugar, *Lenaia*, com procissões. Em fevereiro, havia as *anthesteria*, misturando várias comemorações: o vinho, a Primavera e os mortos. Nestas festas, Dionísio era associado a Coré e ao Hermes ctônio. A principal festa de Dionísio era realizada em março, quando se celebrava o deus da Primavera como libertador.

A primeira jornada das *anthesteria* era a festa de abertura dos jarros. A segunda jornada era a do *chous*, recipientes para medir o vinho bebido pelos competidores (este costume nos lembra a *Octoberfest*, comemorada

em Santa Catarina, Brasil); nessa jornada, Dionísio chegava pelo mar, atravessava a cidade com pompa, num carro em forma de barco e acompanhado de músicas e vítimas rodeadas dos sacrificadores; a estátua de Dionísio chegava ao santuário, onde catorze sacerdotisas oficiavam os ritos preparatórios para a união de Dionísio com a basilina; à tarde, o herói convidava a cidade inteira para beber vinho em abundância; cada participante estava provido de um *chous*. A terceira jornada era a das *chytras*, recipiente onde era cozida uma mistura de diferentes grãos, oferecida ao Hermes ctônio. Essas jornadas estavam também relacionadas à lenda de Dionísio, narrada anteriormente.

Festas de Deméter — Esta deusa possuía as festas agrárias em grande número; eram consagradas tanto a Deméter como a Dionísio. Nas *tesmoforias*, as mulheres atenienses celebravam Deméter; a festa durava cinco dias. Nessas festas havia uma procissão de objetos misteriosos, talvez símbolos sexuais, indicando a relação dos fenômenos agrários com os da fecundidade animal.

Festas de Zeus — Em honra deste deus, havia os jogos do Olimpo e os casamentos sagrados. Em Atenas, as festas de Zeus eram secundárias. No Inverno, havia cerimônias de purificação e de expiação. Celebravam-se diversas festas durante o ano em honra a Zeus, com sacrifícios sangrentos e não sangrentos.

Jogos — Algumas festas helênicas possuíam importância universal, pois influenciaram as civilizações com seus grandes jogos: Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nerneios.

Os Jogos Pan-helênicos eram realizados ao pé do Olimpo, em honra a Zeus. No início eram festas funerárias, em honra a algum herói. Durante os jogos havia “trégua sagrada”. Eram realizados de cinco em cinco anos, na época do Verão. A era das Olimpíadas começou em 776.

No primeiro dia, havia a celebração em honra a Zeus; os juízes juravam iustícia, e os competidores, o cumprimento das regras. No segundo dia, competiam os menores de idade; no terceiro dia, os adultos; no quarto dia, os carros de corrida; no quinto dia, havia uma festa coletiva, encerrando-se os jogos. O vencedor era comparado a Zeus e recebia uma coroa de louros. O que a princípio era uma comemoração fúnebre tornou-se uma verdadeira competição esportiva.

Somente os gregos participavam dos jogos; os estrangeiros e escravos eram espectadores. As cidades gregas enviavam seus delegados a expensas do tesouro público; participavam também muitos particulares. No princípio só havia a corrida do estádio; depois foi acrescentado o pentatlo (salto, corrida, lançamento de disco, lançamento de dardo e luta). Bem mais tardiamente surgiram a luta corpo a corpo e a corrida de carros.

Estes jogos foram importantes para a formação religiosa e moral do povo, que aprendeu a colocar a glória acima do proveito material. Além disso, os deuses não pediam ascetismo, mas amavam a perfeição corporal e a saúde juvenil. Os jogos também acabaram por influenciar as artes plásticas, esculpindo o corpo nu.

Os Jogos Píticos também eram de caráter funerário, celebrando a vitória de Apolo sobre o dragão Piton, ao pé do Parnaso. Ocorriam no terceiro ano das Olimpíadas; incluíam competições esportivas e musicais.

Os jogos de Neméia eram realizados de dois em dois anos, alternadamente, no Inverno e no Verão, em honra ao próprio Zeus.

Finalizando a religião dos gregos, observou-se uma característica fundamental, em vista do grande número de deuses, cultos e mistérios: a tolerância em relação às outras religiões com as quais o povo entrou em contato, principalmente no período das grandes conquistas iniciadas por Alexandre Magno. Apesar da intransigência da pólis grega em não admitir outros deuses além dos já existentes e da influência de filósofos como Platão, os gregos sempre demonstraram disposição para aceitar outras divindades estrangeiras.

O cosmopolitismo, no período helenístico, permitiu a introdução de novos cultos com mais facilidade. Além da assimilação de Tot e Hermes, Amon (egípcio) foi absorvido por Zeus; Adônis e Astarte (sírios), por Apolo e Afrodite. Esse fato pode ser explicado pela insatisfação do povo grego com a religiosidade tradicional, o que já havia originado os mistérios.

O helenismo foi um movimento cultural-religioso que surgiu paulatinamente entre o povo grego, por não encontrar mais uma autêntica manifestação de suas relações com as divindades. O povo continuou cultuando as divindades antigas, mas mostrou-se acessível às novas concepções religiosas dos povos conquistados por Alexandre. O helenismo caracterizou-se pelo ecumenismo e pelo sincretismo. Uma vez aberto às outras religiões, houve a tendência de assimilá-las.

A tolerância religiosa se estendeu ao judaísmo e ao cristianismo. Observe-se o episódio de Paulo no Areópago (At 17.23-32), onde havia até mesmo um altar ao deus desconhecido, havendo também a disposição de ouvir o apóstolo uma segunda vez.

A religião grega, que passa pelo politeísmo e pelo culto às forças cósmicas e naturais, e chega ao culto de uma divindade suprema, marcou a transição importante da cultura religiosa da humanidade. A teologia natural foi substituída pela teologia da revelação.⁴⁰

Em geral, a religião grega careceu de um corpo de doutrinas, as quais foram formuladas somente a partir do orfismo. Não havia também

uma instituição ou corpo de sacerdotes estritamente organizados. Era simplesmente um conjunto elástico de crenças, ritos e cultos.

Um filósofo ou um poeta poderia modificar um mito e expor livremente sua idéia sobre a divindade, sobre o destino do homem, sobre o bem e o mal, ou sobre a intervenção da divindade nos acontecimentos humanos. Assim, a Filosofia antiga se achava relacionada com as teogonias míticas; a Filosofia jônica posicionou-se contra a religião mítica. Pitágoras, por sua vez, criou uma comunidade religiosa que teve grande importância moral e política. Empédocles foi, ao mesmo tempo, sacerdote, mágico, médico, taumaturgo, tendo realizado várias cerimônias iniciatórias.

As questões filosóficas levantadas pelos gregos, ou seja, aquelas relacionadas ao ser, ao devir e ao conhecimento, exerceram grande influência no pensamento e na vida. Se a Filosofia antiga voltou seus olhos para o além, Homero se ligou à vida presente. Assim, na época clássica, as idéias da Filosofia e da poesia tocaram na religião dos círculos místicos e órficos. Na poesia lírica havia o elemento religioso, como os Hinos Homéricos e hinos a Apolo, Hermes, Afrodite, Dionísio e Deméter. Quanto à forma, diversas poesias líricas possuíam origem litúrgica. Ésquilo veio bem mais tarde, mas o espírito de sua poesia era inteiramente religioso.

Sócrates, Platão e Aristóteles foram filósofos gregos cuja influência se faz sentir até os nossos dias. Aristóteles foi o fundador da teoria científica de Deus; suas idéias sobre a causa criadora determinante e a finalidade imanente conduziram à existência de Deus.

Quanto ao mais, a língua grega facilitou a comunicação das civilizações separadas anteriormente. No terceiro século de nossa era, Berosse escreveu sobre a antigüidade babilônica; Manethon escreveu sobre a antigüidade egípcia, e os Setenta traduziram o Antigo Testamento para o grego. As diferentes religiões foram conhecidas e misturadas.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*, 1940, p. 598.
2. CIVITA, Victor. *As religiões da humanidade*. v. I, 1973, p. 37.
3. *Ibid.*, p. 37.
4. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 637-639.
5. *Ibid.*, p. 640.
6. *Ibid.*, p. 641.
7. *Ibid.*, p. 644, 645.
8. *Ibid.*, p. 647, 648.
9. *Ibid.*, p. 643, 644.

10. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*, 1977, p. 109, 110.
11. *Ibid.*, p. 112.
12. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 35.
13. PAL, equipe de redação. *Historia de las religiones*, 1980, p. 191.
14. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 118.
15. *Ibid.*, p. 122.
16. TOLSA, Jesus Garcia. In: CORREA, M. Marin, *Historia de las religiones*, v. I, 1975, p. 132.
17. MARTIN, R. & METZGER, H. *La religión griega*, 1977, p. 177.
18. *Ibid.*, p. 161, 162.
19. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 38.
20. MARTIN, R. & METZGER, H., *op. cit.*, p. 189.
21. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 685.
22. MARTIN, R. & METZGER, H., *op. cit.*, p. 187.
23. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 685, 686.
24. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 41.
25. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 135.
26. *Ibid.*, p. 135.
27. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 42.
28. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 689, 690.
29. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 138.
30. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 114.
31. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 666.
32. *Ibid.*, p. 651.
33. PAL, equipe de redação, *op. cit.*, p. 193.
34. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 606.
35. MARTIN, R. & METZGER, H., *op. cit.*, p. 30.
36. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 118.
37. MARTIN, R. & METZGER, H., *op. cit.*, p. 35.
38. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 675, 676.
39. *Ibid.*, p. 676.
40. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 128.

CAPÍTULO V

FORMALISTA E SINCRÉTICA

(ROMANOS)

À primeira vista, pode parecer que a religião romana tenha sido semelhante à grega. Entretanto, examinando-se os documentos existentes, verifica-se que, antes e depois da influência grega, a religião romana apresentou características próprias. Esses documentos não permitem uma análise completa, mas dão uma idéia razoável dessa religião. São eles os *fasti*, anais de festividades religiosas celebradas em vários lugares, e fragmentos dispersos de hinos. A literatura de épocas posteriores também explica diversos pontos importantes.

Os fragmentos dispersos de hinos são os dos Cantos Arvais e dos Cantos Sálíos (Arvais e Sálíos eram sacerdotes organizados em colégios). Existem ainda os Oráculos Sibilinos, que nada têm em comum com os Livros Sibilinos, destruídos durante um incêndio em Roma e substituídos por contrafações feitas pelos judeus helenizantes. O erudito Varrão (116-27 a.C.) deixou sua obra *De rebus divinis* (Das coisas divinas); Tito Lívio e o poeta Ovídio eram escritores latinos, de cujas obras temos conhecimento acerca da religião de Roma.¹

A religião romana pode ser dividida em períodos característicos: a religião antiga, a religião do Estado e a religião imperial. Destaca-se também a influência estrangeira sofrida pelos romanos, mormente a dos etruscos e a dos gregos. Vamos abordá-la seguindo estes períodos e demonstrando que foi uma religião formalista, uma vez que sua organização foi bastante formal e sincrética, porque absorveu as influências estrangeiras.

1. ORIGENS E LENDAS

As lendas relacionadas às origens de Roma refletem dados antigos da história e da religião romanas. Essas lendas revelam relações étnicas e políticas, e usos religiosos.

As lendas mais importantes têm por heróis Hércules, Rômulo e Enéias. Conta-se que Hércules, depois de ter matado o gigante Gerionte e de lhe ter roubado os bois, veio para a Itália e fixou residência no Palatino, na casa do Rei Evandro. O salteador Caco vivia numa caverna. Este roubou os bois e os arrastou para a caverna, mas o mugido dos bois revelou o roubo. Hércules matou o ladrão, ergueu um altar a Júpiter Inventor, voltou em triunfo para Evandro, ofereceu presentes e banquetes aos romanos e ensinou-lhes a celebrar o culto recente da *ara maxima*.

Para os romanos, o interesse estava no culto da *ara maxima*, servido pelas famílias dos *Potitii* e dos *Pinarii*, com sacrifícios e banquetes sagrados. Celebrava-se a vitória do deus, representada em pantomima.²

A fundação de Roma do Palatino era atribuída a Rômulo. A vestal Réia Silvia, violentada por Marte, dera à luz os gêmeos Rômulo e Remo. Foram amamentados pela loba, junto ao Palatino; em seguida, foram criados pelo pastor Faustulo e sua mulher, Acca Laurentia. Esses gêmeos foram os fundadores da cidade do Palatino, sendo Rômulo indicado como soberano. A fundação da cidade estaria ligada a populações latinas; Rômulo e Remo poderiam ter parentesco com os reis de Alba, mas a fundação não era atribuída a colonos albanos nem a imigrantes de Tróia. Por intermédio de Alba, a lenda de Rômulo liga-se à de Enéias. O escritor Ranke vê em Rômulo o fundador do *imperium*, como em Numa o fundador do pontificado. Em Numa ligava-se o elemento etrusco ao elemento romano. O elemento etrusco influenciou a tal ponto a lenda de Rômulo que este foi identificado com Quirino, após sua morte. O desaparecimento de Rômulo numa tempestade possui influência helênica.³

A lenda de Enéias, de origem estrangeira, liga-se à fundação de Roma; a fusão progressiva é percebida nos escritos romanos e gregos. Há semelhanças de nomes e de cultos. A lenda de Enéias pode ser explicada pela sibila greco-italo-asiática, que influenciou a religião romana. É possível que a sibila tenha contribuído para o desenvolvimento e para a difusão da lenda de Enéias. A explicação mais razoável da ligação entre as lendas é que o tráfego marítimo colocou o Lácio em comunicação com as colônias gregas (Etrúria e Cartago), e introduziu a lenda de Enéias por vias diferentes e de diferentes formas.

A importância da lenda de Enéias é do ponto de vista dos *sacra*. Lavínio era a cidade dos *lares* e dos *penates* do Lácio (veja em deuses antigos). Todos os anos os magistrados celebravam aí um sacrifício no templo de Vesta. Neste culto figurava Enéias. Supunha-se que ele trouxera de sua pátria os *penates*. Por outro lado, Enéias fora divinizado e adorado como *pater indiges*. A lenda de Enéias também foi importante devido a circunstâncias políticas.⁴

Origens — A religião dos primitivos romanos sofreu influência indo-européia e ao mesmo tempo asiática, dada a mistura de elementos religiosos desses dois grupos.

Antes do primeiro milênio a.C., os indo-germânicos se estabeleceram na região do Lácio, depois Roma, trazendo a cremação de cadáveres, a decisão de assuntos políticos e militares em assembléias públicas e a divisão da sociedade em três classes (sacerdotes, militares e artesãos/agricultores). Trouxeram também o culto do fogo e os deuses de origem astral (Júpiter). Dos povos agrícolas, os antigos romanos receberam os cultos da fertilidade, os sacrifícios sangrentos, a inumação de cadáveres etc.⁵

Dessa influência surgiram as lendas do rapto das sabinas e dos tarquinos, que revelam os elementos indígenas da religião romana. Em todo caso, a religião primitiva dos romanos relacionava-se a uma comunidade de lavradores, presos à vida caseira e ao trabalho no campo. A religião reflete a vida do campo, os elementos da natureza, a cultura agrária.

A tônica dessa religião era a crença nos *numina*, poderes espirituais impessoais. Tudo o que apresentava um aspecto maravilhoso era *numina*: Júpiter, o Rio Tibre ou as idéias abstratas. O favor dos *numina* era alcançado mediante determinados ritos.

Nessa época primitiva, os romanos não tinham imagens de seus deuses nem templos; demarcavam áreas sagradas, geralmente bosques, onde realizavam sacrifícios e preces.

Outra característica da religião romana era o formalismo jurídico: os homens davam aos deuses o que lhes era devido (sacrifícios) e estes davam ao homem o que lhes pedia.

A crença na sobrevivência da alma não estava bem esclarecida.

Os numina — Não eram propriamente deuses; eram poderes sem forma, sem sexo, sem denominação, considerados pela sua atuação no mundo dos viventes. Os seus nomes traduziam situações em que os homens imploravam sua intervenção. Eram numerosíssimos, e cada um possuía determinada função. Não se pode estabelecer uma delimitação nítida entre as divindades que velavam os diferentes momentos da vida e as abstrações gerais, como juventude, fortuna etc. Os romanos criaram essas abstrações dada a sua tendência de espiritualizar a vida e o mundo. Posteriormente, eles iriam adorar imagens da Pax, Fides, Victoria, Spes, Libertas, Bonus Eventus, Virtus, Concordia, Pudicitia, Pitas (que são qualidades), em templos e altares próprios, espalhados por Roma.⁶

Os romanos não se interessavam pela natureza ou propriedade desses seres, mas pela sua influência sobre os homens e pelo comportamento destes em relação aos *numina*. Eles eram impalpáveis e incontroláveis

e, por isso, deveriam ser tratados com a máxima precaução. Certo tipo de invocação, certas práticas e determinado comportamento pareciam agradar-lhes.⁷

Alguns *numina* eram estes: Lucina velava o parto; Cunina velava pela criança no berço; Statana ensinava-lhe a ficar em pé; Leuana levantava-a, quando caía; Ossipaga fortificava-lhe os ossos; Rumina velava a lactância. Cada fase da vida possuía o seu *numina*. Cada atividade prática era guardada por um determinado *numina*: Aesculus guardava as moedas de bronze; Iterduca guiava as viagens; Domiduca reconduzia à casa. No campo, Nodotus presidia à tume-fação da semente; Volutina, à formação de seu invólucro; Patulena, ao desabrochar; Bubona cuidava das manadas; Epona, dos cavalos; Pales, dos carneiros; os jardineiros eram protegidos por Pomona; os negociantes, por Mercurius. Essas expressões são adjetivos e não personalidades. Algumas vezes, as potências se agrupavam: Camenae eram as deusas das fontes.

Todas as partes das casas possuíam suas forças particulares: Forculus guardava as portas; Limentinus, os limiares; Cardea, os ferrolhos.

O êxito do ato religioso dependia da indigitação dos *numina* (dizer seus adjetivos e não seus nomes); para terminar, havia uma fórmula geral, para não deixar *numina* algum sem ser mencionado: *quisquis* *es*, ou *sive quo alio nomine fas est appellare*, ou *sive deo*, entre outras.⁸

Os deuses antigos — Pode-se distinguir dois grupos principais de deidades, na religião primitiva: os deuses da casa e os deuses agrícolas. Esses deuses antigos eram considerados *numina*, por não possuírem formas que os identificassem.

A comunidade básica era a família, e o seu chefe também estabelecia relações com as forças que a rodeavam. Essas forças eram inumeráveis. As mais importantes eram Jano e Vesta, os *penates* e os *genius* da família. Estes últimos eram os mais representativos do pensamento religioso dos romanos.

Todo homem possuía seu próprio gênio, força misteriosa com a qual podia contar. Esse gênio pessoal era a faculdade de procriar; era a força da personalidade; era o destino. O gênio do *pater familias* era o de maior importância, pois dele dependia a existência e a prosperidade dos familiares. O aniversário do pai era a festa do seu *genius*. Quando este morria, seu herdeiro aspirava seu último alento, dando a idéia da perpetuidade da vida da família.

Os gênios da família também eram conhecidos pela expressão *lares*. Cada gênio da família possuía determinado adjetivo. Os *lares familiares* protegiam a família; os *lares compitales* ou *viales* protegiam as idas e

vindas. Os cultos aos *lares* eram realizados no interior e no exterior das casas.

Os deuses protetores da despensa recebiam o nome de *penates*; em épocas posteriores, costumavam-se colocar imagens sobre a mesa para presenciar a comida da família, pois antigamente os deuses romanos careciam de representações. Os *penates* haviam alcançado alto grau na hierarquia doméstica.

Jano era um *numina* protetor da porta e de todos os começos. Era representado com dois rostos, e vigiava as entradas e saídas da família; defendia as fortificações da casa. Seu culto só seria conhecido com a religião estatal plena e posteriormente desenvolvida. O deus Jano era exclusivamente romano, instituído por Rômulo. Abria o ano (janeiro) e simbolizava a honestidade, a abundância e a paz profunda. Era muito popular. Não tinha estátua, mas era representado nas moedas com dois rostos. Posteriormente, o seu templo ficava aberto em tempo de guerra e fechado em tempo de paz. Em sua festa, sacrificava-se um carneiro.

Jano vem associado a Vesta, a deusa do calor do lar, a quem os homens recorriam para fazer a comida. Ocupava importante lugar na vida religiosa da família. Nas comunidades mais antigas, o fogo tinha um caráter sagrado; por isso a veneração a Vesta foi própria desse tempo, mais do que em épocas posteriores. Os filhos da família que atizavam o fogo, mais tarde, transformaram-se nos *flamines*, sacerdotes que vigiavam os cultos das distintas deidades. As filhas da família que vigiavam o fogo transformaram-se no colégio de virgens vestais, que faziam o voto de castidade e cujo dever era conservar vivo o fogo que ardia sobre o altar principal da cidade.⁹ As vestais posteriores gozavam de grandes privilégios mas, durante 30 anos, deveriam guardar sua virgindade, podendo casar-se depois, o que poucas faziam. O culto de Vesta demonstrava a tendência de atribuir caráter religioso aos incidentes mais vulgares da vida.

Além dos *numina* familiares, havia os agrícolas. Os *numina* podiam relacionar-se a um determinado lugar ou a uma função específica. Como lavrador, o pai de família era responsável por observar os ritos que garantiram a fertilidade e a proteção dos campos. Uma festa característica era a *robigalia*, que celebrava Robigus, a força que dominava o tição. Nodotus fazia aumentar os grãos; Volutina protegia as espigas; Patulena as abria.

Com o desenvolvimento das aldeias, houve sua ação uniformizadora e centralizadora nos aspectos social, econômico e religioso. Surgiram as *paganalia*, festividades da aldeia; as *terminalia*, cerimônias nos limites das comunidades; e as *compitalia*, festa das encruzilhadas.

Cerimônias antigas — Já no contexto da religião doméstica, surgiram as festas celebrando Jano, Vesta e os *penates*. Este culto privado tornou-se oficial, e a cidade obteve seus próprios *penates*. Dentre os *lares*, gênios das casas e dos campos, os *lares familiares* recebiam culto especial em cada acontecimento da família, como nascimento, casamento e morte.

O gênio individual, personificação do poder gerador do homem, era cultuado. Iuno, gênio da mulher, era honrado no dia do seu aniversário. O gênio do pai de família era o *genius domus* ou *genius familiae*. Este culto estendeu-se às comunidades, às províncias, ao Estado. Surgiu, então, o *genius populi romani*. Da instituição familiar saiu o culto do Estado.

Outra cerimônia antiqüíssima foi o culto dos mortos, completando a idéia da religião primitiva dos romanos. Havia as cerimônias privadas dos funerais e duas grandes festas. Os antigos aceitavam a idéia de que o fantasma do morto continuava a viver. Enterravam junto alimentos, armas e jóias. Às vezes até imolavam a mulher e os escravos sobre a sepultura. Acreditava-se, ainda, que os mortos voltavam para roubar o alimento e beber sangue humano. Para acalmá-los, celebravam-se os *lemuria*. Ao que parece, os *lemures* eram os espíritos dos mortos. Os *lemuria*, celebrados em maio, eram rituais realizados pelo pai de família, repetindo nove vezes certas frases para espantar os maus espíritos. À meia-noite, o *pater familias* levantava-se da cama, descalço, e exortava os espíritos dos mortos para que deixassem em paz sua casa e propriedades.

Outro ritual que a família celebrava era o aniversário dos defuntos; de caráter privado, ele se tornou público. Eram os *parentalia*, celebrados em fevereiro. À medida que a civilização cresceu, perdeu-se o medo dos mortos e passou-se a considerá-los membros da família, habitando o túmulo da família (cidade dos mortos). Os parentes passaram a ter deveres para com os defuntos, estipulados no Direito dos Defuntos. Ofereciam mel, leite e azeite sobre o túmulo; colocavam grinaldas de violetas e de rosas; tomavam refeições e pediam a bênção do morto. Havia também um banquete anual, no qual reservavam lugar para os mortos.¹⁰

Apesar da religião romana antiga ter sido superada pelos deuses importados, ela continuou a ser praticada nas zonas rurais; tanto que Agostinho (354—450 d.C.) referiu-se às velhas cerimônias pagãs, como os *fasti*, do calendário romano. As práticas deveriam estar bem propagadas, pois, no 6.º século d.C., Caesarius de Arles ordenou sua proibição.¹¹

2. INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

No processo de desenvolvimento de uma religião familiar para a estatal, a cultura romana sofreu a influência etrusca e grega. A influência etrusca foi favorável à sistematização da religião, e se fez sentir no calendário dos deuses, na arte divinatória e na crença no além-túmulo.

Até então, prevalecera entre os romanos uma religião baseada em práticas animistas, apoiadas em três características fundamentais: a *virtus* — fortaleza do próprio indivíduo; a *pietas* — respeito a todos os seres misteriosos que rodeiam as pessoas; e a *fides* — a boa fé na ação para evitar os castigos deles. Já vimos que a antiga religião, denominada “religião de Numa” — rei a quem a lenda atribuía a fundação da cidade —, foi evoluindo durante o período da república. As influências mais exóticas vieram por parte da Etrúria, que deram a Roma sua última dinastia, e da Grécia.

Os deuses etruscos — Os etruscos eram politeístas como os gregos, e seu panteão era numeroso. Agrupavam seus deuses de três em três, formando tríades, costume que os romanos herdariam. Para comprová-lo, existem capelas religiosas tríplexes. Entre o 8.º e 5.º séculos a.C. estabeleceu-se o período etrusco em Roma; dessa época data o maior templo de Roma, dedicado à Tríade Capitolina, instalado no Monte Capitólio. Essa tríade era formada por Júpiter, Juno e Minerva, nomes latinos de Tin, Uni e Menerva. Tin era totalmente etrusco e os outros dois, itálicos. Outros deuses dos etruscos foram Turan (Vênus) e Maris (Marte). Do contato com os gregos, assimilaram Aplu (Apolo) e sua irmã Artume (Artemis), assim como seu herói Heracle (Hércules).

Júpiter — Simbolizava a luz, a justiça, a lealdade. Era deus supremo, presidindo os grandes acontecimentos cósmicos e humanos. Dava punição aos violadores de seus juramentos e contratos. Com o tempo, tornou-se o protetor dos campos. Durante a dominação etrusca, associou-se a Marte e Quirino e a Juno, sua esposa.

Juno — Esposa de Júpiter e rainha dos romanos. Parece que, na religião primitiva, era o *numina* protetor das mulheres, assim como o *genius* era o dos homens. Talvez fosse uma caracterização da Terra-Mãe, protegendo as donas de casa. Dirigia casamentos, nascimentos e fidelidade conjugal. Protegia o Capitólio com seus gansos sagrados.

Minerva — Era protetora do comércio e do artesanato e assumiu, mais tarde, um aspecto guerreiro. Era honrada pelos artesãos e pelos médicos.

Marte — Deus da vegetação que se tornou guerreiro, ou o inverso. Era celebrado nos cultos Salli e Arvali, destacando-se esses dois aspectos: levava-se seu escudo em procissão e cobria-se a cabeça com espigas maduras. É considerado o pai do povo romano porque, segundo a lenda, Rômulo nasceu de sua união com Réia. Marte protegia os latinos, estabelecidos no Monte Palatino, e dedicados à guerra.

Quirino — Era um *numina* agrário. Protegia os sabinos, estabelecidos no Monte Quirinal, e dedicados à agricultura. Segundo a lenda, Roma começou a ser cidade quando latinos e sabinos se juntaram (lenda do rapto das sabinas).

Ao tempo da influência etrusca ainda existiam outras divindades, incluídas no calendário festivo, que oficializou o culto dos deuses romanos e introduziu os etruscos, instituindo o colégio dos sacerdotes e construindo templos e estátuas. Essas outras divindades romanas eram: Carmenta, Ceres (*numina* agrário), Consus, Faunus (*numina* da fecundidade), Flora (*numina* da vegetação primaveril), Mater Matuti (*numina* protetor das mães), Netuno (das águas), Saturno (agrário), Tellus (a grande Terra-Mãe), Maia (deusa da Primavera), Diana (da lua e dos mortos), Tiberinus (do Rio Tibre) etc.

A adivinhação — Segundo Jesus Garcia Tolsa,¹² a adivinhação não se baseava em oráculos, como entre os gregos; era a predição do futuro. Os romanos referiam-se à prática como recebida por um gigante descendente do deus Tin (Júpiter), ou por uma ninfa. O objetivo de adivinhar o futuro era ou conformar-se com ele, ou prevenir-se contra ele.

A primeira forma de adivinhação era através dos raios. Os sacerdotes etruscos chegaram a organizar três grupos de faíscas elétricas: o primeiro dizia respeito ao conselho de Tin; o segundo era uma reação do deus a um acontecimento; o terceiro era o castigo fulminante.

A outra forma era o **exame** das entranhas dos animais (aruspicação), principalmente do fígado. Quem fazia este exame era um corpo sacerdotal organizado, os arúspices, baseados na experiência, na tradição oral e nos livros sagrados. Examinando-se o fígado dividido em partes, proferia-se o augúrio de acordo com o deus que presidia a cada porção.

Os etruscos criam que se podia subornar os deuses, mediante oferendas, para modificar o destino.

Examinavam ainda o vôo das aves, atribuindo-lhes sinais de preságio. Sua habilidade se estendeu a outros aspectos, como: nascimento de animais monstruosos, aparecimento de cometas, produção de eclipses, terremotos, epidemias etc.

A astrologia, entretanto, não obteve sucesso entre os etruscos e romanos, pelo menos até o final do império. Em contrapartida, propagaram-se os amuletos, ídolos, fetiches e outros objetos mágicos.

Uma tradição etrusca que influenciou os romanos foi o rito religioso da fundação das cidades. A exemplo está a lenda da origem de Roma. Precisava-se de duas estradas principais, cortando-se em um ângulo reto. Em seguida, com um arado puxado por dois bois, fazia-se um sulco, estabelecendo-se o local das portas da futura cidade. Jogavam-se oferendas nesse sulco para garantir o futuro feliz daquele povo. O local era sagrado e somente se podia entrar ou sair no lugar das portas. Segundo a lenda, por não ter cumprido essa norma sagrada, Rômulo matou seu irmão gêmeo Remo.

A crença no além-túmulo — Segundo Jesus Garcia Tolsa,¹³ das necrópoles encontradas pelos arqueólogos, deduz-se que os etruscos acreditavam numa vida além-túmulo, em condições semelhantes a esta vida, pois enterravam armas, jóias e vasilhas junto com o morto. Além disso, a estátua em pedra do morto era colocada sobre o túmulo, e eram celebrados banquetes funerários e jogos variados.

Até o contato com os gregos, por volta do 4.^o século a.C., parece que os etruscos acreditavam que o morto continuava vivendo no mesmo local em que fora enterrado (à semelhança dos egípcios); depois, passaram a aceitar que ia para o reino das sombras (gregos).

A idéia misteriosa que os etruscos possuíam da vida além-túmulo aparece nos relevos, esculturas e pinturas. Os dois principais personagens do inferno eram a deusa Vauth e o demônio Caru, que aparece pintado de cor azulada, com um martelo na mão para dar o golpe de misericórdia nos moribundos. Outras figuras relacionadas ao além-túmulo são monstruosas, mescladas com caracteres humanos e de animais. O conceito sinistro da vida do além desenvolvido pelos etruscos pode ter sido influenciado por sua decadência política, que começou no 5.^o século a.C., com a superioridade romana.

Além dos deuses, da adivinhação e da crença no além-túmulo, os romanos devem aos etruscos a arquitetura do templo e o emprego de imagens culturais.

Adquirindo preeminência sobre a civilização etrusca, os romanos adquiriram forma política própria, independente, ao final do 6.^o século a.C. Caíram os etruscos, e Roma se tornou democrática, admitindo novos cultos, mais ricos em conteúdo e mais promissores.

As práticas religiosas foram ampliadas, mas seu conteúdo espiritual continuou o mesmo; sua finalidade não mudou. Assim como a antiga religião doméstica, a religião posterior teve como objetivo a saúde e a

prosperidade da família em todos os aspectos; como a religião agrícola, ela também desejava a fertilidade dos campos e a saúde dos rebanhos.

A influência grega sobre a religiosidade de Roma não foi apenas indireta, quanto às crenças e práticas. As colônias gregas presentes na Itália central e meridional proporcionaram o contato de Roma com a arte e o pensamento gregos.

Cyril Bailey enfatizou o motivo que levou à importação da religião grega: o culto estatal fracassou, quando o povo romano se viu envolvido pela guerra, fome e peste; havia necessidade de uma nova divindade, cultuada de forma diferente, para dar nova esperança ou simplesmente para distrair e acalmar o povo.

Quando chegaram, os deuses gregos se alojaram fora do *pomoerium* romano. Com o decorrer dos séculos, eles foram sendo incorporados às crenças e ritos romanos.

Alguns ritos helênicos também foram adotados pelos romanos. No sacrifício e na oração havia diferença entre os dois povos: o grego elevava os seus olhos para o céu; o romano cobria a cabeça; num caso, a oração é intuição; no outro, pensamento. As influências importantes foram as *lectisternia* e as *supplicationes*. Nos primeiros ritos, erguiam-se leitos para os deuses, onde eles eram deitados e diante dos quais se colocavam as mesas para o banquete do sacrifício. O primeiro *lectisternium* foi celebrado por ocasião de uma epidemia e por ordem dos livros sibilinos de 399 a.C.; ergueram-se no *Forum* três leitos para Apolo e Latona, Hércules e Artemis, Hermes e Poseidon. Nas *supplicationes*, a multidão partia do templo de Apolo e ia em procissão, com música e coroas de louro, rezar de um a outro santuário. O povo tomava parte nestas cerimônias.¹⁴

Nesta época, Júpiter, Juno e Minerva entraram no Capitólio dos deuses. A 13 de setembro, dia do aniversário da fundação do templo, celebrava-se o famoso banquete de Júpiter, *Epulum Iouis*, do qual participavam senadores e magistrados; a estátua de Júpiter vinha deitada num leito, ladeada pelas de Juno e Minerva, sentadas. Era um cerimonial etrusco incorporado aos rituais romanos.

Com a influência estrangeira, os deuses familiares foram se projetando à vida urbana. A tríade capitolina servia de proteção para a cidade. Júpiter passou a ser apelidado de *Optimo*, *Maximo* e *Fides Populi Romani* (a boa fé do povo romano). Júpiter se tornou símbolo da virtude romana, a quem se devia *pietas*. Em contato com os gregos, Júpiter foi identificado com Zeus.

A evolução religiosa deu-se no sentido do antropomorfismo, pois os deuses foram adquirindo fisionomias mais acentuadas e recebiam templos para viver, o que não existia na religião primitiva. As estátuas

apresentavam forma humana e cada deus recebia tributos especiais. Os grandes deuses da Grécia introduziram-se paulatinamente. Alguns deuses antigos se modificaram, acomodaram-se ao novo gosto ou misturaram-se com mitos e lendas gregos.

Juno, esposa de Júpiter, foi identificada com Hera, mas havia diferenças entre ambas. Como Hera, protegia as uniões legítimas, recebendo o nome de Pronuba; também ajudava a mulher durante o parto — Juno Martialis; advertia dos perigos — Juno Moneta; e era considerada como deusa da luz noturna — Juno Lucina.

Minerva era, em princípio, a deusa dos artesãos, pintores e músicos. Posteriormente, foi identificada com a Pallas Athenea dos gregos, adotando seu caráter guerreiro e político.

Ceres foi a versão romana da deusa Deméter, quanto a ser protetora da agricultura, em tempos quando a fome ameaçou a cidade.

Vênus existia antes da influência helênica. Junto a Flora e Feronia simbolizava a fertilidade, e seu nome significava graciosa ou amável. No 2º século a.C., os romanos a identificaram com a grega Afrodite.

Vulcano foi um deus importante, mesmo antes de ser igualado ao Hefesto grego. Simbolizava o fogo e recebeu a divindade da água, por ser encarnação do Rio Tibre.

Netuno era o representante romano de Poseidon, e recebia sacrifícios quando havia viagens pelo mar.

Liber Pater foi um deus romano muito antigo; perdeu-se o seu nome, mas não suas atribuições, como prover a fertilidade dos campos e do gado. Em contato com os gregos, foi substituído por Dionísio. Seu culto iniciou-se em Roma como um mistério e nunca foi popular, mas suas bacanais eram famosas. Em 186 a.C. foi baixado um decreto proibindo as bacanais, pois os representantes do culto oficial sempre se opuseram às novidades estrangeiras. Milhares de pessoas foram mortas, mas o culto continuou a helenizar-se.

Mercúrio era o protetor dos comerciantes e dos ladrões. Foi identificado com o Hermes grego. Adquiriu vários apelidos: *Negotiator*, *Nundinator* (deus do mercado) e *Lucri Conservator* (conservador das ganâncias).

Diana era a deusa das montanhas, dos bosques e dos rios. Seu templo se erguia no meio de um bosque, guardado por um temível sacerdote. Foi associada à Artemis grega.

Dis Pater foi o deus dos mortos, a quem julgaria; recebeu o nome de Plutão, guardião dos infernos.

É um erro supor que os romanos tomaram todos os seus deuses dos gregos. Muitos já eram conhecidos antes do seu contato. Observando a semelhança de características de alguns deuses, os romanos acabaram

assimilando a representação grega dos mesmos. Essa semelhança deveu-se ao fato de gregos e romanos terem origem comum na civilização ariana.¹⁵

Apesar de não podermos afirmar que os deuses romanos foram todos gregos, houve uma identificação entre ambos, segundo a lista a seguir:

GREGOS	ROMANOS
Ares	Marte
Afrodite	Vênus
Artemis	Diana
Asclépio	Esculápio
Atenéia	Minerva
Deméter	Ceres
Dionísio	Baco (Liber Pater)
Hefesto	Vulcano
Hera	Juno
Hermes	Mercúrio
Héstia	Vesta
Poseidon	Netuno
Zeus	Júpiter

As guerras púnicas (264—241 a.C. e 218—202 a.C.) aceleraram o processo do sincretismo religioso e do antropomorfismo dos deuses. Provocaram também uma onda de misticismo romano, adotando-se os deuses e cultos estrangeiros, além das idéias filosóficas gregas, como o pitagorismo, orfismo e estoicismo. O pânico experimentado diante da possibilidade da derrota militar quebrou o sistema tradicional de crenças. Com a queda da república, oficializou-se a mitologia greco-romana, e a assembléia dos deuses ocupou o Capitólio.¹⁶

Assim, a partir do 3º século a.C., Roma conheceu um tipo de pluralismo religioso que se acentuou no império, à margem da religião oficial, levando o povo a importar formas estrangeiras para a renovação de seu sistema de crenças. As religiões iniciáticas e de mistérios, seguidas pelas de salvação, ganharam adeptos em todas as camadas, inclusive nas legiões romanas, entre as quais se propagou o culto a Mitrás (divindade persa que os gregos e romanos confundiram com o Sol). Os profetas do Oriente também encontraram acolhida em Roma.¹⁷

Percebe-se, pois, que a partir da influência estrangeira, dois tipos de religiosidade andavam lado a lado em Roma: a popular e a oficial, ou do Estado. Os cultos estrangeiros eram favorecidos ou perseguidos pelo Estado, mas multiplicavam seus adeptos.

3. RELIGIÃO DO ESTADO

A partir do 3º século a.C., a religião oficial do Estado resultou da introdução de modelos provenientes do exterior.

Havia a convicção de que a religião era necessária à prosperidade do Estado. A religião era uma instituição do Estado e a base dele. O ritual estava na Constituição. As próprias tradições acerca da fundação da cidade a representavam como sagrada.

Do ponto de vista da religião oficial, a palavra *templum* designava o lugar sagrado: o interior de cada cidade formava um grande templo; esta idéia expressa bem a conexão das coisas políticas com as coisas religiosas. O templo era o lugar consagrado pelos áugures, onde se revelava a vontade dos deuses em benefício da cidade. O templo principal encontrava-se no Capitólio. Os atos públicos importantes só eram decididos no templo, como os comícios e as resoluções do Senado.

Palavras como *sercer*, *sanctus* e *religiosus* eram sagradas e pertenciam à religião e ao direito público. *Sacrum* referia-se ao que passava da posse do Estado para a posse da divindade. Por exemplo: o homem que vendia a mulher era entregue pelas leis aos deuses subterrâneos; o filho que batia no pai era entregue aos deuses domésticos. Por outro lado,

tudo o que, sem ser consagrado ou garantido legalmente por uma *sanctio* (razão jurídica), estava em relação tão estreita com a religião que devia ser considerado e tratado com respeito e temor, era denominado *religiosum*; exemplos: túmulos, lugar do culto privado, santuários etc.¹⁸

O culto privado e os atos religiosos da família eram vigiados pelo Estado, por meio dos pontífices, para que tudo se passasse conforme as regras do Direito sagrado. Alguns cultos eram reservados a certas famílias; o Estado, havendo necessidade, providenciava um *collegium* para impedir que o culto fosse extinto. Os atos de culto público podiam ser assistidos pelo povo, que só tomava parte do cortejo ou do banquete do sacrifício. Do sacrifício diário, o povo não participava, e o interior dos templos era acessível somente aos sacerdotes.

O povo participava de duas solenidades: o *septimontium* e a dupla procissão dos *argei*. Aos cultos populares das trinta cúrias os plebeus obtiveram acesso, mas não sem luta. Essas cúrias eram realizadas em honra a diferentes divindades, particularmente a *Juno curitis*. Muitas cerimônias romanas estavam relacionadas ao campo.

Uma influência estrangeira significativa foi a participação do povo no culto oficial. Os patrícios, a princípio, gozavam exclusivamente dos direitos políticos e até dos *jus sacrorum*; a plebe, antes, só estava autorizada a prestar homenagens privadas aos deuses romanos.

O período em que o povo começou a adquirir poder caracterizou-se pelo governo como sendo considerado coisa do povo (*res publica*), daí a república. Esse poder do povo ficou primeiro com o exército, depois com o conselho do povo e em seguida com os patrícios, pessoas mais influentes na sociedade. Os plebeus lutaram, mais tarde, para participar do poder.¹⁹

A vitória dos plebeus na luta pelos direitos políticos assegurou-lhes também o *jus sacrorum*; pelas leis Licinia (367 a.C.) e Olgunia (300 a.C.), obtiveram o acesso aos grandes colégios sacerdotais. Esse acesso contribuiu, com o tempo, para a decomposição da religião romana. A lei Domitia (104 a.C.) admitiu a eleição popular, e o ciclo sacerdotal tornou-se cada vez mais aberto; a tradição religiosa do sacerdócio enfraqueceu cada vez mais, gradativamente.

Os cultos nos diversos municípios faziam parte da religião do Estado e eram administrados por sacerdotes naturais do país, mas sob a vigilância dos pontífices de Roma. Alguns desses cultos municipais foram reorganizados no tempo do império. Segundo a religião oficial, o rei era investido da função de grande sacerdote, como o *pater familias* da religião doméstica. Originariamente era assistido por dois colégios de sacerdotes: o dos pontífices e o dos áugures.

Colégios sacerdotais — Além do culto familiar, como já vimos, havia o culto público, oficial. Nesse, os sacerdotes eram funcionários do Estado. O rei possuía autoridade sobre os sacerdotes; mais tarde ele foi substituído pelo rei dos sacrifícios. Abaixo do rei vinham os *flamiles*, isto é, assopradores, iluminadores do fogo sagrado; havia o *flamile* de Júpiter, o de Marte e o de Quirino. Abaixo dos *flamiles* vinham os pontífices, encarregados da construção de pontes, e que presidiam ao culto nacional. Após o término da realeza, o grande pontífice (*pontifex maximus*) tornou-se o mais poderoso de todos os sacerdotes. Os decênviros (mais tarde quindécênviros) dos sacrifícios ocupavam-se dos deuses estrangeiros.

Os colégios sacerdotais dos sális, lupercais e arvais eram os mais antigos; os áugures e pontífices eram pilares da religião do Estado. Dada a importância política dos colégios sacerdotais, o povo começou a reivindicar seus direitos de acesso aos sacerdócios, conseguido com a lei Ogúlnia, como já foi mencionado.

Aos pontífices cabia a vigilância de toda a religião nacional tradicional, o culto de todos os patriotas. No último século da república, o colégio dos pontífices possuía quinze pontífices, o *rex sacrorum*, três *flamiles maiores* e três *pontífices menores*. O *pontifex maximus* herdara o papel religioso dos antigos reis; os demais formavam um conselho ao seu redor, mas a decisão final era sua.

Os pontífices realizavam os sacrifícios e participavam de questões públicas e jurídicas. Aos poucos suas atribuições se reduziram, mas permaneceu sua função essencial: defender o direito dos deuses na cidade e reconstruir as cidades. Os pontífices auxiliavam os magistrados nos casos de: *piacula*, *vota* e *consecrationes* (promessas feitas às divindades). Os *piacula* eram realizados quando ocorria falta nos ritos; os *vota*, quando ocorriam calamidades, como: peste, terremoto, insucesso na guerra; os *consecrationes* eram os votos especiais dos magistrados. Nesses casos, o pontífice recitava a fórmula, que era repetida pelo magistrado ou pelo povo.²⁰ Cabia ainda aos pontífices a purificação periódica — *lustratio* — da cidade, por meio de procissões, sacrifícios e preces.

No colégio sacerdotal, também havia certos sacerdotes sacrificadores, os *rex sacrorum*, que perderam sua importância no final da república, mas foram restabelecidos por Augusto.

As *virgens de Vesta* eram recebidas no colégio sacerdotal, pronunciando certa fórmula e recebendo o nome de Amata. A função das vestais era manter aceso o fogo do templo de Vesta e preparar alimentos para os sacrifícios do culto público. Gozavam de muitas honras, mas eram também muito castigadas, se faltassem com seu dever.

Além dos pontífices, havia os áugures. Uma pessoa podia ser pontífice e áugure ao mesmo tempo. Eram encarregados dos auspícios públicos. Os áugures formavam um colégio separado e possuíam seus arquivos. De seus presságios favoráveis ou desfavoráveis dependia qualquer empreendimento. O magistrado consultava os auspícios e o áugure dava a resposta por meio de sinais. Os áugures distinguiram-se dos arúspices, de origem etrusca e de natureza diferente.²¹

O colégio especial para os cultos estrangeiros era o dos decênviros, mais tarde quindenários. Seus cultos relacionavam-se aos livros sibílicos. Consultavam e interpretavam os oráculos.

O colégio dos etiaes era encarregado das cerimônias necessárias nas declarações de guerra.

Da obrigação para com os deuses, surgiu a necessidade de reorganizar o calendário romano, incluindo festas e jogos.

O calendário e as festas — A divisão do tempo tinha caráter religioso por excelência. Um membro inferior do colégio dos pontífices observava a primeira aparição da Lua, determinando assim os sacrifícios aos diversos deuses e as festas religiosas.

Os dias possuíam sinais diferentes nos calendários. A letra *F* designava os dias fastos, próprios; a letra *N*, os nefastos, quando não se realizava ato judiciário algum. Outros dias não eram escolhidos para viagens, casamentos ou negócios. Alguns nomes dos meses relacionavam-se aos deuses: Maio (da deusa Maia); Janeiro (do deus Jano); Março (do deus Marte).

Somente as festas fixas estavam indicadas no calendário. *Feriae* referia-se aos dias em que havia sacrifícios e banquetes, e não havia trabalho.

No calendário, eram marcados ainda os *dies natales*, dias de fundação e consagração de templos e do nascimento de certas personalidades.

As festas e cerimônias religiosas antigas projetaram-se até o tempo da república, e eram feitas nos lares romanos. Uma das primeiras tarefas de um romano, diariamente, era realizar a oferenda diante de um pequeno nicho com imagens dos deuses. Existiam também os sacrifícios animais.

A crueldade inicial foi sendo suavizada com o tempo. Um exemplo é a festa a Saturno que, de um sacrifício sangrento, passou a uma pacífica procissão. Ao mesmo Saturno dedicavam-se as festas populares — as saturnálias —, celebradas em dezembro, nas quais alguns querem encontrar a origem do Carnaval; nelas havia grandes banquetes e orgias, e ofereciam-se regalias aos escravos, que delas participavam.

Além das saturnálias, havia as lupercálias. Nestas, jovens cobertos com tiras da pele de um cabrito, oferecido anteriormente, perseguiam

as moças, açoitando-as. Pensavam que o rito determinava a fecundidade. Celebravam-se em fevereiro e foram adquirindo um caráter licencioso.

O sacrifício de animais, inicialmente realizado no lar, foi adotado pelo Estado. O mais importante chamava-se *suovetaurilia*, palavra formada pelas iniciais de três animais: *sus* (porco), *ovis* (ovelha) e *taurus* (touro). Esses sacrifícios eram realizados nos anos lustrais, de cinco em cinco anos, por ocasião da cerimônia chamada *lustração*, isto é, purificação de uma pessoa, de um campo ou de uma cidade.²²

Junto às ofertas de animais havia a oferta de vegetais, as *hóstias*: flores, espigas, farinha, leite, mel, vinho, que acompanhavam ou substituíam os animais.

As cerimônias religiosas anuais eram em número de quarenta e cinco, das quais foram selecionadas algumas.

Os *jogos* datam quase todos do período da República, com exceção dos *Ludi Romani*, os mais antigos de todos. Os *Ludi Romani* eram celebrados no Outono, quando o exército voltava triunfante. Duravam quatro dias, período em que a cidade parava. No tempo de César, chegaram a durar 16 dias. Começavam com um banquete dedicado ao deus principal da cidade, do qual participavam os sacerdotes e os magistrados da república. O cortejo ia do Capitólio ao Circo Máximo, pela Via Sacra.

A procissão dos *Ludi Romani* era encabeçada pelo próprio Júpiter, representado por uma autoridade vestida com uma toga bordada de púrpura e com uma coroa de ramos. A cidade toda o acompanhava, na ordem das hierarquias, seguidas pelas dançarinas e músicos, com flautas, tambores e trompetes. Logo atrás eram levados os tesouros do cerimonial, os vasos sagrados com perfumes caros. Por último passavam as imagens dos outros deuses, representados por estátuas caracterizadas.²³

Chegando ao Circo, colocavam-se as imagens dos deuses no Pulvinar, lugar em destaque, e começavam os jogos. O Circo era considerado um recinto sagrado. No tempo de César, sua capacidade chegou a 300 mil espectadores. Desde os tempos da república, o Circo era o lugar habitual para as reuniões do povo romano, para a celebração de todas as festas religiosas. No Circo havia desfilês, exercícios ginásticos, corridas e lutas; no 4.º século a.C., foram acrescentadas as representações teatrais.

Relacionados aos Jogos Máximos havia a *Pompa Circensis*, continuação da procissão descrita acima que, após haver desfilado pelo Circo, voltava pela Via Sacra, terminando no Capitólio. Durante a passagem do cortejo, todos os templos da cidade permaneciam abertos, para que os deuses pudessem assistir ao cortejo. Desta cerimônia derivaria, mais tarde, a entrada triunfal em Roma dos generais vitoriosos.²⁴ Faz-nos

lembrar da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, tendo o significado de que Jesus é o Rei espiritual que triunfou sobre a morte.

Outro tipo de jogo eram os *Ludi Prebeii*, corridas a pé e jogos cênicos, no *Circo Flaminius*. Os *Cerialia*, também realizados no Circo, eram representações populares, como a caça às raposas, à cauda das quais se atavam tições; ficavam sob a vigilância dos decênviros.

Os jogos sempre eram realizados com caráter de culto. Em abril e maio, realizavam-se jogos em honra a Ceres e Flora, para celebrar a colheita. No primeiro, eram realizados os *Cerialia*. Essa caça às raposas com tições nos faz lembrar do episódio de Sansão soltando as raposas no campo dos filisteus. No segundo tipo de jogos, famosas cortesãs dançavam desnudas pelas ruas, simbolizando a fertilidade desejada para as terras, costume que foi adquirindo aspectos de libertinagem.²⁵

Os *Ludi Apollinares* eram realizados em honra a Apolo, no Circo Máximo, segundo os oráculos de Marte.

Havia ainda inúmeros jogos, em honra a diversos deuses. Destacavam-se os *Ludi Seculares* ou *Terentini*, que não figuravam no calendário; misturavam práticas etruscas e romanas e estavam ligados a uma antiga lenda. Eram inicialmente celebrados em honra aos deuses subterrâneos, que podiam curar. Mais tarde festejavam também Júpiter, Juno, Apolo e Diana. Continham ritos estrangeiros e eram da competência do colégio dos decênviros. Um arauto anunciava os jogos antecipadamente, em Roma. Alguns dias antes, os decênviros repartiam archotes, enxofre e asfalto no Capitólio e no templo de Apolo Palatino, e proibiam os escravos de participar. O povo recebia trigo, cevada e favas, no templo de Diana, no Monte Aventino. A festa durava três dias e três noites, e nesse tempo eram oferecidos sacrifícios a diversos deuses; havia jogos e cantava-se um *carmen saeculare*, composto especialmente para esta oportunidade.²⁶

Em honra à deusa Cibele, havia um culto orgiástico rodeado de jogos, que começou a ser celebrado no 3.º século a.C. e recebeu o nome de Megalenses. Os Jogos Actíacos foram introduzidos por Augusto, para comemorar a vitória de Actium. Os Neronianos foram criados por Nero; os Capitolinos, por Domiciano, com a novidade de oferecer prêmios pela eloquência e poesia.

Todos os jogos acabaram perdendo seu caráter religioso, convertendo-se em simples distrações. O grande número de jogos acabou sobrecarregando o calendário romano, num total de 65 dias de comemorações anuais. Foi principalmente durante o império que eles se multiplicaram, dadas as profundas mudanças nas estruturas sociais pela presença de escravos e o acúmulo de riquezas. Daí a expressão *panem*

et circenses (pão e jogos de circo), reclamada pelo povo sofrido e utilizada pelos imperadores para manter sua popularidade.²⁷

Assim como os jogos perderam seu aspecto religioso, a religião também perdeu sua força; tanto que, no final da república e começo do império, era comum lamentar a morte da religião.

4. RELIGIÃO IMPERIAL

No começo do império, os templos se encontravam em ruínas e as festas foram abandonadas. Poetas como Horácio e Propércio informam que as teias de aranha cobriam os altares, e as imagens sagradas estavam tomadas pela poeira. O prestígio dos áugures estava arruinado. A própria influência grega havia enfraquecido o respeito pela religião, com suas lendas imorais e irreverentes. Segundo Cícero, naquela época podiam distinguir-se três tipos de pessoas: o homem do Estado que, em seus discursos, invocava os deuses e cria nos presságios; o filósofo, que expunha belas teses sobre Deus e a imortalidade da alma; e o homem privado, que deixava transparecer a influência de princípios morais mas raramente a de motivos religiosos, falando pouco dos deuses e descrendo da imortalidade da alma.²⁸

Um culto, entretanto, manteve-se apesar de tudo: o *culto dos mortos*. Os túmulos eram objeto de constante cuidado, e eram colocados ao longo das estradas romanas. Nos epitáfios transparecia a incredulidade e o cinismo: “Outrora existia, agora já não existo”; “come, bebe, diverte-te a valer” (expressão que lembra a parábola de Jesus sobre o rico). Começaram a aparecer as associações funerárias, com jazigo comum para várias pessoas. Por causa do culto dos mortos, o espírito religioso prevaleceu.

Antes de Augusto, a denominação *imperador* designava um general que saía em campanha contra os inimigos. A expressão foi perpetuada com Augusto, estabelecendo-se a forma monárquica de governo. O imperador possuía *auctoritas* (autoridade absoluta), *potestas* (poder) e *ductus* (faculdade de direção das operações militares). O *imperium* lhe conferia a representação do povo romano; por isso, qualquer atentado contra o imperador era contra a república (nome que não se perdeu na época imperial), e era castigado. Isto é importante para compreender as perseguições contra os cristãos.²⁹

Otávio, sobrinho e filho adotivo de Júlio César, resolveu manter a unidade do império mediante o despertar religioso. Ele próprio designou-se Augusto, isto é, consagrado ao serviço divino, representante da divindade. Foi o primeiro a seguir o conselho de Horácio para reconstruir templos e santuários desmantelados. Com Otávio Augusto foram

estabelecidas as bases de um renascimento religioso que continuaria com seus sucessores. Augusto começou a exercer as funções de sumo sacerdote após a morte de Lépido (13 a.C.), ocupando o cargo de *pontifex maximus* com grande escrupulosidade, de modo que o povo o respeitava por admirar estas elevadas hierarquias. Presidia as mais altas comemorações religiosas; fez reviver os *Ludi Seculares*; intervinha na nomeação dos sacerdotes; o *lituus*, senha dos áugures, tornou-se um símbolo imperial.³⁰

Vinculando a religião com seus atos governamentais, atribuía suas vitórias aos favores das divindades. Obteve do Senado a autorização para construir o *Ara Pacis Augustae*, templo da paz augusta, inaugurado em 9 a.C. O Senado, submetido aos desejos do imperador, colocou no salão de reuniões um grande escudo, junto ao Altar da Vitória, com as qualidades atribuídas ao governante ali gravadas: a virtude, a justiça e a piedade. Nas moedas da época eram cunhadas a providência, a paz e a felicidade. Os romanos começaram a adorar essas qualidades como se fossem deuses.

Augusto mandou construir inúmeros templos e elaborou leis para elevar a moral privada. Restabeleceu as instituições religiosas decadentes. Dedidou aos *lares* um culto muito particular. Desses antigos *numina* dependia a proteção dos caminhos e das plantações. Augusto dividiu Roma em 265 regiões, cada uma com um templo aos *lares*. No seio desses cultos populares introduziu-se o *Genius Augusti*, que assim começou a ser lembrado em todos os lugares.

Foram construídos inúmeros santuários domésticos e altares no meio do caminho. Quase todas as casas possuíam um santuário privado — *lavarium* — com bustos de antepassados e outros deuses domésticos tradicionais. Os ritos simples eram realizados sob a orientação do chefe da família e relacionavam-se a acontecimentos familiares importantes, como a maioridade dos filhos. No interior das casas eram pintados mosaicos com temas religiosos.

Augusto também rejuvenesceu o culto dos grandes deuses: Vênus, Marte e Apolo. Os cultos oficiais da república subsistiram durante o império, sendo ampliados e protegidos pelo imperador. Os sacerdócios foram conservados e se multiplicavam pelas cidades; em cada uma era estabelecido um templo a Júpiter Maximus, com seu corpo sacerdotal correspondente.

O culto das imagens florescia, e a imagem identificava-se com o *numina*. Perto dos templos havia artistas que enriqueciam com o comércio das imagens. Tal ocorria em Éfeso, onde Demétrio fazia nichos de Diana (Atos 19.23ss).

O comércio entre as nações trouxe influência sobre a religião. Um novo culto foi o de Anoma, divindade originária dos antigos *numina*. Pediam-lhe que facilitasse a importação de cereais, principalmente da África. O historiador Tácito dava aos deuses dos germanos nomes romanos; Plutarco assimilava divindades egípcias com as romanas. Nos campos romanos, os soldados traziam suas crenças, e assim foi se efetuando um verdadeiro sincretismo religioso.

Os jogos anteriormente suspensos foram restabelecidos. A festa popular dos *lares compitales* foi restaurada, bem como os *Ludi Seculares*. O *carmen saeculare*, que celebrava os deuses, passou a lembrar o domínio glorioso de Augusto.

A reforma religiosa de Augusto teve suas razões políticas. Na literatura da época, transparecem as disposições morais — em Ovídio, Horácio, Virgílio e Tito Lívio. Esses escritores compunham seus textos para agradar ao imperador, reviver a antiga religiosidade e divulgar suas idéias filosóficas. Virgílio, cuja obra mais religiosa foi a *Eneida*, foi considerado o profeta dos pagãos. Dante o considerou como o pagão que levava atrás de si um facho cuja luz, sem iluminar a ele próprio, brilhava para a posteridade.

Augusto não chegou a divinizar-se, mas abriu caminho para a divinização dos imperadores quando pediu que atribuíssem ao seu tio Júlio César o título de *divus* (divino). Não era uma deificação, mas uma divinização. Entretanto, as províncias chegaram a edificar altares a Augusto, dando-lhe a atribuição de *divus*. Em Roma, o culto ao imperador somente surgiu após a morte de Augusto.³¹

A cerimônia *apoteosis*, em honra a Júlio César, contribuiu para a divinização dos imperadores. Mediante a petição de certo número de testemunhas, elevava-se um altar ao imperador morto. Essas testemunhas juravam que haviam visto a alma do morto elevar-se ao céu — por uma águia —, símbolo do reconhecimento pelos deuses de suas ações. Augusto, como era de se esperar, teve sua *apoteosis* ao morrer, e o costume se propagou. O Senado reservava-se o direito, também, de negar a *apoteosis* a algum imperador, que podia recorrer a outra assembléia.

A divinização do imperador foi se estendendo à sua esposa, irmã, filhos e outros parentes, divulgando-se grande número de cultos no império. A Júlio César foi edificado um templo no local onde fora queimado o seu cadáver. O culto ao imperador tornou-se mais importante nas províncias do que em Roma, onde, a princípio, era vinculado ao culto dos *lares* e dos Manes. No Oriente, o culto ao imperador ligava-se à adoração religiosa e à obediência servil concedida aos soberanos.

A atitude dos imperadores quanto à sua divinização variava conforme seu caráter individual. Uns, como Tibério, foram reservados a esse respeito; outros, como Calígula, que tomou logo o título de *dominus*, não puseram limites à sua fantasia. A adoração propriamente dita, à maneira oriental, foi exigida pela primeira vez por Diocleciano.³³

Em geral, os imperadores gozavam, em vida, de honras mais do que humanas. Falava-se do seu *numen*, de sua *majestes* e até de sua *aeternitas*. Os pedestais de suas estátuas eram adornados com atributos de Apolo, Hércules, Ceres e Juno. Nas festas públicas e privadas faziam-se brindes em sua honra; nas fórmulas de oração entrava o nome do imperador. Cláudio foi o primeiro imperador divinizado depois de Augusto. Até o final do 3.º século houve cerca de 37 imperadores e imperatrizes consagrados como *divus*.

Nas províncias orientais foi instituído o *neokorato*; Éfeso, por exemplo, era um centro especial de culto ao imperador, com templos esplêndidos e jogos instituídos. Os judeus tiveram uma situação excepcional dentro do Império Romano, pois negavam-se a prestar o culto aos imperadores. Essa situação se estendeu aos cristãos, mais tarde. Entretanto, esse culto estava tão enraizado que até mesmo os imperadores cristãos (Constantino, Constâncio e Valentino) receberam o título de *divus* após sua morte, apesar das restrições da fé cristã.

Acompanhando o sentimento religioso, desenvolvia-se o pensamento filosófico a partir do 1.º século a.C. Duas foram as principais correntes filosóficas gregas que obtiveram êxito em Roma: o estoicismo e o epicurismo, sem esquecer um sincretismo que triunfou a partir de Cícero. No 3.º século d.C. houve uma mistura de elementos religiosos e filosóficos, com o neoplatonismo; Plotino foi seu fundador e Porfírio, seu divulgador.

Cultos orientais — Os cultos estrangeiros, paulatinamente, associaram-se aos cultos oficiais, pois os seus sacerdotes não possuíam atitude hostil quanto à religião romana e devotavam-lhe respeito; não podiam ser considerados rivais. Durante o império, os cultos estrangeiros encontraram lugar em Roma, a não ser quando eram perigosos para o Estado ou para a ordem social. Ovídio assim escrevia: "*Dignus Roma locus quo deus omnis eat*" (Roma, digna morada de que todos os deuses lá se instalem).

Esses cultos estrangeiros vinham do Oriente: cultos egípcios, judaísmo e mais tarde cristianismo, a religião persa de Mitra e cultos sírios. O sincretismo extremo ocorreu no 3.º século d.C.

As religiões exóticas se distinguiram dos cultos oficiais, gregos e romanos, e alcançavam êxito por causa da concessão feita a idéias e ritos

de expiação e de purificação, de sua importância para a vida futura, do sentimentalismo místico, da frequência do elemento feminino entre os adeptos e da constituição da classe sacerdotal.³³

Os cultos egípcios são revelados através da literatura e dos monumentos. O culto a Ísis era reconhecido em Roma, juntamente com outros deuses, como Serápis, Hórus e Anúbis. Serápis era o nome grego para o deus egípcio Ushir-Hap, designando o boi Ápis morto. Era Osíris. O ritual era cotidiano e havia as festas solenes. As mais impressionantes eram as do *Nauigium Isídis* e a do *Inuentio*. Na primeira, havia uma procissão no mar, acompanhada das imagens dos deuses, da urna com água do Nilo, de flautas e do canto das orações. Chegando à margem, o navio ornamentado era lançado ao mar, consagrado a Ísis. Na segunda festa, comemorava-se a morte do deus Osíris, a busca de Ísis, seu triunfo definitivo e sua ressurreição. Tudo era representado. Simbolizava a possibilidade do renascimento, e por isso o culto alcançou grande divulgação.

Alguns imperadores, como Domiciano, atuaram como sacerdotes do culto isíaco, o que implicava andar com a cabeça raspada e tocar o sistro, antigo instrumento musical. Os iniciados submetiam-se a penitências, como banhar-se nas águas do Tibre em pleno inverno. A admissão ao culto era feita através de uma cerimônia de purificação seguida por uma de iniciação.³⁴

O culto frígio a Cibele foi introduzido em Roma no 3.º século a.C. Seu culto inicial era dirigido por sacerdotes eunucos, que se mutilavam com punhaladas, em meio à cerimônia. A pedra sagrada de Cibele foi trazida a Roma e colocada no templo do Palatino. As festas de Átis e Cibele eram comemoradas para simbolizar a lenda do deus. Átis fora exposto, depois de nascer, à beira do grande rio da Frígia, e recolhido por Cibele. Após aventuras amorosas, o deus foi despojado da virilidade. Ressuscitou depois de morto e foi para junto da mãe dos deuses, Cibele, passeando ao seu lado, em triunfo, sobre quadriga puxada por leões.³⁵

A partir do segundo século depois de Cristo, em consequência da aliança com o culto de Mitra, foram introduzidas duas cerimônias: o *Taurobolium*, sacrifício de um touro, e o *Criobolium*, de um carneiro. A iniciação a esse culto misterioso se dava a partir da aspersão do sangue do touro sobre o iniciante. Este se deitava num fosso, tendo por cima um telhado com orifícios, onde o animal era sacrificado. Absorvia o sangue pela boca, nariz e olhos, o que simbolizava sua purificação (libertação das culpas) para alcançar a imortalidade.³⁶ Essa cerimônia lembra o sacrifício de touros, mencionado nas Escrituras, que não valia mais mediante o sacrifício completo e perfeito de Jesus Cristo por nossos pecados, para nossa justificação (Jo 1.29; Hb 9.12-14).

O culto oriental que mais se enraizou em Roma foi o culto a Mitra. Fazia parte da religião popular persa e desenvolvera-se independentemente da reforma de Zoroastro. Agradava aos grandes e aos soldados, que veneravam o deus do juramento e da glória militar. Mais tarde, foi associado à cerimônia do *Taurololium*, já mencionado acima. Somente o cristianismo conseguiu acabar com esse culto.

Mitra, deus da luz e da força, divindade da guerra, podia ser comparado ao Hércules grego, pois lutava contra o mal. Era uma emanção do deus supremo persa; tendo matado o touro primordial, de cujo sangue foi criado o mundo, tornou-se uma espécie de mediador entre o céu e a terra. Segundo o mito, do sangue do touro germinariam todas as plantas e sairiam todos os animais úteis aos homens, cuja alma continuaria protegendo a vida agrícola. Após a criação, o Espírito Mau provou o homem com a seca e o dilúvio. Mitra salvou os homens da primeira, batendo num rochedo de onde saiu água; homens e animais se salvaram do segundo, numa arca.³⁷ Estes episódios nos lembram de Moisés batendo na rocha e do evento do dilúvio, com Noé.

A liturgia do culto a Mitra era misteriosa e objetivava uma busca de maior pureza e de vínculos religiosos profundos não existentes nos cultos oficiais romanos. Da cerimônia participavam somente os iniciados, que passavam pelo noviciado e por uma cerimônia batismal. A demologia, desconhecida pelos gregos e romanos, foi divulgada por esse culto persa.

O imperador Aureliano (+ 275), dada a confluência das inúmeras correntes religiosas, quis promover um sincretismo religioso, reativando o culto do *Sol Invictus*, mas era tarde. O paganismo havia avançado tanto no sentido ético como no espiritual. Faltava, porém, a sanção da própria divindade: um sinal de que o rumo estava certo. O cristianismo veio com a resposta: Jesus Cristo, morto e ressurreto.

O cristianismo e o paganismo entrelaçaram-se. Diversos imperadores moviam perseguições contra os cristãos, pois perceberam que o cristianismo era um inimigo que venceria pelo seu monoteísmo exclusivista, que não se associava aos deuses romanos. A partir do 3.º século até Constantino, houve perseguições de caráter universal e sistemático, através de Maximino, o Trácio, de Décio, Valério, Aurélio, Diocleciano e Galério. As perseguições tinham a ver com o espírito militar; no exército, a religião e a superstição se mantinham mais vivazes, pedindo-se a proteção dos deuses para as campanhas, particularmente a Mitra. Por outro lado, os cristãos mostraram-se hostis ao serviço militar, o que acendia o ódio das legiões.³⁸

No limiar do 4.º século, o cristianismo era uma grande potência. Nenhum novo culto surgiu então. Havia sacrifícios no Capitólio e nos

santuários de Mitra; os imperadores eram venerados; inúmeros deuses, romanos, egípcios, orientais e até mesmo o Sol, eram adorados. O último esforço para reanimar o paganismo veio da Filosofia, através do neoplatonismo.

Segundo o neoplatonismo, Deus está longe do mundo, inacessível ao conhecimento e sem atributos; está fora do alcance do ser. É o princípio de misticismo. O homem só atinge o Supremo em estado de êxtase; a moral procura matar os sentidos por meio dos exercícios e purificações ascéticas, e despojar o humano para revestir o divino. Criaram inúmeros seres intermediários entre Deus e os homens, como deuses e demônios. O politeísmo baseou-se na Filosofia; os mitos foram explicados por ela, os ritos conservados e os exercícios religiosos pagãos recomendados.

O Império Romano tolerava todos os cultos, mas opôs-se ao cristianismo por razões militares já expostas. Com Constantino, no entanto, houve a proteção legal do cristianismo. Constantino reconheceu o poder do cristianismo e, por motivos políticos, propôs-se a uma aliança com a Igreja já hierarquicamente organizada. Entretanto, não combateu o paganismo; era o *pontifex maximus* e fortaleceu os privilégios de certos colégios pagãos. Somente tomou medidas repressivas contra os cultos secretos. Não elevou o cristianismo à religião de Estado nem destruiu o paganismo. Tirou deste o seu direito exclusivo e daquele os seus entraves.³⁹ O Edito de Milão de 313 colocou o cristianismo em pé de igualdade com todos os cultos.

A partir de Constantino, o cristianismo desenvolveu-se com maior vigor, gozando da tolerância de vários imperadores. Os bispos da Igreja pretenderam ter poder no Estado até Teodósio, o Grande, que suprimiu o paganismo com o Edito de 392, castigando severamente todo ato de culto antigo. Depois de Teodósio, as antigas crenças eram seguidas apenas nos campos.

Enquanto outras religiões antigas, como o hinduísmo, o budismo e o judaísmo, chegaram até nós, a complexa rede de crenças greco-romanas acabou desaparecendo sem deixar rastro de influência sobre o cristianismo.

Para finalizar, destacamos as semelhanças e diferenças entre a religião romana e o cristianismo. A população do Tibre passou a ser a receptora da nova aliança. O título de *pontifex maximus* dos imperadores passou a ser usado pelos bispos de Roma. Certas expressões passaram para o cristianismo, como: *religio*, *sacrificium*, *pietas*, *sanctus*, embora tenha havido uma mudança gradual de seu significado. Os elementos externos de qualquer religião também são aspectos semelhantes: o altar, o templo, a elevação das mãos durante a oração, a vestimenta sacerdotal.⁴⁰

Por outro lado, “o enriquecimento que Cristo trouxe consigo era tão decisivo e excelente que introduziu algo totalmente novo no mundo vivencial da humanidade”.⁴¹ A primeira grande diferença está entre o conceito natural e sobrenatural da religiosidade. O romano não chegou a se firmar numa crença na imortalidade da alma. Sua religião resumia-se na força do *numina*, restrita a esse mundo. O cristianismo veio trazer o conceito de espírito, transcendente, imortal.

Enquanto a religião romana era formalista, voltada para ações externas, o cristianismo apresentou símbolos com significado espiritual: “a letra sem o espírito mata.”

O cristianismo tornou-se uma religião universal, enquanto a religião romana foi limitada ao seu império. A nova religião cristã não poderia simplesmente ser assimilada como as demais. O vinho novo romperia os odres velhos; era preciso substituir a antiga pela nova.

Por último, o cristianismo não é uma religião mítica, baseada em mitos, como a romana. Ele está fundamentado em fatos históricos, principalmente o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHALLAYE, F. *Pequena história das grandes religiões*, 1962, p. 194.
2. DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*, 1940, p. 758.
3. *Ibid.*, p. 760.
4. *Ibid.*, p. 762.
5. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*, 1977, p. 131.
6. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 730.
7. KÖNIG, F. *Cristo y las religiones de la tierra*, 1968, v. II, p. 137.
8. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 730.
9. KÖNIG, F., *op. cit.*, p. 138, 139.
10. HUBY, José. *Christus — história das religiões*, 1956, v. II, p. 542, 543.
11. CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*, 1973, v. I, p. 47.
12. TOLSA, Jesus Garcia. In CORREA, M. Martin, dir., *Historia de las religiones*, 1975, p. 140.
13. *Ibid.*, p. 141.
14. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 767.
15. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 140.
16. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 48.
17. *Ibid.*
18. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 740.
19. OHLWEILER, O. A. *A religião e a filosofia no mundo greco-romano*, 1990, p. 136, 137.
20. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 745.
21. *Ibid.*, p. 748.

22. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 150.
23. *Ibid.*, p. 152.
24. *Ibid.*, p. 153.
25. *Ibid.*
26. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 757.
27. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 153.
28. HUBY, José, *op. cit.*, p. 549, 550.
29. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 153.
30. *Ibid.*, p. 154.
31. *Ibid.*, p. 155.
32. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 786.
33. HUBY, José, *op. cit.*, p. 557.
34. *Ibid.*, p. 560.
35. *Ibid.*
36. TOLSA, Jesus Garcia, *op. cit.*, p. 158.
37. HUBY, José, *op. cit.*, p. 566.
38. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 139.
39. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 818.
40. KÖNIG, F., *op. cit.*, p. 156.
41. *Ibid.*, p. 157.

CAPÍTULO VI

SISTEMÁTICA E IDEALISTA

(PERSAS)

Os gregos, ainda que muito depois da queda do Império Medo, costumavam apelidar de médias as manifestações culturais da Pérsia, que recebera influência da Média em sua cultura e instituições. Com o tempo, começou-se a designar de medo-persa a cultura do território iraniano em seus usos, costumes, elementos religiosos e sociais. Essa cultura incluía uma multiplicidade de doutrinas e ritos religiosos. Dentre eles, destacamos a religião que segue os ensinamentos dos livros de *Avesta*, por ser a mais conhecida e porque sua influência foi marcante.

A primeira tribo persa aparece em 836 a.C. Em 713 a.C. foram mencionados os príncipes medos que, mais tarde, conquistaram o império assírio. O reino persa, por obra de Ciro, surgiu das ruínas do reino medo, que exerceu fortes influências culturais e religiosas sobre o novo reino.

Os persas submeteram os medos e conquistaram os babilônios, organizando um império que ia do Índico ao Mediterrâneo, das mesetas da Ásia Central às cataratas do Nilo. Esse território permaneceu até a conquista de Alexandre, o Grande, no 3.^o século a.C. O Império Persa era dividido em diversas satrapias e era fortemente centralizado, havendo a preocupação do rei em estabelecer a comunicação entre as diversas regiões de seu império. Para tanto, construíram-se grandes estradas, canais, instituíram-se serviços postais como os dos babilônios e aumentaram-se o número de hospedarias. Desse modo, a cultura e a religião persas foram transmitidas a diversos povos.

O último império persa foi o dos sassânidas (224—729 d.C.), que não conseguiu voltar à pureza do masdeísmo. Nessa época surgiu a religião de Mani, impostor, que mesclou o dualismo masdeista com doutrinas cristãs e tradições gnósticas. O maniqueísmo foi uma heresia perigosa que ameaçou o cristianismo.¹

A religião masdeísta é, pois, um dos mais antigos — se não o mais antigo — tipos de religiões sistemáticas, em que aparecem a revelação e a doutrina em contraste com uma religião natural que não evoca um fundador e existe tradicionalmente entre o povo. Conheceu dias de glória na Pérsia e, durante a dinastia sassânida, foi a religião do Estado. Foi intolerante com o cristianismo, ao qual perseguiu ferozmente.

Quando a cultura persa chegou ao seu ocaso, ao tempo dos árabes, transmitiu-lhes seus motivos artísticos, culturais e religiosos. Com o islamismo, a cultura persa perdeu suas características, e a doutrina de Zaratustra perdeu seus adeptos. A religião que havia tornado o Império Persa o mais humano de todos os impérios orientais da Antiguidade conta hoje com pequeno número de adeptos na Índia (parses de Bombaim) e no Irã.²

Existem cerca de 100 mil adeptos na Índia e no Paquistão, onde são chamados de parses; não aceitam convertidos, e seu número está diminuindo cada vez mais. Há alguns milhares no Irã (antiga Pérsia) e ainda exercem sua influência em pequenas comunidades em outras partes do mundo.³

1. LITERATURA RELIGIOSA

As informações sobre a religião persa antiga nos vêm quase que exclusivamente do *Avesta*, coleção de composições religiosas de diferentes épocas e conteúdo diverso.

Como existem lacunas nas descrições da antiga religião masdeísta, pois foi organizada a partir dos fragmentos da literatura avéstica, utilizam-se a tradição medo-persa e também notícias transmitidas pelos gregos e latinos acerca da religião persa antiga. As compilações medo-persas que nos informam sobre a religião avéstica são: *Denkart* (*As Obras da Religião*), que traz resumos dos livros de *Avesta* perdidos e lendas sobre Zaratustra; *Bundahish*, compilação sobre Geografia (mística e épica), História do mundo, plantas, animais e minerais; *Menoke xrat* (*A Sabedoria Celestial*), perguntas e respostas sobre a religião; *Bahman Yâsth* e *Jamaspi*, que tratam de Ahura Mazda até Zaratustra e de suas revelações sobre o passado e o futuro da nação persa. Quando estas fontes são utilizadas, o historiador deve observar os elementos que podem ser fruto de evolução posterior.⁴

O *Avesta* é uma coleção de livros religiosos dos masdeístas. *Avesta* pode significar texto fundamental (*upasta*) em oposição a comentário ou versão (*Zend*). É dado o nome de *Avesta* também à língua em que foram escritos os livros. O núcleo primitivo dos livros é constituído de alguns hinos que representam o pensamento de Zaratustra.

tustra (os *Gathas*). Com o tempo, formou-se ao redor desses hinos originais uma vasta literatura religiosa e profana; tanto que no 3.^o século a.C. eram conhecidas vinte seções (*nasha*) de escritos sagrados, de 100 mil linhas cada uma.⁵

Segundo a tradição dos parses, Kavi Vishtaspa, protetor de Zaratustra (em grego, Zoroastro), ou seu ministro Giamaspa, havia escrito com letras de ouro em 12 mil peles de boi o *Avesta* e o Comentário (*Zend*), depositando o material no tesouro real de Shiz, enquanto uma cópia fora enviada ao arquivo de Stachr (Persépolis). Essa tradição carece de fundamento histórico.

Na verdade, uma coleção de livros do *Avesta* e do Comentário é atribuída a um rei arsácida, talvez Vologeso I. Outros textos foram acrescentados depois. Assim, o *Avesta* e o *Zend* foram se formando em épocas diversas e escritos por diversos autores.

O *Avesta* que hoje possuímos é uma pequena coleção do tempo dos arsácidas. Somente um dos originais, o *Vendidad*, chegou até nós integralmente; dos outros há apenas fragmentos. O *Avesta* atual se divide em cinco partes: *Yasna*, *Vispered*, *Vendidad*, *Yasth* e *Khorda Avesta*.

A primeira parte é litúrgica, recitada nas funções religiosas, principalmente na preparação do *haoma*; os *Gathas* são a parte mais importante e sagrada. O *Yasna* está dividido em 72 *has*; dentre elas, encontram-se os hinos *Gathas* e o *Haptanghaiti*, mais recente, constituído de sete hinos dirigidos a Ahura Mazda, aos Amesha Spentas, aos Fravashis dos justos, ao fogo, às águas e à terra. O *Yasna* encerra orações sagradas como o *Ahuna Vairya*, o *Ashem Vohu* etc.⁶

O *Vispered* (*Todos os Senhores*) deve ser considerado um apêndice da primeira, servindo para recitações em casos particulares.

O *Vendidad* (*Ante os Deuses*) foi, no original, o livro XIX do *Avesta*; contém ritos de purificação, prescrições legais, sanções eclesiásticas. Chamou-se o Levítico dos Parses e compõe-se de 22 capítulos (*fargards*); todos, exceto os dois primeiros, que se referem à criação e à lenda de Yima (o Noé dos persas), são consagrados às regras que se devem observar nas diversas circunstâncias da vida.

Os *Yasth*, em número de 21, são cantos de sacrifício em honra a cada uma das divindades, que presidem os dias do mês e estão dispostos segundo a ordem do calendário masdeísta; são de caráter mais mitológico.

O *Khorda Avesta* (*Pequeno Avesta*) é um resumo de todo o *Avesta*, escrito, parte em avéstico, parte em zendo, para servir de livro de pregação para os leigos.⁷

Não sendo possível determinar uma ordem cronológica dessas partes, coloca-se os *Gathas* como a mais antiga, e as demais como as mais recentes.

2. ZARATUSTRA OU ZOROASTRO

Zaratustra é considerado o propagador da religião masdeísta. Não se sabe ao certo em que época viveu; alguns o localizam no ano 1000 a.C.; outros, no 6.º século a.C. Dentre esses, encontra-se o estudioso Herzfield que, baseando-se em abundante material histórico e arqueológico, coloca Zaratustra no 6.º século, entre 570—500 a.C., sendo contemporâneo de Ciro, Cambises e Dario. Não há certeza quanto às datas, mas sabe-se que os gregos do 6.º século já conheciam a doutrina de Zaratustra.⁸

Segundo estudos feitos por Herzfield, analisando e comparando informações contidas nos *Gathas*, Zaratustra era filho de Atossa (Hutosa no *Avesta*) e neto de Ciro. Seu protetor, Vishtaspa, cujo nome aparece nos *Gathas*, era pai de Dario. Zaratustra era *kavi*, isto é, membro das famílias aristocráticas do país. Ele fora desterrado por um edito de Cambises. Fugiu para Tosa, onde Vishtaspa era sátrapa. Casou-se com Hvogva, sua terceira mulher, filha de Frashaostra, ministro da corte de Vishtaspa; com isso, o edito foi anulado. O filho de Zaratustra casou-se com a filha de Giamaspa, outro ministro daquela corte.

Os *Gathas* falam das dificuldades em divulgar as suas doutrinas. A corte de Vishtaspa acolheu suas idéias religiosas e sociais. Acontece que o conteúdo doutrinário de Zaratustra foi uma criação independente, e desempenhou um papel lingüístico criativo. A linguagem é poética. Houve novidade na pregação e na forma de comunicá-la. Por isso, em alguns trechos, os próprios *Gathas* são de difícil interpretação.⁹

3. DOCTRINAS

Destaquemos algumas doutrinas da religião dos persas antigos, relacionadas à sua crença em Deus e na vida após a morte, à vida moral e a outros aspectos.

A imagem de Deus — Ahura Mazda ou Mazda Ahura (Sábio Senhor) é o lugar central, dominando tudo. Não é único no mesmo sentido do monoteísmo do Antigo e do Novo Testamentos, pois sua onipotência era limitada pelo Ahriman, o Príncipe do Mal. Também

não há relação com o politeísmo das outras religiões, pois Ahura Mazda não possui deidades femininas nem se relaciona com deidades subordinadas. Está rodeado, isto sim, de seres veneráveis (*yazata*), que não são deuses.

Zaratustra não empregava um nome pessoal para Deus. Sábio Senhor designa sua natureza abstrata e espiritual. Mazda, sábio, é a característica divina essencial; tanto que seus seguidores denominavam-se masdeístas. Na tumba rupestre de Dario, em Naqsh i Rostam, há uma inscrição que descreve o grande deus Ahura Mazda: revestiu o rei de sabedoria e bondade; criou todas as coisas; sua vontade dirigiu a vida do rei.

Essa idéia abstrata de Deus contradizia as crenças populares da época. Posteriormente, as palavras Ahura Mazda, separadas nos *Gathas*, uniram-se, formando: Ormuz, Ormisd, no grego Oromases etc.

Ahura Mazda para Zaratustra é o criador do céu e da terra, o legislador da natureza e de todo o cosmo, o autor da luz e da escuridão; está livre de características naturais. Além de criador, Ahura Mazda também é juiz, tanto do destino da alma individual após a morte como no final do tempo terreno do mundo.

No final dos tempos, o Príncipe do Mal — Ahriman — e toda a sua criação malvada serão aniquilados e haverá um estado de bema-venturança no reino do Sábio Senhor. Em Zaratustra, Deus se reveste da eternidade, mas que não pode ser compreendida como a cristã; refere-se a um futuro sem final, e não a um passado sem começo.¹⁰

Zaratustra estava a serviço do Sábio Senhor; ele estabeleceu as normas a serem cumpridas na vida prática, que têm a ver com a sabedoria e a ordem. O Sábio Senhor dos *Gathas* não é impessoal, mas pessoal.

Se não fosse a concepção dualista do mundo e da vida, Ahura Mazda se conciliaria perfeitamente com a concepção monoteísta da divindade. O primeiro par de opostos entre si, na religião de Zaratustra, é de ordem metafísica: o ser se divide em-ser espiritual e ser material, e cada uma das essências isoladas é diametralmente oposta à outra. O outro par de opostos é de ordem ética; dois princípios entraram em oposição última e irreconciliável: um do mal e outro do bem; são iguais em todos os seus aspectos; pela eleição (de sentido ético), isto é, pelo pensamento e livre vontade, deram origem ao conflito entre o bem e o mal na história dos homens e do mundo.

Um princípio é o *spentas-mainyu*, espírito salvador; o outro é *anra* ou *anramainyu*, espírito malvado; destas palavras saiu Ahriman. Ahura Mazda às vezes se identificava com o princípio do bem; outras

vezes aparecia distinto e acima deles. A Ahura Mazda atribui-se a criação tanto espiritual como material; estabeleceu as sanções dos atos morais; sua ação sobre o mundo é contínua e benéfica, auxiliando os que lutam pelo bem.

Na escatologia, Ahura Mazda volta a apresentar-se como o definitivo triunfador sobre o mal, como supremo Senhor sem rival.

Além da crença no Sábio Senhor, o masdeísmo expressou sua crença nos Amesha Spentas.

Amesha Spentas — Os imortais salvadores são peculiares na religião de Zaratustra. Nos *Gathas* aparecem com tal pluralidade de sentido, que há dificuldade em determinar sua natureza e essência. Alguns vêem neles abstrações éticas divinizadas, semelhantes aos anjos do cristianismo; outros vêem neles atributos de Ahura Mazda.¹¹

No *Avesta* recente esses imortais salvadores dizem respeito a um grupo de seis deuses em torno do Sábio Senhor. Converteram-se em deuses protetores, a quem se atribuíam esferas de ação, à semelhança dos deuses politeístas. Nos *Gathas* (antigos), não se trata de seres personificados nem de noções abstratas de qualidades divinas; nesse caso é melhor falar da função dos imortais salvadores. Através deles Ahura Mazda atua no mundo dos homens, e estes devem colaborar com eles.

Daevas — Zaratustra prescreveu diversas deidades veneradas antes dele, denominadas *daevas*, falsas deidades. Para Zaratustra são demônios, potências do mal, a quem os inimigos da reforma zaratústrica ofereciam cruentos sacrifícios. Os *daevas* são os adversários do Sábio Senhor, potências malvadas, corruptoras, funestas para aqueles que as seguem. No *Avesta* recente, voltam a aparecer os *daevas*. Mitra começou a ganhar importância junto do Sábio Senhor; o culto do *haoma* (planta sagrada) foi reintroduzido, com suas orgias; o culto dos *fravaschi* revivificou o culto dos antepassados.¹²

Mitra existia desde a Antiguidade (antes de Zaratustra). Era o deus da luz e do fogo. Quando sua crença chegou a Roma, foi representado por um deus que sofre uma paixão e morre, para depois ressuscitar periodicamente como todos os senhores solares-agrícolas (o egípcio Osiris, o cananeu-fenício Adón ou Adônís, o helênico Dionísio-Zagreu, o escandinavo Balder etc). Transformou-se na divindade dos mortos, justo juiz, ajudado por Sraosha (obediência) e Rasnu (Justiça), com quem formava uma trindade.¹³

Com o passar do tempo, o zoroastrismo foi sendo alterado; o ritualismo foi exagerado e mesclado com as práticas populares. As divindades de origem naturalista se multiplicaram, assim como as divindades menores, benéficas e maléficas, perdendo-se a grandeza da concepção primitiva.

Moral religiosa — Uma concepção dualista penetrava o pensamento persa. O dever religioso consistia em vencer o mal deste mundo através da afirmação e exaltação da vida; não havia lugar para a fuga do mundo, para o ascetismo ou para o aniquilamento do eu. A moral era prática, o que distinguiu essa religião do vedismo e do bramanismo.

A moral da religião masdeísta resumia-se na concepção de *asha*, princípio cósmico semelhante à retidão e mais ou menos equivalente ao *Maat* egípcio ou ao *Rta* védico. Era o caminho da justiça, a lei ética, revelada na ordem, harmonia, verdade, disciplina, pureza moral e saúde espiritual e física.¹⁴

O objetivo dessa moral religiosa era a pureza do corpo e a integridade moral. A velha religião da Pérsia era uma religião de *observância*, ao passo que a religião dos Vedas era uma religião de sacrifício. As expiações e purificações desempenhavam um papel muito mais importante no *Avesta* do que o sacrifício. Aliás, Zaratustra era hostil ao culto sacrificial externo (oferta de animais). Da religião anterior a ele, respeitou apenas o culto do fogo, pois este simbolizava o Sábio Senhor.

Segundo a concepção dualista dessa religião, na terra os homens estão divididos em dois grandes acampamentos inimigos: o reino da verdade e o reino da mentira. Os *ashavan* (homens bons) devem lutar contra os *drugvan* (servos da mentira), proteger os animais úteis e matar os animais daninhos (insetos nocivos). Têm o dever de tornar a terra produtiva e devem cuidar de uma família numerosa para difundir o reino do Sábio Senhor.

O exército do mal, para Zaratustra, era representado pelos nômades agressivos que invadiam as tribos, as quais viviam em famílias, cultivando a terra e criando gado (exército do bem). A convivência pacífica em centros agrícolas era o ideal de uma vida social bem constituída, reflexo da estrutura rudimentar da época. O fim principal de sua reforma foi o estabelecimento das tribos em locais fixos, inculcando nelas o amor à casa e aos campos e o respeito aos animais domésticos, principalmente a vaca.¹⁵

A religião visava à melhoria das condições humanas. O ideal do Sábio Senhor era uma sociedade justa, progressista, protegida dos danos externos — na verdade um reflexo do mundo espiritual e o objetivo do homem que vive sob as regras do Sábio Senhor. Pontos básicos da doutrina eram a convivência pacífica e o amor e respeito ao próximo. O cumprimento rigoroso de inúmeras leis foi importante na constituição do Império Persa.

Os deveres dos seguidores da religião masdeísta eram muitos, dentre os quais destacamos: obediência aos governantes; respeito aos

outros e às suas propriedades; liberdade para todos; hospitalidade, retidão e bondade nos pensamentos, palavras e ações. A verdade e a sinceridade eram elementos fundamentais na educação dos jovens. Não havia lugar para a inatividade ou para a preguiça, pois a atividade manual era merecedora de prêmio.¹⁶

Os preceitos para se conservar a pureza eram minuciosos e não era muito fácil observá-los. A pureza do fogo, da água e da terra deveria ser rigorosamente conservada. O culpado pela profanação desses elementos sagrados poderia ser punido com a morte. Todo ser morto contaminava tudo. A cremação era proibida; o cadáver não podia ser jogado ao mar ou sepultado. Havia prescrições especiais para a satisfação das necessidades humanas, pois as secreções do corpo eram impuras, principalmente na enfermidade.¹⁷

Para Zaratustra, tudo o que favorece o aniquilamento e a morte está a serviço das deidades hostis, e tudo o que estimula a vida é grato ao Sábio Senhor. Zaratustra insistia na doutrina da responsabilidade moral de cada homem e da necessidade de prestar contas, quanto às palavras, obras e pensamentos. O dever do homem seria promover a vida e tudo que a conserva e acrescenta, e combater a morte e o que a promove.

A missão de Zaratustra era convencer todos os homens dessa responsabilidade, pois ela dependia de uma escolha pessoal.

O homem e a mulher (ambos tinham os mesmos deveres) deviam decidir-se pelo reino do Sábio Senhor e lutar por ele aqui na terra. O homem é dotado de livre escolha. A eleição ou escolha do homem é única, para toda a vida. A escolha referia-se não só à religião, mas também à vida social e econômica. O ideal do homem que escolher servir ao Sábio Senhor é ser pastor ou lavrador sedentário, vivendo pacificamente no seio de sua comunidade e dentro de uma economia pastoril ordenada.¹⁸

Nessa religião não havia lugar para a magia, capaz de influenciar os deuses a determinar seu destino; a livre decisão do homem é que determinava seu destino.

Esse ideal religioso não se restringia aos persas, mas a todos que o quisessem professar. Todos mereciam caridade, socorro e beneficência; por isso não havia escravos. Os inimigos podiam ser destruídos, mas deviam ser tratados segundo os preceitos religiosos.

A moral masdeísta avançada (tardia) chegou a uma noção clara de pecado. Havia os perdoáveis e os sem perdão. Estabeleceu-se a confissão auricular com fórmulas especiais, expressando o pesar, o arrependimento e o propósito da mudança. A confissão sincera diante do sacerdote livrava a pessoa das penas do outro mundo, mas não dos castigos deste

mundo, que podia ser até mesmo a morte (mas a alma se salvaria). A religião de Zaratustra elevou os persas, em seu estado social e moral, acima dos outros povos antigos, tratando inclusive os vencidos com uma benevolência que fascinava as nações mais civilizadas da época, inclusive a grega e a romana.¹⁹

Apesar das semelhanças, é um erro crer que na ética zaratústrica se encontram pré-formadas as idéias cristãs ocidentais.

Os gregos aludiam às doutrinas de Zaratustra como a uma filosofia e não como a uma religião. Uma vez que o sacerdócio e o culto não exerciam papel nos *Gathas*, não seria totalmente errado falar em filosofia de Zaratustra.²⁰

A vida após a morte — O pensamento escatológico é marcante em Zaratustra. As idéias sobre o homem após a morte estão baseadas no *Avesta* antigo e no recente. Aceitava-se o homem como possuindo parte física e parte psíquico-espiritual. O corpo perdia sua força vital com a morte, o que originava a decomposição do corpo; na ressurreição, o corpo seria restaurado de forma transfigurada. A parte psíquico-espiritual era composta de: 1) alma (*urvan*), princípio espiritual que permite vida após a morte como pessoa; 2) *daena*, modo de pensar, consciência; 3) *baodah* (no *Avesta* recente), faculdade perceptiva, conhecimento sensorial possível também após a morte; 4) *kehpp*, corpo e figura ou forma, não ligado ao corpo terreno, tal como os espíritos protetores dos mortos.²¹

Aquele que fizesse o bem e venerasse a religião de Mazda seria recompensado na vida futura; os maus teriam uma sorte tenebrosa. Acerca disso, os *Gathas* transmitem maior força do que provavelmente a pregação de Zaratustra. Não se percebe medo algum da morte; como a imagem no espelho nem se compara com o próprio objeto, assim também a morte nada é diante da vida futura. Essa idéia é bem diferente da idéia das religiões de Babilônia, do Egito, da Grécia e da Roma antigos.

Acreditava-se na existência de uma ponte — *cin-vat* — que unia este mundo ao outro, e que é mencionada três vezes nos *Gathas*. O mentiroso sentiria medo e inquietude ao atravessar a ponte. Os fiéis a atravessariam seguros.

No *Avesta* recente acrescentou-se o prazo de três dias para essa travessia; durante esse tempo, a pessoa malvada passaria pelo remorso, e o fiel, pela alegria. Conta-se que, ao final de três dias, o justo passa por uma alameda florida e sente um aroma suave vindo do Sul (o Norte é o lugar do mal); sua própria consciência (*daena*) é representada por uma bela jovem que caminha junto dele. Ao contrário, o mentiroso anda por um deserto desolador, aspirando um cheiro desagradável que vem

do Norte; sua consciência é representada por uma bruxa horrorosa. Observa-se que o *Avesta* recente coloca figuras concretas e fantásticas para explicar as doutrinas de Zaratustra.²²

A sentença judicial encontrada nos *Gathas* divide os homens em três grupos: os que seguem os mandamentos do Sábio Senhor, os que se decidiram por Ahriman e os que possuem o falso e o verdadeiro unidos em si mesmos; ainda não se decidiram. Segundo os *Gathas*, não existe pecado oculto aos olhos do Sábio Senhor; diversas figuras são utilizadas para demonstrar que os atos ficam registrados para o julgamento: conservar as ações no vestibulo do Sábio Senhor, registrá-las num livro; a sentença é dada pelo fogo ou por um sinal da mão de Ahura Mazda.²³

O serviço religioso podia proteger o espírito do morto, mas não influenciava o juízo final. No livro celeste são anotadas todas as boas e as más ações, que são pesadas numa balança. No princípio, colocou-se Zaratustra como o juiz; mais tarde, o próprio Ahura Mazda; e, mais recentemente, uma trindade presidida por Mitra.

Dada a sentença, a alma chegaria imediatamente ao lugar de felicidade ou de horror eterno. O céu é lugar de luz e alegria espiritual, onde o inimigo não pode causar dano; junto a Ahura Mazda, a vida não terá fim; é a boa vida, a melhor existência.

Em época tardia, a religião de Zaratustra aceitou a ressurreição dos mortos independente do juízo pessoal. Em relação a uma espécie de juízo final, ocorre o triunfo do Sábio e a aniquilação do reino inimigo da mentira. A ele segue a restauração da existência corporal em nova forma e glorificada. Não é fácil conciliar o juízo pessoal com o final. Como as fontes (*pehlevi*) que transmitem essa idéia são posteriores a Cristo, pode pensar-se numa influência do cristianismo.²⁴

Escatologia — O mundo duraria 12 mil anos, tempo dividido em quatro períodos de 3 mil anos: no princípio, Ahura Mazda formou os seres em seu pensamento e previu o aparecimento de Ahriman (o Espírito do Mal); nos próximos 9 mil anos travar-se-ia uma luta entre o bem e o mal, sendo a luz triunfante. Concebe Zaratustra que, segundo os hinos, prepara o reinado definitivo de Ahura Mazda. O segundo período refere-se à materialização dos seres bons e maus, por dois princípios antagônicos. O terceiro período diz respeito às vicissitudes de nosso mundo até a vinda de Zaratustra. No quarto período, haverá a vitória do masdeísmo e o triunfo eterno de Ahura Mazda no juízo final.²⁵

O primeiro homem, Gayomart, e o primeiro touro, Goch, foram criados por Ahura Mazda para serem produtores de tudo o que vive; por obra de Ahriman morrem, mas da semente de Gayomart surge o

primeiro par humano: Machya e Machoi. Estes se deixaram influenciar pela mentira de Ahriman, mas Ahura Mazda continuou protegendo-os. Dominaram a terra, receberam muitas revelações, mas o pecado fez necessária a vinda de Zaratustra, a confissão de pecados, a purificação e as penitências.²⁶

O *Bundahish* (espécie de Gênesis que relata a criação do mundo e as últimas coisas, além de incluir geografia e história mítica) descreve uma espécie de Apocalipse, preparando a vinda do terceiro filho de Zaratustra — Saushyant. Antes disso, ocorreriam coisas estupendas no mundo: os homens voltariam aos seus costumes primitivos e depois ressuscitariam os mortos; estes veriam seus atos bons e maus; sobre a terra serão ao final separados; a serpente Gokcihr difundirá o terror na terra; um rio de metais ardentes correrá pela terra, levando bons e maus ao sofrimento. Os bons o atravessarão cantando. Os maus sairão do rio purificados. Saushyant sacrificará o touro Hadayosh e, com sua banha e o *haoma*, fará uma bebida que dará a imortalidade a todos os homens. Ahura Mazda e suas hostes vencerão Ahriman e seus espíritos do mal, reinando no próprio inferno e fazendo com que o mal desapareça para sempre; toda a criação viverá eternamente feliz, louvando a Ahura Mazda.²⁷

O culto e o sacerdócio fizeram os seguidores de Zaratustra viverem suas crenças, como será apresentado a seguir.

4. CULTO E SACERDÓCIO

Não raro os deveres externos prevaleceram sobre os deveres internos dos fiéis. A idéia da eficácia da oração desenvolveu-se paulatinamente; ela não só servia para alcançar a ajuda da divindade nas diversas circunstâncias da vida como também podia comunicar força à própria divindade, em sua luta contra os poderes malignos. O homem cooperava para o êxito feliz da luta no mundo. As orações e oferendas deveriam ser diárias, para concederem força e proporcionar ajuda.

Depois de Zaratustra, com o passar do tempo, sua filosofia foi sendo mesclada com as idéias politeístas do povo. As doutrinas abstratas do mestre foram unidas às inúmeras formas da religião popular, resultando daí a forma mista encontrada no *Avesta* recente. O culto e o sacerdócio datam, pois, de época posterior a Zaratustra.²⁸

O culto do fogo, antiqüíssimo, era a principal ocupação dos sacerdotes, pois parece que esse culto fora liberado por Zaratustra, em contraste com a proibição de sacrifícios e do culto *haoma*.

O sacerdote do culto do fogo era chamado de *athravan*. Os gregos os chamavam de *pyreti* (*piros* = fogo).

O *haoma* era uma planta que crescia nos montes Hara Berezaiti (Elburz), segundo o *Avesta*; recentes pesquisas colocam-na como a videira (vinho), dado seu efeito embriagador e as orgias que produzia, da qual falam o *Avesta* e os *Gathas*.

Além dos sacerdotes do fogo, os outros eram denominados pelos gregos de *magos*. Estes não possuíam poderes especiais nem eram feiticeiros, como pensavam alguns, mas eram seguidores de Zaratustra para difundirem suas doutrinas. Os magos atuavam como capelães e viajavam com as delegações importantes, em missões diplomáticas ou militares. Viviam em muitas colônias persas. Quando Mateus se referia aos magos, o povo compreendia bem o seu gesto e a que se referia. Entre os gregos, os magos se deixaram influenciar pelas superstições populares e realizavam seus ritos. Foram eles que degeneraram o verdadeiro masdeísmo.

Quanto à sua delegação, os sacerdotes seriam escolhidos dentre a classe mais culta e melhor instruída na doutrina religiosa. Eram separados desde os sete anos, estudando a lei; o exame seria aos 14 anos. A formação terminava quando sabiam de cor todo o *Yasmah* e o *Vendidad*. Somente então o sacerdote podia exercer suas funções. Sua dignidade era hereditária.

Os sacerdotes do fogo possuíam o direito exclusivo do culto. Se alguém realizasse um sacrifício ou cerimônia de purificação sem ter direito a isso, podia ser decapitado, esfolado ou morto de outra forma. Além de cuidar do fogo, esses sacerdotes recitavam as orações ante o altar, cobrindo a boca com um pano (véu), para não contaminar o fogo com seu hálito, e servindo-se de objetos especiais, como: um cutelo, uma bandeja para a carne da vítima, um socador para extrair o suco do *haoma* e uma taça para recolhê-lo.²⁹

Além disso, utilizavam raminhos de tâmaras e de granado, cortados das árvores em cerimônia especial e com um cutelo especial. Esses raminhos ficavam nas mãos do sacerdote quando orava. Realizavam também os cultos domésticos, além do serviço no templo. Atiçavam o fogo sagrado, derramavam o *haoma* e preparavam as acendalhas sagradas, ao mesmo tempo em que repetiam hinos e orações, ora em voz alta, ora a meia voz. Os nômades faziam do fogo doméstico o centro de seus ritos, tendo o céu como abóbada.

Os sacerdotes eram presididos pelos sumos sacerdotes, chamados de Zaratustrotema (superlativo de Zaratustra), e seus representantes na terra. A classe sacerdotal acabou adquirindo grandes riquezas

e influência política; os sacerdotes queriam cada vez mais o domínio sobre todas as coisas materiais e por isso foram criticados e precisavam ser freados.

No *Avesta* não há indicação de templos do fogo, mas não resta dúvida de que havia pequenas edificações destinadas ao culto, segundo as pesquisas de K. Erdmann. Os templos foram introduzidos pela primeira vez por Artaxerxes II (404—359 a.C.). Ele também introduziu o culto das estátuas, que não triunfou por causa da tradição. Em seu lugar, foi colocada a imagem divina do fogo, no centro dos edifícios sagrados.³⁰

Havia três tipos de culto do fogo; a eles correspondiam os sacerdócios, e eram realizados em santuários nas montanhas. Além desses cultos, como já foi mencionado, em cada povoado e em cada casa ardia o fogo sagrado, também atendido por sacerdotes.

Numa hierarquia organizada, cada fogo ia se purificando no outro, desta forma: o fogo das necessidades cotidianas se purificava no fogo doméstico; este, no fogo *adhuran* da comunidade; este último, no fogo *bahram* do distrito, atingindo assim todos os lares de crenças zoroástricas.³¹

Em época tardia, mais especificamente no período sassânida, o templo chamava-se *Dahr i Mihr* (Porta de Mitra), onde o fogo ardia ininterruptamente em recinto escuro, num vaso sobre uma pedra quadrangular. Cinco vezes ao dia o sacerdote alimentava aquele fogo. Nas paredes do templo havia nichos para guardar a lenha e o incenso; estes elementos eram sagrados e não podiam ser contaminados com o contato humano; portanto, os sacerdotes usavam luvas, pinças e uma concha especial para jogar o incenso no fogo. Os fiéis eram chamados por meio de uma campainha, mas não entravam nesse recinto; ficavam diante de um pequeno altar, recitando textos litúrgicos e entregando oferendas (carne e pães grandes), que depois eram levadas ao santuário do fogo pelo sacerdote. Os fiéis também proviam as necessidades dos sacerdotes, que podiam substituir castigos e penitências por oferendas que servissem como seu mantimento. Esse direito muitas vezes originava abusos. Os sacerdotes dedicavam tempo integral ao serviço religioso, e por isso eram sustentados pelos fiéis. Quando iam a algum lugar para pregar, os habitantes dali os alimentavam e pagavam seus gastos.

Rito funerário — Havia um ritual em relação aos doentes, que deveriam ser rodeados de atos piedosos; o doente era lavado e vestido de branco; o sacerdote recebia sua confissão e derramava o líquido *haoma* em sua boca e ouvidos; quando ele expirava, recitavam-se as orações dos

mortos. Acreditavam que, nas últimas horas da vida, os maus espíritos redobravam seus ataques. Cremar o cadáver era uma falta horrenda, pois contaminaria o fogo. Havia diversos casos de profanação, para os quais eram estabelecidos ritos de purificação. O cadáver era levado, num ataúde de ferro, ao *dakhma* ou torre do silêncio, situada no deserto. Eram construções circulares de pedra com um telhado inclinado para dentro, de modo que tudo dava para um buraco central. O morto era abandonado nesse telhado; depois que as aves de rapina o tivessem reduzido a um esqueleto, este era empurrado para dentro do buraco. Assim era evitada a contaminação da água, do fogo e da terra.³²

Havia outras prescrições para não contaminar a água, o fogo e a terra, e sua observância podia ser árdua para os fiéis.

Festas — As principais festas eram: o ano-novo, que continua a ser a maior festa do ano na Pérsia maometana; os equinócios dedicados a Mitra; os *gahambars*, mudanças das estações; os dias dos mortos, de lua cheia e de lua nova.

Quando a criança nascia, seus lábios eram umedecidos com o suco do *haoma*; entretanto, somente se tornaria um verdadeiro seguidor de Zaratustra entre os 12 e os 15 anos, depois de receber a cintura *kushti*, que usaria sempre, exceto ao dormir. A imposição era acompanhada de uma cerimônia de nove dias.

Culto a Mitra — Esse culto oriental se enraizou mais em Roma, mas teve origem entre os persas. Estava ligado ao culto do fogo e ao mito solar que contava como o deus Mitra havia matado a serpente, símbolo do gênio do mal, e deixado a terra num carro de chamas conduzido pelo Sol. Mitra deveria reaparecer na terra para sacrificar, uma vez mais, o touro, cuja banha misturada com o suco da planta *haoma* restituiria a vida aos fiéis do mitraísmo. O fogo do céu destruiria os seres maus.

A cerimônia era misteriosa e visava a busca de maior pureza e de vínculos religiosos mais profundos. Da cerimônia participavam somente os iniciados, que passavam pelo noviciado e por uma cerimônia batismal.

São Jerônimo informa que os graus de iniciação eram sete: o *sacrat* (adepto) recebia os nomes de *corax* (corvo), *cryphius* (oculto, velado), *miles* (soldado), *leo* (leão), *perses* (persa), *heliodromus* (correio do Sol) e *pater* (pai). Em algumas ocasiões, vestiam trajes relacionados aos nomes. Depois de atingir a categoria de Leão, participavam dos cultos. Os pais dirigiam o culto.

A festa a Mitra era precedida pela abstinência dos iniciados, cujo sofrimento e tortura visavam a experimentar o vigor de sua alma. A religião mitraítica exigia uma norma de vida. Os mandamentos visavam

a uma moral pura, incluindo o ódio à mentira, a fraternidade e a aspiração à máxima pureza. Havia um corpo de sacerdotes hierarquizado e verdadeiras igrejas para dar exemplo aos fiéis; isso acontecia mais fora da Pérsia. Mitra recompensaria os fiéis.³³ Essa sociedade era uma espécie de franco-maçonaria, secreta.

O ritual era feito numa gruta, espécie de capela subterrânea, em cuja entrada havia água para as purificações. Num local separado por grades, os sacerdotes realizavam os sacrifícios. O santuário continha uma estátua simbolizando o tempo. No solo e na parede havia pinturas que poucos compreendiam. Três vezes ao dia havia pequenas cerimônias. Guardava-se o domingo ou dia do Sol.

O culto a Mitra difundiu-se por toda parte, principalmente no Império Romano. Inúmeros monumentos e inscrições atestam sua extensão. Essa religião era abundante em ritos simbólicos, em parte semelhantes aos sacramentos cristãos, o que espantou os pais da Igreja.³⁴

Finalizando: à primeira vista, parece haver semelhanças entre o masdeísmo, o judaísmo e o cristianismo. Na literatura tardia dos persas, no que diz respeito ao culto, à cosmologia e à escatologia, parece que os semitas influenciaram os persas. Quanto à influência dos persas sobre os semitas, parece que ela se restringiu à idéia da demonologia. A idéia da ressurreição é antiga na Pérsia, mas parece que, em Israel, desenvolveu-se independentemente.

O masdeísmo desenvolveu concepções análogas ao judaísmo e ao cristianismo principalmente porque cuidava do problema moral do homem. No que diz respeito à idéia de Deus, notável no judaísmo, e da intensa vida religiosa, conhecida no cristianismo, nota-se sua ausência no masdeísmo. A sua moralidade e escatologia estão fundamentadas exclusivamente na justiça, enquanto que as nossas, no amor. Faltou-lhe, também, o entusiasmo religioso, o que o levou ao fracasso. Por outro lado, se Zoroastro ou Zaratustra foi um profeta isolado, em Israel houve uma série ininterrupta de profetas que estabeleceram a base do monoteísmo perfeito, que conduziu ao cristianismo.³⁵

Zoroastro poderia ter influenciado Ciro a permitir o retorno dos judeus à Palestina e a reconstrução de seu templo (516 a.C.). Nesta época, quatro gigantes religiosos questionaram a autoridade dos brâmanes (Índia) e dos sacerdotes chineses (China): Buda, Mahavira, Confúcio e Lao-Tsé. Sócrates apareceria 100 anos depois de Zoroastro. Tudo isso ocasionou um grande movimento religioso, cuja origem poderia estar na pregação de Isaías (740 a.C.) e dos outros profetas de Israel do 8.º século a.C., como Jeremias e Ezequiel (100 anos mais tarde).

De fato, nos grandes profetas, encontra-se grande parte dos ensinamentos éticos de Zaratustra, de Buda, de Mahavira e de Confúcio. Os profetas não eram ouvidos somente por Israel. As idéias religiosas, principalmente as revolucionárias, tinham rápida divulgação. Entre Atenas e China existiam poucas cidades, e por ali falavam-se diversas línguas; os mestres religiosos viajavam constantemente, e o povo tinha tempo e interesse em ouvi-los.³⁶

À semelhança do judaísmo, o masdeísmo preocupou-se com inúmeras prescrições legais que, se cumpridas, levariam o homem à salvação. Era uma salvação através das boas obras e da constante purificação dos maus atos. Com o cristianismo, entretanto, a mensagem salvífica apresentou Cristo como o sacrifício perfeito e como o sumo sacerdote para sempre (Hb 7.23-28; 9.11-15).

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CID, Carlos & RIU, Manuel. *Historia de las religiones*, 1975, p. 268.
2. MESSINA, José. In: VENTURI, Tacchi. *Historia de las religiones*, 1947, v. II, p. 245.
3. Citado por MCDOWELL, Josh & STEWART, Don. *Entendendo as religiões não-cristãs*, 1992, p. 107.
4. MESSINA, José, *op. cit.*, p. 249.
5. *Ibid.*, p. 246.
6. HUBY, José. *Christus — História das religiões*, 1956, v. II, p. 365.
7. MESSINA, José, *op. cit.*, p. 248.
8. KÖNIG, Franz. *Cristo y las religiones de la tierra*, 1968, v. II, p. 587.
9. *Ibid.*, p. 588.
10. *Ibid.*, p. 591.
11. *Ibid.*, p. 595.
12. *Ibid.*, p. 624, 625.
13. CID, Carlos & RIU, Manuel, *op. cit.*, p. 260, 261.
14. JAMES, E. O. *Os deuses antigos*, 1966, p. 313.
15. MESSINA, José, *op. cit.*, p. 259.
16. *Ibid.*, p. 280, 281.
17. *Ibid.*, p. 283, 284.
18. KÖNIG, Franz, *op. cit.*, p. 603.
19. CID, Carlos & RIU, Manuel, *op. cit.*, p. 266, 267.
20. KÖNIG, Franz, *op. cit.*, p. 604.
21. *Ibid.*, p. 608.
22. *Ibid.*, p. 611.
23. *Ibid.*, p. 612.
24. *Ibid.*, p. 615, 616.
25. CID, Carlos & RIU, Manuel, *op. cit.*, p. 268.
26. *Ibid.*, p. 273.
27. *Ibid.*, p. 275.
28. KÖNIG, Franz, *op. cit.*, p. 604.

29. *Ibid.*, p. 604.
30. *El mundo de las religiones*, 1985, p. 224.
31. KÖNIG, Franz, *op. cit.*, p. 605.
32. CID, Carlos & RIU, Manuel, *op. cit.*, p. 273.
33. TOLSA, Jesus Garcia. In CORREA, M. Marin, dir., *Historia de las religiones*, 1975, p. 161.
34. DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*, 1940, p. 809.
35. HUBY, José, *op. cit.*, p. 391, 392.
36. *El mundo de las religiones*, 1985, p. 46.

CAPÍTULO VII

MATERIALISTA E DIFUSA

(GERMANOS)

As fontes de informação sobre a religião germânica antiga são relativamente satisfatórias e ricas, quando comparadas com as fontes sobre os eslavos, celtas e bálticos, povos da mesma região. Os achados arqueológicos, apesar de serem de difícil interpretação, trazem boas informações quando combinados com as fontes literárias. Os escritores cristãos relataram algo da antiga religião, como o missionário inglês Bonifácio e o historiador Beda. As informações do período romano nos vêm da obra do historiador Tácito — *Germânia* — e das obras de Políbio e César.

Entretanto, é a tradição islandesa que nos oferece documentos importantes sobre os germanos ocidentais, pois conservou os elementos germânicos antigos (os mitos escandinavos). Essa tradição é relativamente recente e seu conteúdo sofreu influência do cristianismo; por isso não deve servir de base principal e exclusiva da religião germânica. A Islândia, cristianizada tardiamente (1000 d.C.), conservou uma tradição oral coerente que permite reconstituir a mitologia e o culto.¹ Não se pode negar a essa tradição uma trágica grandiosidade e uma dramática tessitura, não alcançada por outra mitologia.

A coleção islandesa denomina-se *Edda*. Existe o *Edda* em prosa, composto por Snorri Sturluson (+ 1241), que é um manual de arte poética, e o *Edda* em poesia, antologia de lendas germânicas, atribuídas a Saemund (+ 1133), nas quais se inspirou o primeiro *Edda*.²

Estes textos tratam dos mitos dos principais deuses. *Völuspá* (1150 d.C.) apresenta o relato mais completo que possuímos do sistema de crenças de um povo antigo pré-literário. Dá-nos a visão do conjunto da cosmogonia germânica, desde a criação do mundo até a catástrofe de Ragnarök. Ainda destacam-se as *sagas*, romances históricos sobre personagens reais pagãos (*Edda* em prosa).³

A religião dos germanos antigos é um conjunto de crenças e mitos de famílias étnicas da Europa setentrional (norte da Alemanha, ilhas do Mar Báltico e Península Escandinava). Observe-se que os gálatas de Paulo tinham por vizinhos os celtas. Essa religião remonta aos tempos mais antigos, até a conversão desses povos ao cristianismo. Antes de sua conversão, os germanos não eram totalmente selvagens, mas ainda praticavam alguns atos bárbaros. O período do mundo germânico foi longo e seu domínio, amplo. Abrangeu o primeiro milênio de nossa era. Enquanto o Império Romano declinava, cresciam os diversos povos germânicos; tanto que, na alta Idade Média, sua expansão era bem vasta. Os primeiros germanos que se converteram foram os godos, na segunda metade do 4.^o século d.C. Os últimos, os escandinavos, converteram-se no ano 1000 d.C.

Os germanos pertenciam ao tronco lingüístico indo-europeu, que também inclui o latim e o sânscrito. Alguns cientistas chegam a entrever uma estrutura religiosa comum entre a religião celta, a germânica, a romana, a grega, a persa e a védica antiga, nas quais o deus principal aparece em forma trina; entretanto, o culto de um povo pode parecer completamente estranho a outro.⁴

Dos germanos orientais não há vestígios. Os germanos ocidentais, por sua vez, deram origem à cultura e à civilização do povo alemão, bem como aos escandinavos, que melhor conservaram mitos e lendas antigos. Entretanto, o historiador está atento ao fato de que as tradições antigas sempre se misturam a elementos estrangeiros. Os cristãos influenciaram os germanos em épocas diversas, dependendo de sua resistência ou aceitação de uma nova religião. Por causa disso, as fontes mais antigas são fragmentárias e obscuras, e as mais recentes, subjetivas e duvidosas, segundo observa Bruno Vignola.⁵

A religião dos germanos caracterizou-se, pois, pela mistura de diversos povos. Ao longo dos séculos, misturaram-se aos celtas e apropriaram-se da herança dos romanos. Não se pode, portanto, escrever uma história da religião germânica como a dos egípcios ou a da Índia. Não há um sistema de mitologia germânica, nem uma evolução histórica determinável. Daí a considerarmos difusa. Entretanto, seu estudo é mais importante do que o das outras religiões da mesma ordem, como a dos celtas e a dos eslavos.

Os germanos aparecem na história como populações meio nômades, com organização política e crenças mais ou menos fixas. Não pode sua religião ser reduzida a um monoteísmo, nem ser deduzida de um dualismo (como a dos astecas e outros) e de um animismo (como as mais primitivas).

A religiosidade germânica era formal; queriam conquistar o favor dos deuses, mais do que expressar-lhes respeito e amor. Os próprios ritos possuíam certo caráter mágico. A concepção da vida após a morte é obscura. O povo germânico estava interessado nos bens da vida presente: boas colheitas, vigorosos filhos, sucesso nas guerras. Por isso cultivavam a fidelidade à família, o respeito às leis da comunidade, a lealdade ao chefe da guerra. Apreciavam as qualidades que dessem prestígio à pessoa: a ciência das coisas naturais e sobrenaturais, a eloquência e a poesia, a bravura e a astúcia. Eram duros com os inimigos, mas não cruéis; os sacrifícios humanos não eram tão freqüentes. Não eram irreligiosos ou imorais, pois ligavam-se aos deuses e praticavam um culto rude, com certa elevação espiritual.⁶

Para compreender essa religião vamos observar seus deuses e mitos, além de seus ritos e costumes.

1. DEUSES E MITOS

Os germanos antigos cultuavam as almas e os espíritos da natureza, mas adoravam sobretudo grandes deuses. Os deuses da natureza estavam ligados aos mitos do Sol, das estações, da morte da natureza, do céu e da terra. O mar desempenhava importante papel nos mitos germânicos do norte, como em Beowulf e na epopéia de Hilde-Gudrun.

Os deuses não eram verdadeiras personificações das forças naturais; eram, com certeza, divindades da tribo ou do povo. Desempenhavam algumas funções morais, mas não há idéia ética na formação de sua personalidade. Possuíam uma vida semelhante à dos homens, com as mesmas ocupações, as mesmas alegrias e as mesmas dores. A tradição germânica mais antiga ignora uma criação do mundo, concedida aos deuses, e também sua eternidade. Os deuses eram mais os ordenadores do que os criadores do mundo; os deuses não estavam no princípio da criação, mas sim no começo da História, sendo os fundadores da cultura germânica.⁷ Nesse aspecto, a religião germânica difere um pouco das outras religiões antigas.

Das divindades mais antigas, apenas três figuras são comuns ao tronco germânico: um deus do trovão que se desdobrou em duas figuras distintas, Tiuz e Donaraz, e a esposa, Frija. Os outros deuses surgiram entre os diversos povos, fruto de suas migrações. Cada povo desenvolveu seu panteão e seu culto.

No quarto século, foi introduzida a semana de sete dias entre os germanos e os nomes de seus deuses foram trocados, relacionando-os aos dias da semana. Wodan foi perpetuado como *Wednesday* — quarta-

-feira. Thor deu origem a *Thursday* — 'quinta-feira. Tiwaz, a *Tuesday* — terça-feira. Freyr, a *Friday* — sexta-feira.

A religião escandinava sistematizou a pluralidade dos deuses numa família de doze divindades masculinas e femininas, presididas por Odin. Aprecia-se uma distinção entre dois grupos de divindades: os Ases e os Vanes. Um mito fala sobre a oposição entre esses dois grupos numa guerra sangrenta; terminada a guerra, eles se reconciliam e se unem. Os Ases possuíam um caráter guerreiro e os Vanes era pacíficos e protetores da fertilidade.⁸

O mito possui análogos entre os povos indo-europeus, e transmite a sua ideologia. Ele podia simbolizar a tensão que existia entre os indo-europeus primitivos: de um lado estavam as classes dirigentes (reis, nobres e sacerdotes) e do outro lado, os criadores de gado. Somente a reconciliação de ambos garantiria a existência do povo. Podia simbolizar também o confronto entre as forças celestes e as terrestres.

Os Ases — Esse grupo refere-se a deuses desconhecidos dos germanos continentais. Alguns são muito antigos. Ullr, deus guerreiro, caracterizado com escudo e arco, era também caçador. Havia juramentos feitos sobre o anel de Ullr. Seu nome não aparece na mitologia, mas é associado a Ullinn e a Odin. O historiador Saxo Grammaticus nos transmite um mito, em que Odin é destituído pelos demais deuses, colocando-se em seu lugar a Ollerus, que reina durante seis anos; esse mito reflete a equivalência e o antagonismo entre as duas divindades.⁹

Outro dos Ases é Heimdalr. A informação que temos acerca dele é fragmentária. Sua morada chamava-se *O Castelo do Céu*, e ele era o guardião dos deuses. Podia ver o futuro; era clarividente. Entre ele e Loki havia uma profunda hostilidade: combatiam entre si sob a forma de focas, e se matariam quando o mundo acabasse. Heimdalr teria nascido de nove mães distintas, e sua cabeça era chamada *A Espada de Heimdalr*. Segundo alguns de seus sobrenomes, como Hallin-skidhi, que podia significar *poste inclinado*, ele era associado ao eixo do mundo e seu nome designaria a abóbada celeste; suas nove mães seriam um símbolo das nove esferas do universo. Foi um deus mais importante do que um simples espírito local. Poderia relacionar-se com Thor; este foi o defensor do mundo e Heimdalr, o deus-vigia, que dá o alarme quando o perigo se aproximava. A ele foi dedicado o carneiro, parente próximo do cabrito, consagrado a Thor. Enquanto Heimdalr era associado ao eixo do mundo ou à árvore do mundo, Thor mantinha o porte sagrado da casa; daí a associação de ambos. *Heimr* (mundo) e *dallr* (tronco de árvore com brotos) relacionam-se com seu significado. Foi uma divindade de energia espontânea, muito antiga.¹⁰

Balder — Era o deus mais interessante do panteão escandinavo. Era considerado filho de Odin. Era o mais eloquente e auxiliava sempre. Era luminoso. Balder significa bravo, valente. Era o deus que morre. Segundo o mito, habitava no jardim da paz e era amado por todos os deuses por sua beleza e lealdade. Uma noite sonhou que Hel, a deusa da mansão dos mortos, o viria buscar. Fria, sua mãe, fez jurar a todas as coisas que não fariam mal a seu filho, mas Loki soube que o visgo não fora obrigado a jurar, por sua fraqueza. Loki fabricou uma flecha, untou-a com visgo e persuadiu o cego Hoth a atirar contra Balder. Todos achavam que era brincadeira, mas Balder foi ferido e morto, fato que indignou a todos os deuses.¹¹

Balder também era considerado o deus da fertilidade, que morria no Outono e ressuscitava na Primavera, vinculando-se aos cultos da fertilidade do Oriente Próximo. É possível que a morte de Balder tenha explicado a sorte de todos os humanos. Pode ser associado ao deus Hödhr.

Loki — Era um deus farsante e maligno, que queria ajudar os Ases na luta contra os Gigantes, mas acabou causando problemas, como a morte de Balder. Tinha o poder de transformar-se no que quisesse e estava ligado às forças mágicas. Em alguns mitos, Loki aparece acompanhado de Odin e de um deus chamado Hönir; eles preparam um touro para sua refeição, e um gigante, Thjazi, tenta impedi-los, na forma de águia, para pegar a carne. Loki tenta atingi-lo com uma barra, que fica cravada no corpo da águia, e ele é arrastado à mansão do Gigante. Não consegue andar, até que aparece a deusa Idhun, que possui as maçãs da imortalidade. Com a deusa na mansão, os outros deuses começam a envelhecer; Loki precisa devolver a deusa.

Muitos mitos, em forma de contos populares, giram em torno de Loki. Sua filha Hel fora condenada desde o nascimento a reinar sobre os mortos, num abismo de dor e lamento. Vários povos primitivos, como os índios da América do Norte, possuem em seus mitos heróis semelhantes a Loki, que recebem o nome de *tricksters* ou enganadores. Loki é principalmente um deus impostor.¹²

Outros deuses — A religião germânica manifestou a estrutura religiosa indo-européia que, além de suas três funções sociais (a real, a guerreira e a agrícola), possuía uma dualidade característica: de um lado, o caráter pacífico; do outro, o caráter tumultuoso, desintegrador. Tiwaz e Wodanaz, traduzidos pelos romanos como Marte e Mercúrio, expressavam essa ambigüidade: Tiwaz representava o lado pacífico, ordenado e sacerdotal da soberania, mas possuía sua tendência guerreira (identificado com Marte). Tiwaz era associado a Tiuz-Tyr, a Ziu e a Tuisto. Foi esquecido por causa de sua transcendência, pois era um deus celeste.

Wodan assumiu sua função de deus supremo. Tyr ficou com a função de presidir as grandes assembléias, que resolviam questões políticas, jurídicas e militares; tornou-se o deus da guerra. Era maneta, pois perdera um de seus braços na garganta do lobo Fenrir, quando este se viu traído pelos deuses e estava com o braço de Tyr em sua boca, como garantia.

Wodan-Odin — Era considerado o principal deus. Wodan era o deus da tempestade e, aos poucos, começou a assumir os destinos dos homens. Odin era o deus da sabedoria e das artes mágicas. Fundindo-se os dois, surgiu um deus tipicamente germânico, dotado de dualismo: Wodan, duro e voluntarioso; Odin, aberto e maleável. Odin possuía um só olho porque ceder a outro a Mimir, guarda do poço da sabedoria, cujas águas lhe davam a capacidade de ver o futuro dos deuses e dos homens. Era chamado de pai dos enforcados e dos mortos violentamente, porque um dia se enforcara. Ofereciam-lhe sacrifícios humanos, enforcando as vítimas. Odin instituiu as leis, dava as vitórias, escolhia os heróis que eram levados pelas Walkírias ao *Walhall*. Para isso, os heróis de guerra deveriam ser queimados.¹³

O aspecto guerreiro de Wodan foi-lhe acrescentado, provavelmente, no período das incursões dos vikings. Como tal, era representado como chefe de um séquito de guerreiros. Em determinado momento, o deus trai seus heróis, deixando-os morrer; a explicação para tal ato é que o deus quer seus heróis no céu, para a luta final entre deuses e demônios.¹⁴

Um grupo de guerreiros sanguinários aparece recoberto com peles de lobos, cujo disfarce os transforma e lhes dá a frieza das feras; são chamados de “pele de lobo”. São denominados de *berserkir*, e se mostram semelhantes aos homens-lobos da lenda popular, aos xamanistas e faquires, invulneráveis ao combate, que andam por cima das brasas e entram em transe. O furor de Wodan é de natureza extática. Esses guerreiros eram membros de uma espécie de comunidade social e religiosa. Wodan era, pois, um deus guerreiro e um deus dos mortos.¹⁵

Os romanos associaram Wodan a Mercúrio, por seu espírito guerreiro. Numa das estrofes do *Edda*, Odin é mencionado procurando o conhecimento das runas (caracteres escandinavos); ficou nove dias pendurado numa árvore, sem comer nem beber, e então chamou as runas. Alguns eruditos querem assemelhar esse mito ao sacrifício de Cristo, mas percebe-se que se identifica mais com um rito de iniciação, com a finalidade de adquirir forças e conhecimentos sobrenaturais.

Donar-Thor — No escandinavo antigo, Donar era Thor. Era o deus do trovão, da tempestade e da chuva. Para os germanos do Sul, era um deus terrível, que viajava pelo espaço num carro barulhento, puxado por duas cabras, e lançava raios por todos os lugares. Para os do Norte, Thor

era um deus benéfico, mandando chuvas e ventos fecundantes; era o deus da paz, da prosperidade e do direito.¹⁶

Se os deuses associados a Odin não eram muitos, os associados a Thor eram numerosos. Seu nome significa trono e sua arma era o martelo Mjöllnir, “o demolidor”. Seu homólogo índio, Indra, aparece armado do *vajra*, pedra de raio. Na época romana foi comparado a Júpiter. Tácito traduziu seu nome por Hércules, dada a sua força de combate.

Em muitos mitos, Thor aparece como inimigo implacável dos gigantes, defendendo o cosmo contra as forças destruidoras do caos. Seu principal adversário era a serpente cósmica Jörmungand, que rodeava o mundo e no final dos tempos se levantaria contra os deuses. Na literatura e nos monumentos, Thor também aparece navegando num barco de pesca para capturar o monstro das profundezas.

Frequêntes são os mitos que o mostram combatendo os gigantes, com detalhes semelhantes aos mitos indo-europeus. Um dos cantos do *Edda*, com características de comédia, conta de um gigante que roubou o martelo e o escondeu sob a terra. Loki quis recobrá-lo, mas o gigante pediu em troca a deusa Frija. Esta, indignada, negou-se. Loki resolveu levar Thor, vestido de noiva. Durante o banquete, o gigante quer beijar a pretensa noiva, mas recua mediante o olhar de Thor. Na hora das bodas, o gigante manda trazer o martelo Mjöllnir. Tão logo Thor vê o martelo a seus pés, apanha-o e mata todos os gigantes da festa. O martelo servia para afugentar as forças demoníacas e para garantir a fertilidade da esposa.¹⁷

Vários deuses que levam o nome Thor trazem um segundo elemento que significa campo, prado, granja; isto associa o deus ao campo, pois protege inclusive as atividades campestres. Por isso, era venerado pelos agricultores.

Os Vanes — São deuses agrários, da fecundidade, pacíficos, protetores do campo e das plantações. Eram divindades femininas e masculinas. Há uma tradição que coloca os Vanes como introdutores do sacrifício xamanístico, do qual Odin se apropriou depois. Praticavam o matrimônio incestuoso, abominável aos Ases; o deus Njördhr teve, com sua irmã, os deuses Freyr e Freyja ou Frija.

Njördhr — Era o mais antigo dos Vanes, segundo nos relata Tácito em sua obra *Germania*, onde descreveu o culto à deusa Nerthus, que possuía um bosque sagrado numa ilha. No bosque havia um carro coberto com uma tela. Quando o sacerdote percebia que a deusa descera, fazia com que ela circulasse no carro, dirigido por duas vacas; naquele período havia paz e alegria, e era proibido o uso de armas. Acabado o ritual, o carro e o nume eram lavados num lago, onde eram afogados os escravos

que assistiam à cerimônia. Esse culto assemelha-se ao culto frigio à *Magna Mater* (Cibele), mas não é uma imitação dele; isto é provado através da existência de um conto islandês que fala de uma sacerdotisa escondendo um tal de Gunnar num carro do deus Freyr, que circulou pela cidade sob o júbilo do povo. Há semelhança entre a descrição de Tácito e a saga islandesa.¹⁸

O culto dos Vanes estava muito disseminado na Escandinávia, principalmente na Suécia, onde os nomes compostos a partir de Njördhr, Freyr e Freyja são muito numerosos. O segundo termo — *lundr*, bosque — indica um culto análogo ao deus; os nomes compostos de *akr*, vin e *tun* indicam cultos agrários. O culto ao deus Freyr sempre estava associado ao porco; para prestar juramento, colocavam-se as mãos sobre o animal, que se associava à fertilidade da terra. No último período do paganismo escandinavo, o deus Njördhr foi suplantado por Freyr.¹⁹⁰

Um dos poemas da *Edda* refere-se ao amor de Freyr por uma bela gigante; ele envia-lhe seu servidor, mas ela o rejeita. O poema termina com as queixas amorosas de Freyr. Freyr possuía templos na Escandinávia e era honrado com grandes festas e sacrifícios humanos (durante o período da cultura agrária, primitiva). Tinha um cavalo bem rápido, que voava pelos montes e torrentes; sua espada movia-se nos ares, sozinha; os anões, seus servidores, construíram-lhe um possante navio. Afirma o mito que acabou casando-se com a gigante Gerda.²⁰

Matronas (romanas) ou Disir (escandinavas) — São numerosas e representam toda a massa rural, formando um grupo amplo e confuso, que se multiplicou de acordo com o lugar e o tempo. Aparecem nos documentos outros nomes de deusas que podem ser variantes de Freyja, como Gefion, Gabiae e Horn. Idhun também era uma deusa da fecundidade. Shadhi se apresentava como mulher de Njördhr e vagava pelas montanhas, usando esquis e caçando com um arco, semelhante à Artemis grega. Seu nome é do gênero masculino, o que demonstra ser homólogo da dualidade formada por Njördhr-Nerthus e relacionar-se à fertilidade.

Os seres sobrenaturais incluíam: as almas dos mortos, os gigantes, os elfos, os anões, as bruxas, as fadas (nornas), as valquírias e as *fylgias*. Os germanos acreditavam nas *almas* distintas dos corpos (dualismo indoeuropeu); a alma podia vaguear durante o sono. Depois da morte podia reencarnar-se ou virar fantasma. Os *druckgeister* (fantasmas) possuíam grandes poderes e eram alvo do encantamento dos feiticeiros.

Era por isso que o corpo destes feiticeiros e dos homens maus eram queimados, para que o fogo consumisse o poder dos fantasmas, costume comum até na Idade Média.²¹

Os gigantes personificavam os grandes blocos de gelo, o tufão, as tempestades, os vulcões, os terremotos; eram inimigos dos homens e dos deuses. Os anões eram uma espécie de elfos (espíritos belos, alegres e inteligentes, que dançavam de noite): pequenos, feios, com grandes cabeças e barbas longas, vivendo em lugares escondidos (cavernas) e sendo ariscos e engenhosos; dedicavam-se à mineração e à ourivesaria, e aceitavam defender os interesses dos homens, vingando-se quando maltratados ou enganados.²²

Os elfos pertenciam à mitologia de todos os povos indo-europeus. Representavam as forças benéficas da natureza. Eram gênios do ar, invadindo mais tarde toda a natureza, havendo elfos dos bosques, das árvores, da casa, da água, da terra, ninfas, duendes, gnomos etc. Na *Snorra Edda* distinguem-se duas espécies de elfos: os luminosos, que brilhavam como o Sol, e os das trevas, habitantes das cavernas. Em tempos modernos, acreditava-se ainda em sua existência nas cavernas, debaixo da terra ou na água, formando um povo tranqüilo governado por um rei e possuindo moradias luxuosas, cheias de ouro e prata. Podiam ser feios ou bonitos; eram mortais, mas podiam viver séculos sem envelhecer. Possuíam grandes dotes musicais; praticavam feitiços; podiam adotar qualquer aparência, até a invisibilidade, graças aos bonés mágicos; eram muito hábeis. Havia os elfos amigos e os inimigos.²³

A partir dessas crenças, podemos compreender a história de Branca de Neve e os sete anões e outros contos alemães.

As bruxas eram mulheres marcadas para o mal. O cristianismo as transformou em monstros, em velhas feias que habitavam as florestas (*Waldfrau*) ou as cavernas (*Frau Holle*); associavam-se aos demônios, junto com os homens, para causar o mal. Suas reuniões eram famosas (noite de Walpurgis, a 1.º de maio; noite de São João e de São Bartolomeu), para as quais se dirigiam montadas em vassouras, cabritos ou javalis. As fadas eram seres intermediários entre espíritos e divindades, que podiam ser benignas ou malignas. Três delas acompanhavam o homem desde o seu nascimento: Urd (mais velha) representa o passado; Verdandi (mais jovem), o presente; Skuld (menina), o futuro.²⁴

As valquírias, cujo nome significa "as que escolhem os mortos", recolhiam os heróis de guerra e os levavam ao *Walhalla*; podiam ser uma idealização da mulher germânica que ia para a guerra, montava a cavalo e empunhava a lança e o escudo. As fylgias são pouco identificadas, podendo tratar-se de espíritos protetores, que ajudavam o homem nas dificuldades; eram uma espécie de "anjos da guarda".

Além desses seres sobrenaturais, Pösch ainda se refere às Nornas (consideradas fadas por Piazza): três mulheres sobrenaturais, que resi-

diam nas raízes da árvore do mundo, de onde extraíam um líquido com o qual regavam o Yggdrasill. Suas sentenças aparecem nos poemas épicos. A vida das pessoas dependia dos deuses e do poder impessoal, personificado nas Nornas. Quando alguém morria, dizia-se que era responsabilidade de Odin ou julgamento das Nornas.²⁵

Havia uma crença entre os germanos de que os deuses, corrompidos por suas paixões e falsidades, provocaram a destruição do mundo. No poema *Völuspa*, do *Edda* poético, descreve-se a catástrofe final. Os deuses lutam, auxiliados por gigantes e demônios. A natureza é destruída pelo fogo. A terra desaparece no mar, mas retorna coberta de flores primaverais. Quatro jovens deuses sobrevivem, sendo dois filhos de Odin e dois de Thor. Balder ressurgirá mais belo e amável, e esses deuses iniciam uma nova era. Um par de seres humanos refugiara-se, e gera a nova humanidade.²⁶

A última fase da religião germânica caracteriza-se pelo interesse no mito do fim do mundo. Este era um fenômeno geral, desde o 2.º século a.C., no Oriente Próximo, Irã, Palestina, Mediterrâneo e, um século mais tarde, no Império Romano. O fim do mundo já estava anunciado na cosmogonia.

Mito cosmogônico — O poema *Völuspa*, composto por volta do fim da época pagã, também relata o mito da criação. Os germanos, como todos os indo-europeus, conheciam um deus celeste que, com o tempo, foi obscurecido e suplantado pelas divindades mais especializadas, como Odin-Wodan, Donar-Thor e Tiuz-Tyr. Mesmo que a idéia de um Deus único traga a influência cristã, acredita-se que tenha uma origem mais antiga. O Pai de todos, grandioso e abstrato, era expressado na forma *Dyevs*, e era uma personificação da existência suprema.²⁷

Conta o mito que no começo só havia um grande abismo — *Ginnungagap*. Ao Norte havia uma região muito fria e brumosa — *Nifheim*, mundo dos mortos; ao Sul, havia um país tórrido — *Muspellsheim* —, ardendo num fogo imenso. Do encontro do gelo e do fogo nasceu o gigante Ymir, na zona intermediária. Do seu suor nasceram um homem e uma mulher; um de seus pés gerou um filho do outro pé. Do gelo nasceu uma vaca — Audúmeia ou Audhumbla, que amamentou Ymir. Ao terceiro dia, apareceu um homem — Búri, que gerou um filho: Bor, pai de Odin, Vili e Ve. Os três mataram Ymir, cujo cadáver foi esquartejado no abismo, criando-se a terra (da sua carne), o mar (do seu sangue), os rochedos (dos seus ossos) e o firmamento (dos seus cabelos e crânio).²⁸

Essa cosmogonia baseada no esquartejamento de um ser antropomorfo lembra os mitos de Tiamat, de Purusa e de Pan-ku. A criação do mundo foi resultado de um sacrifício cruento, o que justifica o sacri-

fício humano, dentro da concepção germânica antiga. Tal sacrifício asseguraria a renovação do mundo, a regeneração da vida e a coesão da sociedade. Ymir era bissexuado, pois gerou, sozinho, o casal humano.²⁹

Os três irmãos continuaram sua obra cosmogônica, criando as estrelas e os corpos celestes; criaram-se o dia e a noite e as estações do ano. Com a ajuda de Hoenir, o deus Taciturno, e de Lodhur, criou Odin o primeiro casal humano; Hoenir deu-lhes inteligência e Lodhur, os sentidos e a feição antropomorfa. Outro mito fala de dois humanos que emergem da Árvore Cósmica — Yggdrasill — e povoam o mundo. Esse casal, quando houver a destruição do mundo, sobreviverá e repovoará a terra.³⁰

A Árvore Cósmica simbolizava e constituía o universo. O seu ápice tocava os céus; os seus galhos abraçavam o mundo; as suas raízes enterravam-se, uma no país dos mortos, outra na região dos gigantes, e a terceira no mundo dos homens. Essa árvore ficou marcada para a destruição final. Era a imagem da Árvore Universal, situada no centro do mundo, que ligava os três níveis cósmicos: Céu, Terra e Inferno. Certas concepções orientais e norte-asiáticas podem ter influenciado o mito de Yggdrasill, mas há traços especificamente germânicos. Enfim, o mundo, os deuses, a vida, os homens, são perecíveis, mas podem ressurgir num novo ciclo cósmico.³¹

Observam-se no mito cosmogônico semelhanças com a narrativa bíblica quanto ao caos inicial, ao primeiro casal, à árvore da vida, à criação dos diversos elementos da natureza. Entretanto, o mito é apenas uma forma para explicar o que não pôde ser visto. A narrativa bíblica nos dá a certeza do início de tudo, sob a potente mão do Criador.

2. RITOS E COSTUMES

Os cultos entre os germanos eram realizados no local onde os deuses se manifestavam; isso nem sempre ocorria nos templos, mas também nos bosques sagrados. O clã se reunia para os rituais, que incluíam sacrifícios e oferendas de bebidas, alimentos, cereais e frutos, dada a sociedade agrária que formavam. As imagens e os símbolos das divindades estavam presentes no local.

Parece que a religião germânica não teve um ritual desenvolvido com textos litúrgicos, calendário de festas e clero especial, como, por exemplo, entre os gregos e romanos. O culto estava mesclado com as atividades públicas e privadas; as formas religiosas penetravam a vida da tribo e do Estado, o direito e os costumes.

O sacerdote possuía dupla função: possuía o poder judiciário e a influência política, além da função religiosa. Oferecia o sacrifício, consultando o oráculo, e guardava e vigiava as leis, assistindo o duque ou o rei. Encontrava-se, assim, em relação a toda a vida pública. Exercia um poder unificador junto aos exércitos também. Às vezes, aparecem sacerdotisas. Os anciãos de famílias mais tradicionais eram escolhidos como sacerdotes.

Depreende-se dos escritos que havia uma identificação do sacerdote com a divindade. Recebiam tributos para cuidar dos santuários. Na Islândia, os *gods* eram chefes e juizes e, depois que o paganismo desapareceu, conservaram sua influência de legistas. As funções sagradas não eram monopólio dos sacerdotes; reis e *jarls* ofereciam sacrifícios; não há evidências de uma casta sacerdotal fechada, com poder particular.³²

A religião mais antiga era muito simples. Somente de épocas posteriores existem descrições de templos, como o de Upsala (Suécia), do qual conta Adan de Brema, e que subsistiu com sua árvore simbólica germânica e sua misteriosa fonte, onde eram imersas as vítimas oferecidas aos deuses, até o século 11. Outro santuário conhecido é o de Lethra, em Seeland. Na Noruega, cada distrito possuía seu templo particular, e na Islândia, as jurisdições estavam ligadas às dioceses.

Dos relatos cristãos tem-se notícia das imagens dos deuses, adornadas com grande luxo, de ouro e prata.

Por ocasião dos solstícios (estações), celebravam-se as principais festas. Eram um reflexo da posição central ocupada pelo deus da luz.³³ Certas festas tinham um vasto ciclo, como as de Upsala, celebradas de nove em nove anos com grandes hecatombes.

Auspícios e profecias — Ao que parece, os elementos mágicos eram traços essenciais da religião germânica. Os principais auspícios eram a mágica dos sinais (*auspicia sortesque*); porém, não há informação precisa acerca dos auspícios e profecias. Tácito nos relata algo sobre oráculos obtidos através de galhos de árvores frutíferas, marcados com sinais particulares e espalhados sobre um pano branco. Em assuntos privados, o chefe da família os interpretava, e o sacerdote fazia o mesmo em negócios públicos e assuntos importantes. O relincho do cavalo podia significar um oráculo. Citam-se também o vôo dos pássaros (corvos, falcões, águias e cisnes) e o sangue das vítimas. Os sonhos, como meios para os auspícios, também aparecem na literatura escandinava. As mulheres manifestavam os presságios e os oráculos, vestindo traje sacerdotal, segundo nos contam César e Tácito; algumas ficaram famosas, como Vedela, Aurínia e Ganna.³⁴ Os sortilégios objetivavam afastar espíritos maléficos, curar enfermidades e adivinhar o futuro.

A bruxaria estava espalhada, segundo nos informa a literatura e o folclore. No *Edda*, os deuses aparecem como bruxas; a lenda de Thorwald, por exemplo, conta de um bispo cristão que converteu um pagão exorcizando, por meio de água quente, uma pedra-idolo, na qual havia um espírito mágico oculto. Grimm reuniu muitas superstições relacionadas à botânica e à mineralogia mágicas, além de encantamentos e lendas; havia a influência mágica em muitos costumes e tradições que ainda sobrevivem hoje nos campos.³⁵

Os povos germânicos, em geral, praticavam o sacrifício. Frutos e animais eram oferecidos aos deuses em determinadas épocas do ano, para obter-se boa colheita, manter-se a paz, obter-se o êxito na guerra. A oração como rogo não existia, mas apenas a petição que acompanhava a oferenda.

Prisioneiros de guerra e escravos eram as vítimas dos sacrifícios humanos. O sacrifício era uma expiação em honra aos deuses maiores, como Thor, Tyr e Odin. As vítimas eram enforcadas, afogadas, sepultadas nos pântanos, decapitadas, precipitadas nos abismos. Podiam ser sacrifícios pessoais, familiares, de uma coletividade ou plenamente públicos.

Os sacrifícios podiam estar vinculados aos acontecimentos da vida pública. Existiam reuniões religiosas ou políticas, nos bosques, acompanhadas de sacrifícios, muitas vezes mágicos. Nas guerras ou fomes, ofereciam-se sacrifícios mágicos ou expiatórios.

Por ocasião das 12 noites (do Natal à Epifania), cria-se que espectros eram lançados pelo mundo; na *Walpurgis* (1º de maio), no São João (24 de junho) e no São Martinho (11 de novembro), havia festas com sacrifícios, mas nem todas as tribos escandinavas as celebravam. Ao começo do Inverno, oferecia-se uma vaca para obter boas colheitas; se não as conseguiam, ofereciam um ser humano no próximo ano; persistindo a escassez, no terceiro ano ofereciam o próprio rei.³⁶

Não há condições de reconhecer a vida interior dos povos germânicos; Tácito assinala que havia uma veneração profunda por tudo o que é divino e uma pureza de costumes, manifestada na estima pela mulher e no caráter sagrado das leis da hospitalidade; no entanto, transparece a tendência para a embriaguez.

No *Edda*, os aforismos de Havamal ensinam a circunspecção, a prudência nas relações com os homens; os deveres para o hóspede estão no primeiro plano. As sagas e os mitos das epopéias e dos poemas louvam a coragem e a inteligência; os bens mais desejados são a vitória, a glória e a riqueza. Quanto à verdade, ora a pregam, ora admiram a astúcia e até a perfídia... Nota-se nas epopéias uma forte disposição para o fatalismo, que achamos também na época dos vikings: por toda parte, o poder do destino desempenha um papel, tanto no Heliand como na literatura anglo-saxônica; uma das idéias principais da epopéia como das sagas é que o homem não pode evitar o seu destino.³⁷

Para finalizar, já foi mencionado que os germanos se converteram ao cristianismo em épocas diferentes, dependendo de sua aceitação ou resistência à nova mensagem. Os germanos haviam desenvolvido diferentes sentimentos em relação aos deuses; os guerreiros sentiam-se vinculados a Odin, enquanto outros recebiam proteção pessoal de Thor e Freyr. Essa diferença de sentimentos em relação aos deuses manifestou-se de modo imprevisível, em contato com o cristianismo.

Os francos e os anglo-saxões, que viveram muito tempo em contato com os romanos, apenas deram um passo a mais para o cristianismo. Houve casos de batismos em massa, em que a tribo inteira seguia o exemplo do chefe. Em regiões não alcançadas pelos romanos, houve resistência e oposição à nova religião. "Somente a força das armas e a submissão política puderam forçá-los à conversão."³⁸

Na Escandinávia, a conversão só ocorreu após violenta oposição. Como em todas as religiões politeístas, havia tolerância aos novos convertidos, mas estes acabavam sendo isolados da comunidade. Os islandeses decidiram em Parlamento, no ano 1000, a conversão em massa, para evitar a desunião da sociedade. Na maioria dos casos, o povo apenas mudou de costume em relação aos deuses; antes, ia-se ao templo para o sacrifício; depois, para a missa, o canto dos sacerdotes, o esplendor dos candelabros acesos e o tilintar das campainhas. Entretanto, houve também aqueles que passaram por uma conversão genuína.³⁹

No princípio do 9º século, as divindades germânicas e as formas de seu culto desapareceram como religião oficial, mas permaneceram como superstições populares ao lado de mil outras crenças universais da mitologia menor. A magia conservou-se no folclore, com um prestígio e intensidade não encontrados em outra parte da Europa.

Entretanto, os princípios morais e os ideais observados pelo historiador Tácito perpetuaram-se como fundamentais e característicos da raça: culto da força, desprezo de toda ocupação que não fosse pelas armas, sentimento de devoção ao chefe. Os antigos princípios da ética pagã, presentes nas lendas heróicas, salvaguardaram-se como legado artístico.⁴⁰

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*, 1979, tomo II, v. I, p. 172.
2. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*, 1977, p. 91.
3. PUECH, Henri-Charles, dir. *Historia de las religiones*, 1977, v. III, p. 66, 67.
4. *El mundo de las religiones*, 1985, p. 119.
5. VENTURI, Tacchi, dir. *Historia de las religiones*, 1947, v. II, p. 298.
6. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 99, 100.

7. VIGNOLA, Bruno. In: VENTURI, Tacchi, *op. cit.*, p. 302.
8. PUECH, Henri-Charles, dir. *op. cit.*, p. 68.
9. *Ibid.*, p. 84.
10. *Ibid.*, p. 87.
11. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 96.
12. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 93.
13. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 95.
14. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 75.
15. *Ibid.*, p. 75, 76.
16. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 95.
17. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 82.
18. *Ibid.*, p. 95, 96.
19. *Ibid.*, p. 97.
20. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 96.
21. *Ibid.*, p. 97.
22. *Ibid.*
23. VIGNOLA, Bruno. In: VENTURI, Tacchi, *op. cit.*, p. 314.
24. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 97.
25. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 105.
26. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 98.
27. CID, Carlos, & RIU, Manuel. *Historia de las religiones*, 1975, p. 403.
28. HUBY, José. *Christus — história das religiões*, 1956, v. II, p. 643.
29. ELIADE, Mircea, *op. cit.*, p. 174.
30. *Ibid.*, p. 174.
31. *Ibid.*, p. 175.
32. DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*, 1940, p. 848.
33. HUBY, José, *op. cit.*, p. 647.
34. VIGNOLA, Bruno, *op. cit.*, p. 324.
35. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 849.
36. CID, Carlos, & RIU, Manuel, *op. cit.*, p. 420.
37. DE LA SAUSSAYE, Chantepie, *op. cit.*, p. 850.
38. PUECH., Henri-Charles, *op. cit.*, p. 107.
39. *Ibid.*, p. 108.
40. VIGNOLA, Bruno, *op. cit.*, p. 327.

1. VICTORIA was the first to be...
2. The first...
3. The first...
4. The first...
5. The first...
6. The first...
7. The first...
8. The first...
9. The first...
10. The first...
11. The first...
12. The first...
13. The first...
14. The first...
15. The first...
16. The first...
17. The first...
18. The first...
19. The first...
20. The first...
21. The first...
22. The first...
23. The first...
24. The first...
25. The first...
26. The first...
27. The first...
28. The first...
29. The first...
30. The first...
31. The first...
32. The first...
33. The first...
34. The first...
35. The first...
36. The first...
37. The first...
38. The first...
39. The first...
40. The first...
41. The first...
42. The first...
43. The first...
44. The first...
45. The first...
46. The first...
47. The first...
48. The first...
49. The first...
50. The first...

THE FIRST

1. The first...
2. The first...
3. The first...
4. The first...
5. The first...
6. The first...
7. The first...
8. The first...
9. The first...
10. The first...
11. The first...
12. The first...
13. The first...
14. The first...
15. The first...
16. The first...
17. The first...
18. The first...
19. The first...
20. The first...
21. The first...
22. The first...
23. The first...
24. The first...
25. The first...
26. The first...
27. The first...
28. The first...
29. The first...
30. The first...
31. The first...
32. The first...
33. The first...
34. The first...
35. The first...
36. The first...
37. The first...
38. The first...
39. The first...
40. The first...
41. The first...
42. The first...
43. The first...
44. The first...
45. The first...
46. The first...
47. The first...
48. The first...
49. The first...
50. The first...

CAPÍTULO VIII

RITUALÍSTICA E COMPLEXA

(ASTECAS, INCAS E MAIAS)

No México, na Guatemala, em Yucatán e no Peru habitavam civilizações antiqüíssimas, das quais os representantes mais típicos eram os astecas, os maias e os incas. Os maias possuíam uma história sem interrupção de quase dois milênios, enquanto os astecas, do México, e os incas, do Peru, eram herdeiros de culturas especializadas, existentes antes deles.¹

Essas religiões antigas são importantes para se compreender o desenvolvimento religioso da América índia. As fontes para reconstruir essa religiosidade são fontes escritas, manuscritos indígenas ilustrados, inscrições nos monumentos e achados arqueológicos. Existem milhares de inscrições maias em tabuinhas, estelas, templos e esculturas. Essas inscrições nos dão uma idéia parcial daquele povo; a leitura dos sinais numéricos é a forma mais segura de interpretar aquela civilização. Os documentos históricos deixados pelos colonizadores também são fontes importantes para o conhecimento das civilizações autóctones.

Os arqueólogos comprovaram que a cultura básica dos astecas, maias e incas foi a mesma. Do México, as construções e os deuses chegaram ao Peru. Sua origem é o Extremo Oriente e a Polinésia, pois existem semelhanças entre essas civilizações. A cultura da Venta, no Golfo do México, segundo alguns arqueólogos, foi originária das demais culturas. A Venta e Três Zapotes foram os principais centros de uma antiga civilização (800 a.C.), que se caracterizou pela presença de majestosas pirâmides, esculturas de personagens de aspectos grotescos (metade homem e metade jaguar), provavelmente os deuses da fertilidade, além das estelas com datas do calendário, a mais importante característica.²

A civilização tolteca foi anterior à asteca. Já veneravam o deus Quetzalcoatl, símbolo do céu. A religião asteca absorveu vários elementos dos toltecas. Ambos os povos se caracterizaram pelo estreito contato entre

a monarquia e os guerreiros por um lado, e o fogo, o Sol e a estrela matutina por outro. O rito tolteca do sacrifício humano foi mantido pelos astecas.

A organização social original dessas civilizações antigas eram comunidades agrícolas. As tarefas foram especializando-se, e surgiu a necessidade da integração política e de uma autoridade política central. Então, apareceu uma teocracia e se desenvolveram centros de culto, onde eram adorados os poderes supremos, no cume dos edifícios piramidais. Ao lado da sociedade estratificada, encontrava-se um panteão complexo e variado, atendido por uma hierarquia sacerdotal.³

A religião dos maias, incas e astecas foi ritualística e complexa porque compreendia diversos ritos e porque seus mitos e lendas eram complexos, bem como suas construções, de significado simbólico. Para compreendê-la, vamos abordar alguns aspectos históricos, seus mitos, deuses e crenças, seus ritos e festas, seu sacerdócio e suas construções culturais.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Quando os europeus chegaram ao território mexicano, encontraram civilizações elaboradas, com um rico cabedal de cultura. As pesquisas arqueológicas demonstraram a existência de dois estágios culturais da civilização asteca: arcaico e clássico. O estágio clássico iniciou-se com a era cristã, tendo como centro de irradiação Teotihuacán (a cidade dos deuses), com seus palácios, pirâmides e pinturas murais.

Por volta do 7.º século d.C. surgiu outro centro cultural em Tula, com as mesmas bases do anterior. A partir do século 11, tribos nômades se instalaram em Tula; uma delas era a dos astecas ou mexicas, estabelecendo-se em pequenas ilhas sobre o lago. Eles construíram aldeias em torno do templo em honra a Huitzilopochtli (meados do século 13). Em 1325, erigiram a cidade de México-Tenochtitlán, de onde iniciaram sua expansão, interrompida pela invasão espanhola. Eles haviam aterrado parte do lago, transformando a região em terras cultiváveis, e haviam construído um sistema de canais entre as ilhotas.⁴

As ruínas de magníficos monumentos e relatos dos conquistadores espanhóis nos dão informações sobre o Império Inca, que se estendeu por uma região que hoje compreende parte do Peru, Bolívia, norte do Chile e noroeste da Argentina. As ruínas, em sua maioria, possuíam um caráter religioso.

As primeiras comunidades agrícolas peruanas deixaram modestos vestígios de seus ritos funerários. Só por volta do ano 1000 d.C. é que o homem peruano desenvolveu uma cultura rica e complexa. Antes da civilização inca, desenvolveram-se duas grandes expansões culturais naquele território, classificadas pelos arqueólogos de Horizonte de Chavin e Horizonte de Tiahuanaco. Dessas civilizações existem restos de templos, pinturas, cerâmicas, todos com motivos religiosos.⁵

Os incas propriamente ditos estabeleceram-se originalmente no Planalto de Cuzco, no Peru, em 1200 d.C., sendo que suas conquistas se completaram em 1470 d.C., quando a tribo de língua quíchua exerceu poder sobre as tribos vizinhas, dando origem a “um dos maiores impérios e um dos mais perfeitos e eficientes sistemas sociais da Antiguidade”.⁶

Em seu império havia inúmeros santuários, além da religião estatal. Alguns se tornaram célebres por seus oráculos, como o de Pachacamac. Muitos santuários estavam ao redor de Cuzco, sendo naturais (colinas) ou construídos (templos). A religião dos incas tinha mais interesse na organização, na obtenção de víveres e nos ritos, do que no misticismo e na espiritualidade.⁷

Foi o imperador Pachacuti que iniciou a expansão imperialista. Mesmo nesta fase histórica, a justificação mítica é fundamental, e continua envolvendo a história do Império Inca em lendas. A partir de Pachacuti — “o que transforma o mundo” —, a tribo cuzquenha sujeitou as demais tribos andinas, impondo-lhes um governo teocrático, com o culto a um deus. As várias tribos foram reagrupadas em quatro grandes divisões (*suyu*), cujo centro topográfico, político e religioso era Cuzco. Por isso, à chegada dos espanhóis, o Império Inca era chamado pelos peruanos de Tahuantinsuyu — “a terra das quatro províncias unidas”.

A organização desta monarquia teocrática e socialista se tornou famosa. O imperador era o representante do Criador. Os ídolos das regiões conquistadas foram levados à capital, Cuzco, e adorados como deuses inferiores; os deuses tribais incas e seu culto foram propagados entre os súditos. Assim ocorreu a integração política do vasto império que alcançou o Equador e o Peru.

A religiosidade popular, isto é, o velho culto dos lugares e objetos sagrados (as *huacas*), perdurou durante todo o império e sobreviveu até os nossos dias; as *huacas* mais importantes eram as grandes pedras eretas, plantadas no meio das terras cultivadas, como guardiãs do campo.⁸

O Império Inca foi destruído pelos espanhóis em 1532, quando se encontrava no zênite de seu poder político e de suas conquistas cultu-

rais. O cristianismo foi imposto à força, mas algumas crenças incas podem ser reconhecidas ainda hoje entre os índios.

As investigações históricas mais antigas atribuíram aos maias a invenção da aritmética e da astronomia, típicas de suas realizações intelectuais. A cultura maia alcançou seu apogeu entre 200 a.C. e 700 d.C. Eles construíram suas cidades em todo o território de Yucatán, Guatemala e da atual Belize, ao redor de centros culturais e administrativos, como se fossem cidades-templos. Adoravam os deuses da agricultura, além de outros.⁹

Nessas cidades-templos havia pirâmides com degraus, em cujo cumeficava o templo e em cujas plataformas havia edifícios retangulares, conhecidos como palácios mas que, provavelmente, eram armazéns, torres para observação astronômica, grandes espaços quadrados a céu aberto para jogos rituais e estelas com datas gravadas. As estelas e os muros estavam decorados com hieróglifos, a escritura dos maias.¹⁰

As construções maias refletem a concepção dualista, dividindo a população entre agricultores de um lado e sacerdotes, aristocratas e artesãos, do outro. O segundo grupo atendia às necessidades espirituais da população rural; os templos honravam os deuses da agricultura, da chuva e do solo; os cálculos astronômicos fixavam as datas importantes para a semeadura e a colheita. É possível que uma tensão entre os dois grupos tivesse provocado uma revolução, que destruiu o resplendor das cidades-templos. Elas foram abandonadas por volta do ano 900 d.C., talvez depois de uma revolta, uma pressão externa ou uma causa ecológica. Assim terminou a época clássica da civilização maia.¹¹

O Yucatán setentrional foi invadido mais tarde por guerreiros que vinham do Norte; eram grupos *nahuas*, que introduziram novas concepções arquitetônicas, nova maneira de considerar o mundo e um sistema de valores diferente. Os senhores da guerra substituíram a aristocracia sacerdotal; muralhas rodearam muitas cidades, e os edifícios profanos se tornaram mais numerosos do que os religiosos. Esses guerreiros provavelmente eram toltecas, devido às colunas decoradas com o símbolo da serpente emplumada, que também aparece nos muros dos templos de Teotihuacán e Tula. Esta civilização pós-clássica durou alguns séculos; a civilização maia encontrada pelos espanhóis era apenas o resto de um passado esplendoroso.

As informações que temos da civilização maia clássica nos vêm de poucas fontes indígenas, principalmente dos três códices, que estão em Dresden, Madrid e Paris, e que transmitem uma imagem deformada daquela civilização antiga. Não se duvida que havia uma fé sincera e profunda entre os maias, permeando sua vida em todos os aspectos.¹²

2. DEUSES, MITOS E CRENÇAS

Esses povos antigos do México e regiões vizinhas efetuaram uma grande síntese de religiões tribais distintas, ocorrendo um verdadeiro panteão de deuses e deusas, possível graças ao corpo sacerdotal organizado. Esses deuses eram uma mistura dos antigos deuses tribais e dos deuses dos povos conquistados através de guerras e alianças.¹³

Monoteísmo asteca — A idéia da existência de uma causa primeira universal não era desconhecida dos sacerdotes mais capacitados, dos reis mais sábios e dos astecas mais eminentes. Era chamada de Teotl, “Deus”; de Tloque Nahuaque, “o que possui tudo em si mesmo”; de Ipalmemoualoni, “por quem vivemos e existimos”. Era o deus supremo, invisível, não representado por figuras. Esse monoteísmo sofreu modificações.¹⁴

Ao deus supremo, também denominado de Ometecuhtli, acrescentou-se sua esposa Omecihatl, e os dois foram considerados como o princípio de todas as coisas. Tanto o deus como a deusa supremos recebiam outros nomes, segundo seus atributos e funções e segundo os dialetos em uso.

Além dos deuses supremos, havia entre os astecas três *numina* principais, venerados e temidos, outrora heróis e guerreiros famosos: Tezcatlipoca, chefe *nahua*, astuto, capitão afortunado, que conduziu seu povo à vitória; Huitzilopochtli, uma das mais sanguinárias divindades, a quem se atribuiu a instituição de sacrifícios humanos; e Quetzalcoatl, que caminhou de longe para o México, num barco a vela, e é a estrela matutina.

Panteão asteca — Era governado pelo deus astral Huitzilopochtli e por uma entidade vinculada ao mundo vegetal, Tláloc, deus da chuva e dos camponeses. Um mito descreve o primeiro como filho de Coatlicue (deusa terrestre que gerara, antes dele, inúmeros deuses astrais — “os quatrocentos do sul”) e a divindade lunar Coyolxanhqui, representando as trevas noturnas. Coatlicue concebera o deus milagrosamente: fora fecundada pela alma de um sacrificado, caída do céu. Derrotando seus irmãos, impôs-se como divindade suprema.¹⁵

Segundo o mito, Coatlicue achou-se grávida e seus outros filhos a quiseram matar. Huitzilopochtli nasceu de repente, com um escudo na mão esquerda e um dardo azul na direita. Com a entrada desse deus no panteão dos astecas, o culto adquiriu um caráter de barbárie. Tornou-se num dos mais famosos da história das religiões. Às ofertas primitivas (flores, frutos, animais), foram acrescentados os sacrifícios humanos.¹⁶

É provável que Tláloc tenha sido, por algum tempo, a divindade principal. Parece que um templo foi a ele dedicado, onde foram encon-

tradas numerosas figurinhas com suas características. Outras escavações do templo de Quetzalcoatl mostraram numerosos vasos com a efígie de Tláloc. Esse deus é encontrado nas manifestações artísticas de todas as civilizações do antigo México, bem como o deus Quetzalcoatl.

Tlazolteotl era uma deusa terrestre que presidia o amor carnal e que admitia a confissão de pecados, através de um sacerdote; por isso era chamada de Tlaelquani — “a devoradora das imundícies”.

Hipi Totec era o deus da chuva primaveril, da renovação da natureza e das plantas.

Nos jardins de Tamoanchán, a Oeste, nascem o milho e as plantas. Após seu nascimento, as plantas empreendem uma grande viagem sob a terra (germinação), suplicando aos deuses da chuva que sejam seus guias. Finalmente, ressurgem no Oriente, região do Sol nascente e da abundância, onde se ouve o canto do pássaro *quetzalcoxcotli*. O mito de Quetzalcoatl representa imagem semelhante, referindo-se ao planeta Vênus, que nasce, desaparece e renasce no Ocidente, como estrela da tarde. No mito de Huitzilopochtli há a mesma idéia — reencarnação de um guerreiro morto: *huitzilin* (colibri) e *opochtli* (sinistro, terrível), ou seja, “o guerreiro ressuscitado do Sul”, porque o Sul é o lado esquerdo do mundo.¹⁷

Nesses três sistemas ideológicos (o de base astral, o de base vegetal e o existencial, no culto de Quetzalcoatl), há uma mensagem básica: a idéia de morte e ressurreição. O homem e a natureza triunfam sobre a morte; o Sol reaparece todas as manhãs. Vênus morre e renasce.

Quetzalcoatl era concebido como o demiurgo que arrancou a vida do nada, como os heróis ancestrais da pólis grega. Recebia culto representado sob a imagem de uma serpente emplumada. Os sacerdotes o situavam historicamente por volta do começo da era cristã. Real ou mitológica, a presença de Quetzalcoatl é incontestável.

Esse deus também aparece na cultura maia. Pregava uma nova religião, o amor ao próximo, a penitência e a prática das virtudes. Como profeta, teria anunciado que viriam homens brancos com barba e destruiriam sua raça e religião. Tal profecia transmitiu-se de geração em geração, e fez dele um deus venerado entre os astecas. Tais homens seriam os espanhóis.

Segundo a mitologia tolteca (anterior à asteca), depois de ter criado o homem com seu próprio sangue e ter ensinado a ele, entre outras coisas, o uso do calendário, Quetzalcoatl sucumbiu ao pecado, embriagando-se e praticando o ato carnal. Abandonando o reino, o deus morreu numa fogueira, mas seu coração elevou-se aos céus, onde se transformou no planeta Vênus. Interpretado à luz da cultura ocidental, esse mito revela

a angústia pelo pecado, a necessidade de purificação e a elevação da alma a um reino sobrenatural, transcendental.

Cada família asteca também possuía seus deuses tutelares, os *Tēpiloton*. Havia gênios em suas superstições, e os montes possuíam seus deuses. O monoteísmo primitivo multiplicou-se infinitamente em adoração a deuses relacionados a fenômenos atmosféricos, a produtos da terra, a ofícios, a idades e a famílias.¹⁸

Até aqui observamos o monoteísmo e o panteão asteca. Vamos conhecer os deuses e mitos incas.

Deuses e mitos incas — As informações sobre a religião inca foram transmitidas pelos conquistadores espanhóis e por cronistas posteriores, como Garcilaso de la Vega, descendente inca. A religião estava intimamente ligada ao Estado. Os deuses e seus sacerdotes concediam a fertilidade, a saúde e a vitória nas batalhas; recomendavam a submissão ao imperador e ao sistema que ele representava. Os deuses, assim como o Estado, estavam organizados num panteão estruturado, e o clero se submetia à autoridade estatal.¹⁹

O imperador Pachacuti Inca Yupanqui (morto em 1471) empreendeu uma reforma religiosa e fez de Viracocha o deus supremo do império; esta reforma poderia ser uma verdadeira invenção religiosa ou apenas uma reorganização do panteão inca. Em todo caso, facilitou a unificação do sistema religioso em seu império. Era um homem muito religioso, que tinha visões de aparições celestes; pode ser que suas experiências pessoais tenham sido usadas com finalidades políticas.

Os documentos comprovam que Viracocha era reconhecido como deus da tormenta, do trovão e da chuva, isto é, um dos deuses mais antigos. Pachacuti havia reavivado a crença neste deus, eclipsando o deus Sol, adorado até então. Para os homens em geral, Viracocha era um deus inacessível; entretanto, no culto oficial lhe eram oferecidos sacrifícios com regularidade. Sua estátua de ouro puro dominava o templo de Cuzco, o templo do Sol. Sua festa era celebrada em agosto.²⁰

Viracocha ou Huiracocha aparecia num antigo hino (*Makhan*) como entidade masculina e feminina, criadora do mundo, onipotente e onipresente. Era um herói cultural que criara os astros e os homens, desaparecendo no mar. Um dos mitos conta que esse deus criou o mundo escuro e também os homens para viverem na escuridão. Deu-lhes um preceito para obedecerem. Como não o cumpriram, amaldiçoou-os, transformando-os em pedras e em outros elementos da natureza. Enviou-lhes depois um dilúvio geral — *pachacuti* —, água que transtornou a terra. Segundo o mito, choveu 60 dias e 60 noites, destruindo tudo o que fora criado. Depois Huiracocha criou o Sol e os astros e, a partir

de três seres humanos salvos do dilúvio, recriou a humanidade.²¹ Este mito nos lembra, mais uma vez, a história bíblica do dilúvio, com Noé e sua família. Como se pode observar, as religiões antigas, da Europa à América, possuem relatos acerca desse acontecimento universal.

Antes da reforma de Pachacuti, o deus Sol Inti era considerado o ancestral da família imperial inca, e tinha numerosos fiéis. O deus Sol e sua esposa, a deusa Lua (*Mama Quilla*), velavam pela fertilidade dos campos e ainda desempenham papel importante hoje entre os índios quíchuas. A deusa era patrona do calendário e das festas religiosas.

Inti era representado antropomorficamente, com a cabeça em forma de disco de ouro, circundado por raios que terminavam em serpentes. Seu principal templo, onde aparece o maior dos discos de ouro, é o de Coricancha, em Cuzco.

O inca Garcilaso de la Vega menciona o deus Pachacamac — “o que dá alma ao universo” —, cujo nome os incas não pronunciavam, mas que era venerado intimamente com maior intensidade do que o deus Sol; ao deus Pachacamac referiam-se com gestos e muita reverência, inclinando a cabeça ou o corpo, levantando os olhos para o céu e baixando-os, dando beijos para o ar. Pachacamac para os incas era o verdadeiro Deus, Criador do universo.²²

Pachamama era a deusa da fecundidade e alvo de muitas festas religiosas e ritos cotidianos. Illapa era o deus do trovão e das chuvas; é representado pela figura de um homem armado de clava e de atiradeira, quebrando o vaso que contém as chuvas, para atender os pedidos dos homens. Recebia diversos sacrifícios, inclusive de algumas crianças; a Via Láctea pertencia ao complexo mítico desse deus, já que do rio celeste provinha a chuva.

A maior parte dos deuses importantes era representada por ídolos no templo de Cuzco. As estátuas de ouro eram atendidas pelos sacerdotes e pelas virgens do Sol, que ocupavam habitações especiais. O público não entrava no templo. Os sacerdotes pertenciam à família imperial.

Havia ainda inúmeras divindades secundárias, ligadas ou não aos corpos celestes, mas quase sempre relacionadas a atividades agrícolas. Entre as estrelas e constelações podem ser citadas as Três Marias, ligadas ao culto lunar, e as Plêiades, além do planeta Vênus. Os incas ainda cultuavam todas as deidades dos povos conquistados: gênios familiares e *huacas* (montanhas sagradas, heróis lendários petrificados, cavernas sagradas, mortos considerados potências, templos e santuários). As apachitas (*huacas* de espíritos locais) eram montículos de pedras em certos caminhos.²³

Panteão Maia — Os maias tinham deuses para cada uma de suas funções. Os deuses ligados às atividades sacerdotais desapareceram, assim como a hierarquia sacerdotal, mas os deuses da agricultura sobreviveram até os nossos dias, como o deus da chuva, Chaac. Os deuses podiam mudar de atribuições ou exercer vários a mesma função; por isso, se torna difícil identificá-los nos relevos das esculturas ou nos manuscritos. Essa confusão é resultado do sincretismo regional ou de uma sistematização feita pelos sacerdotes.²⁴

A característica marcante dos deuses maias é que havia os bons e os maus, e aqueles que podiam ser bons e maus ao mesmo tempo. O deus da chuva era bom quando contribuía para a agricultura, e mau quando enviava o granizo, que destruía as colheitas.

Os deuses maias eram os do céu, da fertilidade, da morte, da guerra, do trabalho e dos dias. Estavam vinculados aos interesses dos agricultores e dos sacerdotes. Hunab-ku (deus único) é o deus supremo, e raramente foi objeto de culto e de preces. Itzamná (filho de Hunab-ku) era o deus principal dos sacerdotes, representado por um velho barbudo; foi o primeiro sacerdote e o inventor do alfabeto ou calendário. Aparece também como o deus do Sol e da chuva, assim como a maior parte dos deuses celestes superiores; seu par provavelmente era a deusa Lua. Suas funções são associadas às de um herói civilizador. São funções benéficas, como afastar desastres, curar enfermos e proteger os velhos. Havia duas festas anuais em sua homenagem.

Ixchel é a deusa-mãe, semelhante às de outras religiões, e representada pela Lua. Reina sobre as águas e protege as mulheres, principalmente no momento do parto. Os sacerdotes atribuíram a esta deusa a função de ser patrona da Medicina e da adivinhação; ao deus Sol atribuíam a música e a poesia, como o deus grego Apolo.

O deus da chuva Chaac, aos olhos da população, era o mais poderoso e o mais amado. Aparece nos códices simbolizado pelas lágrimas, fertilizantes gotas da chuva. É representado também por uma serpente, símbolo universal da chuva. No dia de seu culto, às vezes, o templo era todo renovado; se não, eram colocados pelo menos novos ídolos e novos copos de incenso. Seu companheiro inseparável era o deus do vento, simbolizado nos códices com um nariz saliente.²⁵

O deus da chuva sobreviveu à invasão tolteca, uma vez que os deuses dos conquistadores não atendiam às necessidades dos agricultores. O deus tolteca Kukulcán foi adotado pela população rural. Por outro lado, os toltecas incorporaram o deus da chuva, que aparece nos relevos. Chaac podia ser uma expressão para denominar todas as entidades divinas ligadas às atividades agrícolas. Havia contudo o Chaac superior, ligado à chuva,

O deus do milho e de toda a vegetação, Yum Kaax, era representado por um jovem que levava sobre a cabeça uma espiga de milho. Sua juventude representa o frescor das novas colheitas. Outras plantas tinham seus próprios deuses.

Ah Puuch era o deus das trevas, que habitava nas profundezas da terra. Nos códices, aparece como um cadáver em decomposição, com o crânio e o esqueleto descarnados. Seus companheiros são o cachorro, a ave noturna e o deus da guerra (este talvez da época pós-clássica). Como o deus da guerra, Ah Puuch também pedia sacrifícios humanos.

Bacab correspondia a quatro entidades divinas postas por Deus, na origem do mundo, nos quatro cantos da terra, para sustentar o céu. A divisão do mundo em quatro partes tinha um significado mítico: a cada Bacab correspondia uma cor e uma função: Chacal-Bacab, de cor vermelha, tudo que era do Leste e os anos *muluc*; Zacal-Bacab, cor branca, tudo do Norte e os anos *ix*; Ekel-Bacab, cor preta, tudo do Oeste e os anos *cauac*; Kanal-Bacab, cor amarela, tudo do Sul e os anos *kan*.²⁶

Cada dia, cada mês, cada ano, cada *katun* (período de vinte anos) tinha seu deus. Vários desses deuses pertenciam à religiosidade popular; outros foram inventados pelo clero.

Com a invasão tolteca, outros deuses começaram a ser cultuados e recebiam sacrifícios humanos. Dentre eles, destacam-se: Kukulcán, principal deus tolteca; o deus guerreiro Tezoatlípoca; o deus do Sol, Tonatiuh; a deusa da fertilidade, Chicomecóatl; e o deus da chuva, devorador de crianças, Tláloc. Kukulcán se identifica com o deus de Tula (Vale do México) denominado Quetzalcoatl, a serpente emplumada. Cria-se ter sido Kukulcán o introdutor da idolatria e dos sacrifícios humanos, hábitos comuns no período pós-clássico. Sua principal festa era em novembro e durava cinco dias, em que havia abstinências, procissões, representações, bailados, incenso e oferta de alimentos.

Crenças astecas, incas e maias — Suas crenças estiveram relacionadas com seus deuses e mitos, e se manifestavam na maneira de viver em sua comunidade e nas construções culturais, de que existem vestígios arqueológicos. Uma das crenças é relacionada ao destino além-túmulo. Este se achava desvinculado, para os astecas, de qualquer idéia de recompensa moral ou de castigo para o indivíduo. O paraíso correspondia a uma sociedade de indivíduos eticamente emancipados da sorte do Estado. A imortalidade era alcançada através de sua integração na sociedade. Um guerreiro conseguiria a imortalidade por suas atribuições militares. As mulheres mortas em sacrifícios ou por causa do parto também alcançavam a imortalidade; estendia-se também àqueles marcados pelo destino: mortos por um raio ou por doença associada à

água. Para os demais, a vida além-túmulo era sombria, cheia de provações.²⁷

Havia o céu do Sol — Ilhuicatl Tonatiuh —, para onde iriam os guerreiros mortos em batalhas, os inimigos sacrificados e as vítimas que representavam a pessoa do deus nas solenidades religiosas. No céu de Tláloc eram recebidos os mortos por sufocamento, por morte violenta e por doenças. Um setor deste céu — o Tlalocam — era o jardim para onde iam as crianças sacrificadas. O paraíso de Mictlantecuhтли era para os que morriam de morte natural; para estes não havia descanso. Deviam caminhar sem repouso, atravessando rios e desertos, escalando montanhas. Mesmo assim não alcançavam a imortalidade, havendo exceções para os nobres e grandes personagens. Estes, com a morte, despertariam de profundo sono.²⁸

Para os incas, a observação das normas éticas influiria no destino do além-túmulo, pelo menos para o povo em geral. Bastava que vivessem segundo as regras e confessassem seus pecados, para que alcançassem o céu do deus Sol e levassem uma vida feliz, comendo e bebendo até saciar-se. Os parentes e amigos menos virtuosos eram conduzidos ao inferno, nas profundezas da terra, onde sofriam fome e frio.²⁹

Os mais afortunados alcançariam o paraíso do deus Sol, independentemente de sua conduta na terra, dada sua origem sagrada de descendentes do Sol.

Entre os maias, o destino dos mortos variava de acordo com o lugar e as circunstâncias de sua morte. Não existem fontes bastante esclarecedoras, mas podemos ter uma idéia da crença maia. Os guerreiros mortos no campo de batalha, as mulheres que morriam de parto, as pessoas sacrificadas aos deuses e os suicidas iriam para um paraíso, onde possuiriam um destino feliz, com comida e bebida abundantes e repouso à sombra da árvore sagrada. A maior parte das pessoas desceria ao reino do deus da morte, onde havia fome, frio e aflição. Essas concepções são do período pós-clássico, pois não há informações anteriores.³⁰ Não há entre os maias um paraíso exclusivo dos guerreiros, pois eram relativamente pacíficos.

A criação do mundo — Para os astecas, o mundo fora criado a partir dos dois deuses primordiais que reinavam sem governar, à semelhança dos deuses do Egito e de Babilônia. O Sol era a obra mais importante e fora gerado pelo sacrifício de um deus menor e pelo sangue de outros deuses. Para os astecas, a condição humana dependia e se ligava ao cósmico, por causa do pecado e da redenção. Daí a necessidade do sacrifício humano, para que o Sol continuasse em seu curso normal. A relação do humano com o divino não se dava na intimidade do ser, mas pelo ritual dos sacrifícios humanos. Entretanto, era a sociedade como

um todo que faria essa mediação, e não o homem em particular. A religião asteca possuía um forte elemento solar, sendo os sacrifícios ordinários em honra ao Sol, para que este continuasse brilhando.

Entre os maias, o mito da criação do mundo afirmava que Hunahpu e sua mulher criaram a terra e os homens. Pela palavra, Hunahpu emergira a terra do oceano. Os homens foram formados do milho; entre os primeiros homens estavam quatro antepassados dos quichés (tribo maia). Onde o Sol saíra pela primeira vez, os deuses lhe haviam prestado culto. O cosmo era representado pela árvore do mundo, cuja seiva sempre verde ia da terra à região mais elevada, e cujos ramos alcançavam as quatro regiões do mundo. A região mais profunda eram as águas. O céu era sustentado por quatro irmãos, os Bacabs.³¹

A cosmogonia maia afirmava que nossa época fora precedida por três outras idades, que se encerraram com cataclismos universais. A primeira fora habitada por anões; a segunda, por gente — *dzoloob*; a terceira, pelos maias; a quarta, por todos os povos. O universo estaria dividido em 13 céus superpostos chamados *Oxlakuntiku*; nossa terra seria o céu inferior; abaixo dela, haveria nove mundos subterrâneos — os *Bolontiku*; o mais profundo pertenceria ao senhor da morte. Cada mundo tinha seu próprio deus, assim com todos os fenômenos da natureza e todos os dias.³²

A noção de pecado — A vida diária dos incas estava relacionada à religião. Os fiéis se relacionavam com as divindades, através dos cultos e ritos coletivos e das práticas individuais. Submetiam-se a jejuns diversos para se livrarem de algum mal ou conseguirem a boa vontade dos deuses. Para os incas, os males aconteciam por causa dos delitos, como a quebra de um ritual. Para livrar-se do pecado, praticavam a confissão auricular. O pecado era considerado a partir de normas éticas: “Não roubar, não mentir, não ser preguiçoso.” O pecado também era associado ao não-cumprimento dos rituais, provocando a ira dos deuses.³³

Magia — Entre os astecas, existiam dois sistemas cronológicos: o científico-religioso e o mágico. O primeiro procurava explicar os fenômenos naturais, como os movimentos dos astros e as estações do ano. O sistema mágico pretendia marcar a sorte do destino individual, através de signos, e estabelecer o calendário. Neste, cada mês correspondia a um fenômeno natural ou a um rito realizado no seu decurso. O calendário adivinhatório tinha como eixo do sistema as revoluções do planeta Vênus; o sistema governava os destinos humanos, mas o autocontrole podia superar um destino infeliz.³⁴

Na vida dos incas, os oráculos eram muito importantes, servindo para diagnosticar uma doença, saber se o penitente dizia a verdade, encon-

trar um objeto perdido, conhecer a vontade dos deuses, tomar uma resolução militar etc. Em todos esses casos, recorria-se a um sacerdote chamado *umu*. Os deuses oraculares mais importantes eram Apurimac e Pachacamac. Outras formas de conhecer os desígnios divinos eram: observar o movimento das aranhas ou serpentes num recipiente próprio, interpretar as vísceras ou pulmões de um lhama etc. Os sonhos também podiam indicar algum acontecimento; por exemplo: sonhar com fogo significava ficar doente; sonhar com uma estrela cadente, a morte do imperador.³⁵

Segundo a religiosidade popular, os pajés possuíam poder para curar doenças causadas pelas forças maléficas de bruxos. Acreditava-se, nesse caso, que o doente carregava dentro de si um corpo estranho que devia ser removido magicamente.

Uma das práticas mágicas era sugar o mal do corpo do paciente; após a operação, o curandeiro mostrava o objeto extraído. Acreditava-se que esses curandeiros recebiam poder em sonhos ou visões, vindo de uma potência. Outras técnicas de cura eram utilizadas entre os incas. Os bruxos utilizavam cabelos, unhas e outras partículas do corpo, além de bonecos que representavam as vítimas, para ocasionar doenças e até a morte.

Os deuses, mitos e crenças desses povos foram evidenciados através dos diversos ritos e das festas, que conheceremos em seguida.

3. RITOS E FESTAS

Sacrifícios, cultos e festas variados faziam parte da vida dos astecas, dos incas e dos maias. Observemos alguns deles.

Sacrifícios — Entre os astecas, os sacrifícios eram realizados publicamente. Reuniam-se aos milhares, em torno do *teocali* (grande templo). Seis sacerdotes (*chachalmecas*) sacrificavam a vítima sobre a pedra dos sacrifícios, abrindo-lhe o peito, extraíndo-lhe o coração e recitando preces.

A pedra dos sacrifícios chamava-se *Tēchcatl*; era de um metro de altura, em forma de pirâmide ou cone; sua parte superior era do tamanho a suportar um corpo humano, cujos braços e pernas pendiam dos lados e o peito ficava saliente. Com uma pedra, abria-se-lhe o peito; com as mãos, arrancava-se-lhe o coração, que era oferecido ao Sol e jogado aos pés do deus Huitzilopochtli. Terminado o sacrifício, os corações das vítimas eram queimados, devorados pelos sacerdotes ou conservados por algum tempo. O corpo era esquartejado pelos parentes ou donos, cada parte com um destino.³⁶

Os prisioneiros de guerra, destinados à morte, eram coroados com uma pluma branca. Em honra aos deuses da terra, sacrificavam-se

mulheres, que bailavam antes do sacrifício. Tláloc, deus da chuva, recebia o sacrifício de crianças afogadas.

Em determinada época, havia um sacrifício em que, após arrancado o coração, fazia-se passar um bastão de fogo (*tlequanitl*) pelo interior da ferida. Desse peito nasceria o fogo, no qual os mensageiros acenderiam suas tochas para transmitir o fogo sagrado às regiões vizinhas.³⁷ Esse tipo de sacrifício era realizado no final do século asteca, por medo da destruição do mundo.

Em relação aos sacrifícios, havia a possibilidade de salvar a vida da vítima. Amarrado a uma pedra, com liberdade de movimentos num raio de 1 metro e meio, e armado com instrumentos de guerra de madeira, o prisioneiro enfrentava guerreiros armados; se vencesse determinado número de adversários, recuperaria a liberdade.

Os astecas também praticavam o esfolamento (tirar a pele das vítimas), sacrificavam em fogueiras, imolavam animais, ofereciam flores e frutos e, segundo alguns historiadores, eram antropófagos, pois comiam a carne dos sacrificados.

Os sacrifícios humanos estimularam as guerras santas — *xochiya-oyotl*, para que sempre houvesse vítimas. Estabeleciam-se contratos entre os beligerantes: os vencedores ficariam com os prisioneiros sem exigir concessões territoriais. Havia honras especiais aos guerreiros corajosos e penas infamantes aos que se recusassem a participar das guerras. Após as guerras, havia autênticos crimes sacrificais.³⁸

Entre os maias, alguns deuses exigiam sangue humano, que lhes daria força e vigor para cumprirem sua tarefa de proteção aos fiéis. As guerras, também aqui, concediam os prisioneiros para os sacrifícios, acompanhados, em muitos casos, de canibalismo ritual: o corpo da vítima era despedaçado e comido por aqueles considerados dignos de participar do ritual. Esse ato demonstrava o desejo de se identificar com o guerreiro e sua valentia.³⁹

Os sacrifícios humanos de caráter agrário eram realizados no poço sagrado de Chichén Itzá. Quando havia fome e seca, lançavam-se moças nas profundezas do poço para satisfazer às potências da terra e da vegetação. Os arqueólogos encontraram objetos de ouro, cobre, jade e outras pedras preciosas no fundo calcário do poço. Os seres humanos sacrificados aos deuses os incitavam a enviar a chuva e a fazer crescer as colheitas. Eram a garantia da fertilidade. Segundo um dos índios entrevistados por Eric Thompson, “os mortos eram depositados na terra para fertilizá-la.” Da crença nos poderes dos mortos, surgiu o costume de depositar os mortos debaixo ou no interior das pirâmides.

Entre os incas, havia oferendas de alimentos, bebidas, folhas de coca, tecidos, pequenas imagens de ouro e prata, farinha de milho, gordura de lhama, conchas marinhas etc. Os alimentos eram cozidos ou reduzidos a cinzas. Os líquidos eram colocados em vasos apropriados e com eles se irrigavam a terra e os objetos de culto. Quem não podia oferecer estas coisas, arrancava cílios e supercílios e os oferecia aos deuses. O sacrifício de lhama era o mais solene. A cor do animal relacionava-se à divindade; lhamas brancos para o Sol; escuros, para Viracocha; malhados, para o deus trovão. Diante do deus, o animal era imolado pelo sacerdote em meio a orações rituais. Na praça de Cuzco realizavam-se sacrifícios cruentos diariamente. O que o Sol não consumisse, seria servido aos sacerdotes. Em honra ao Sol eram sacrificados cem lhamas mensalmente. Entre os incas, os sacrifícios eram mais amenos do que entre os astecas e maias.

Os sacrifícios humanos não eram comuns entre os incas, mas ocorriam em ocasiões especiais. Eram sacrificadas as virgens do Sol (meninas de 10 anos), rapazes entre 13 e 15 anos, prisioneiros de guerra (por estrangulamento; tinham o coração arrancado e o sangue aspergido ao redor do altar).

Cultos — Os sacrifícios não eram a única forma de honrar os deuses. Como acontecia com as civilizações agrícolas, os maias também possuíam um calendário litúrgico — *Tzolkin*, baseado no ritmo anual da vegetação. Faziam-se oferendas de incenso, alimentos e bebidas, danças e escarificações rituais, precedidas de dias de jejum e que terminavam em banquetes. Sacrificavam-se animais e, em dias de muita seca, havia sacrifícios humanos; estes se intensificaram com a invasão tolteca. Danças e jogos também faziam parte do culto, embora em forma mais popular e pública. Famosos eram os jogos de bola, realizados em praças públicas, como a de Chichén Itzá, que podia abrigar 50 mil espectadores nas arquibancadas.⁴⁰

Os incas costumavam fazer preces, estendendo os braços, murmurando, inclinando-se para a frente e beijando a parte superior dos dedos; o beijo era dedicado à divindade. As orações coletivas faziam parte das festas anuais coletivas e de ocasiões especiais: pedir chuva, boas colheitas, afugentar catástrofes etc.

A confissão entre os incas era feita ao sacerdote *ichuri*, que ouvia em silêncio, mas conhecia de antemão a extensão da culpa confessada. Uma confissão incompleta era erro gravíssimo, colocando-se em risco mortal toda a sociedade. A purificação e expiação eram conseguidas pelo banho num rio, por um rito de expulsão do mal e por meio de penitências. Entre os maias, a confissão era mais freqüente em perigo de morte,

e os sacerdotes, dentre os mais velhos e experientes, deveriam guardar absoluto segredo.

Alguns ritos encontrados pelos missionários entre os astecas e maias parecem relacionar-se à confissão, batismo e comunhão, mas o seu significado era bem diferente do significado cristão.⁴¹ A cerimônia do batismo comportava a imposição do nome, a aspersão de água nos lábios, peito, fronte, e um banho total. Entre os maias, a cerimônia era precedida de três dias de jejum e da confissão de pecados, efetuada pelos mais velhos entre os candidatos ao batismo, vestidos de branco. No final, cheiravam um cálice, cujo líquido era derramado em honra aos deuses, e dividiam-se as ofertas de alimentos, trazidas pelas mães, entre os presentes.

Entre os astecas, logo que a criança nascesse, o sacerdote escolhia a data de seu batismo no calendário. A sacerdotisa derramava água sobre sua cabeça, banhava seu corpo todo e recitava uma fórmula de pureza do mal. Havia a concepção do batismo como purificação do mal e renascimento. A pecaminosidade do recém-nascido se apegara a ele desde o nascimento. O seu nome era fixado segundo a data do calendário; seu destino dependia do dia favorável ou desfavorável de seu nascimento. Se fosse desfavorável, seu destino seria amenizado mediante a escolha de dias favoráveis para o restante dos acontecimentos de sua vida.⁴²

Havia um determinismo incondicional entre os astecas, segundo o qual os sinais favoráveis poderiam transformar-se em nefastos; daí a exigência da purificação pela vida ascética (jejuns, extrações de sangue, abstenção de sexo, auto-sacrifícios) e pela oração. O pecado trazia a pobreza, a enfermidade e a morte, e os castigos divinos não aconteciam pela confissão dos sacerdotes da deusa Terra; os castigos terrenos não aconteciam também pela confissão e pela penitência.⁴³

Ritos fúnebres — Entre os astecas havia diferentes ritos fúnebres, dependendo das espécies de morte. No caso dos mortos em guerra, as viúvas eram saudadas pelos anciãos; havia cantos fúnebres acompanhados pelo tambor, numa procissão de viúvas e filhos dos mortos, exibindo seus ornamentos e fardas. Quatro dias depois, faziam-se fantoches dos mortos e colocavam-se neles asas de corvos para voarem ao sol. No Tlacochalco, mansão especial, era oferecido um manjar especial e uma torta aos fantoches. Depois de mais quatro dias, havia outra oferenda, após o que os fantoches eram queimados. Finalmente, um ancião confortava as viúvas.⁴⁴

No caso de morte natural, os ritos variavam de acordo com a riqueza e importância do finado. O cadáver dos nobres era envolvido com finos tecidos, adornado com ouro, prata e pedras preciosas. Sacrificava-se seu escravo que cuidava do fogo doméstico. Sobre o cadáver, colocavam-se

as vestes do deus da cidade, e era levado em procissão com cânticos ao templo, onde era incinerado. Homens, mulheres e escravos eram imolados. No dia seguinte, suas cinzas eram colocadas num cofre, junto à esmeralda que ocupara o lugar do coração e a uma mecha de cabelos, anteriormente cortada. Sobre o cofre era colocada uma estátua do defunto, toda adornada. Depois de quatro dias, o cofre era levado ao local da incineração, onde aconteciam novos sacrifícios e oferendas. Estes ritos se repetiam a cada vinte dias, cada vez acompanhados de menos vítimas. No octogésimo dia, podiam ser imolados somente (!) dez ou doze escravos. Daí cessavam os sacrifícios humanos; na celebração do aniversário da morte havia oferendas de flores, frutos, aves e mariposas.⁴⁵

No caso da morte dos menos afortunados, as cerimônias eram mais simples, não faltando o sacrifício do porco, a incineração do cadáver e a guarda das cinzas.

Como o Império Inca estava dividido em quatro grandes regiões, a cada uma correspondiam ritos funerários diversos. Em Anti-Suyu, comiam-se os mortos, e seus ossos eram conservados nas árvores. Os índios de Cunti-Suyu sepultavam os mortos envoltos em tecidos, tendo folhas de coca, prata e ouro na boca. Em Chinchá-Suyu, as cerimônias duravam cinco dias após o sepultamento e, depois de mais cinco dias, realizava-se um novo ritual. Os habitantes de Colla-Suyu ofereciam toda espécie de alimentos aos seus mortos. As cerimônias fúnebres incas compreendiam, em geral, um banquete, uma dança ritual e a queima dos objetos pertencentes ao falecido. Os mortos da elite, em alguns casos, eram sepultados com as mulheres e escravos. Nos altiplanos, o corpo era colocado numa sepultura no alto das rochas, para que fosse mumificado pela ação do clima. Nos vales, o corpo era enterrado, assim como no litoral, na areia seca.

Entre os maias, os nobres e sacerdotes eram incinerados e as cinzas recolhidas em grandes urnas ou introduzidas, em parte, em figuras ocas de barro ou madeira, inumando-se o restante. Dos crânios dos membros da casa real de Cocom se faziam máscaras. A inumação estava reservada ao povo e aos sacerdotes inferiores. O morto era enterrado com os objetos de uso pessoal, perto da casa onde vivera, ou dentro dela. Em Yucatán encontram-se sepulcros em pedras, com ou sem túmulo, e na Meseta da Guatemala, sepulcros de corredor.⁴⁶

Festas — Entre os astecas, havia festas religiosas anuais e extraordinárias. O calendário era rico e variado, incluindo 18 festas anuais. Havia diferença entre o ano civil ou solar — *Tonalpohualli* — e o ano sacerdotal — *Tonalamatl*. A cada mês celebrava-se uma festa em honra

a determinado deus com procissões; sacrifícios, oferendas, adorno das estátuas, banquetes, danças, jejuns e penitências.

Uma festa extraordinária era realizada no final do século. Os sacerdotes vestiam as roupas rituais de seus deuses; havia procissão em honra a Huixachtecatl. As tochas acesas no peito das vítimas sacrificadas eram levadas ao templo, às salas dos sacerdotes, às casas.

As festas astecas, em geral, eram lúgubres e tétricas, por causa dos sacrifícios humanos. Entretanto, havia beleza nas vestimentas dos sacerdotes, guerreiros e nobres que desfilavam, e nas grinaldas floridas; havia suavidade nas músicas dos instrumentos e dos cânticos sagrados. Em certa ocasião, as fachadas das casas eram enfeitadas com ramos verdes, e as pessoas em procissão levavam ramos floridos.⁴⁷

O jogo de pelota foi muito difundido no México e se conservou até os nossos dias em Nayarit. Todos os grandes centros pré-colombianos possuíam esse jogo, com exceção de Teotihuacán. Em Tula foi encontrado um campo em forma de "T". A partida era disputada entre duas equipes. Os jogadores lançavam a bola de borracha por meio dos quadris ou dos pés, sem tocá-la com as mãos, esforçando-se para fazê-la passar pelos anéis laterais colocados no meio do campo. Era um jogo de caráter ritual, e seu resultado originava presságios.⁴⁸

As festas incas coletivas eram as mais importantes, unindo o sentido religioso à prática social. O calendário festivo baseava-se nos acontecimentos agrícolas e astrais. Muitas cerimônias eram antigas, como os ritos de passagem. Algumas subsistiram sob o disfarce de comemorações cristãs, após a conquista espanhola; foi o caso do Intin Raymi, em honra ao Sol, depois realizada no dia da Festa de Deus.

À festa do Sol compareciam todos os principais capitães de guerra aposentados, todos os *curacas* (senhores de vassalos), ou seus filhos e irmãos, representando-os em caso da impossibilidade de sua presença. Os *curacas* vinham vestidos ricamente ou a caráter (pele de animal predador e a cabeça dele encaixada na do índio; ou com grandes asas: *cuntur*; ou ainda com máscaras: *yuncas*). Traziam as façanhas pintadas no corpo. Tocavam timbales e trompetes. Antes da festa havia jejum de três dias.

A festa do Sol era a de maior resplendor. Ao romper da madrugada, o povo se reunia na grande praça de Cuzco, Haucaypata; o imperador comparecia ricamente vestido. Os *curacas* ficavam em outra praça, Cusipata. Ao nascer do Sol, o imperador apresentava dois copos de ouro com bebida sagrada, preparada especialmente pelas virgens do Sol. Um copo ele bebia, outro derramava num canal que ia para o templo do Sol, distribuindo o restante entre o seu séquito (somente os de linhagem

real bebiam da bebida sagrada; os outros bebiam outra bebida, não sagrada). Depois iam ao templo, e o imperador oferecia os copos aos sacerdotes, que também recebiam os donativos das províncias (ovelhas, cordeiros, lagartixas, cobras, raposas e outros animais). Sacrificavam-se, então, os animais, que podiam ser os lhamas ou os cordeiros e carneiros; faziam-se oferendas de comida e bebida. As virgens do Sol preparavam pãezinhos de massa de milho — *zancu* —, que não eram totalmente comidos, senão dois ou três bocados.⁴⁹

Na praça central de Cuzco, os incas ainda celebravam outras festas anuais: Capac Raymi, comemorando a puberdade ou maturidade dos nobres, quando os jovens eram submetidos a várias provas, sendo uma delas a corrida ritual até o Monte Huanacari; Hatun Cuzci Aymoray, comemorando a colheita do milho, em que se sacrificavam cem lhamas em honra à *huaca* do milho chamada Mama-zara (mãe-milho); Chacra Cunacuy, havendo nova repartição dos campos; Situa ou Coya Raymi, festa com rituais de purificação para evitar doenças e flagelos. Havia também uma festa em honra da Lua, com purificação por meio da água e do fogo, para evitar doenças, em que se faziam procissões com as principais *huacas* das províncias.

As cerimônias coletivas eram realizadas ao ar livre, principalmente na grande praça. Os templos eram santuários, abrigando os deuses, os objetos sagrados, as oferendas, as múmias etc. Ali só entravam os sacerdotes, que também dirigiam as festas coletivas, e os funcionários do governo.

Observemos o sacerdócio e as construções culturais.

4. SACERDÓCIO E CONSTRUÇÕES CULTUAIS

Para atender a tantas divindades astecas, cumprir tantos ritos e cerimônias, realizar tantos sacrifícios, era necessária uma falange de sacerdotes. O sumo sacerdote denominava-se *Teotecuhtli*, o senhor dos deuses; os demais eram os *teopixque*, guardiães dos *numina*. Untavam o corpo com uma pasta negra e brilhante e deixavam crescer o cabelo. Cada sacerdote possuía determinada função: administrar os bens do templo; guardar o tesouro e as vestimentas; escolher candidatos; cuidar do calendário, combinando o ano civil com o sacerdotal; preparar a festa; cuidar dos cultos das divindades especiais; dirigir ritos funerários; servir famílias em seu culto doméstico.

Os sacerdotes levavam uma vida austera de penitências, jejuns, poucas horas de sono. Nem todos eram celibatários.

A função dos sacerdotes astecas não se limitava à religiosa; não raro alentavam os guerreiros para a peleja. Era-lhes confiada a educação dos jovens do *Calmenac* (colégio dos nobres, de onde saíam os oficiais e principais sacerdotes) e dos *telpuchcalli* (40 a 50 escolas para a classe média). Nessas escolas a disciplina era rígida: pouco alimento, jejuns, orações, penitência, trabalho. Aprendiam a cantar e a interpretar hieróglifos; observavam uma conduta irrepreensível; aprendiam História, Aritmética, cronologia, sistema vigesimal, Astronomia, ginástica e exercício de armas. Dos livros estudados, ainda são conservados alguns em bibliotecas da Europa e América.⁵⁰

Entre os astecas também havia sacerdotisas, mulheres e jovens consagradas ao serviço do templo e às diversas divindades. Algumas faziam voto de servir durante toda a vida; outras, por certo tempo. Algumas eram dedicadas por seus pais quando nasciam e, em determinada idade, passavam a morar nos santuários, cozendo, orando, bordando vestimentas sacerdotais, aprendendo as danças. Eram orientadas pelos sacerdotes e pelas matronas. Terminado o período do voto, seus pais davam presentes aos sacerdotes e aos deuses, e a jovem era despedida com sábios conselhos.⁵¹

A organização do culto inca tinha como autoridade o imperador divino, descendente direto do Sol — o Inca. Numa liteira, por trás de uma cortina, era aclamado pelo povo. Aqueles que o tocassem eram malditos e deviam morrer. Somente podia casar-se com sua irmã, por causa de sua natureza divina. Quando o imperador era entronizado, sacrificavam-se jovens formosas para dar-lhe força e consolidar seu reino. Quando morria, suas esposas favoritas e seus criados eram oferecidos em sacrifício. Os corpos dos imperadores eram mumificados, coroados com os símbolos imperiais e colocados no templo do Sol, em assentos de ouro. Depois de mortos, ainda participavam do culto, no muro exterior do templo, rodeados pelo rei vivo e sua corte.⁵²

Os sacerdotes constituíam uma das três castas da sociedade inca (nobreza, clero e povo). O alto clero provinha da nobreza (irmão ou tio do Inca, imperador), e como tal era sustentado pelo povo. Os sacerdotes menores eram do povo. O sumo pontífice, geralmente irmão do imperador, possuía cargo vitalício e era cognominado *Villac Uma* (o grande chefe que fala). Abaixo dele, vinham os sacerdotes encarregados dos templos dedicados ao Sol e de dirigir as cerimônias. Os sacerdotes inferiores não eram mantidos pelo Estado, mas seu cargo era hereditário.⁵³

Os sacerdotes da elite recebiam instrução nas *yachahuasi* (casas da ciência), que correspondiam ao *Calmenac* dos astecas. Cada templo possuía uma hierarquia de sacerdotes e auxiliares, que iam desde o

responsável pelo templo até os trabalhadores mais comuns. Cada templo possuía seu próprio convento de virgens sagradas, consagradas ao Sol, castas, como acontecia entre os romanos. Participavam das grandes cerimônias, preparavam as vestimentas solenes, mas não parece que cuidavam do fogo sagrado. Esse fogo era aceso no ano-novo, e simbolizava o renascimento do Sol e da vegetação.

As jovens eleitas recebiam instrução durante quatro anos. Algumas eram desposadas por nobres; outras se tornavam esposas secundárias do imperador ou acabavam sacrificadas em cerimônias especiais. Eram governadas por uma sacerdotisa nobre (*coyapacsa*) e sujeitas a rigorosas proibições; violar uma *acllahuaci* (casa onde viviam) resultava em morte da infratora, de toda a família e vizinhos. O convento de Cuzco abrigava 3 mil virgens. Essas casas de recolhimento estavam espalhadas pelo império. As jovens deveriam ser da linhagem do imperador que, por sua vez, era filho do Sol. Uma virgem de família bastarda não podia servir no templo do Sol. Aprendiam sobre o culto, além de fiar, tecer e coser. As mais velhas eram as instrutoras, as matronas ou *mamacuna*.⁵⁴

Nem todos os sacerdotes incas ficavam a serviço do templo e participavam dos cultos. Dedicavam-se à cura de enfermidades, à predição do futuro ou à revelação das coisas ocultas. Observavam, para tanto, as entranhas dos animais, o voo dos pássaros e o deslocamento dos animais. Havia sacerdotes a quem se confessavam pecados (infração de normas sociais e dos tabus rituais) como, por exemplo, desobediência ao imperador inca. Os sacerdotes condenavam o pecador a penitências, como o jejum de vários dias, após o que havia o banho purificador e a absolvição. Confissões semelhantes eram praticadas entre os antigos mexicanos.

Além dos sacerdotes oficiais havia muitos pajés, com quem sobreviviam as antigas crenças mágicas. Eram adivinhos, curandeiros e bruxos; favoráveis (*pacos*) e maléficos (*laycas*).

Os sacerdotes maias possuíam vestimentas características, feitas de pele de jaguar, com ornamentos de jade e, pelo menos no período pós-clássico, plumas de *quetzal* (ave da América Tropical). Esses sacerdotes eram chamados de *ahkin* (nome ainda hoje dado aos padres católicos). Eram organizados hierarquicamente; o chefe, *ankin-may*, da família principesca dos maias, era assistido por doze *ahkukuet*, todos escolhidos entre o mais alto clero. A seguir vinham os *chilan*. Os magos e feiticeiros eram a classe mais baixa, praticando uma medicina rudimentar, misturada com práticas supersticiosas; eram mais temidos do que respeitados.⁵⁵

Um ou dois sumos sacerdotes controlavam o culto, a astrologia e a adivinhação; supervisionavam o clero e instruíam os aspirantes no

sacerdócio. Os sacerdotes do Sol presidiam os sacrifícios; os profetas — *chilan* — podiam entrar em transe e predizer o futuro. Os encarregados dos sacrifícios constituíam uma classe separada, e seu chefe — *nacon* — era encarregado de arrancar o coração das vítimas; os outros quatro sacerdotes — *ogac* — seguravam-nas.

As pessoas iam aos sacerdotes para confessar seus pecados. As confissões objetivavam livrar as pessoas de certas enfermidades que, segundo a crença, eram consequência de uma transgressão involuntária do código moral. Os pecados cometidos intencionalmente não precisavam ser confessados, pois a verdadeira falta estava na omissão e não no delito contra a sociedade.

Os cultos mexicanos eram dirigidos pelos sacerdotes maias e pelos militares (inovação tolteca). Duas ordens de seus sacerdotes ficaram famosas: as águias e os jaguares; simbolizavam, respectivamente, o Sol durante seu trajeto no céu e o mundo subterrâneo. Alguns relevos representam os sacerdotes oferecendo ao deus Sol o coração das vítimas sacrificadas.

Construções culturais — A forma piramidal dos templos astecas assemelha-se às construções babilônicas, porque as pirâmides egípcias eram mausoléus, e não templos. A pirâmide mexicana diferia da egípcia por ser truncada (que termina por segmento de reta, em vez de ser pontiaguda). A pirâmide do Sol de Teotihuacán possui 60 metros de altura e foi construída, provavelmente, no início de nossa era. Parece que essa pirâmide foi construída sobre outra mais antiga, cujas escavações revelaram os terraços originais, as representações do deus Quetzalcoatl e do deus Tláloc, com olhos cercados de óculos.

Os astecas, maias e outros povos mexicanos não dedicavam a seus deuses templos fechados e cobertos, mas um gigantesco altar, de vários pisos, em cujo cume realizavam os sacrifícios. A única exceção eram os templos de Quetzalcoatl. Os templos constituíam-se de uma série de cubos ou paralelepípedos sobrepostos, que diminuíam de tamanho à medida que alcançavam altura. O cume era um espaço suficiente para sacerdotes e vítimas se locomoverem. Em alguns, cabiam três ou quatro pedras sacrificiais.⁵⁶ Os degraus ou terraços podiam ser mais ou menos numerosos. O templo de Texcoco tinha nove; o do México, somente cinco. Subia-se de um ao outro por meio de escadas.

Os templos nem sempre se localizavam no centro das cidades; podiam ficar nas planícies ou nos desertos. Sua suntuosidade dependia do zelo dos sacerdotes, da riqueza das oferendas, da piedade do povo, do favor do príncipe e da importância do deus ou deusa.

Ao redor do templo havia um grande pátio, cercado por uma muralha de três metros de altura, esculpida com serpentes. Os edifícios anexos ao templo principal do México, capital do império asteca, eram majestosos e variados. Havia numerosas capelas dedicadas às divindades do Olimpo asteca. Os ídolos são de aparência horrenda, cheios de adornos extravagantes; a forma humana aparece somente nas faces. Quando se tornaram muito numerosos, por causa da extensão do império, os ídolos foram reunidos num único templo, chamado Quauhcalli.

Além das capelas, havia casas para os sacerdotes, os auxiliares, os criados, as donzelas, para o rei fazer suas rezas e penitências, para os prisioneiros antes dos sacrifícios, além de uma hospedaria para nobres vassalos do império. Havia também salas especiais para os jogos, os crânios das vítimas, as espinhas de *maguey* para os penitentes, armas etc. A grande pedra do Sol ou calendário asteca, a pedra sacrificial, a pedra gladiatória, além de terras cultivadas por escravos para os sacerdotes, foram alguns bens sagrados dos astecas.

A arte asteca foi muito desenvolvida no que diz respeito à arquitetura, escultura, pintura e afrescos. Sua arte foi essencialmente religiosa. Apesar de restarem poucos vestígios, sua força é percebida na escultura de pedra; é uma combinação de sinais simbólicos com motivos mais ou menos realistas. As mais célebres são as de Quetzalcoatl e Coatlicue, deusa da terra.⁵⁷

Templos incas — O maior templo do império era Coricancha, no centro da grande praça cultural de Cuzco. Sobre suas estruturas foi construído o Convento da Igreja de São Domingos pelos espanhóis. Ao redor da construção principal havia edifícios menores, numa área de 350 metros de circunferência. Templos semelhantes havia em outros locais do império. Entre as ruínas encontradas em Chavin de Huantar, de uma civilização anterior à inca, foi encontrado um edifício denominado Castelo, possivelmente um templo ou local de peregrinação, pois não existem traços de população próxima. O Castelo era um conjunto de terraços de vários andares, com rampas e escadas. As paredes externas originais eram cobertas com relevos de serpentes, condores e cabeças de felinos (pois a região era dominada por um deus com corpo de jaguar ou de puma).

As grandes pirâmides de Adobe, no Vale de Moche, foram construídas no tempo dos mochicas, anteriores aos incas. São a *huaca* do Sol e a *huaca* da Lua. O templo do Sol, próximo a Trujillo, compreende uma vasta plataforma retangular com 18 metros de altura e cinco terraços. Neste tabuleiro, na extremidade sul, há uma pirâmide de 75 metros de altura, composta de 130 milhões de tijolos de argila. O templo da Lua

também é semelhante a uma plataforma, menor que a anterior, com 21 metros de altura, onde há restos de edifícios.

Da mesma civilização dos mochicas datam a pirâmide de Maranguá e os principais edifícios de Pachacamac, uma importante metrópole cultural.

Tiahuanaco era o mais importante centro cultural e arqueológico depois de Cuzco, sendo também anterior ao período inca. Parece que esse centro estava ligado ao deus Huiracocha que, provavelmente, é a figura central na Porta do Sol — célebre monumento, talhado num só bloco de andesita, de sete toneladas. O deus é representado por uma figura humana de pé; sua cabeça está coroada por raios em forma de cabeças de felinos e serpentes; em cada mão sustenta um cetro que termina com uma cabeça de condor; está cercado por três fileiras de personagens em movimento.

Tiahuanaco parece ter sido um centro religioso e um local de peregrinação, onde estavam os principais monumentos: Acapama, pirâmide construída com fins religiosos, de 15 metros de altura, da qual resta apenas um montículo; Calasasaya, praça retangular, fechada lateralmente por monolitos eretos, provavelmente parte de um muro circundando a praça. Dentro de Calasasaya se encontra a Porta do Sol.

Nos túmulos encontraram-se mais de 100 mil vasos de cerâmica fina e de ótimo cozimento. São verdadeiras obras-primas confeccionadas pelas mulheres, com pintura e relevo de personagens, guerreiros, doentes deformados, músicos, cenas simbólicas. Não há inscrições, pois os povos da América do Sul não possuíam escrita hieroglífica.⁵⁸

Edifícios maias — Eram os templos e os palácios. Os templos possuíam forma retangular, tendo sido construídos em cima das pirâmides, nas quais se subia por escadas laterais; a principal ficava na fachada. Em seu interior havia várias salas; a principal era o santuário. Em Palenque foi encontrado um sarcófago sob a pirâmide, contendo os restos de um grande chefe, paramentado de jades; a câmara funerária estava coberta de relevos. Os palácios provavelmente eram a residência dos sacerdotes. As construções internas eram abertas por uma falsa abóbada, sustentada por traves, típica dessa civilização.⁵⁹

Finalizando, pudemos observar as semelhanças existentes entre a religião dos astecas, incas e maias, apesar de terem ocupado diferentes regiões: México (astecas), Peru (incas) e Yucatán, Guatemala (maias). A explicação está na origem comum dos três povos.

Como todas as religiões antigas, caracterizou-a um panteão de muitos deuses, principalmente ligados à agricultura e aos astros, como

o Sol e a Lua. Entretanto, percebe-se que houve a tendência da adoração a um único Deus, mormente entre os astecas e incas.

Esses povos preocupavam-se com seu destino além-túmulo e expressavam suas crenças em relação a ele, principalmente através dos ritos fúnebres. A criação do mundo, para eles, estava ligada a alguns mitos. A noção de pecado era evidente entre os incas; todos praticavam a confissão aos sacerdotes. Envolviam-se em crenças e práticas mágicas, havendo sacerdotes especializados para tanto.

A prática mais horrenda desses povos foi o sacrifício humano, oferecendo aos deuses prisioneiros de guerra, jovens, familiares de imperadores, crianças, num ritual organizado e simbólico.

Marcantes foram as festas religiosas anuais, cumprindo um rico calendário litúrgico. Nestas festas havia procissões, jejuns, sacrifícios, jogos e outras cerimônias. A mais difundida foi a festa do Sol.

Para cumprir todos os rituais havia sacerdócios organizados, sacerdotisas e uma grande quantidade de construções cultuais, entre templos, pirâmides, palácios e outros edifícios menores.

Infelizmente, com a chegada dos espanhóis, todo o esplendor dessas civilizações foi reduzido a cinzas; grandes edifícios foram destruídos, restando apenas as ruínas e poucos documentos para testemunhar da riqueza e da magnificência daqueles impérios. Alguns costumes perderam-se entre os índios descendentes dos astecas, incas e maias, e poucos foram absorvidos pelos colonizadores.

Quando contemplarmos as ruínas de Cuzco e outros edifícios pertencentes àquelas civilizações, já não serão estranhos para nós, uma vez que tomamos conhecimento de seu significado com este estudo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HAMPL, Franz. In: KÖNIG, Franz, *Cristo y las religiones de la tierra*, 1968, v. II, p. 710.
2. PUECH, Henri-Charles, dir. *Historia de las religiones*, 1982, v. XI, p. 326.
3. *Ibid.*, p. 316, 317.
4. CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*, 1973, v. III, p. 563.
5. *Ibid.*, p. 547.
6. *Ibid.*, p. 550.
7. *El mundo de las religiones*, 1985, p. 59.
8. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 320.
9. *Ibid.*, p. 327.
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*, p. 328.
12. *Ibid.*, p. 329.
13. HAMPL, Franz, *op. cit.*, p. 710.

14. CRIVELLI, Camilo. In: VENTURI, Tacchi, *Historia de las religiones*, 1947, v. I, p. 135.
15. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 570.
16. HUBY, José. *Christus — história das religiões*, 1956, v. I, p. 166.
17. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 570.
18. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 143.
19. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 321.
20. *Ibid.*, p. 322.
21. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 556.
22. DE LA VEGA, Garcilaso. *O universo incaico*, 1992, p. 27, 28.
23. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 557.
24. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 330.
25. *Ibid.*, p. 332.
26. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*, 1977, p. 182.
27. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 571.
28. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 145, 146.
29. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 325.
30. *Ibid.*, p. 337.
31. HAMPL, Franz, *op. cit.*, p. 728.
32. LEHMANN, Henri. *As civilizações pré-colombianas*, 1990, p. 66.
33. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 560.
34. *Ibid.*, p. 573.
35. *Ibid.*, p. 560.
36. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 149.
37. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 568.
38. HUBY, José, *op. cit.*, p. 169.
39. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, p. 336.
40. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 183.
41. VENTURI, P. Tacchi, *op. cit.*, p. 144.
42. HAMPL, Franz, *op. cit.*, p. 721.
43. *Ibid.*, p. 722.
44. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 146.
45. *Ibid.*, p. 146, 147.
46. HAMPL, Franz, *op. cit.*, p. 730.
47. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 156.
48. LEHMANN, Henri, *op. cit.*, p. 31.
49. DE LA VEGA, Garcilaso, *op. cit.*, p. 118.
50. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 158.
51. *Ibid.*, p. 159.
52. PUECH, Henri-Charles, *op. cit.*, 324.
53. CIVITA, Victor, *op. cit.*, p. 558.
54. DE LA VEGA, Garcilaso, *op. cit.*, p. 62, 63.
55. PIAZZA, W. O., *op. cit.*, p. 184.
56. CRIVELLI, Camilo, *op. cit.*, p. 160.
57. LEHMANN, Henri, *op. cit.*, p. 39.
58. *Ibid.*, p. 81, 82.
59. *Ibid.*, p. 62.

CONCLUSÃO

O estudo das religiões antigas é muito proveitoso, pois nos permite uma comparação entre seus conceitos, suas crenças e suas práticas com os de religiões existentes hoje, particularmente o judaísmo e o cristianismo. Diversos acontecimentos bíblicos recebem um melhor esclarecimento à luz de informações sobre as religiões relacionadas aos povos mencionados na Bíblia.

Os estudiosos que pesquisam as religiões antigas encontram maior facilidade do que no estudo da religiosidade primitiva, uma vez que existem documentos e monumentos originários das próprias civilizações, e informações oriundas de outros povos contemporâneos e posteriores a estas civilizações. Entretanto, a literatura subsistente, em geral, é fragmentária, e sua interpretação deve ser feita junto aos monumentos e achados arqueológicos, bem como aos testemunhos de outras civilizações próximas ou mais recentes.

Nosso estudo foi dividido, com algumas exceções, nas crenças e nas práticas religiosas dos povos antigos. Abordou seus deuses, mitos e outras crenças, bem como seus ritos, cultos, sua organização eclesástica (sacerdócio) e seus templos e outras construções culturais e simbólicas.

Foram religiões politeístas, isto é, veneravam e honravam diversos deuses, representados por estátuas em diversos e variados santuários, desde pequenas a suntuosos templos e pirâmides ou zigurates. O deus único primitivo degenerou-se num casal primordial e depois em vários deuses. Além desses deuses, persistiram entre algumas religiões inúmeros seres espirituais, *numina* primitivos e até mesmo elementos naturais deificados. Algumas religiões, como o masdeísmo e a dos incas, rastream o verdadeiro Deus.

Em geral, a explicação da origem do universo se deu através de uma cosmogonia ligada a diversos mitos que não somente falam da criação de todas as coisas, mas também do apocalipse. Isso se observou principalmente na religião dos babilônios, egípcios, fenícios, incas, maias e astecas.

A magia, a adivinhação e a astrologia também estiveram presentes nas religiões antigas, inclusive com sacerdotes destinados a essas práticas, como ocorria entre os babilônios, germânicos, incas e outros povos.

Os reis de alguns povos antigos eram vistos como deuses ou seus representantes (babilônios, egípcios, incas). Entre os romanos, os imperadores chegaram a ser adorados como deuses, à imitação de outros povos mais antigos.

Dentre os ritos, destacamos os festivais de estação ou ritos agrários, que ainda persistiram nas religiões antigas, pois os povos formavam sociedades agrícolas. As festas tinham como objetivo garantir a benevolência dos deuses para a produção da terra e a multiplicação dos animais. Nas festas havia procissões, dramas contando a história dos deuses, sacrifícios, oferendas, jogos e outras celebrações. Alguns povos possuíam um calendário mais organizado do que outros; entre os germânicos, não foram encontrados vestígios de calendário. Comum também era o ritual de ano-novo, para garantir um ano cheio de bons agouros e de boas realizações.

Lamentáveis foram os sacrifícios humanos, presentes em diversas religiões antigas. Outras religiões faziam somente oferendas de alimentos, frutas e animais.

Os cultos dos mortos ou ritos funerários eram comuns, pois acreditava-se que a vida no além era semelhante a essa. Por isso, sepultavam objetos pessoais, alimentos e até mesmo familiares junto com o defunto, com honras e rituais próprios.

Em geral, as religiões antigas possuíam sacerdócios organizados e hierarquizados, com exceção dos gregos e germanos, que não possuíam uma casta fechada de sacerdotes. Estes sacerdotes ofereciam os sacrifícios, dirigiam os cultos, eram especializados em oráculos e tinham até mesmo funções junto ao governo, dando conselhos a dirigentes e a soldados em guerra.

Em meio aos rituais e cultos, percebe-se um sentimento de devoção nos povos antigos, expresso também através das orações e súplicas. Mesmo que estas não se dirigissem ao Deus único e verdadeiro, demonstravam a dependência dos fiéis em relação aos deuses.

As religiões foram designadas por alguns qualificativos, não por serem os únicos aplicáveis a elas, mas por estarem mais evidentes. Assim, a religião dos babilônios foi antiga e influente porque existiu há muito tempo e porque as suas características são encontradas em outras religiões antigas. A dos egípcios foi mitológica e simbólica, pois esteve envolta em diversos mitos e foi rica em seu simbolismo. A dos fenícios foi naturalista e diversificada, pois apegou-se aos elementos da natureza e aceitou a influência de diversas religiões da época. A dos gregos foi politeísta

e misteriosa: apresentou-nos inúmeros deuses bem especificados e ficou caracterizada por seus cultos misteriosos. A religião dos romanos foi considerada formalista e sincrética, pois era uma religião cheia de formalidades e que incorporou deuses de outros povos ao seu panteão.

A religião dos persas antigos foi a mais sistemática, tendo inclusive um fundador, como acontece com as religiões vivas, e foi idealista, pois sua moralidade se destacou de todas as demais de seu tempo. A dos germanos foi considerada materialista, porque foi muito apegada às coisas materiais, e difusa porque alguns aspectos não ficaram bem esclarecidos. Finalmente, a religião dos astecas, incas e maias foi considerada ritualística porque seus rituais sangrentos se destacaram, e complexa, por causa de seu simbolismo e de suas figuras exóticas.

Num estudo concentrado como este não é possível incluir tudo o que existe na vasta literatura sobre as religiões antigas. Os principais aspectos foram abordados para que o prezado leitor tenha uma idéia clara de cada religião. As que foram incluídas neste volume não são as únicas religiões da Antigüidade; existiram diversas outras. Entretanto, elas representam bem a religiosidade do Oriente Médio, da Europa, do Norte da África e da América antigos.

Nosso desejo é que as informações tenham sido esclarecedoras e valiosas!

BIBLIOGRAFIA

- ADRIANI, Maurilio. *História das religiões*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BRADEN, Charles Samuel. *The world's religions*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1939.
- CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1962.
- CID, Carlos & RIU, Manuel. *Historia de las religiones*. Barcelona: Editora Ramon Sopena S. A., 1975.
- CIVITA, Victor, ed. *As grandes religiões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. I e III.
- DE LA SAUSSAYE, Chantepie. *História das religiões*. Trad. Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito Ltda., 1940.
- DE LA VEGA, Garcilaso. *O universo incaico*. Trad. Rosângela Dantas. São Paulo: Loyola, 1992. Coleção Memória Universal — 14.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Trad. Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S. A., 1965.
- DRIOTON, Étienne et alii. *As religiões do Antigo Oriente*. Trad. Valeriano de Oliveira. São Paulo: Flamboyant, 1958.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Tomo I, v. I e II.
- EL MUNDO DE LAS RELIGIONES. Estella/Madrid: Ed. Verbo Divino/Ed. Paulinas, 1985.
- HINNELLS, John R., ed. *Dicionário das religiões*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- HUBY, José. *Christus — história das religiões*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora Saraiva, 1956, v. I, II e III.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991.
- JAMES, E. O. *Os deuses antigos*. Trad. Jorge de Sampaio. Lisboa: Ed. Arcádia Ltda., 1966.
- _____. *Historia de las religiones*. Trad. Maria Luisa Balseiro. Madrid: Alianza Editorial S. A., 1975.
- KÖNIG, Franz, dir. *Cristo y las religiones de la tierra*. Trad. Ramon Valdes del Toro. 2. ed. Madrid: La Editorial Catolica S. A., 1968, v. II.
- LANDERS, John. *Religiões mundiais*. Rio de Janeiro: JUEP, 1986.
- LEHMANN, Henri. *As civilizações pré-colombianas*. 3. ed. Trad. Mary A. Leite Barros. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S. A., 1990.
- MCDOWELL, Josh & STEWART, Don. *Entendendo as religiões não-cristãs*. Interlados Ed. Candeia, 1992.

- MARIN CORREA, Manuel, dir. *Historia de las religiones*. Barcelona: Editorial Marin S. A., 1975. Grand Biblioteca Marin, v. I.
- MARTIN, R. & METZGER, H. *La religión griega*. Espanha: Edaf, 1977. Colección Edaf Universitaria, v. 7.
- PAL, equipe da redação. *Historia de las religiones*. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1980.
- PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da humanidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1991.
- POUPARD, Paul, dir. *Diccionario de las religiones*. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- _____. *Las religiones*. Barcelona: Editorial Herder, 1989.
- PUECH, Henri-Charles, dir. *Historia de las religiones*. Vários tradutores. México: Siglo Veintiuno Editores. 1977 a 1988, v. I, II, III, V e XI.
- ROBERT, Fernand. *A religião grega*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ed. Ltda., 1988.
- ROBINSON, Theodore H. *Introduction a l'histoire des religions*. Paris: Payot, 1929.
- THIOLLIER, Marguerite-Marie. *Dicionário das religiões*. Trad. João A. Vaz. Porto/Petrópolis: Ed. Perpétuo Socorro/Vozes, s/d.
- VEGA, Helio. *Religiões antigas*. Rio de Janeiro: Athena Editora, s/d. Biblioteca Universal, v. I.
- VENTURI, Pedro Tacchi. *Historia de las religiones*. Trad. Félix García, dir. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S. A., 1947. Tomos I, II e III.

Endereços JUERP

JUNTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E PUBLICAÇÕES DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ

Correspondência

Caixa Postal 320
20001-970 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

Representante Exclusiva Para o Brasil da:
CASA BAPTISTA DE PUBLICACIONES — El Paso, TEXAS — USA

ASOCIACIÓN EDICIONES LA AURORA — ARGENTINA

BELÉM — PA

Travessa Padre Prudêncio, 61 — Loja 3
66010-150 — Belém, PA — Centro
Tel.: (091) 223-6297

BELO HORIZONTE — MG

Rua dos Tamolos, 481 — Centro
Terreo — 2º, 3º, e 4º Pavimentos
30120-050 — Belo Horizonte, MG
Tel.: (031) 01-00223 / (031) 201-498

BRASÍLIA — DF

SDS — B1 G, Lojas 13/17
Conjunto Baracat — Asa Sul
70392-900 — Brasília, DF
Tel.: (061) 224-5449

CAMPINAS — SP

Rua Ferreira Penteado, 272 — Centro
13010-040 — Campinas, SP
Tel.: (0192) 32-1846

CAMPO GRANDE — MS

Av. Afonso Pena, 1897 — Sala 12
Executive Center
70902-070 — Campo Grande, MS
Tel.: (067) 383-1963

CURITIBA — PR

Rua Desembargador Westphalen, 443 — Centro
80010-110 — Curitiba, PR
Tel.: (041) 223-8268

DUQUE DE CAXIAS — RJ

Av. Nilo Peçanha, 441 — Centro
25010-141 — Duque de Caxias, RJ
Tel.: (021) 771-2358

MACEIÓ — AL

Rua Joaquim Távora, 274 — Centro
57020-240 — Maceió, AL
Tel.: (082) 223-5110

MANAUS — AM

Rua Rui Barbosa, 139
69010-220 — Manaus, AM
Tel.: (092) 233-8263

NITERÓI — RJ

Rua XV de Novembro, 49 — Loja 102 — Centro
24020-120 — Niterói, RJ
Tel.: (021) 717-2917

NOVA IGUAÇU — RJ

Rua Otávio Tarquínio, 178 — Centro
26210-170 — Nova Iguaçu, RJ
Tel.: (021) 767-8308

PORTO ALEGRE — RS

Av. Cristóvão Colombo, 1155 — Floresta
90560-004 — Porto Alegre, RS
Tel.: (051) 222-3171

RECIFE — PE

Rua do Hospício, 187 — Boa Vista
50060-080 — Recife, PE
Tel.: (081) 221-5470

RIO DE JANEIRO — RJ

Rua Mariz e Barros, 39 — Loja B 38/39
Praça da Bandeira
20270 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 273-0447

Rua do Ouvidor, 130 — Sobreloja 216/216 e 217

Centro
20041-000 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 252-2628

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

SALVADOR — BA

Av. Visconde de São Lourenço, 6 — Campo Grande
40080-010 — Salvador, BA
Tel.: (071) 321-9326

SANTARÉM — PA

Av. Barão do Rio Branco, 404 — Loja F
68005-310 — Santarém, PA
Tel.: (091) 522-1332

SÃO LUÍS — MA

Av. São Pantaleão, 195 — Lojas A e B — Centro
65015-460 — São Luís, MA
Tel.: (098) 222-1135

SÃO PAULO — SP

Av. São João, 816/820 — Centro
01036-100 — São Paulo, SP
Tels.: (011) 223-3433/223-3642

VITÓRIA — ES

Rua Barão de Itapemirim, 208 — Centro
29010-060 — Vitória, ES
Tel.: (027) 223-2893

Representante no Exterior:

PORTUGAL

CEBAPES — CENTRO BAPTISTA DE PUBLICAÇÕES, LDA
Lisboa — PORTUGAL

IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

O JORNAL BATISTA

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

ACAMPAMENTO BATISTA SÍTIO DO SOSSEGO

Estrada BR 101, S/Nº, Km 193 — Rio Dourado
28860-000 — Casimiro de Abreu, RJ
Tel.: (101) Pedir à Telefonista Rio Dourado 2

ACAMPAMENTO BATISTA FAZENDA PALMA

Distrito Varpa
17625-000 — Município de Tupã, SP
Tel.: (0144) 42-2812 — Ramal 33

JUERP CAPELAS E MÓVEIS

Estrada Boa Vista, S/Nº
28970-000 — Araruama, RJ
Tel.: (0246) 65-1517
(021) 269-0772

CORREIO JUERP

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
Caixa Postal 320
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0048